

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



PUC
RIO

Márcia Terezinha Cesar Miné Geraldo

TEOLOGIA MARIANA DO LAICATO
Um olhar para a identidade cristã do laicato
à luz do rosto mariano da Igreja

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Março de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



PUC
RIO

Márcia Terezinha Cesar Miné Geraldo

TEOLOGIA MARIANA DO LAICATO
Um olhar para a identidade cristã do laicato
à luz do rosto mariano da Igreja

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Lúcia Pedrosa de Pádua
Orientadora
PUC-Rio

Maria Clara Lucchetti Bingemer
PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

Cesar Augusto Kuzma
PUC/PR

João Carlos Almeida
Faculdade Dehoniana

Rio de Janeiro, 31 de março de 2025.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Márcia Terezinha Cesar Miné Geraldo

Graduou-se em Teologia na Faculdade Dehoniana de Taubaté em 2005. Mestrado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2009. Especialização em Mariologia na Faculdade Dehoniana em 2018. Membro da diretoria da ABM – Associação Brasileira de Mariologia.

Ficha Catalográfica

Geraldo, Márcia Terezinha Cesar Miné

Teologia Mariana do laicato : um olhar para a identidade cristã do laicato à luz do rosto mariano da Igreja / Márcia Terezinha Cesar Miné Geraldo; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2025.

302 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Teologia do Laicato. 3. Batismo. 4. Rosto Mariano da Igreja. 5. Teologia Mariana do Laicato. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos meus pais Maria Aparecida e Pedro Milton (*in memoriam*)
pelo testemunho de fé e amor a Virgem Maria.

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida e por me permitir concluir a pesquisa.

À minha orientadora a Prof^ª. Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua, pela orientação, compromisso, acompanhamento, amizade, apoio e incentivo à pesquisa.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUC-Rio pelo apoio.

À Vice-reitoria para Assuntos Acadêmicos, pelas Bolsas VRAC-I (05/2021 a 02/2023) e PROSUC/TAXAS (03/2023 A 12/2024).

Aos colegas com quem convivi na PUC-Rio.

À Prof^ª. Emérita da PUC-Rio, Dra. Lina Boff que me motivou e me acompanhou na preparação do meu projeto doutoral.

Aos membros da Banca Examinadora.

Às amigas Francilaide e Rosana que me acolheram em sua casa no Rio de Janeiro.

Aos colegas da Academia Marial de Aparecida (AMA) e da recém-criada Associação Brasileira de Mariologia (ABM) pelo apoio e estímulo.

Aos amigos e amigas, que apoiaram e incentivaram os estudos, em especial, o amigo Dr. Pe. João Carlos Almeida, professor de Mariologia na Faculdade Dehoniana que muito me motivou e me acompanhou durante toda a elaboração da pesquisa.

A toda minha família que me motivou, suportou e acompanhou durante todo tempo de doutoramento.

Resumo

Geraldo, Márcia Terezinha Cesar Miné; Pádua, Lúcia Pedrosa. **Teologia Mariana do Laicato. Um olhar para a identidade cristã do laicato à luz do rosto mariano da Igreja.** Rio de Janeiro, 2025. 300p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese tem como objetivo responder à pergunta: “como o rosto mariano da Igreja ajuda a compreender a identidade cristã do laicato”? A resposta é estruturada em cinco momentos: 1. Introdução: origem, motivação e significado do tema escolhido e elaborado com o título: “Teologia Mariana do Laicato: um olhar para a identidade cristã do laicato à luz do rosto mariano da Igreja”. 2. Os fundamentos da “Teologia do Laicato”, a contribuição do Concílio Vaticano II, das Conferências do Episcopado da América Latina e dos documentos da CNBB, especialmente: “Os cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, sal na terra e luz do mundo” (Documento 105). 3. O rosto Mariano da Igreja. Contextualizamos Maria de Nazaré em sua realidade histórica existencial e percebemos que é justamente na experiência de sua vida cotidiana que acontece o mistério da Encarnação de Deus entre nós. 4. “A Teologia Mariana do Laicato” é a resposta que buscamos para a pergunta geradora. Utilizamos, neste capítulo, o método “Ver-Julgar-Agir-Celebrar”, no qual reconhecemos o próprio “método de Maria”. Vimos os diversos mundos nos quais os leigos vivem os desafios de sua vocação de “sal e luz”. Em seguida buscamos responder, “como Maria ilumina a realidade laical?” Maria é modelo para o laicato cristão; é nossa mãe e nossa irmã, mas antes de tudo é mulher e leiga. Vimos o que significa que é a hora do laicato mariano em ação e como podemos celebrar essa realidade ministerial. 5. Conclusão: buscamos elaborar de modo claro, sintético e prospectivo a “Teologia Mariana do Laicato”.

Palavras-chave

Teologia do Laicato; Batismo; Rosto Mariano da Igreja; Teologia Mariana do Laicato.

Abstract

Geraldo, Márcia Terezinha Cesar Miné; Pádua, Lúcia Pedrosa. **Marian Theology of the Laity. A look at the Christian identity of the laity in the light of the Marian face of the Church.** Rio de Janeiro, 2025. 300p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis aims to answer the question: “How does the Marian face of the Church help us understand the Christian identity of the laity?” The answer is structured in five parts: 1. Introduction: the origin, motivation, and meaning of the chosen theme, developed under the title: “Marian Theology of the Laity: a look at the Christian identity of the laity in light of the Marian face of the Church”. 2. The foundations of the “Theology of the Laity”: the contribution of the Second Vatican Council, the Conferences of the Latin American Episcopate, and documents of the CNBB, especially the document entitled “Lay Christians in the Church and in society, salt of the earth and light of the world” (Document 105). 3. “The Marian face of the Church”: Mary of Nazareth is situated within her historical and existential context, and we perceive that it is precisely in the experience of her daily life that the mystery of the Incarnation of God among us takes place. 4. “Marian Theology of the Laity” is the answer we seek for the guiding question. In this chapter, we have used the “See-Judge-Act-Celebrate” method, in which we recognize “Mary’s own method”. We examine the various worlds in which laypeople live out the challenges of their vocation as “salt and light.” Then, we seek to answer: “How does Mary illuminate the lay reality?” Mary is a model for Christian laity; she is our mother and our sister, but above all, she is a woman and a layperson. We explore what it means that this is the time for the Marian laity in action and how we can celebrate this ministerial reality. 5. Conclusion: we aim to present the “Marian Theology of the Laity” clearly, concisely, and with a forward-looking perspective.

Keywords

Theology of the Laity; Baptism; Marian Face of the Church; Marian Theology of the Laity.

Sumário

1 Introdução	13
1.1 O tema e sua origem	13
1.2 Objetivo geral e específicos	14
1.3 Justificativa e relevância.....	16
1.4 Método	23
1.5 Itinerário	25
2 A Teologia do Laicato.....	28
2.1 O laicato no Concílio Vaticano II	29
2.1.1 Luz dos Povos – <i>Lumen Gentium</i>	30
2.1.2 A Igreja mistério	36
2.1.3 Igreja e ministérios	41
2.2 Participação no mistério de Cristo pelo batismo.....	45
2.2.1 O batismo e a configuração a Cristo	46
2.2.2 O batismo e o tríplice múnus de Cristo.....	52
2.2.2.1 O múnus sacerdotal	53
2.2.2.2 O múnus profético	55
2.2.2.3 O Múnus Pastoral.....	57
2.3 O laicato nas Conferências Episcopais Latino-americanas.....	58
2.3.1 O dinamismo profético de Medellín	59
2.3.2 A força histórica de Puebla.....	64
2.3.3 A síntese de Santo Domingo.....	76
2.3.4 Santo Domingo e o laicato	80
2.3.5 Aparecida, uma chave para a Igreja.....	84
2.4 Alguns desafios para a atuação do laicato	98
2.4.1 A Igreja Povo de Deus em caminho sinodal.....	100
2.4.2 O laicato como sujeito na Igreja e na sociedade	103
2.4.3 Mulheres com voz e voto no Sínodo da sinodalidade	105
2.4.4 É possível um novo modelo de Igreja?.....	110
Conclusão	115

3_O rosto mariano da Igreja.....	116
Introdução	116
3.1_Maria de Nazaré: uma mulher singular.....	117
3.1.1_ Contexto histórico e situações vitais	118
3.1.2_ Criatura: filha de Adão-Eva	123
3.1.3_ Representante de um povo: Filha de Sião	124
3.1.4_ Um “sim” antropológicamente enraizado.....	131
3.1.5_ Maria “mulher” em Gálatas, Atos e Apocalipse	134
3.2_Maria ilumina a identidade da Igreja.....	141
3.2.1_ Maria na Patrística: servir à humanização de Deus	149
3.2.2_ Maria, mulher humana.....	159
3.3_Maria de Nazaré: Mãe do Povo Missionário.....	164
3.3.1_ De Mãe biológica para discípula de Jesus	165
3.3.2_ Maria, perto de nós: o rosto mariano da Igreja.....	170
Conclusão	177
4_Teologia Mariana do Laicato	180
Introdução	180
4.1_ “Ver” os desafios do laicato hoje	183
4.1.1_ Presença no mundo plural.....	187
4.1.2_ Presença no mundo da cultura.....	191
4.1.3_ Presença no mundo da família	196
4.1.4_ Presença no mundo do trabalho	199
4.1.5_ Presença na sociedade e na política.....	203
4.1.6_ Presença do mundo digital	206
4.1.7_ Presença na comunidade.....	213
4.2_ Como Maria “ilumina” a realidade laical	217
4.2.1_ A Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga	220
4.2.2_ Maria modelo do laicato discípulo missionário	225
4.2.3_ Jesus um leigo <i>laós</i> , filho de uma leiga.....	233
4.2.4_ Como o rosto mariano da Igreja responde aos desafios atuais?...	239
4.3_ Laicato Mariano em “ação”.....	242
4.3.1_ Urgências: a hora do laicato.....	244
4.3.2_ Como Maria inspira o laicato na peregrinação da fé?	251
4.3.3_ Chegou a hora do laicato mariano	257
4.4_ “Celebrar” a identidade ministerial do laicato cristão	261
4.4.1_ Maria e o carisma do laicato.....	262

4.4.2_ Laicato cristão, um ministério reconhecido?.....	268
Conclusão	272
5_ Conclusão Geral.....	273
Magnificat dos Leigos e Leigas Cristãos	295
Referências Bibliográficas	296

Abreviaturas e Siglas

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> sobre o Apostolado dos Leigos, do Concílio Ecumênico Vaticano II
ABM	Associação Brasileira de Mariologia
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> sobre atividade missionária da Igreja, do Concílio Ecumênico Vaticano II
AIB	Ação Integralista Brasileira
AL	<i>Amoris Laetitia</i> – Exortação Apostólica pós-sinodal, Papa Francisco
AMA	Academia Marial de Aparecida
AMi	Carta Apostólica <i>Antiquum Ministerium</i> , Papa Francisco
AP	Ação Popular
CDL	Conselho Diocesano de Leigos
CDP	Conselho Diocesano de Pastoral
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CfL	Exortação Apostólica <i>Christifideles Laici</i> do Papa João Paulo II
ChV	<i>Christus Vivit</i> – Exortação Apostólica pós-sinodal, Papa Francisco
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNLB	Conselho Nacional do Laicato do Brasil
CPP	Conselho Paroquial de Pastoral
CVB	Documento Final 1º Congresso Vocacional – Texto Base
DAP	Documento Conclusivo da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Aparecida.
DdM	Documento Conclusivo da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín
DF	Documento Final
DP	Documento Conclusivo da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla.
DSD	Documento Conclusivo da 4ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Santo Domingo
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> sobre a revelação Divina
DH	Denzinger Hünermann
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> – Exortação Apostólica, Papa Paulo VI
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> , Papa Francisco

FC	Carta Encíclica <i>Familiaris Consortio</i> do Papa João Paulo II
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> do Papa Francisco
GeE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i> do Papa Francisco
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> sobre a Igreja no mundo de hoje, do Concílio Ecumênico Vaticano II
JEC	Juventude Estudantil Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LE	<i>Laborem Exercens</i> – Encíclica, Papa João Paulo II
LF	Encíclica <i>Lumen Fidei</i> , Papa Francisco
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> sobre a Igreja, do Concílio Ecumênico Vaticano II
LS	<i>Laudato Si</i> – Encíclica, Papa Francisco
MC	Exortação Apostólica <i>Marialis Cultus</i> , Papa Paulo VI
MD	<i>Mulieris Dignitatem</i> Carta Apostólica, Papa João Paulo II
MV	Bula <i>Misericordiae Vultus</i> , Papa Francisco
NMi	Exortação Apostólica <i>Novo Millenium Ineunte</i> do Papa João Paulo II
QAm	Querida Amazônia, Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, Papa Francisco
RM	<i>Redemptoris Mater</i> – Encíclica, Papa João Paulo II
RN	<i>Rerum Novarum</i> – Encíclica, Papa Leão XIII
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> sobre o Ecumenismo, do Concílio Ecumênico Vaticano II

1

Introdução

Para chegar em algum lugar é preciso saber para onde ir, por que vamos para lá e programar o caminho que nos levará até esta meta. Neste Primeiro Capítulo introdutório pretendemos indicar com clareza a origem do tema desta tese, seu enunciado sintético, como chegamos até esta abordagem, porque consideramos este estudo original, relevante e pertinente, que justifique o esforço de uma pesquisa doutoral e que passos daremos para atingir nosso objetivo.

1.1

O tema e sua origem

O doutorado exige uma boa resposta para uma ótima pergunta. O objeto de pesquisa desta tese é: “como o rosto mariano da Igreja ajuda a compreender a identidade cristã do laicato?”. Nosso estudo sobre os leigos e leigas foi iniciado já na graduação em teologia (2002-2005), no Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como tema “Sacerdócio comum dos fiéis, Povo de Deus”. O amadurecimento deste tema continuou no mestrado em Teologia (2009), cuja pesquisa, centrada no Concílio Vaticano II, buscou compreender o protagonismo do laicato na América Latina. A intuição mariológica surgiu em 2017, por ocasião dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e, no ano seguinte, durante o 12º Congresso de Mariológico, promovido pela Academia Marial de Aparecida (AMA) que teve como tema, “Uma leiga chamada Maria”. Naqueles anos (2017-2018) a CNBB convocou o “Ano do Laicato”. Justamente nesse período cursamos a pós-graduação *lato sensu* em Mariologia, elaborando o Trabalho de Conclusão com o tema “Resgate histórico de Maria de Nazaré”. Ao longo desse caminho reflexivo, percebemos a importância de aprofundar, em uma pesquisa doutoral, as conexões entre a Teologia do Laicato e a Teologia Mariana. Assim surgiu a hipótese desta tese: “Maria ilumina a identidade cristã do laicato”. Mas como? É a nossa questão transversal.

O título escolhido indica diretamente o tema desta tese: “Teologia Mariana do Laicato: um olhar para a identidade cristã do laicato à luz do rosto mariano da Igreja”. É um tema atual, pertinente e relevante para a linha de pesquisa “religião

e modernidade”. O objeto material é a “identidade cristã do laicato”, à luz do objeto formal que é o “rosto mariano da Igreja”. O rosto manifesta a identidade. A face singular e tipológica de Maria de Nazaré, primeira leiga cristã, desde os primórdios foi indicativa para a Igreja de sua própria identidade. Para a compreensão de toda a grandeza e dignidade da natureza e missão dos cristãos leigos e leigas, precisamos dirigir o nosso olhar para Maria. Olhando para ela encontramos a máxima realização da existência cristã.¹

1.2

Objetivo geral e específicos

A tese tem como objetivo geral apresentar uma “Teologia Mariana do Laicato”, fundamentada na mariologia bíblica, na Tradição, que nos apresenta Maria como ícone do Povo de Deus, e no Magistério recente da Igreja, que insere Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Encontramos os fundamentos bíblicos para essa abordagem tipológica já no Antigo Testamento, na figura da “Filha de Sião” na qual a Tradição viu uma prefiguração de Maria. Ela é a primeira leiga cristã. Em seu rosto resplandece a identidade cristã do laicato. Estão imbricados na mesma Igreja o sacerdócio comum dos fiéis, o sacerdócio ministerial, o laicato ministerial com seu carisma, sua vocação e consagração, ministério e missão. É preciso discernir esse mosaico eclesial para entender a figura do leigo para além de um cristianismo genérico e sem rosto definido. Procuramos reconhecer, a partir do rosto mariano da Igreja, a identidade do laicato como presença na Igreja e no mundo. A Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga, de povo de Deus, povo cristão.

Temos, como objetivos específicos: conhecer a identidade cristã no sacerdócio comum dos fiéis e a configuração no batismo ao Múnus Sacerdotal, Profético e Régio de Cristo; aprofundar os elementos mariológicos da Igreja, que são passíveis de iluminar a identidade cristã do laicato; e, desenvolver uma Teologia Mariana do Laicato.

O tema apresenta uma novidade, ao realizar uma pesquisa consistente que situe a identidade cristã no lugar teológico e mariológico que lhe corresponde:

¹ CNBB, Doc. 105, n. 113.

ampliar a compreensão de Maria como a primeira leiga cristã e nossa irmã no seguimento a seu Filho Jesus Cristo. Uma tradição viva suscita novas interpretações em harmonia com os contextos históricos em constante transformação. Elizabeth Johnson observa que, hoje, a teologia não dirá nada se não em uma linguagem multicultural e pluralista. Ela ressalta, logo no início de sua reflexão, que apresentar Maria como nossa verdadeira irmã é apenas um dos enfoques fecundos na atual teologia mariana. Chegamos a um novo momento da interpretação, ao focalizar Maria como pessoa concreta, autêntica, dotada de toda a graça de Deus, na companhia de todos os amigos de Deus e profetas. Podemos, assim, elaborar uma teologia mariana enraizada nas Escrituras e procurar um vislumbre da realidade histórica, na maior parte desconhecida, da judia *Miriân* de Nazaré. Uma mulher que viveu em uma sociedade rústica do século I, relativamente pobre e politicamente oprimida. Uma mulher que tenta entender a presença, o chamado, o desafio e a criatividade do Espírito de Deus em sua vida e na vida de todos os que creem e amam a Deus em todos os séculos. Uma mulher que sabe ligar a sua vocação singular, que incluía, mas não limitava, ser mãe do Messias, às narrativas das discípulas e discípulos de Jesus naquele tempo e hoje. Uma nova proposta hermenêutica convida Maria a descer do pedestal, onde tem sido homenageada durante séculos, e reunir-se conosco, na comunidade de graça e luta na história humana. Longe de desmerecê-la, essa abordagem a respeita e a toda a comunhão dos santos de uma forma libertadora, apropriada ao nosso tempo e nosso lugar.²

“Quem são minha mãe e meus irmãos?” E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados em círculo à sua volta, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão é minha irmã, minha mãe” (Mc 3,31-35). O próprio Jesus não assume nenhuma autoridade patriarcal, mas se define como irmão e filho do grupo todo dos discípulos e discípulas. Ele redefine as mulheres como suas irmãs e mãe. No lugar da obediência ao marido e ao pai, elas só devem fidelidade a Deus, em uma comunidade formada, não pela subserviência, mas por relacionamentos educativos e comunitários.³

² JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 16-17.

³ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 271.

O que esses textos nos dizem hoje? Além de ser a mãe biológica de Jesus, Maria foi também uma mulher que soube ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática. Assim, foi discípula perfeita, inclusive na maternidade. E para nós? Nós, cristãos, como Maria, somos chamados a integrar a nova família de Jesus: somos seus irmãos, suas irmãs e sua mãe. Como mãe, a cada cristão é dado gerar, em si e nas comunidades, no Espírito, o Cristo. E o faz acolhendo em si a Palavra, para que ela se torne carne em sua vida.⁴

1.3

Justificativa e relevância

O capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* afirma que existem múltiplas relações entre Maria e a Igreja e, para se compreender isso, é preciso uma mudança significativa na autocompreensão da comunidade dos seguidores de Jesus Cristo. Diante disso, precisamos de novos argumentos que fundamentem e enriqueçam a construção histórica da Teologia do Laicato. Desde o início, a comunidade cristã reunida em Pentecostes vivenciou, com Maria, a Mãe de Jesus, um modelo e exemplo de Igreja e de como ser cristão e cristã no mundo. O Concílio Vaticano II aprofunda essa questão em um texto importante:

Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo.⁵

Maria é como “tipo”, exemplo, modelo, ícone e figura da Igreja plenamente realizada. Ela é, para todos os cristãos, plenitude e medida de uma resposta sem reservas do ser humano a Deus. Nesta pesquisa, pretendemos fazer um caminho com Maria através dos Evangelhos, buscando encontrar novos critérios que possam renovar a compreensão da identidade cristã dos leigos e leigas como seguidores de Jesus Cristo atuando no mundo hodierno.

Por sua fé e obediência à vontade de Deus e por seu esforço para compreender a vontade de Deus em sua vida por meio de sua constante meditação

⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana no magistério do Papa Francisco, p. 144-145.

⁵ LG 63.

e prática da Palavra, Maria é a perfeita discípula do Senhor.⁶ Uma mulher livre, forte e a primeira discípula de Jesus, ela foi verdadeiro sujeito na comunidade cristã.⁷ Em Pentecostes, perseverando entre os apóstolos à espera do Espírito, ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária, imprimindo-lhe um selo mariano e maternal que identifica profundamente a Igreja de seu filho Jesus Cristo.⁸

Pensamos ser importante uma leitura renovada do rosto mariano da Igreja a partir dos Evangelhos, para compreender a identidade cristã do laicato na Igreja e no mundo. Essa reflexão abre muitos horizontes, oferecendo luzes para maior compreensão e compromisso do ser e da missão dos leigos e leigas no seio do Povo de Deus. Maria é figura da Igreja. Ela precede todos os caminhos dos cristãos leigos e leigas, rumo à santidade. Na sua pessoa a Igreja já atingiu a santidade, já atingiu a perfeição.⁹ Em Maria, mulher leiga, Mãe de Deus, os fiéis leigos e leigas encontram razões teológicas para uma ampla compreensão de sua identidade e dignidade de povo de Deus na Igreja, na sociedade, na família e no mundo. A *Lumen Gentium* ilumina a compreensão sobre a rosto mariano na Igreja: “Maria é membro supereminente e de todo singular da Igreja, como seu *tipo* e modelo excelente na fé e na caridade”.¹⁰

O tema da identidade cristã do laicato a partir de um olhar para o rosto mariano da Igreja é atual para a pesquisa acadêmica na área da teologia mariana, e ganha relevância pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, que é um grande marco na vida da Igreja. Pensamos que, para compreender esse aspecto importante do rosto mariano da Igreja, é necessário resgatar um novo sentido para a relação entre a identidade cristã do laicato e a mariologia.

O Capítulo VIII da Constituição *Lumen Gentium* aborda ainda o lugar de Maria na Economia da Salvação. Uma autêntica renovação pastoral exige uma autêntica renovação teológica, pois o que importa para os tempos de hoje não é propriamente repetir a doutrina tradicional, mas enunciá-la de uma forma que atenda às necessidades do nosso momento histórico.

⁶ DAp 266.

⁷ CNBB, Doc. 105, n. 113.

⁸ DAp 267.

⁹ MD 27, nota 55.

¹⁰ LG 53.

Os cristãos leigos e leigas são chamados, antes de tudo, à santidade. São interpelados a viver a seu modo sua santidade no mundo. Diante disso, são interpelados pelo Espírito Santo a cultivar com solicitude a vida interior, a relação pessoal com Jesus Cristo vivo, de modo que, iluminados pelo Espírito Santo, em todas as circunstâncias, tudo façam para a glória de Deus, para a salvação do mundo e para o bem de todos. A santificação, no seu cotidiano de vida, torna a Igreja mais atraente e convincente, pois os santos movem e abalam o mundo.¹¹

Maria, com o seu exemplo de fé e de escuta atenta, no discernimento da vontade de Deus na sua vida, orienta-nos a discernir em que consiste ser discípulo e discípula de Jesus hoje. Colocar a fé-confiança no Deus vivo faz parte do processo de conversão diário e deve ser acompanhado do seguimento de Jesus. Jesus faz-se presente na comunidade humana em um gesto central dos seres humanos, a comensalidade. Por isso, a comensalidade humana não é possível onde há exclusões, desqualificações, ameaças, reprovações e outros comportamentos negativos. Com a sua vida ele transformou os comportamentos mais fortes de desumanizações, como a solidão, o abandono e até a traição daqueles que lhe eram mais próximos e mais íntimos, na presença da amizade fiel que jamais falta e nem falha.¹²

Para isso, podemos considerar a vida de Jesus de Nazaré na sua realidade laical. Isso nos revela que ele não aceitou, em suas relações, nenhuma distinção, nem privilégios de nenhuma espécie, nem posições que o colocassem em destaque ou em alguma situação preferencial na sociedade de seu povo e de seu tempo. A conotação própria do leigo é o comum a todos, ou seja, aquilo em que todos coincidem. Nos dias de hoje, para rever a identidade cristã do laicato precisamos promover um encontro com Jesus Cristo vivo, precisamos valorizar, tanto o Jesus terreno quanto o Cristo glorificado, tanto a condição humana quanto a condição divina de Jesus Cristo, conscientes de que se trata do mesmo e único sujeito. Na verdade, essa rica realidade da fé em Jesus Cristo foi progressivamente descoberta, sob a ação do Espírito Santo, pelos discípulos e discípulas das comunidades cristãs dos primórdios até os dias de hoje.¹³

Isso implica encontro pessoal com Cristo na fé e na esperança concreta do cotidiano, confiança nas situações atuais que, mesmo quando parecem ser muito

¹¹ CNBB, Doc. 105, n. 116.

¹² CASTILHO, J. M., Jesus Cristo a humanização de Deus, p. 344-345.

¹³ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 23.

negativas, não são a última possibilidade de Deus, pois nele existe sempre um futuro aberto¹⁴. Essa fé-confiança inabalável de Maria é indispensável àqueles e àquelas que desejam ser discípulos e discípulas de Jesus Cristo hoje. A hora da conversão é agora.

A *Lumen Gentium* assinala uma autêntica “revolução copernicana”, ao antepor ao tratado sobre a hierarquia o capítulo sobre o povo de Deus, o que é o mesmo que colocar em evidência a dignidade batismal de todo cristão, a unção própria do “sacerdócio comum”, pela qual todos os membros da Igreja participam da profecia, do sacerdócio e da realeza do Senhor Jesus.¹⁵ A comunhão eclesial é toda ministerial, totalmente voltada à variedade dos ministérios, à tríplice missão profética, sacerdotal e real: todo batizado é configurado pelo Espírito ao Cristo Profeta, Sacerdote e Pastor. A Igreja é comunhão dos “santos”, precisamente no sentido de que os batizados participam no único Espírito e são enriquecidos pela variedade dos seus dons, incessantemente distribuídos a cada um, segundo o Espírito queira. Esses dons são tidos como “carismas”, ou seja, dons gratuitos, fruto da liberdade e da criatividade do Consolador, por ele generosamente conferidos com uma riqueza superabundante, orientados para o crescimento do corpo eclesial de Cristo:¹⁶ “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1Cor 12,7).

Nenhum batizado tem direito ao descompromisso, porque cada um é dotado do carisma de viver em serviço a comunhão. Ninguém tem o direito à paralização ou ao saudosismo, porque o Espírito é sempre vivo e atuante, é a novidade de Deus presente no mundo e o Senhor do tempo futuro.¹⁷ Não obstante, nas provas e contradições do presente, o povo de Deus já exulta na esperança que a promessa divina nele plantou. Contempla na Virgem Maria as virtudes da fé, esperança e caridade, a sua prefiguração e o triunfo final da Graça de Deus. Maria, membro supereminente da Igreja e de todo singular, é o tipo da comunidade eclesial, virgem e mãe.¹⁸ Crendo e obedecendo, gerou na terra o próprio Filho do Pai, sem conhecer varão, coberta pela sombra do Espírito Santo;¹⁹ do mesmo modo, a Igreja, mediante a Palavra de Deus recebida na fé, torna-se também mãe.

¹⁴ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 23.

¹⁵ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 25.

¹⁶ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 50.

¹⁷ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 51.

¹⁸ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 68.

¹⁹ LG 63.

Isso porque é pela pregação e pelo batismo que ela gera para a vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. Ela é também a virgem que, íntegra e puramente, guarda a palavra dada ao Esposo.²⁰

Como Maria, que avançou em peregrinação de fé e manteve fielmente a sua união com o Filho de Deus até a cruz,²¹ a Igreja peregrina na fé e na esperança eleva o seu cântico de louvor ao Senhor pelas maravilhas que Ele já está operando nela (Lc 1,46). Na comunhão dos santos em Cristo, Maria cuida dos irmãos do seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à pátria feliz.²² Somos cristãos, mulheres e homens que assumem serviços e ministérios e transformam, na ação do Espírito Santo, as realidades do mundo no Reino da verdade e da graça, do amor e da paz. Com Maria, tornam a Igreja consoladora, samaritana, serviçal e maternal.²³

Proclamar um “Ano do Laicato” (2017-2018)²⁴ foi uma iniciativa pioneira e audaz da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB). A perspectiva do documento é reforçar a situação do leigo e da leiga como sujeitos na Igreja e no mundo e não como parte passiva da Igreja. O objetivo foi refletir e motivar os cristãos leigos e leigas a assumirem, cada vez mais, o seu protagonismo na Igreja e na sociedade, uma tarefa urgente e necessária para a Igreja nestes tempos de reforma promovida pelo Papa Francisco, com seu empenho pela sinodalidade.

Para os estudiosos de Mariologia não podia passar despercebida a identidade de Maria como primeira leiga cristã.²⁵ Uma reflexão aprofundada sobre esse rosto mariano deu-se no 12º Congresso Mariológico, que aconteceu em Aparecida, em 2018.²⁶ Maria é membro do povo de Deus. Ser leigo e leiga significa, em primeiro lugar, ser parte deste povo escolhido por Deus. Um povo que Deus escolheu já no Antigo Testamento, o Povo de Israel que, no Novo

²⁰ LG 64.

²¹ LG 58.

²² LG 62.

²³ CNBB, Doc. 105, n. 13.

²⁴ A CNBB abriu o Ano do Laicato no dia 26 de novembro de 2017. Solenidade de Cristo Rei e encerrou na mesma solenidade em 25 de novembro de 2018.

²⁵ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 13.

²⁶ Antes de serem escritos para este livro, os saborosos saberes destes textos foram compartilhados durante o 12º Congresso Mariológico, que aconteceu entre os dias 16 e 19 de maio de 2018, na cidade de Aparecida/SP, com o tema central: “O Rosto Mariano da Igreja”. Era o coração do Ano do Laicato, promovido pela CNBB. O Congresso foi promovido pela Academia Marial de Aparecida, com a colaboração da Faculdade Dehoniana, de Taubaté. ALMEIDA, J. C., Uma Leiga chamada Maria, p. 12.

Testamento, por intermédio da ação salvífica de Jesus, tornou a Igreja o novo “Israel de Deus” (Gl 6,16). De fato, é pelo batismo que nascemos para Deus, somos incorporados à Igreja e nos tornamos leigos e leigas, cristãos, verdadeiros filhos de Deus, por adoção, filhos no Filho (1 Jo 3,1; Rm 8,15). Maria é como primeiro membro da Igreja é o verdadeiro elo entre o povo da antiga e da nova Aliança.

Maria é uma mulher leiga do Povo de Israel e uma mulher leiga do Povo-Igreja de Jesus Cristo. Por isso, é importante e pertinente refletir sobre a condição de Povo de Deus. Ela partilha o que o Papa Francisco chama “o prazer espiritual de ser povo”.²⁷ O Papa afirma várias vezes que Maria é mais importante que os apóstolos, mais importante que a hierarquia da Igreja, embora não tenha funções sacerdotais.²⁸ Seu sacerdócio sempre foi, na antiga e na nova Aliança, o sacerdócio comum de todo Povo de Deus. Papa Francisco explica, na exortação *Evangelii Gaudium*:

O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do povo, mas a grande dignidade vem do Batismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, como fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais. Na Igreja, as funções *não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros*.²⁹ Com efeito, uma mulher, Maria, é mais importante do que os Bispos.³⁰

O sacerdócio de Maria, na verdade, é o sacerdócio comum dos fiéis.³¹ Isso não significa que aqueles que têm o sacerdócio ministerial são mais importantes do que ela, pois no Reino de Deus é maior quem serve mais (Mc 10,42-44). Sua grandeza está relacionada ao fato de ser parte de um povo sacerdotal (1Pd 2,4-10), de um povo *laos*, escolhido e consagrado por Deus, diferentemente das outras nações *éthen*. Além de ser parte, Maria é especialmente a personificação desse povo.³² Maria, mulher leiga do povo!

²⁷ EG 268-274.

²⁸ FRANCISCO, Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso.

²⁹ CfL 51, nota 190.

³⁰ EG 104.

³¹ LG 10-12.

³² MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 16.

O anúncio do nascimento de Jesus (Lc 1,26-38) acontece na simplicidade de uma casa de família³³, em uma cidade da periferia, não em Jerusalém, mas em Nazaré da Galileia, a uma jovem mulher do povo, prometida em casamento, durante os seus afazeres domésticos, no cotidiano do ambiente da vida diária e comum. Mas o grande lugar da manifestação é mais que geográfico. É pessoal. Maria é o lugar do “toque do Verbo na carne” (Jo 1,14). A Virgem de Nazaré aparece, assim, como leiga, mulher do povo simples. Ela não ocupa o espaço sagrado, mas Deus a encontra em meio à profanidade da vida ordinária, no “século”, no mundo, santificando-o com a sua presença. Maria aparece, aqui, como paradigma do leigo e da leiga, de espiritualidade laical, ou, ainda mais, como paradigma da espiritualidade do protagonismo laical feminino:³⁴

Ela é modelo exemplar de uma vida laical no meio do mundo. Não caracterizam Maria os milagres nem as coisas extraordinárias visíveis na sua vida. Grandes coisas se realizam nela em meio à singeleza e simplicidade do cotidiano, dos afazeres domésticos, como mulher do povo. Ela não pratica uma ‘fuga do mundo’, mas se santifica no meio do mundo.³⁵

Em Maria não existe oposição entre o sagrado e o profano. Isso só existe quando opomos, por um lado, objetos, pessoas, situações, tempos e lugares sagrados, e por outro lado, objetos, pessoas, situações, tempos e lugares que vemos como profanos, isto é, separados de Deus. Isso não é nada evangélico, pois Jesus nos fala que tudo, menos o pecado, pode ser mediação do amor de Deus por nós. É no mundo da vida quotidiana que o amor de Deus se manifesta. Por isso, Jesus não frequentava apenas as sinagogas (espaço “sagrado”), mas também atuava nas barcas, nas margens do lago, nas casas, nas mesas, nas cidades, nos caminhos. Ele orava em silêncio, em lugares solitários e desertos (Mc 1,35), e também frequentava as festas. Não viveu isolado e chegou até a dizer que os publicanos e as prostitutas precederiam os anciãos e os sumos sacerdotes no Reino de Deus (Mt 21,31).³⁶

³³ Utilizamos aqui o imaginário simbólico herdado da tradição que localiza o encontro entre Maria e o Anjo Gabriel na casa de Nazaré, apesar de que o texto bíblico diz apenas que o anjo “entrou onde ela estava”.

³⁴ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 18.

³⁵ SCHWITEZER, N., Espiritualidad laical. Catholic.net.

³⁶ CNBB, Doc. 105, n. 133.

A partir do Evangelho de Jesus podemos dizer que não há nada propriamente profano, ou separado de Deus, porque tudo pode ser mediação para manifestação da misericórdia de Deus,³⁷ que vai muito além de nosso entendimento e transforma as vidas das pessoas. Deus está “entre as Panelas”, escreveu um dia Santa Teresa de Ávila.³⁸ Diante disso, os cristãos não devem se isolar apenas no que é considerado “sagrado”. Pelo contrário, devem aprender a integrar e relacionar todos os espaços da vida, descobrindo no dia a dia os sinais do Reino de Deus.³⁹

1.4 **Método**

A pesquisa será qualitativa, mediante revisões bibliográficas e análise crítica. Para desenvolver o tema proposto, pretendemos realizar uma análise crítica e abrangente da literatura existente sobre o tema. Faremos a revisão bibliográfica, incluindo as fontes bíblicas, patrísticas, do Magistério e da reflexão teológica especializada sobre o tema.

Com esse método veremos que a mariologia pode jogar luzes para a identidade cristã do laicato, iluminando o caminho de toda a humanidade. A realidade é o lugar da encarnação da Palavra de Deus no decorrer da história humana. Por isso, auxiliados pela mariologia, os cristãos leigos e leigas podem compreender melhor o seu chamado a viver, assim como Maria, no seu dia a dia, o mistério da Encarnação.⁴⁰

A mariologia joga luzes também para o reconhecimento da dignidade da mulher e de sua indispensável contribuição na Igreja, na família e na sociedade,⁴¹ ampliando as possibilidades de ações femininas, especialmente na formação e nos espaços de decisões. O atual reconhecimento de Maria como leiga opõe-se ao modo como era vista antes, de uma forma unilateral, como uma primeira monja, o que deixava vários aspectos de sua existência sem a devida valorização. Bruno Forte afirma que a intensidade da relação da Mãe com o Filho nos faz refletir nela,

³⁷ MV 24.

³⁸ SANTA TERESA de ÁVILA, Livro das Fundações, cap. 5,8.

³⁹ CNBB, Doc. 105, n. 133.

⁴⁰ CNBB, Doc. 105, n.5.3.

⁴¹ EG 103.

da parte da criatura, a totalidade de tudo o que se cumpriu nele, seu Filho Jesus de Nazaré. Por isso, podemos dizer que a história de Maria é a história do mundo em compêndio,⁴² a sua teologia em uma só palavra, ela é o dogma vivo, a verdade máxima sobre a criatura plenamente realizada.⁴³ Não há dúvidas de que, por força do Batismo e do Crisma, homens e mulheres tornam-se participantes do tríplice múnus de Jesus Cristo Sacerdote, Profeta e Rei.⁴⁴

A mariologia atual, contextualizada e crítica, contribui para o aprofundamento sobre o cristão e a cristã, leigo e leiga na Igreja; o laicato se fortalece e cresce em autocompreensão e protagonismo a partir de uma abordagem mariológica adequada e contextualizada.

Ainda sobre este modo de fazer teologia, o Papa Francisco diz que há uma nova mística no ar, uma “Fraternidade mística”.⁴⁵ Uma mística do andar juntos, olhar nos olhos uns dos outros, ouvir, dialogar e avançar na caminhada. Para isso, precisamos nos encontrar com Jesus Cristo vivo, que nos leva a uma nova qualidade de vida.

Há uma verdadeira reverência diante do povo simples que busca caminhos de vida e com dificuldade. E há apelos particulares: que cristãos leigos e leigas não se restrinjam aos ministérios e carismas dentro da comunidade eclesial, mas que saiam a transformar o mundo, fermentando-os com os valores do Evangelho [...] que tenham uma mística forte no encontro com Jesus Cristo, amor que nos salva, e que abandonem falsas seguranças, mesmo que institucionais, doutrinárias, litúrgicas e ações sociais.⁴⁶

O Papa Francisco avança, e considera “chave” que a fé do nosso povo, suas orientações, buscas, desejos, anseios, quando conseguem ser escutados e orientados terminam por nos manifestar uma genuína presença do espírito.⁴⁷ Por isso, convida os Bispos a confiar no povo, composto de leigos e leigas, em comunhão com os pastores, confiar na sua memória e no seu olfato, confiar “[...] que em e com eles, e que este Espírito não é só propriedade da hierarquia eclesial”.⁴⁸ O Papa usa assim a pastoral ou piedade popular como “chave

⁴² FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 144.

⁴³ EVDOKIMOV, P., A mulher e salvação do mundo, p. 249-250.

⁴⁴ CfL 51.

⁴⁵ EG 92.

⁴⁶ TEODORO, G., A Virgem Maria na Tradição, p. 142.

⁴⁷ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 23.

⁴⁸ FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão da América Latina, 10 mar. 2016.

hermenêutica”, para compreender melhor a ação que se gera quando o santo povo fiel de Deus reza e atua.⁴⁹

Podemos afirmar que a piedade popular mariana, cultivada predominantemente por leigos e leigas, reforça o protagonismo laical e nos leva a descobrir e valorizar as dimensões seculares de Maria, discípula missionária de Jesus na quotidianidade da vida do Povo de Deus, que caminha entre os povos da terra.⁵⁰ Na carta, o Papa Francisco queixa-se de que, diante da expressão ‘é hora dos leigos’, parece que o relógio parou.

Maria, a primeira leiga cristã, mãe e intercessora e representante fiel do povo de Deus da antiga e da nova Aliança, modelo de tantas virtudes, em especial daquela autêntica secularidade que todos os leigos e leigas estão chamados a viver, intercede certamente nessa intenção. Com ela podemos finalmente exclamar: “Chegou a hora dos leigos marianos!”⁵¹

Pastoralmente falando, era de se esperar que o Ano do Laicato, celebrado com tanto entusiasmo e consciência da identidade e missão, pelos leigos e leigas na Igreja e no mundo, unido ao impulso da piedade popular mariana, em tempo do Papa latino-americano, colocasse o relógio novamente para funcionar.⁵²

1.5

Itinerário

Com o objetivo de responder à pergunta geradora de toda a nossa pesquisa, escolhemos dividir os campos de nossa pesquisa em capítulos que se encadeiam até possibilitar a resposta segura, fundamentada e com um toque de originalidade.

Após este Primeiro Capítulo, introdutório, no Segundo Capítulo visitaremos a Teologia do Laicato, que aprofunda o significado da identidade cristã de leigos e leigas. A partir dessa consciência, os cristãos leigos e leigas contribuem para a transformação da realidade, construindo, por meio do seu autêntico protagonismo, o Reino de Deus na história, auxiliando a Igreja a responder, com competência, às exigências de seu tempo. Todos os batizados são chamados a formar o único povo de Deus. São cooperadores da missão de Jesus, no seu tríplice múnus de

⁴⁹ FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão da América Latina, 10 mar. 2016.

⁵⁰ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, 2019, p. 34.

⁵¹ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, 2019, p. 34.

⁵² MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, 2019, p. 34.

sacerdote, profeta e rei, e devem tornar-se suas testemunhas no mundo. Em seguida, buscamos uma compreensão das contribuições do Concílio Ecumênico Vaticano II, no que diz respeito à identidade e à missão do laicato. Nessa busca, foi de fundamental importância a contribuição de diversos teólogos e teólogas. Em seguida, a reflexão seguimos os passos das Conferências do episcopado da América Latina que aconteceram na esteira do Concílio Vaticano II: Medellín, Puebla e Santo Domingo. O Documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, que aconteceu em Aparecida, em 2007, foi usado como esteio para uma reflexão prospectiva sobre a identidade e a missão do laicato na Igreja e no mundo. Também é apresentado, no Documento 105 da CNBB, que os cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, são o sal da terra e a luz do mundo. Chamados pelo Batismo e pelo Crisma ao seguimento de Jesus Cristo com a responsabilidade de serem sujeitos na Igreja e na sociedade, assumem os novos desafios que são importantes, em tempos de Papa Francisco, que exigem que o laicato realize o seu protagonismo na vivência do tríplice múnus de Cristo, em vista da evangelização do mundo e da transformação da realidade presente.

No Terceiro Capítulo, “O Rosto Mariano da Igreja”, vamos contextualizar Maria de Nazaré em sua realidade histórica existencial e, com isso, perceber que é justamente na experiência de sua vida cotidiana que acontece o mistério da Encarnação de Deus entre nós. Para isso, apresentamos a relação entre a história e o mistério em sua vida, e com o Concílio Vaticano II, resgatamos o título “Filha de Sião”. Olharemos para Maria de Nazaré buscando os fundamentos históricos-bíblicos de uma mulher singular, em seu contexto histórico e situações vitais. Em seguida, vamos nos aproximar de Maria na Patrística, para buscar aquela que nos ensina a servir à humanização de Deus. O período dos Padres da Igreja é um itinerário muito rico na história do cristianismo. Encontraremos a contribuição de autores que trabalharam a dimensão de Maria como mulher humana, criatura de Deus como nós, filha de Adão e Eva. Isso acontece porque em todos os momentos históricos procura-se renovar a Igreja, procura-se voltar às fontes.

Por fim, no Quarto Capítulo, tendo visitado a Teologia do Laicato e O Rosto Marino da Igreja, como que em dois mergulhos imersivos em “águas mais profundas”, teremos subsídios seguros e suficientes para responder à pergunta que nos guiou em todo esse itinerário de pesquisa: “Como o rosto mariano da Igreja pode ajudar a compreender a identidade cristã do laicato?” Para esta resposta

utilizaremos, neste capítulo, um método clássico: ver, julgar, agir, celebrar. Perceberemos de que modo este é o próprio método da Maria, conforme descrito no Evangelho de Lucas. “Veremos” diversos mundos nos quais leigos e leigos são desafiados diariamente e que desafios são estes. Nosso “julgar” resgatará a pessoa singular e histórica de Maria e também sua figura tipológica que iluminam os desafios indicados de presença no mundo. Tudo isso desemboca em uma “agir”. É a hora do laicato mariano em ação. Terminaremos, em clima “celebrativo”, refletindo sobre a realidade ministerial de leigos e leigas que aguarda sinais mais claros de reconhecimento da parte da Igreja, como verdadeiros missionários e missionárias em ação transformadora no mundo.

Com Maria mais perto de nós podemos discernir a identidade cristã do laicato mais claramente à luz do rosto mariano da Igreja e perceber que, assim como Maria, a nossa vocação cristã, em suas diversas formas e estados de vida, inicia-se por um *sim*, diário e constante. A resposta ativa de Maria, após um processo de discernimento, inspira todos nós, cristãos e cristãs, leigos e leigas, a olhar para ela e, em sua face materna, perceber os vários traços das nossas feições cristãs. Esse é o grande esforço de nossa reflexão teológica e pastoral, com auxílio dos mais diferentes autores e correntes de pensamento.⁵³

⁵³ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 119-123.

2

A Teologia do Laicato

Para a realização da pesquisa, o primeiro passo será reler a contribuição do Concílio Ecumênico Vaticano II no que diz respeito à identidade e à missão do laicato. Nessa busca, é de fundamental importância a contribuição de diversos teólogos. Em seguida, a reflexão seguirá os passos das Conferências do episcopado da América Latina que aconteceram na esteira do Concílio Vaticano II: Medellín, Puebla e Santo Domingo. O Documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, que aconteceu em Aparecida em 2007, será usado como esteio para uma reflexão prospectiva sobre a identidade e a missão do laicato na Igreja e no mundo.

Também visitaremos o Documento 105 da CNBB: “Os cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, sal da terra e luz do mundo”. Chamados pelo batismo e pelo Crisma ao seguimento de Jesus Cristo, os leigos e leigas, com a responsabilidade de serem sujeitos na Igreja e na sociedade, assumem os novos desafios que são importantes em tempos de Papa Francisco, que exigem que o laicato realize o seu protagonismo na vivência do tríplice múnus de Cristo, em vista da evangelização do mundo e da transformação da realidade presente.

Assim, ao mesmo tempo em que nossa pesquisa se fundamenta no pensamento desenvolvido pela Igreja a partir do Concílio Vaticano II, abre-se para o futuro e para a busca de novos caminhos mostrando, ao mesmo tempo, o fundamento e a dinâmica da ação eclesial.

Assumir que a teologia é um ministério eclesial gera grande responsabilidade na pessoa que se propõe a conhecê-la e a produzi-la. A teologia cristã deve mostrar sua força reconstrutora, levando a pessoa a aprender a se

relacionar com Deus, com as pessoas e com o mundo, abrindo-se à transcendência sem negar sua limitação, mas, acima de tudo, acolhendo a vida como um dom. O desconhecimento do laicato de sua identidade cristã demonstra a falta de consciência de sua atuação, na Igreja e no mundo e, com isso, o descomprometimento de sua missão e de seu testemunho, tanto eclesial quanto social.

2.1

O laicato no Concílio Vaticano II

Estamos, sem dúvida, diante do mais importante acontecimento eclesial do século XX.⁵⁴ Concílio eminentemente pastoral, o Vaticano II teve a pretensão de ser sinal e compromisso de renovação e abertura, optando mais pela presença do que pela palavra. A postura nitidamente pastoral marcou seu desenvolvimento, notabilizando-se por uma nova abertura em relação aos leigos e leigas. Nosso foco de pesquisa é a situação do laicato na América Latina, por isso continuaremos por esse caminho. Esse Concílio representa um momento particularmente significativo da autoconsciência eclesial. De certa forma, é o ponto de chegada de várias correntes de ideias e de movimentos de renovação que vieram amadurecendo desde o fim do século dezenove.⁵⁵ Porém, para que possamos ver a Igreja em sua variedade de membros, na perspectiva do Vaticano II, precisamos ter bem claro o que está formulado na *Lumen Gentium*, em que a Igreja reflete sobre si mesma.⁵⁶ No Concílio, a Igreja volta-se para si mesma e, ao mesmo tempo, volta-se para o mundo. Nesse sentido, a *Lumen Gentium*, constituição

⁵⁴ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p.16.

⁵⁵ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p.17.

⁵⁶ O Capítulo I discorre sobre o mistério da Igreja, o Capítulo II descreve o Povo de Deus em Geral e o Capítulo V aborda a vocação universal à santidade na Igreja. Oferecem-nos copiosos elementos complementares com surpreendentes dimensões de riquíssimas perspectivas espirituais para os leigos. A palavra “leigo”, tal como é entendida no Capítulo IV do documento conciliar, já é uma especificação de outro termo mais amplo e geral, o de “cristão”, o de “fiel”, de “membro do Povo de Deus”. Antes de alguém ser considerado, na Igreja, como “leigo”, ou “diácono”, ou “presbítero”, ou bispo”, ou mesmo “Papa”, deve ser visto como cristão ou “membro do Povo de Deus”. Essa é a condição básica, a matéria-prima, o elemento comum, o mais importante, a própria razão de ser do plano divino com relação à criatura humana. Nesse fundamento comum reside propriamente a grandeza, a dignidade, a novidade trazida por Cristo. Sem isso, nada seríamos, ainda que fôssemos Papas, bispos, presbíteros, diáconos ou leigos. Um é o Povo eleito de Deus. KLOPPENBURG, B., A Eclesiologia do Vaticano II, p. 238.

dogmática, e a *Gaudium et Spes*, como constituição pastoral, estruturam toda a construção teológica e pastoral do Vaticano II e, como consequência, abrem espaço para uma leitura mais adequada de sua enorme produção magisterial.⁵⁷

2.1.1

Luz dos Povos – *Lumen Gentium*

Para compreender toda a amplitude e riqueza da noção que o Concílio Vaticano II nos oferece, no que diz respeito ao leigo na Igreja, temos de meditar sobre o que nos apresenta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que tanto valoriza os leigos.

O Capítulo I apresenta-nos uma reflexão sobre o mistério da Igreja. O Capítulo II descreve o Povo de Deus em geral, parte fundamental, principalmente porque antecede a explicação sobre hierarquia, no capítulo III. No Capítulo IV, volta-se a discorrer sobre o leigo, e o Capítulo V apresenta-nos uma reflexão sobre a vocação universal para a santidade da Igreja. Este capítulo apresenta, também, elementos complementares, com dimensões riquíssimas para uma perspectiva espiritual para os leigos.

O termo “leigo”, no capítulo quatro, é apresentado com uma especificação mais ampla e geral, como “cristão”, e também como, “fiel”, membro do “Povo de Deus”.⁵⁸ Dessa forma, antes de alguém ser considerado, na Igreja, como “leigo”, ou “diácono”, ou “presbítero”, ou “bispo”, ou mesmo “Papa”, deve ser visto, acima de tudo, como “cristão”, membro do Povo de Deus. Encontramos, aqui, a condição básica, a matéria-prima, a própria razão de ser do plano divino com relação à pessoa humana. Estão contidas aqui, neste fundamento comum, a grandeza e a dignidade da novidade trazida por Jesus Cristo.

⁵⁷ O Concílio Vaticano II não é apenas letra, mas também Espírito, e o intérprete deve estar atento a essas duas dimensões, para captar, em todo seu alcance, a riqueza do contributo conciliar. O espírito conciliar acha-se, de fato, objetivado nos textos conciliares, e é a esses textos, sobretudo à medida que aumenta a distância entre a sua produção e a sua leitura, que se deve interrogar quando se quer conhecer o pensamento do Concílio, a menos que se queira ceder a veleidades interpretativas. ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 17.

⁵⁸ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 479-480.

É muito importante compreender bem essas questões, para assim trabalharmos a Igreja proposta no Concílio Vaticano II, uma Igreja que se realiza com variedades de membros com um único objetivo: a salvação de todo o Povo de Deus. Por isso, o capítulo que fala da hierarquia vem apenas em terceiro lugar. Por esse mesmo motivo, os componentes da hierarquia (Papa, bispos, presbíteros, diáconos) são apresentados também, como “servidores do Povo de Deus”.⁵⁹ Aqui, frei Boaventura vai dizer que eles não são os donos da Igreja, da diocese, ou da paróquia. Insiste também que o documento retoma sempre as palavras “serviço”, “ministério”, “diaconia”, quando se refere à ação dos membros da hierarquia, e insinua que, nesse ponto, o Concílio Vaticano II deseja corrigir uma perspectiva nada evangélica, a que infelizmente estávamos habituados, devido à tradição equivocada de muitos séculos: da hierarquia como poder.⁶⁰

Nessa visão equivocada, estamos acostumados a imaginar a Igreja como uma pirâmide, ou seja, Papas, bispos, sacerdotes, que presidem, ensinam e santificam, governam com autoridade e poder. Na base encontra-se o povo cristão, passivo e receptivo, que parece ocupar um lugar nitidamente inferior e secundário. Estamos diante de um grande equívoco; contra esse tipo de clericalismo triunfalista reagiu o Concílio com muita vivacidade, mostrando, inclusive, que o poder hierárquico é transitório, que pertence ao tempo da peregrinação terrestre. Na Igreja celeste, no estado definitivo, a hierarquia não terá mais razão de ser, visto que os eleitos já terão chegado à perfeita unidade em Cristo. O ministério da hierarquia é uma situação passageira, mas o Povo de Deus é um estado permanente.⁶¹ Essas colocações foram feitas pelo Bispo de Bruges (Bélgica), Dom Emílio De Smedt, já na primeira Sessão do Concílio, em um memorável discurso pronunciado na Aula Conciliar, no dia 01 de dezembro de 1962 (31ª Congregação Geral).⁶² Ele também afirmou que devemos tomar cuidado ao nos referirmos à Igreja, para não observar somente o hierarquismo. O que deve sempre prevalecer é a visão de Igreja como Povo de Deus, a essa Esposa do Verbo, a esse Sacrário do Espírito santo ao qual a hierarquia deve prestar seus

⁵⁹ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 239.

⁶⁰ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 239.

⁶¹ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 239.

⁶² KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 239.

humildes serviços, para que Ela chegue à idade perfeita, a Plenitude de Cristo.⁶³

O Concílio propõe uma nova ótica para a posição do cristão como leigo na Igreja. Nessa mesma perspectiva, deve-se ver a posição do cristão como hierarca, na Igreja. O fundo deverá ser sempre o mesmo, uma condição de absoluta igualdade. Uns e outros deverão ser sempre igualmente fiéis, igualmente cristãos, igualmente membros do Povo de Deus, templos do Espírito Santo, configurados com Cristo, vivendo com Ele, por Ele, e n'Ele. É somente a partir desse ponto que as diferenças começam:

Para apascentar e aumentar sempre o Povo de Deus, Cristo Senhor instituiu na Sua Igreja uma variedade de ministérios que tendem ao bem de todo o Corpo. Pois os ministros que são revestidos do sagrado poder servem a seus irmãos para que todos os que formam o Povo de Deus e, portanto, gozam da verdadeira dignidade cristã, aspirando livre e ordenadamente ao mesmo fim, cheguem à salvação.⁶⁴

Segundo a *Lumen Gentium*, não somente os hierarcas, mas também os leigos são testemunhas de Cristo, instituídos como tais para essa função. Este documento Conciliar insiste, muitas vezes, nessa questão, e não vai esquecer o apostolado exercido pelos leigos, na realidade matrimonial e familiar.

Lá existe o exercício e a escola insigne do apostolado dos leigos, onde a religião cristã invade toda a instituição da vida e dia a dia mais e mais a transforma. Lá os cônjuges têm uma vocação própria, para que sejam mutuamente e para seus filhos testemunhas da fé e do amor de Cristo. A Família cristã proclama em alta voz tanto as presentes virtudes do Reino de Deus quanto a esperança da vida feliz. Assim, pelo testemunho argúi o mundo de pecado e ilumina aqueles que procuram a verdade.⁶⁵

Notamos⁶⁶ que, em todos esses textos, o Concílio insiste nas virtudes teologais da fé, esperança e caridade. Destacamos aqui a virtude da esperança, que é a virtude básica, bastante esquecida atualmente. O mundo encontra-se dominado por sentimentos negativos, como angústia, medo, desespero, e muitos outros.

⁶³ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 240.

⁶⁴ LG 18.

⁶⁵ LG 35.

⁶⁶ Refletimos com Frei Boaventura Kloppenburg, professor de teologia dogmática desde 1951, redator da Revista Ecclesiástica Brasileira desde 1953, consultor da Comissão Teológica pré-conciliar, perito na Comissão Teológica do Concílio Vaticano II, cronista das atividades conciliares, dono de um dos mais ricos arquivos particulares sobre o último Concílio e autor de grande número de artigos teológicos quase sempre encontrados nos documentos do Concílio Vaticano II. São essas credenciais que o habilitam a apresentar-nos às grandes linhas da Ecclesiologia do Vaticano II, que foi um Concílio essencialmente ecclesiológico.

Diante dessa realidade, a virtude da esperança torna-se imprescindível.⁶⁷ Por tudo isso, os leigos devem ser testemunhas vivas da esperança cristã, devem dar razões de sua esperança em tudo o que realizam.⁶⁸ Não devem ocultá-la no mais íntimo de sua alma, mas exprimi-las nas estruturas da vida secular.⁶⁹ Assim, a família cristã poderá proclamar em alta voz a esperança da vida feliz realizada a partir da fé.⁷⁰ Agindo dessa forma, destacar-se-ão daqueles que se encontram desesperados, dos que se encontram torturados pela vida. Estes poderão se sentir atraídos para viver a mesma vida feliz, na fé, esperança e caridade. E isso é o apostolado, e assim serão os leigos: luz no mundo e sal na terra.⁷¹

Imbuídos dessa concepção cristã, os leigos poderão iniciar o seu apostolado mais específico, que é o da animação, visto aqui a partir da *anima* (espírito). Essa ação se manifesta no interior do ser e do existir, de dentro para fora, no esforço de informar com o Espírito cristão a mente e os costumes, as leis e as instituições sociais ou comunitárias. Isso é o apostolado da restauração da ordem temporal.⁷² O apostolado da animação é descrito no último parágrafo do capítulo IV da *Lumen Gentium*, especificamente no número 38:

Cada leigo individualmente deve ser perante o mundo uma testemunha da ressurreição e vida do Senhor Jesus e sinal do Deus vivo. Todos juntos e cada um na medida de suas possibilidades devem alimentar o mundo com frutos espirituais. Devem difundir no mundo aquele espírito pelo qual são animados os pobres, os mansos e os pacíficos que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados. Numa palavra “o que a alma é no corpo”, isto seja no mundo os cristãos.⁷³

Logo nos primeiros capítulos, a *Lumen Gentium* traz como proposta de mudanças, na visão sobre o leigo, em um contexto de igual dignidade de todos os cristãos, a participação também dos leigos, no tríplice *munus* de Cristo. O leigo agora é apresentado, antes de tudo, como fiel membro do Povo de Deus, incorporado pelo batismo, em Cristo e na Igreja.⁷⁴ A partir desses pressupostos básicos, surge a visão de sua real especificidade: “Por vocação própria, compete

⁶⁷ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 247.

⁶⁸ LG 10.

⁶⁹ LG 35.

⁷⁰ LG 35.

⁷¹ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 247.

⁷² KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 251.

⁷³ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 253.

⁷⁴ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 503.

aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus”.⁷⁵ No entanto, no capítulo II, especificamente no número doze, fala-se também da participação geral na missão profética de Cristo. Nesse ponto, o documento conciliar faz uma exposição sumária acerca do senso de fé no povo cristão. Nesse parágrafo, ensina o Concílio, o senso de fé é executado e sustentado pelo Espírito Santo, e não pelo ensinamento do Magistério Eclesiástico, em todos, desde os bispos até o último dos fiéis leigos.⁷⁶

É ainda por essa mesma ação divina que cada pessoa fiel recebe a palavra de Deus, apegando-se a ela, penetrando no mais profundo do seu ser, e assim procura aplicá-la na vida cotidiana. Em tudo isso, a ação magisterial da Igreja tem apenas a função de dirigir ou orientar. Doutrina semelhante é proposta, no mesmo documento, no número dezenove, em que se afirma que os Apóstolos, ao pregarem por toda parte o Evangelho, “aceito pelos ouvintes por obra do Espírito Santo”, congregam a Igreja universal.⁷⁷ Cristo deu também aos leigos a graça da palavra, sempre com o fim de torná-los participantes mais aptos de seu múnus profético.⁷⁸ Nesse contexto, o documento conciliar não explica o que se deve entender por “graça da palavra”, mas, por estar imediatamente ligado ao senso de fé, remete-nos ao número doze do capítulo II, que, logo após falar do senso de fé, expõe a doutrina do Concílio, no que diz respeito aos carismas do Espírito Santo ao Povo cristão.⁷⁹ O texto da *Lumen Gentium* (nº 12) explicita a missão dos fiéis, em relação à renovação da Igreja:

Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus e o orna de virtudes, mas repartindo seus dons “a cada um com o que lhe apraz (cf. 1Cor 12,11)”, distribui também entre os fiéis de qualquer ordem graças especiais. Por elas os tornam aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios que contribuem para a renovação e o maior incremento da Igreja, segundo estas palavras: “A cada um é dada a manifestação do Espírito para a utilidade comum (cf. 1Cor 12,7)”⁸⁰.

Este texto conciliar distingue entre a ação do Espírito Santo por meio dos sacramentos e ministérios e a ação do Espírito Santo por meio dos carismas. O

⁷⁵ LG 31.

⁷⁶ KLOPPENBURG, B., A Eclesiologia do Vaticano II, p. 248.

⁷⁷ KLOPPENBURG, B., A Eclesiologia do Vaticano II, p. 248.

⁷⁸ LG 35-88.

⁷⁹ KLOPPENBURG, B., A Eclesiologia do Vaticano II, p. 248-249.

⁸⁰ LG 12.

que podemos perceber, a partir de reflexões sobre este texto, é que pode haver também ação divina fora dos sacramentos e dos ministérios. O Espírito Santo não está ligado somente a um determinado grupo de pessoas.⁸¹ Quando falamos de carismas, somos tentados a ver neles somente os dons extraordinários, como dom das línguas, de curar, de fazer milagres, etc. Na carta de São Paulo aos Romanos, percebemos que ele conheceu carismas um tanto espetaculares. Ele também fala, em sua carta, sobre o dom de expor as mais altas verdades religiosas e de apresentar o ensino sobre Jesus Cristo (carisma ou graça da palavra). Fala, ainda, do carisma da fé, da pregação, da exortação, da consolação, do serviço, do discernimento dos espíritos, de assistência aos necessitados, de administração e de direção da Igreja. (Rm 12; 1Cor 12).

Percebemos, nessa carta, que, aos olhos de Paulo, a Igreja de Cristo não é apenas uma organização administrativa, mas, antes de tudo, um vivo conjunto de dons, carismas e serviços.⁸² Nessa mesma linha, continua a reflexão apresentada na *Lumen Gentium*: “Estes carismas quer eminentes, quer mais simples e mais amplamente difundidos, devem ser recebidos com gratidão e consolação, pois que são perfeitamente acomodados e úteis as necessidades da Igreja”.⁸³ Os dons extraordinários, todavia, não devem ser temerariamente pedidos, nem deles deve presunçosamente ser esperado frutos de obras apostólicas. “A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar todas as coisas e ficar com o que é bom” (1Ts 5,12; 19-21).

O Documento vai lembrar, mais a frente, como devem proceder os pastores diante dos carismas dos fiéis: “reconhecer os carismas dos fiéis”.⁸⁴ Assim, aos presbíteros recomenda o Concílio que reconheçam com alegria e também incentivem, com entusiasmo, todas as formas de carismas dos leigos, desde os mais modestos até os mais elevados.

A partir dessas colocações, podemos compreender que a “graça da palavra” com que Cristo munuiu os leigos é para que pudessem participar com facilidade de sua missão profética, e também para que a força do Evangelho brilhasse e se

⁸¹ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 249.

⁸² KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 249.

⁸³ LG 28.

⁸⁴ LG 30.

manifestasse mais na vida cotidiana, familiar e social.⁸⁵ É, pois, um dom especial do Espírito Santo, que nunca faltará a quem de coração sincero se dedicar ao apostolado do testemunho.⁸⁶

2.1.2

A Igreja mistério

Desde seu início, O Concílio Vaticano II caracteriza-se como Concílio da Igreja: “O Concílio seja um Concílio *de Ecclesia* e se articule em duas partes: *de Ecclesia ad intra* – *de Ecclesia ad extra*.”⁸⁷ O que é a Igreja? O que a Igreja faz? Esses são os pontos principais em redor dos quais devem dispor todas as questões desse Concílio.⁸⁸ Toda a arquitetura do Concílio é apresentada de forma simples e sólida. Como já dissemos, seus dois pilares se encontram, na constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja e na constituição *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo. A primeira irá voltar-se para a Igreja em si mesma, com grande esforço para explorar sua dimensão de mistério. A segunda irá dar mais ênfase, no que diz respeito a sua realização no mundo.⁸⁹ Não pretendemos esgotar aqui essa articulação entre *ad extra* e *ad intra*, mas percebemos ser pertinente, neste momento, uma reflexão mais detalhada sobre essa questão.⁹⁰

O capítulo primeiro da *Lumen Gentium* apresenta-nos a comunhão do Pai, pelo Filho, no Espírito para nós, como esse mistério. Dela brota a comunhão entre nós. Essa comunhão é apresentada como modelo para a Igreja. No segundo capítulo, trata do Povo de Deus, povo de batizados, em que todos recebem a mesma graça para viver a condição cristã, comum a todos. Esse ponto representa uma mudança total da situação dos leigos, porque os coloca na mesma vocação e missão dos outros estados de vida dentro da Igreja, e ainda vai trabalhar

⁸⁵ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 249.

⁸⁶ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 249.

⁸⁷ ALMEIDA, J. A., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 16.

⁸⁸ ALMEIDA, J. A., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 17.

⁸⁹ Concílio da Igreja, o Vaticano II foi um evento eclesial, uma experiência de comunhão e de ação de graças (o Concílio foi celebrado), na qual, sob a ação do Espírito Santo, toda a Igreja se pôs à escuta da Palavra de Deus, para redescobrir-se a si mesma diante das expectativas dos homens de nosso tempo. FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 16.

⁹⁰ Para isso iremos dialogar com Pe. Antônio José de Almeida, que aprofundou essas questões em sua Tese de Doutorado em Teologia, na Universidade Gregoriana em Roma. ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 5.

especificidades deles no capítulo quatro.⁹¹ Na Igreja Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, todos fazem tudo, mas não da mesma maneira. Nessa realidade, cada cristão vai naturalmente assumindo a única missão da Igreja, a partir de seus dons, de sua vocação pessoal, que se realiza eventualmente em um ministério particular. Nesse sentido, a diversidade de formas e modalidades de apropriação individual da única missão da Igreja irá sempre corresponder à diversidade de carismas, serviços e ministérios de que o Povo de Deus é dotado.⁹² Quando assimilamos e compreendemos a Igreja como mistério, ou seja, sacramento de salvação, colocamos automaticamente em destaque a ação conjunta de todos os cristãos. É por meio de todos nós que a intervenção gratuita de Deus em Jesus Cristo é acolhida, manifestada e se coloca a serviço do mundo.⁹³

Compreendemos então que mistério, sacramento e ministério estão ligados um ao outro, ao mesmo tempo em que são interiores um ao outro. Em Jesus, realizou-se a plenitude do mistério de Deus. Ele é o Servidor, é Ele quem associa a si homens e mulheres para serem seus discípulos e seus servidores, e tudo isso se realiza na ação do Espírito Santo, que se doa, e quando é recebido transforma os homens e mulheres em verdadeiros servidores. O mistério da Igreja, a partir do momento que é acolhido pelos homens, torna-se ministério por parte das pessoas. O ministério, assim, é confiado à responsabilidade de todos aqueles que o recebem, e a partir disso vivem solidariamente uns com os outros, de acordo com a graça que cada um recebe.⁹⁴ Quando falamos de Igreja como sacramento universal de salvação, falamos, ao mesmo tempo, de “ministério da Igreja”, e podemos então, nessa reflexão, superar a oposição entre vida interna da Igreja e presença no mundo. A expressão “ministério da Igreja” coloca num mesmo patamar, em um único dinamismo, a vida interna da Igreja e sua missão no mundo.

Seguindo essa linha de reflexão, percebemos também que não tem mais sentido distinguir quais ministérios se situam *ad intra* e *ad extra*. A Igreja toda e todos na Igreja estão a serviço da mesma missão, estão a serviço do único

⁹¹ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 5.

⁹² ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 173.

⁹³ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 174.

⁹⁴ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 174.

desígnio de salvação. Aqui não existem fronteiras Igreja-mundo, mas misteriosas fronteiras Reino-anti-Reino.⁹⁵ Finalmente, para a compreensão da superação entre *ad extra* e “*ad intra*”, assimilamos a dimensão globalizante que atinge a Igreja-sacramento da salvação. Percebemos também não ser mais possível separar a Igreja funcionária de si mesma e para si mesma da Igreja que age separadamente no mundo. Agora, quanto mais a Igreja é assumida e vivida como sacramento da salvação, mais essas oposições vão perdendo sua razão de ser.⁹⁶

No Novo Testamento, e também nos primeiros séculos do cristianismo, essas questões eram mais definidas e esclarecidas. A totalidade do Povo de Deus foi resgatada, no Concílio Vaticano II, como também a abertura para uma compreensão de que esse mesmo Povo vive uma dialética com o mundo, superando a separação entre *ad intra*, como cristãos que se dedicam às coisas espirituais, e *ad extra*, como cristãos dedicados às coisas temporais.⁹⁷

A Igreja é apresentada, no Capítulo I da *Lumen Gentium: De Ecclesiae mysterio*, que nos permite perceber as estâncias da renovação eclesiológica do século XX, inclinada a reencontrar a dimensão interior e sobrenatural da Igreja. Ao mesmo tempo, percebemos, por meio dos movimentos de renovação, uma inclinação a ler, na história, o fruto da iniciativa trinitária, que é a comunhão eclesial. O que percebemos, neste ponto da reflexão sobre o mistério eclesial,⁹⁸ é um frescor de profundidade, na relação do mundo, pois a dimensão trinitária traz à consciência que o cristão é, na verdade, um ser que se relaciona na história, e não um mero ser da história.⁹⁹

Como já tivemos ocasião de notar, ao examinar o processo de formação da Igreja, o anúncio cristão, quando inteiramente acolhido, é gerador de uma *Koinonia*, que pode ser realizada e experimentada já na formação das primeiras comunidades cristãs. Notamos ser mediadora de comunhão também, na sua dimensão mistérica, porque possibilita a participação na comunhão trinitária.¹⁰⁰ Entendemos, aqui, a Igreja como a essência de sua forma empírica; ela vive, por

⁹⁵ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 175.

⁹⁶ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 175.

⁹⁷ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 184.

⁹⁸ No “mistério eclesial” supera-se simultaneamente o visibilismo da Contrarreformas e recupera-se a dimensão histórica da Igreja “no tempo”, situada entre sua origem na missão divina e seu acabamento na Glória de Deus, tudo em todos. FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 18.

⁹⁹ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 18-19.

¹⁰⁰ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 460.

isso, das dinâmicas e do dinamismo da *koinonia*. A partir disso, compreendemos a comunhão como uma realidade relacional.¹⁰¹ Todo o agir entre nós e a Trindade é comunicado pela ótica da fé, que vai se apresentar como um elemento que, entre nós, constitui-se juntamente com outros elementos de anúncio, o que se denomina como “Tradição”. Essa tradição, aqui apresentada, é que possibilita que os sujeitos envolvidos participem de uma realidade coletiva que os precede e os supera.¹⁰² Percebemos, com essas colocações, que a razão humana dificilmente consegue perceber, porque para Deus não interessa salvar os homens de forma singular, cada um por si, diretamente e sem intermediários, ou então imediatamente e sem instituições sociais, sem religião organizada, sem meios visíveis e sem nenhuma ligação a um povo ou a uma comunidade.¹⁰³ Não deve ter sido nada fácil para Pedro, mesmo depois de Pentecostes, como um judeu habituado a ver sempre ligada a salvação à pertença de um povo, chegar finalmente a esta conclusão: “Agora compreendo que Deus não faz distinção de pessoas, mas que todo aquele que o teme e pratica o bem lhe é agradável, seja de que povo for” (At 10,34).

Acrescentamos às palavras de Pedro o que diz o Concílio Vaticano II, na constituição dogmática *Lumen Gentium*: “Aprova a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo que o conhecesse na verdade e santamente o servisse”.¹⁰⁴

A *Lumen Gentium* apresenta-nos a Igreja como sendo mistério que se manifesta a partir da sua fundação, como anunciadora e instauradora do Reino de Deus na história dos homens. Esse mesmo princípio será repetido no Concílio, em outro documento: “Como Deus não criou o homem para viverem isoladamente, mas para formarem uma união social, assim também lhe aprova santificar e salvar os homens não individualmente, excluindo qualquer conexão mútua, mas constituí-los em um povo”.¹⁰⁵

Percebemos que o Concílio fundamenta sua afirmação sobre dois importantes argumentos: a natureza social ou comunitária do ser humano e a

¹⁰¹ Encontramos neste Tratado sobre a Igreja a compreensão de que a Igreja não pode ser pensada e explicada a não ser articulando o pessoal e o comunitário. Ela é uma dinâmica relacional “numericamente única”, além de ser princípio de unificação – DIANICH, S.; NOCETTI, Tratado sobre a Igreja, p. 460.

¹⁰² DIANICH, S.; NOCETTI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 461.

¹⁰³ KLOPPENBURG, B., A Eclesiologia do Vaticano II, p. 19.

¹⁰⁴ LG 9-24.

¹⁰⁵ GS 32.

vontade positiva de Deus, ou seja, o plano divino.¹⁰⁶ Por isso, desde o início da história da salvação Deus escolheu os homens e as mulheres, não como indivíduos somente, mas como membros de uma comunidade. Essa índole comunitária é aperfeiçoada e consumada por obra do Espírito Santo em Jesus de Nazaré. Primogênito entre muitos irmãos, depois de sua morte e ressurreição, pela ação do mesmo Espírito, instituiu entre todos aqueles que o recebem pela fé, uma nova comunhão fraternal, em seu corpo que é a Igreja.¹⁰⁷

Portando, na expressão “a Igreja como mistério” as colocações do Concílio querem explicitar que a Igreja é uma realidade divina transcendente está visivelmente presente entre os homens. Em sua parte externa e visível, ao mesmo tempo, esconde-se e revela sua realidade divina e humana.¹⁰⁸ A Trindade, fonte e imagem exemplar de Igreja, é a própria meta.¹⁰⁹ “Nascida do Pai, pelo Filho, no Espírito, a comunhão eclesial deve, no Espírito e através do Filho, voltar ao Pai, até o dia em que tudo seja submetido ao Filho e este ao Pai tudo confie, para que Deus seja Tudo em todos”.¹¹⁰

Esta *mystica communio*, cristológica e pneumatologicamente, tem sua expressão maior social, e historicamente, como realização última no Povo de Deus. Percebemos que essa *mystica communio* encontra, no Povo de Deus, a nova e definitiva Aliança. Em Jesus Cristo, sua expressão como *socialis communio* define-se a noção de Povo de Deus que, na constituição dogmática *Lumen Gentium*, segue à do Mistério da Igreja. Exprime, assim, a dimensão histórica da Igreja, uma Igreja situada *inter tempora*, ou seja, entre as divinas missões do Filho e do Espírito, que lhe deram - e continuamente vão lhe dando - origem, em vista da consumação escatológica, quando Deus será tudo em todos.¹¹¹

O Concílio abre sua Constituição dogmática sobre a Igreja com as palavras *Lumen Gentium*, mas essa “luz dos povos” não é a Igreja: *Lumen gentium cum sit Christus*, a luz dos povos é Cristo! Dessa forma, podemos perceber que, desde suas primeiras palavras, o Concílio Vaticano II quer nos apresentar uma perspectiva totalmente cristocêntrica e a Igreja relativa ao Cristo, ao Espírito Santo, e ao Reino. Só

¹⁰⁶ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 20.

¹⁰⁷ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 20.

¹⁰⁸ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 21.

¹⁰⁹ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 23.

¹¹⁰ FORTE, B., A Igreja, ícone da Trindade, p. 23.

¹¹¹ KLOPPENBURG, B., A Ecclesiologia do Vaticano II, p. 25.

podemos compreender essa dimensão mistérica da Igreja relacionando-a com Cristo, O Senhor Glorificado. A Igreja vive, em Cristo,¹¹² pela força e presença do Espírito Santo.

2.1.3 Igreja e ministérios

A comunidade cristã organiza-se para continuar, em sua caminhada histórica, sempre fiel ao projeto de Deus. Uma comunidade que procura discernimento por meio dos acontecimentos e que, assim, vai descobrindo qual o melhor caminho a seguir.¹¹³ Observamos, também, que a Igreja procede do dom da Comunhão, que une entre si os fiéis com um forte laço de fé. Formando uma comunidade unida na fé, eles vivem uma nova vida em Cristo, fortemente unidos entre si, formando, assim, um organismo vivo, “o Corpo de Cristo”. Essa profundidade da existência da Igreja tem sua dimensão ontológica, e o que de mais profundo existe na Igreja está vivo, na interioridade das pessoas, e se exprime em seu relacionamento cotidiano.¹¹⁴

Pretendemos aqui colocar em destaque que é por necessidade intrínseca que a experiência dessa comunidade de fé conduz à necessidade de uma institucionalização. Sem esse natural processo de institucionalização, a Igreja permaneceria misteriosamente escondida, na interioridade dos fiéis. Assim, não significaria tanto para a sociedade, como para o conjunto das realizações e da vida humana em si.¹¹⁵ Os processos de institucionalização dos componentes mais vitais são inevitáveis e necessários, para que a igreja se realize em continuidade com a missão, e também com total fidelidade ao mandato original. Uma Igreja que nasce da fé, tanto é real que muitos aspectos institucionais das comunidades cristãs, começando pelos sacramentos, somente pela fé são aceitos na Igreja como

¹¹² KLOPPENBURG, B., A Eclesiologia do Vaticano II, p. 25.

¹¹³ RODRIGUES, E. R., Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento, p. 53.

¹¹⁴ Podemos observar que, quanto mais essa rede de relacionamento interior e interpessoal chega ao nível da expressão pela palavra e pelos fatos, transformando-se em presença operosa de um sujeito coletivo no âmago da história dos homens, tanto mais o evento interior adquire um corpo visível, com formas precisas e determinadas de agregação social, que se constitui, por meio de estruturas bem ajustadas, constante e tendente à estabilidade. DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 615.

¹¹⁵ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 616.

autêntica verdade do Senhor.¹¹⁶

Uma Igreja que professa sua fé em Cristo, em continuidade com a missão dos apóstolos, de dar continuidade à obra iniciada em Jesus, de encarnar em suas vidas os seus feitos e os ensinamentos dos quais são testemunhas vivas. Sendo assim, a prática de Jesus deve ser o eixo em torno do qual deve girar toda sua organização e experiência de vida cristã.¹¹⁷ Exatamente por isso, não podemos falar adequadamente de carismas e ministérios sem nos referirmos à apostolicidade da Igreja, como também não podemos deixar de nos referir ao papel fundamental dos apóstolos, porque não é possível falar de ministérios sem um adequado discurso cristológico (sobre a missão-ministério de Jesus Cristo).¹¹⁸ O livro do Ato dos Apóstolos apresenta um quadro sugestivo das duas forças propulsoras do movimento cristão: o Espírito e a Palavra. Essas duas forças estabelecem a coesão entre os fiéis e, ao mesmo tempo, capacita-nos para a perfeita comunicação da mensagem da salvação, que é entendida por todos os povos, pois corresponde diretamente ao anseio do homem e da mulher pela união definitiva com Deus.¹¹⁹

É evidente que não estamos falando aqui da palavra retórica, ou de demagogia alienante, que geralmente estamos acostumados a ouvir. Estamos, sim, falando da dimensão profética da Palavra de Deus apresentada por Lucas, palavra que desvenda a realidade escondida atrás de ideologias que procuram manter o povo na exploração e na opressão.¹²⁰ Pelo exercício da função profética e de denúncia contra qualquer violação da paz, da solidariedade e da justiça, e também pelo esforço pela construção, na unidade visível entre as igrejas, com o serviço do anúncio do “evangelho da paz” e da recapitulação de “tudo em Cristo”, a Igreja de

¹¹⁶ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 679.

¹¹⁷ RODRIGUES, E. R., Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento, p. 39.

¹¹⁸ Nesta linha, “a partir do Vaticano II, e também fora da teologia católica e, mais precisamente, no âmbito do Conselho Ecumênico das Igrejas, consolidou-se muito a doutrina que vê nos Apóstolos e na Apostolicidade um duplo papel emblemático: um, genérico, que se difunde em toda a Igreja (missão, apostolado, empenho doutrinal, de conservação e progresso na fé, serviços, ministérios e carismas...); outro específico, que, por sucessão especial, passa a somente a alguns, os ‘chefes’, os ‘presidentes’ na Igreja... Permanece firme, de qualquer maneira, a convicção de que Apostolicidade diga algo de essencial -, algo de universal, que diz respeito e a todos: o caráter de toda a realidade que qualifica a vida e a obra da Igreja (autoridade, ministérios, serviços, sacramentos, missão etc.) deve evidenciar o ‘regime de encarnação’, o ‘Espírito’ ainda ligado à carne, justamente porque Espírito de Cristo. ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 185.

¹¹⁹ RODRIGUES, E. R., Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento, p. 41.

¹²⁰ RODRIGUES, E. R., Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento, p. 42.

Cristo coloca-se a serviço da unidade do gênero humano, segundo o projeto de Deus.¹²¹

Nesse sentido, essa unidade da Igreja prefigura, prepara e antecipa a unidade da família humana. Aqui, a Igreja torna-se sinal evidente de uma *Koinonia*, que não significa anular as particularidades, mas comunhão de convivência das diferenças consideradas como riquezas do patrimônio comum.¹²² É nessa realidade vital e ontológica que vai se configurando a formação desse novo Povo de Deus, povo cristão, povo formado por seres vivos que participam da mesma vida de Deus e do Espírito.¹²³ Isso é o que significam, primeiramente, o sacramento do Batismo água e Espírito, a porta de entrada da Igreja;¹²⁴ a Confirmação, um sacramento pessoal que fortalece cada cristão e, ao mesmo tempo, comunica o Espírito Santo (At 8,16); e, a Fração do Pão, o sacramento da vida (At 2,42). Uma das mais belas imagens de Igreja, apresentada no Novo Testamento, que recebe muita admiração dos fiéis, é aquela da construção da casa, ou de um nobre edifício, que tem como propósito o encontro do homem e da mulher com Deus; é a casa e o templo na cidade dos homens. Quando, finalmente, o Reino alcançar sua plenitude, uma nova cidade virá de Deus para que, nela, resplandeça a plenitude da paz. Na Jerusalém do céu, não precisamos de templo algum. Mas, enquanto estivermos aqui, na Terra, ainda precisamos de um templo. Jesus anunciou a Pedro quando este acabara de fazer sua profissão de fé, que a ele seriam dadas as chaves para a porta do Reino. É evidente que Jesus não pensava em um edifício sagrado, e sim na comunidade de seus discípulos, e a pensou edificada sobre uma rocha, capaz de resistir a qualquer ataque e até a morte.

A Igreja teria, assim, para Jesus, a qualidade de indefectibilidade, pois ele haveria de fundá-la e sustentá-la sobre o apóstolo, aquele a quem o Pai inspira a profissão de fé: “indefectível, essencialmente, porque capaz, pela graça divina, de proclamar para sempre a verdade da revelação. Indefectível, infalível e apostólica”¹²⁵. Essas são as três características que Jesus desejou para a

¹²¹ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 477.

¹²² DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 477.

¹²³ At 9,31. Este povo é povo novo, que vive a vida dos filhos de Deus dentro de cada um de seus membros.

¹²⁴ Mencionada várias vezes em At 2,37-38.

¹²⁵ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a Igreja, p. 478.

comunidade e seus discípulos. Nessa ótica, o povo de Deus tem seus líderes (At 1,8-12) e os apóstolos têm seus colaboradores (At 8,5). Desta Igreja só podemos falar teologicamente a partir da Ressurreição e de Pentecostes.¹²⁶ Ela é, essencialmente, um acontecimento do Espírito, que primeiro ressuscita Jesus dentre os mortos, transforma-lhe toda a sua existência, de carnal para a existência espiritual, ou seja, pneumática (At 5,42; 14,17), e depois desce sobre os Doze para fazê-los Apóstolos, fundadores de comunidades eclesiais (At 3,15). É o Espírito que anima uma forma específica de organização eclesial.¹²⁷

A partir disso, podemos pensar a Igreja como um templo, porque é a Palavra de Deus que congrega os fiéis. A Igreja é animada pelo Espírito Santo, que conduz os que creem para a verdadeira fé, e os fiéis se enchem de vida, tornando-se homens novos, membros do Corpo de Cristo, e assim, com Ele e como Ele, tornam-se filhos no único Filho. Como filhos de Deus, no Filho são, então, enriquecidos pelos dons do mesmo Espírito, e assim, também pelo Espírito Santo são santificados.¹²⁸ Em uma comunidade onde todos se sentem irmãos, porque estamos falando, aqui, de pessoas que se deixam mover pelo Espírito Santo, no respeito à vida que se torna sagrado. Portanto, nessa comunidade, não pode haver individualismo, nem mentira, nem idolatria, nem dominação, nem capitalismo, etc.¹²⁹ Sendo assim, aquele que se deixar seduzir por forças que geram o pecado e a morte, exclui-se, morre para a comunidade, porque rejeitou a força do Espírito Santo (At 5,1-4). Essa comunidade de fiéis se enche de vida pelo dom da santidade que é concedido a todos aqueles que participam, na fé, recebendo, também, cada um o seu carisma particular. Uma comunidade que nasce da Palavra

¹²⁶ O termo grego “pentecostes” significa cinquenta. No calendário judaico designa a festa celebrada cinquenta dias após a Páscoa. A princípio, a festa agrícola da colheita do Trigo (Ex 23,16), que foi, a partir do Exílio da Babilônia, no séc. V a.C., “historicizada”: de celebração de um evento agrícola, que se repetia a cada ano, foi transformada em celebração de um evento único e central, a Aliança do Sinai. No séc. III a.C., havia uma festa de renovação da Aliança, que parece corresponder justamente a essa festa de Pentecostes (1Cor 16,8). Essa festa comemora o dom da Lei no Sinai: celebrando a Aliança, permitia-se renová-la. Para Lucas, essa aliança teve como marco principal o anúncio do Espírito Santo a Maria de poder trazer ao mundo o Filho de Deus feito homem, para anunciar o Reino de Deus a todas as nações, sendo Ele próprio Verbo que se fez carne no meio do Povo (Lc 1,26). O segundo momento, como consumação de toda a Tradição foi a vinda do Espírito Santo em Pentecostes, que transformou homens fracos em fortes anunciadores da Igreja de Jesus Cristo (At 2). RODRIGUES, E. R., *Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento*, p. 42.

¹²⁷ RODRIGUES, E. R., *Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento*, p. 46.

¹²⁸ DIANICH, S.; NOCETI, S., *Tratado sobre a Igreja*, p. 478-479.

¹²⁹ RODRIGUES, E. R., *Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento*, p. 50.

de Deus é santa e carismática.¹³⁰

Por isso, a diversidade de dons e carismas é obra do Espírito Santo, que age nessa diversidade e aponta para os inúmeros ministérios e para as diversas funções das mulheres e homens da Igreja. Essa variedade de carismas é que enriquece a participação de todos os cristãos, nas suas comunidades, oferecendo, assim, mais espaço para a participação de todos, realizando ao máximo seu potencial, porém sem violentar a unidade, pois todos os dons vêm da mesma fonte: o Espírito Santo de Deus.¹³¹ Assim, a comunidade de fiéis, repleta de vida e chamada pelo Pai, está reunida em torno de Jesus e é vivificada pelo Espírito Santo. Os fiéis agora olham a cidade dos homens como lugar de oferecimento de si mesmos, em busca do encontro com Deus, formando, assim, comunidades múltiplas e diversificadas, onde se realizam e constituem o único corpo de Cristo e o único templo do Espírito Santo. Sentem-se construídos, na fé, sobre a força da mesma Palavra testemunhada pelos apóstolos.¹³² Essa comunidade, finalmente, é o lugar onde se celebra a liturgia da vida e, ao mesmo tempo, a liturgia dos sacramentos: o edifício espiritual, que está unificado por um sacerdócio santo, que oferece ao Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, sacrifícios espirituais. Depois de toda essa reflexão, chegamos à compreensão da Igreja como um Povo Sacerdotal, que tem a missão de criar um relacionamento fecundo entre o mundo e Deus, oferecendo a Deus, para isso, a própria existência e as próprias obras.¹³³

2.2

Participação no mistério de Cristo pelo batismo

Somos chamados a Cristo pela ação do Espírito Santo e pela vontade do Pai,

¹³⁰ Os carismas são dons que procedem do Espírito Santo. Ter carismas é possuir dons extraordinários, como falar em línguas (At 2,4.8-11), publicando as maravilhas de Deus (At 2,15-21); profetizar (At 11,27), conhecer, entender e falar das escrituras, doutores (At 13,1); pregar o Evangelho (At 6,8); realizar milagres (At 6,8) e ter visões (At 7,55) – RODRIGUES, E. R., *Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento*, p. 53.

¹³¹ RODRIGUES, E. R., *Ministérios dos leigos na Igreja à luz do Novo Testamento*, p. 54.

¹³² DIANICH, S.; NOCETI, S., *Tratado sobre a Igreja*, p. 479.

¹³³ DIANICH, S.; NOCETI, S., *Tratado sobre a Igreja*, p. 479-480.

por meio de sementes da Palavra e pela pregação do Evangelho que suscitam em nós a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. Incorporados a Cristo, por meio do Batismo, somos cooperadores de Deus e vocacionados à missão de Jesus, exercendo com Ele as funções Sacerdotal, Profética e Régia, conferidas pelo Pai.

Diante disso, a comunidade dos fiéis em Cristo e com Cristo torna-se sinal vivo da presença de Deus no mundo. “Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, um só é o Povo eleito de Deus: um só Senhor, uma só fé, um só batismo (Ef 4,5)”.¹³⁴ Viver em Cristo significa estar reconciliado com Deus. Passamos, então, como cristãos, a viver o seguimento de Jesus em nossa vida.

Nós fomos ungidos pelo óleo. Por isso, somos abençoados pelo Espírito de Deus. No Antigo Testamento, já estava presente o significado da unção com óleo, como bênção, consagração a Deus, que nos reconhece. Dessa maneira, o óleo torna-se símbolo do Espírito de Deus. “Jesus Cristo, o Ungido, unge por sua vez os cristãos, tornando-os participantes de sua santidade e de sua salvação”.¹³⁵ Assim, todo aquele que é batizado em Cristo é também chamado a realizar com Ele o projeto de Deus.

2.2.1

O batismo e a configuração a Cristo

O efeito salvífico do batismo cristão tem sua raiz no Batismo de Jesus. Saindo de Nazaré e caminhando até o rio Jordão, Jesus quer nos mostrar o sentido de seu chamado a salvar toda a humanidade. Com a voz de Deus vinda do alto realiza-se o sinal de que Deus volta a falar, mostrando a divindade e a identidade vocacional de Jesus: “nele está o meu agrado” (Mc 1,9-11). Isso nos revela a autoridade de Jesus, porque executará o projeto de Deus, que é a reconciliação definitiva entre Deus e os homens: a nossa salvação.¹³⁶ Ele não quer que ninguém se perca.

Tudo se consome na morte de Jesus, que não foge de sua missão, ainda que isso implique o sofrimento e a dor. Na morte de Jesus, o véu do Templo se rasga de alto a baixo. Jesus inaugura um novo “Templo”, com o seu sacrifício na cruz.

¹³⁴ LG 32.

¹³⁵ BECKHAUSER, A., Símbolos Litúrgicos, p. 21.

¹³⁶ CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 34.

Agora cai por terra o ritual do Antigo Testamento, que será substituído pelo culto espiritual em Cristo. Os antigos templos materiais perdem o seu valor, e o que agora se realiza é a edificação do “Templo” espiritual que é formado por pedras vivas:¹³⁷ os cristãos.

A partir da morte e Ressurreição, Jesus é considerado o Único Senhor, e está acima de qualquer senhorio. Podemos perceber isso quando nos aproximamos do Novo Testamento e encontramos, nos Evangelhos, situações de não salvação e “des-graça” (ausência da graça), bem como a superação delas, que estão sempre relacionadas a Cristo. Por meio dos Evangelhos, olhamos para as atitudes e o comportamento dele e percebemos o contraste existente entre as realidades de não-salvação e a proposta apresentada por Jesus. Fica evidente que, somente olhando para o comportamento de Jesus, podemos ver positivamente a riqueza existente na abertura à nova vida proposta e vivida por Ele. Proposta esta que implica uma nova atitude de abertura-obediência ao Pai e que nos conduz à relação verdadeiramente fraterna guiada sempre pelo amor-serviço solidário, a que gera o compromisso e responsabilidade na administração de todas as coisas criadas.¹³⁸ A aceitação da vontade do Pai leva ao nascimento do Homem Novo, diferente do velho Adão. Batizados, somos chamados a viver uma nova relação com Deus, um relacionamento fraterno e solidário com os irmãos e também uma responsabilidade com o mundo criado.¹³⁹

Em Cristo vivemos a nossa salvação, pois Jesus é o salvador e mediador universal. Isso exige de nós oração, conversão do coração, necessidade de transformar as estruturas de pecado em práticas libertadoras e estabelecer uma relação dinâmica de integração-inclusão entre essas dimensões, ou seja, a dimensão da oração e a da transformação de estruturas. Assim, a humanidade caminha para uma consumação escatológica: “o já e o ainda não”.¹⁴⁰

Sabemos que a água é fonte de vida. Ela serve para purificar, embelezar, refrescar e reanimar; é fundamental para matar a sede. Sem água não haveria nenhuma espécie de vida na terra. Podemos dizer, então, que água simboliza vida. O batismo de João com água vem representar uma libertação do ritualismo e

¹³⁷ BECKHÄUSER, A., Símbolos Litúrgicos, p. 66.

¹³⁸ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 214-215.

¹³⁹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 214.

¹⁴⁰ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 441.

legalismo a que o povo daquela época era submetido. “Seu caráter de denúncia profética dos abusos daqueles que se consideravam justos por serem da raça de Abraão e, no entanto, praticavam injustiças, deve ter encontrado um profundo eco no povo errante como ovelha sem pastor (Mc 11,27-33)”.¹⁴¹ A pregação de João Batista é, na verdade, uma exortação à conversão para a prática da justiça, pregação esta acompanhada por um banho no rio Jordão. O batismo de João era na água, e não no Espírito. Essa atividade tem momento culminante com o Batismo de Jesus, que se coloca como pecador, “mesmo não sendo”, recebe o batismo e faz a experiência de uma forte vivência espiritual. Ora, ao ser batizado todo o povo, Jesus, batizado, também rezava: então o céu se abriu, o espírito Santo desceu sobre ele sob uma aparência corporal, como uma pomba, e uma voz veio do céu: ‘Tu és o meu filho, eu, hoje, te gerei (Lc 3,21-22). Com seu modo de vida, Jesus revelou-nos sua identidade, sua autoridade e o seu compromisso com toda a humanidade. O batismo de Jesus inicia sua vida pública. Ele assumiu de tal modo sua missão após o batismo, que deixou sua casa, sua profissão, e começou a anunciar o Reino de Deus.¹⁴²

O Batismo de Jesus foi tão significativo para ele e para toda comunidade cristã, que foi recordado pelos quatro evangelistas (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3, 21-22; Jo 1,19-34). Deixando-se batizar, Jesus compromete-se com toda a humanidade, e isso também vem revelar seu compromisso com a justiça que já era defendida por João Batista e os profetas. João é um homem carismático-profético (Is 40-55). Sua pregação contém forte acento profético, nas suas colocações: faz uma advertência a todo o povo de Israel, afirmando que Deus não pode ser enganado com aparências e tradições vazias! “Para o Deus vivo só contam os frutos da conversão. Não basta a profissão de fé a respeito da eleição e da aliança, se estiver separada da prática correspondente”.¹⁴³ Jesus comparece ao rio Jordão para receber o batismo, e não para batizar! O batismo constitui um momento forte da consciência messiânica de Jesus. Que messianismo é esse? Trata-se do messianismo do serviço (Is 42,1). É como servidor que Jesus assume os pecados de todo o povo (Is 53,1), e agora podemos compreender porque Ele é batizado às margens do rio Jordão com todo o povo: “como servo de Iahweh, ele é solidário

¹⁴¹ CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D., Sacramentos de iniciação, p. 53-54.

¹⁴² CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 34.

¹⁴³ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 28.

com seus irmãos, com o povo pecador”.¹⁴⁴ Por isso, ao deixar-se batizar, Jesus assume com determinação seu caminho de fidelidade à vontade do Pai.¹⁴⁵

No momento do Batismo de Jesus, o céu se “abre”, surge uma pomba branca que representa a presença do Espírito Santo. No Antigo Testamento, a expressão “céus abertos” significa que Iahweh se comunica com seu povo. Nesse episódio, Iahweh revela que esse homem, no meio da multidão, é o Esperado, o Messias, mas o Messias servidor.¹⁴⁶ Jesus realiza nele mesmo a comunhão definitiva entre Deus e o homem. “Ao pousar sobre Jesus, o Espírito indica que é nele que essa comunhão tem realidade”.¹⁴⁷ “Incorporados a Cristo pelo batismo, o batizado é configurado a Cristo” (Rm 8,29). Com a graça recebida pelo batismo, o cristão é incorporado a Cristo, o pecado já não tem poder sobre ele, porém precisa de sua adesão, pois o homem continua livre, pode pecar e dizer não à graça de Deus. Podemos lembrar que o homem é um ser de decisão e que pode aceitar ou rejeitar o Dom de Deus. Porém, afastado de Deus, o homem vive alienado e mutilado no mais profundo de seu ser.¹⁴⁸ Agindo assim, impedirá o batismo de produzir frutos de salvação.¹⁴⁹ Mesmo quando o homem peca, o batismo é sempre um “canal” da graça de Deus, e nada poderá mudar isso. “Dado uma vez por todas, o Batismo não pode ser reiterado”¹⁵⁰, porque imprime um caráter.

A partir do Batismo, nossa vocação é o chamado constante ao seguimento de Cristo. O batismo é a fonte da comum dignidade dos cristãos e da legitimidade da diversidade das vocações e dos ministérios.¹⁵¹ A graça que recebemos no batismo faz-nos pertencer a Cristo, levando-nos a romper com toda desigualdade, como nos mostra São Paulo, em sua carta aos Gálatas (Gl 3, 25-29). O que realmente importa para todos os batizados, sejam bispos, padres, freiras, diáconos, leigos ou leigas, é que são todos iguais perante Deus. Porém, não podemos esquecer que, nessa graça batismal, realizamos nossa vocação com a diversidade e diferenças de carismas, ministérios e funções, para que não haja confusão e também para que a comunidade caminhe com segurança, respeito mútuo, paz e

¹⁴⁴ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 30.

¹⁴⁵ CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 36.

¹⁴⁶ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 31-42.

¹⁴⁷ BORÓBIO, D., A celebração na Igreja, p. 82.

¹⁴⁸ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 216.

¹⁴⁹ DH 1609-1619.

¹⁵⁰ CEC 1273.

¹⁵¹ LG 32.

harmonia.¹⁵²

No nosso batismo, tornamo-nos discípulas e discípulos de Jesus e continuamos em nossas vidas sua obra redentora. Realizamos tudo isso pela ação do Espírito Santo. A Palavra de Deus também nos auxilia. No final do Evangelho de Marcos e de Mateus, Jesus ordena aos seus discípulos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mc 16,16; Mt 28,19). A partir disso, os discípulos saem para a missão de continuar aquilo que Jesus realizou, e batizam todas as pessoas que também abraçam a fé. Agindo dessa maneira, eles repetem a cena que se realizou às margens do rio Jordão, onde Jesus se deixou batizar por João Batista e partiu para sua missão.¹⁵³ Mergulhamos no mistério Pascal de Cristo, morremos e ressuscitamos com Ele, somos pessoas plenas de vida. Pela água batismal, somos inseridos no Corpo de Cristo, para, na diversidade de carismas, servir a toda a humanidade. Batizados em nome da Trindade, estamos em comunhão com ela e aptos a produzir frutos em abundância. O cristão é inserido, não somente na Igreja, mas também em uma comunhão trinitária.¹⁵⁴ No batismo, morre o homem velho e nasce o homem novo.

Mas é importante a reflexão sobre a questão do “homem novo”. Lutamos para ser mais sábios, mais equilibrados, mais perfeitos em todos os sentidos. Sentimos que poderíamos ser melhores. Ainda que seja de uma forma confusa, sentimos que devem existir dois tipos de seres humanos: os de nossa história real, que são ambíguos e extremamente divididos, também pecadores e imperfeitos, e o ser humano – mulher e homem – perfeito, luminoso e extremamente bom e sábio, um ser amoroso; o ser humano real, que é um ser histórico, e o ser humano ideal, que é intimamente desejado e sonhado.¹⁵⁵

Por isso, é importante questionar: até que ponto nossa evangelização apresentou a amplitude da realidade de Jesus Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem? Para saber o que significa ser humano, precisamos olhar para Jesus, para suas atitudes, opções, seu comportamento e, em especial, para sua abertura e obediência ao Pai. Olhar também para sua vivência do amor-serviço,

¹⁵² CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 7.

¹⁵³ CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 36.

¹⁵⁴ CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 35.

¹⁵⁵ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 137.

unida à solidariedade em relação aos irmãos.¹⁵⁶ Nossa evangelização deve, acima e além de todas essas limitações humanas, saber anunciar Jesus Cristo, o verdadeiro “homem novo”, cabeça da nova humanidade. Seguindo o caminho vivido por Ele, participamos, neste tempo da “fraqueza”, da sua verdadeira presença, na certeza de que participaremos também da glorificação.¹⁵⁷ No começo do cristianismo, o batismo era realizado com um banho de imersão. O cristão era interrogado três vezes a respeito de sua fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Isso era realizado para dar o sentido de morrer para o pecado e ressuscitar com Cristo no batismo.¹⁵⁸

Deixando agora a esfera do pecado, o homem é chamado à conversão, a tornar-se um “novo homem”. Isso será possível à medida que, em sua realização como pessoa, ele se esforce, na sua união e seguimento de Jesus Cristo. Ele deve atuar e desenvolver tudo aquilo que ele já é, pelo batismo que recebeu e também pela sua fé. É um processo dinâmico, a sua conversão, que deve ser reiniciada e continuada todos os dias.¹⁵⁹ No nosso batismo, somos incorporados ao mistério Pascal de Cristo, somos crucificados com Ele, com a promessa da ressurreição. Logo, toda a vida do cristão se configura com uma vida “crucificada em Cristo”. Esse é o momento forte da expressão “morrer em Cristo”.¹⁶⁰

Notemos que, em cada um desses momentos, a luz da missão de Cristo e do Espírito terá um especial significado. O momento batismal será aqui destacado como o momento cristológico da Páscoa, que exprime, com vigor, a perspectiva salvífica, ou seja, a passagem pessoal do pecado à graça, da morte à vida. O momento pneumático, como o momento de Pentecostes, que exprime, com vigor, a perspectiva eclesial e missionária, que significa o momento do testemunho público e a glorificação do Senhor. “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). O Batismo incorpora-nos à Igreja Corpo Místico de Cristo. “Das fontes batismais nasce o único povo de Deus da aliança, que supera todos os limites naturais ou humanos das nações, das culturas, das raças e sexos: ‘Fomos todos batizados num só Espírito para sermos um só Corpo’ (1Cor 12,13)”.¹⁶¹

¹⁵⁶ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 139.

¹⁵⁷ RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 140.

¹⁵⁸ BECKHAUSER, A., Símbolos Litúrgicos, p. 12.

¹⁵⁹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 216.

¹⁶⁰ BORÓBIO, D., A celebração na Igreja, p. 105.

¹⁶¹ CEC 1267.

2.2.2

O batismo e o tríplice múnus de Cristo

A partir do nosso batismo, tornamo-nos discípulas e discípulos de Jesus. O batismo é o alicerce da vida cristã e compromisso com a missão evangelizadora. Isso quer dizer que, a partir do batismo, comprometemo-nos com a missão de Jesus Cristo. “Ide, fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19). “A partir do batismo, todos somos chamados à santidade, à fé, ao seguimento do Senhor, à graça. O batismo é a base que sustenta todos os ministérios”.¹⁶² O mesmo Espírito que ungiu Jesus nos unge e nos consagra para uma vida nova. A mesma missão de Jesus é a nossa, e nos acompanha, impulsiona-nos ao envio missionário até os “confins da terra”. Sua obra continua em cada um de nós, até que tudo se consuma, até os fins dos tempos, até à vida em plenitude.¹⁶³

Jesus desafia a experiência dos pescadores, Ele ordena a Simão e outros pescadores a lançarem as redes em pleno dia, mesmo indo contra aquilo que eles tinham como certo. Jesus mostra que, para segui-lo, é preciso estar disposto a desafiar os próprios conceitos, e isso não é fácil. Porém, os resultados todos sabem: as redes se rompem por causa da grande quantidade de peixes e as barcas quase afundam (Lc 5,4). Nesse texto, Lucas passa a descrever os detalhes para revelar o dinamismo desse momento: as redes que se rompem e a barca que quase afunda, uma situação desafiadora que será necessário trabalhar à luz da dimensão da fé. Simão reconhece sua pequenez, e pede para Jesus afastar-se, ele sente medo quando percebe que Deus entrou em sua vida mediante as palavras e a pessoa de Jesus. Conosco também é assim. Mas Jesus nos tranquiliza, assim como tranquilizou Pedro, dizendo: “Não tendes medo!” (Lc 5,8). Consequentemente carinhoso e determinado, Jesus nos convoca para sua missão, tornando-se referencial para seus seguidores. Assim, manifesta que confia em Pedro, e isso faz com que este confie nEle e supere os obstáculos necessários para cumprir sua missão, “Doravante serás pescador de homens” (Lc 5,10). Com a prontidão de Pedro, percebemos a

¹⁶² CVB 11.

¹⁶³ CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 35.

dimensão do sacerdócio da vida e do estar disponível para servir. É necessário estar consciente, como cristãos, que não só os ordenados e especialmente consagrados são participantes da missão, mas todos os batizados. No nosso batismo, a pessoa é ungida como sacerdote, profeta e rei. “Após o Batismo, a unção, no alto da fronte quer significar que nós pelo batismo, nos tornamos em Cristo, reis, sacerdotes e profetas pela força do Espírito Santo”.¹⁶⁴

2.2.2.1

O múnus sacerdotal

Sacerdócio da vida doada por amor a Deus e ao próximo: é assim que Deus quer aproximar-se dos homens, por meio da mediação dos próprios homens. Jesus “mostra o seu viver para Deus, neste seu viver para os outros. Sua vida inteira é gesto de amor. Essa é a essência do sacerdócio cristão”.¹⁶⁵ O cristão, ao entrar no Povo de Deus pela sua fé e também pelo batismo, adquire sua participação na sua única vocação, que é a sacerdotal, o seu “sair” de si para servir ao outro. Cristo, no seu sair de si, fez do novo Povo um reino de sacerdotes para Deus Pai. “Pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, o supremo e eterno Sacerdote Jesus Cristo quer continuar o seu testemunho e seu serviço também através dos leigos e leigas”.¹⁶⁶ Somos um Povo Sacerdotal. Esse é o sacerdócio comum de todos os cristãos. Com a inserção do cristão em Cristo, ele passa a participar de sua vida, morte e Ressurreição, e da orientação para o Pai. O cristão é, na dinâmica existencial de Cristo, “nosso existencial Crístico”, que nada mais é que, essencialmente, uma dinâmica que pode ser qualificada como sacerdotal, no sentido de louvor e mediação. “Cristo é sacerdote por sua própria existência de Filho de Deus e verdadeiro homem, na unidade de pessoa do Verbo, é mediador entre Deus e os homens”.¹⁶⁷

O fundamento do sacerdócio comum dos fiéis é a Vida em Cristo, fruto que recebemos pelo sacramento do batismo. Esse sacerdócio se refere ao oferecimento da própria pessoa em união com Cristo, de sorte que seja um culto espiritual

¹⁶⁴ BECKHAUSER, A., Símbolos Litúrgicos, p. 21.

¹⁶⁵ GALINDO, F. M., Sacramento da iniciação cristã, p. 59.

¹⁶⁶ LG 34.

¹⁶⁷ BORÓBIO, D., A celebração na Igreja, p. 107.

agradável a Deus (Rm 12,1). Exercemos esse sacerdócio na vida, quando fazemos a oração de intercessão em Cristo por Cristo e com Cristo, pela oração de Louvor, quando professamos em assembleia a nossa fé, não podendo nunca deixar de colocar tudo isso em prática por meio do nosso testemunho evangélico, e pela transmissão da Palavra de Deus.¹⁶⁸ A leiga e o leigo exercem esse sacerdócio comum em suas vidas como consagradores do mundo. Desempenham isso de várias maneiras: na sua vida conjugal, no seu trabalho cotidiano, no seu descanso, tanto do corpo como também do espírito e, por que não, até mesmo nas contrariedades da vida. Quando realizam tudo isso com a devida paciência e perseverança, convertem tudo o que vivem e realizam em sacrifícios agradáveis a Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo.¹⁶⁹

Todos os membros que constituem o Povo de Deus realizam esse sacerdócio que provém de sua união com Cristo pelo batismo, e isso é para sempre e jamais cessará, nem na outra vida. Esse sacerdócio é chamado de sacerdócio comum justamente para se diferenciar do sacerdócio ministerial, que é o que os padres recebem. Para entendermos melhor essa distinção, podemos dizer que o sacerdócio ministerial dos presbíteros está todo a serviço do sacerdócio comum, de toda a comunidade, que é toda ela sacerdotal, a serviço da potenciação do batismo. “Todos os batizados participam desse sacerdócio comum. Todos são, portanto, nesse sentido, sacerdotes. Todos os batizados têm acesso direto a Deus. É Jesus quem no-lo abriu. Confere-se a inabitação do Espírito”.¹⁷⁰

A leiga e o leigo prolongam, na sua vida cotidiana, o sacerdócio de Cristo, buscando, com todo esforço e empenho, encontrar Deus no humano. Essa tarefa não é fácil, pois é necessário colocar toda sua vida seguindo Jesus, a serviço da construção do Reino de Deus e de Sua justiça. O leigo batizado, em sua vida inteira, é chamado a saborear quem é Deus. Sua vocação é viver sua vida de filho de Deus como afirmação de que Deus, que dá a vida, que é misericordioso, que liberta, que salva, que dá felicidade, que impulsiona a viver de maneira plena.¹⁷¹

Sacerdócio significa empenho na superação de divisões e conquista da unidade. No dia a dia, encontramos separações, divisões, discriminações de todo o

¹⁶⁸ BORÓBIO, D., A celebração na Igreja, p. 107.

¹⁶⁹ BORÓBIO, D., A celebração na Igreja, p. 107.

¹⁷⁰ GALINDO, F. M., Sacramentos da iniciação cristã, p. 59.

¹⁷¹ GALINDO, F. M., Sacramentos da iniciação cristã, p. 63.

tipo. Fica aqui a questão: Será possível viver realmente a unidade, a verdadeira paz? O Novo Testamento¹⁷² responde a essa questão de forma positiva, e também apresenta Jesus Cristo como a recapitulação de todos os seres humanos e de todo o cosmo. A Carta aos Efésios deixa claro que, em Jesus Cristo, são possíveis a paz e a reconciliação (Ef 2,14-15). Sim, responde o Novo Testamento, o sonho pode tornar-se realidade, pois Jesus realiza a reconciliação universal e a unidade. Mesmo sabendo que a recapitulação, a paz e a unidade só ocorrerão em plenitude na ressurreição, mesmo assim isso não significa que se trata de uma simples promessa desconectada da vida. Ao contrário, a recapitulação, a união e a paz já estão atuando na criação e na história humana.¹⁷³ O mistério do sentido da história humana é desvendado em Jesus Cristo. O paradigma da nova humanidade para todo cristão encontra-se em Jesus Cristo. Olhando para Ele, sabemos o que significa ser humano no tempo e na história.¹⁷⁴

2.2.2.2

O múnus profético

O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo. Isso se verifica de modo particular pelo sentido sobrenatural da fé de todo o povo, leigos e hierarquia, apegando-se, indefectivelmente, à fé, uma vez para sempre transmitida aos santos.¹⁷⁵ É sabido que o profeta é aquele que dá testemunho através de sua vida, lutando para mostrar a presença de Deus no mundo dos homens. Jesus realizou em sua vida essa dimensão profética. A partir disso, todos os batizados formam uma comunidade com o mesmo compromisso de Jesus. Jesus tinha uma relação amorosa com o Pai, que se manifestou intensamente no seu batismo, revelando a Ele sua vocação profética. Largou tudo e saiu em missão de levar a todos a Boa Nova. “Também o nosso batismo expressa essa relação de

¹⁷² Podemos destacar aqui a Carta aos Efésios. Em Jesus Cristo está a reconciliação e a paz (Ef 2,14). Justamente no prólogo da carta aos Efésios (Ef 1,3-14), afirma-se que a salvação, predestinada desde sempre e revelada, ultimamente consiste em que Jesus Cristo recapitule em si todas as coisas. Os homens encontram sua unificação em Jesus Cristo. E, mediante os homens, o universo todo. A encarnação-ressurreição e a mediação de Jesus Cristo concernem a realidade toda criada, que está destinada, não à destruição, mas à plenitude. RUBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade*, p. 409.

¹⁷³ RUBIO, A. G., *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p. 147.

¹⁷⁴ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 410.

¹⁷⁵ CEC 785.

amor entre os seguidores de Jesus e o Pai, o qual adota todos como filhos, chamados a construir e habitar no Reino”.¹⁷⁶

Profeta quer dizer “porta-voz”. Nesse sentido, todas as leigas e leigos são também profetas. Todos os batizados se unem a Cristo, que é “Palavra de Deus”, Palavra e Sabedoria de Iahweh.¹⁷⁷ Estamos acostumados a usar constantemente a palavra objetiva, ou seja, aquela que define e explica a realidade. Essa palavra é necessária também, no mundo da ciência, da técnica, como, na complexidade de relações administrativas e funcionais do mundo moderno. Diante de toda essa objetividade, corremos o sério risco de não valorizar de forma adequada a palavra que expressa a intimidade de alguém. Estamos falando aqui da palavra vivida como comunicação pessoal, palavra essa que está diretamente ligada à intimidade de outra pessoa. Para trabalharmos com a palavra, nessa dimensão pessoal, é necessário abertura para o outro, como também acolhimento da parte daquele que recebe a comunicação. Essa palavra interpela, desinstala, questiona e certamente enriquece.¹⁷⁸ “Pois bem, em João, o ‘Logos’ não é palavra objetivante, mas a palavra comunicadora da intimidade de Deus: é a comunicação pessoal de Deus”.¹⁷⁹

No homem, Jesus de Nazaré, homem frágil e limitado como nós,¹⁸⁰ encontramos a palavra de Deus, a autocomunicação de Deus, ou seja, o próprio Deus.¹⁸¹ É necessário, então, desempenhar, na sociedade, esse papel de profeta, dentro da nossa realidade, por meio de nossas palavras e atitudes. Todos nós, batizados em Cristo, vamos vivendo, dando o testemunho de que é possível

¹⁷⁶ CNBB, Texto Base Ano Vocacional, p. 36.

¹⁷⁷ Pela palavra-sabedoria, Deus criou o mundo e o ser humano. Essa palavra-sabedoria, sempre presente em Deus, é igualmente salvadora, libertadora e vivificadora: é a palavra-sabedoria que armou sua tenda em Israel (Eccl 24,8). Sem dúvida, tanto a criação quanto a Torá e a pregação profética constituem comunicações de Deus. Mas não são a autocomunicação de Deus. Essa só acontece em Jesus Cristo, uma vez que ele não se limita a comunicar-nos a palavra ou os desígnios de Iahweh: ele próprio, Jesus Cristo, a palavra-comunicação de Deus; ele é o próprio Deus comunicando-se. Sem dúvida, trata-se de uma comunicação qualitativamente diferente daquelas próprias da Torá, da pregação profética e da criação. RUBIO, G. A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 150-151.

¹⁷⁸ RUBIO, G. A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 151-152.

¹⁷⁹ Nesse sentido, o “Logos”, afirma o prólogo do quarto evangelho, é de condição divina (Jo 1,1) e tudo foi criado por meio dele (Jo 1,3). Este “Logos” se fez “sarx” (Jo 1,14). O termo “sarx” indica o ser humano precisamente em sua condição de fraqueza, caducidade e mortalidade. E assim é proclamada a desconcertante novidade: o “Logos”, o próprio Deus se faz limitação e fraqueza humana! RUBIO, A. G., Encontro com Jesus Cristo vivo, p. 151.

¹⁸⁰ Em tudo como nós, exceto no pecado (Hb 4,15).

¹⁸¹ RUBIO, A. G., Encontro com Jesus Cristo vivo, p. 152.

encarnar a “Boa Nova” do Deus de Jesus Cristo, hoje, na vida, e em tudo o que realizamos. “Todo cristão, com sua palavra, ação e testemunho da vida inteira, é corresponsável pela evangelização”.¹⁸² Evangelizar, não somente com palavras, mas principalmente com a própria vida. Trata-se definitivamente de responder de uma forma ativa à interpelação do Deus da vida, comprometendo-se com o anúncio da Boa Nova do Reino, compromisso esse que implica decisão livre do homem.¹⁸³

2.2.2.3 O Múnus Pastoral

O Povo de Deus participa, finalmente, da função Régia de Cristo, que exerce sua realeza, atraindo a si todos os homens, pela sua morte e ressurreição (Jo 12,32). Jesus fez-se servidor de todos, daí vem seu senhorio. É Rei e Senhor do universo, não veio para ser servido, mas para dar a sua vida em resgate de muitos (Mc 10, 45); um senhorio completamente diferente de tudo o que já havia sido visto. Ele deu seu testemunho para que todos os cristãos também reinem e sirvam,¹⁸⁴ particularmente ‘nos pobres e nos sofredores’, nos quais a Igreja reconhece a imagem de seu Fundador pobre e sofredor.¹⁸⁵

“O Povo de Deus realiza sua ‘dignidade régia’, vivendo em conformidade com essa vocação de servir com Cristo”.¹⁸⁶ A partir disso, podemos dizer que o leigo também é rei. Unidos a Cristo, todos nós, batizados, participamos de sua realeza: somos reis com Ele, como explicita o Catecismo da Igreja. Jesus Cristo é Rei e Senhor do universo, porque se fez servidor de todos, não mediu as consequências, aceitou sua missão e, voluntariamente, deu sua vida em resgate de muitos. Passou a sua vida amando, servindo, libertando e salvando. “O batizado participa dessa missão de ‘salvador’ dos homens com uma salvação integral”.¹⁸⁷

Jesus é um servidor, anuncia o Reino de Deus, com suas atitudes instaura novas relações, com ele se desmascaram todas as deturpações idolátricas. Porém, Ele não se contenta somente em anunciar a chegada do Reino; seu anúncio vem

¹⁸² GALINDO, F. M., Sacramentos da iniciação cristã, p. 65.

¹⁸³ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 410-411.

¹⁸⁴ LG 36.

¹⁸⁵ LG 8.

¹⁸⁶ CEC 786.

¹⁸⁷ GALINDO, F. M., Sacramentos da iniciação cristã, p. 65.

acompanhado da realização de sinais concretos dessa chegada (a cura de doentes, o perdão e a reconciliação, a opção pelos pobres e marginalizados etc.). As atitudes de Jesus também constituem sinais da ação do Reino de Deus.¹⁸⁸ Percebemos que, para ser discípulo e discípula de Jesus, é necessário o compromisso pastoral.

Acolhendo a palavra de Jesus, Pedro e seus companheiros começaram a formar o embrião do novo povo de Deus. Um povo diferente, que será conduzido pelo Espírito e que tem como líder um pescador. Fazem uma proposta a outros pescadores, com uma nova missão, evangelizar o mundo, Jesus manifesta a seus seguidores a necessidade de pessoas para segui-lo. Porém, é necessário que essas pessoas estejam dispostas a deixar tudo o que as prende, para partir com Ele e assumir a causa do Reino,⁵⁹ que é de Deus, mas construído por todos nós que cremos nele. “Ide e evangelizai!” (Mc 16,15). Jesus comunicou a Boa nova de maneira clara e simples. Sendo assim, todos nós também podemos comunicar essa grande notícia com simplicidade, como o Mestre fez. Ele entrou, na barca de Simão e pediu para afastarem-se um pouco, assim todos poderiam vê-lo e ouvi-lo. Isso nos mostra que Jesus era criativo, um anunciador itinerante e também um comunicador com criatividade, buscando sempre novas formas para se comunicar com a multidão.

2.3

O Laicato nas Conferências Episcopais Latino-americanas

Com as conclusões do Concílio, inicia-se o complexo processo de sua recepção por parte da Igreja. Na América Latina, tanto em nível diocesano como em nível nacional, esse esforço é notável, com o intuito de informar, formar e transformar o povo de Deus, segundo os ensinamentos do Vaticano II. Destacamos, aqui, a grande contribuição do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), que teve papel muito importante nesse trabalho de divulgação e conscientização da atuação do Concílio Vaticano II na América Latina. Mesmo antes de terminar o Concílio, já surgiam institutos de formação pastoral, litúrgica e catequética, conduzidos pelo CELAM, tanto em nível regional quanto em nível

¹⁸⁸ RUBIO, A. G., Encontro com Jesus Cristo vivo, p. 54.

continental, e assim se multiplicavam os cursos de renovação eclesial. A primeira Conferência aconteceu no Rio de Janeiro, logo após o Congresso Eucarístico Internacional, e a sua grande importância foi a fundação do CELAM.¹⁸⁹ No que diz respeito ao laicato, é feito apenas um apontamento: que será devidamente retomado na segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (Medellín). Nesse primeiro apontamento, diz o documento:

Recorda finalmente que o apostolado dos leigos não deve se reduzir unicamente a colaborar com o sacerdote no campo limitado dos atos de piedade, mas, além de um esforço contínuo por conservar e defender a fé católica, deve ser um apostolado missionário de conquistas para o crescimento do Reino de Cristo em todos os setores e ambientes e particularmente ali onde não pode chegar a ação direta do sacerdote.¹⁹⁰

2.3.1

O dinamismo profético de Medellín

Para que possamos entender bem o significado dessa segunda Conferência Geral Latino-americana, é necessário situá-la no contexto sociopolítico-cultural e eclesial da América Latina do final dos anos sessenta, uma época de significativas mudanças. De modo geral, assiste-se, na América Latina, à passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbano-industrial. Com isso, cresce também a conscientização da necessidade de justiça e de adaptação a essa nova realidade. Aqui, o vocabulário da “libertação” começa a dar seus primeiros passos.¹⁹¹ Nesse contexto, a Igreja também percebe a necessidade de profundas mudanças, de uma renovação. Para se fazer presente nessa realidade, ela agora deve apresentar-se, não só como uma força religiosa e moral, mas também como força política. A situação exige da Igreja uma proposta evangelizadora nova e libertadora. A Igreja não poderia perder a oportunidade histórica que se instaurava, pois se tratava de um momento vantajoso.

Diante disso, a Igreja deveria perceber a urgência e a transcendência desse processo de mudança, que teria de ser energético e sem delongas. A igreja haveria de denunciar claramente os males existentes.¹⁹² Agindo com coragem e

¹⁸⁹ GODOY, M., Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, p. 95-99.

¹⁹⁰ CELAM. Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo, p. 35.

¹⁹¹ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 50.

¹⁹² ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 51.

discernimento, a Igreja levantaria as esperanças daqueles que sofrem. Nesse contexto, poderia aprender a agir de acordo com o próprio Cristo. O grande valor da Conferência de Medellín consistiu no fato de ter reconhecido a situação de miséria e também os desequilíbrios estruturais existentes neste Continente, buscar novos caminhos de libertação e, ao mesmo tempo, ser presença mais ativa no contexto latino-americano.¹⁹³

A Conferência de Medellín procurou ajustar a Igreja à realidade latino-americana. Medellín revestiu-se da intenção e da decisão de encarnar a Igreja na América Latina, num contexto de rápidas transformações e plena de contradições. Essa Conferência gerou dezesseis documentos, todos eles relacionados ao laicato.¹⁹⁴ O Documento número dez, inteiramente dedicado ao laicato,¹⁹⁵ constatou primeiramente desafios, méritos, crises e insuficientes respostas dos leigos em geral, apresentou uma série de critérios teológico-pastorais e, finalmente, várias recomendações e práticas.¹⁹⁶ No campo da promoção humana, aponta o documento que os institutos leigos deveriam partir para uma diversificação de serviços, à luz de uma presença bem compreendida de Igreja, em um mundo em processo de mudanças, a partir do desenvolvimento. Apresenta também como realizar essa presença, que seria a das pequenas comunidades que lutam e vivem do próprio trabalho.¹⁹⁷ No que diz respeito à crise dos movimentos, o documento diz que um dos fatores que a causava era a fraca integração do leigo latino-americano na Igreja. Isso acontecia devido a desconhecimento, na prática de sua legítima autonomia, e também pela falta de assessores devidamente preparados para desenvolver as novas exigências do apostolado dos leigos.¹⁹⁸ Diz também que esse apostolado teria maior transparência de sinal e maior densidade eclesial quando apoiasse seu testemunho em trabalhos de equipes ou, até mesmo, realizando seu testemunho em comunidades de fé, nas quais Jesus Cristo prometeu estar especialmente presente. Dessa forma, os leigos cumpririam sua

¹⁹³ TEIXEIRA, F. L. C., A gênese das CEBs no Brasil, p. 291.

¹⁹⁴ WEIZENMANN, M., Vocação e missão do leigo na Igreja e no mundo, p. 88.

¹⁹⁵ DdM 99-105.

¹⁹⁶ WEIZENMANN, M., Vocação e missão do leigo na Igreja e no Mundo, p. 88.

¹⁹⁷ DdM 19.

¹⁹⁸ DdM 5.

missão de fazer com que a Igreja aconteça no mundo, na tarefa humana e na história.¹⁹⁹

A grande profecia de Medellín foi justamente ter percebido a potencialidade presente nas experiências pastorais nascentes. Isso aconteceu como fruto das experiências que precederam a Conferência, que reconheceu justamente os elementos que poderiam favorecer um novo compromisso com os empobrecidos deste continente.²⁰⁰ Os bispos que se reuniram em Medellín puderam constatar a grave realidade do continente: subdesenvolvimento, miséria, colonialismo externo e interno, marginalização e violência institucionalizada. Diante dessa tomada de consciência da realidade presente, eles reconheceram que a Igreja estava muito mais próxima das minorias dominantes, e foram mais longe, ao afirmar que nem sempre, ao longo de sua história, seus membros, clérigos ou leigos, foram fiéis ao Espírito de Deus. Tendo refletido intensamente sobre essas questões, eles tomaram consciência da necessidade de uma ação eficaz em favor das mulheres e homens deste continente, e o grande objetivo desta ação era, sem dúvida, a libertação dos pobres.²⁰¹

Os bispos apontam que a Igreja latino-americana tem uma grande missão a cumprir e que o destino de sua mensagem se refere especificamente àqueles que se encontram, neste Continente, em estado de fome e que têm de justiça. O Deus que cria o homem e a mulher, segundo sua imagem e semelhança, é o mesmo Deus que cria a terra e tudo o que nela contém para o uso de todas as pessoas e povos. Diante disso, os bens criados devem bastar a todos com igualdade e retidão, dando-lhes, assim, possibilidades para que, solidariamente, transformem e aperfeiçoem o mundo e tudo o que ele contém. Perante a situação de injustiça e opressão em que vive grande parte do povo latino-americano, os bispos que se reuniram em Medellín defendem e combatem com suas conclusões a luta pela verdadeira libertação. Libertação, aqui, significa a transformação de uma realidade de pecado em possibilidade de manifestação do Reino de Deus, ou seja, a superação da fome, da miséria, da opressão e, acima de tudo, da ignorância.²⁰² Diante dessa realidade, a Igreja não pode alienar-se desse projeto de libertação do

¹⁹⁹ DdM 12.

²⁰⁰ TEIXEIRA, F. L. C., A gênese das CEBs no Brasil, p. 292.

²⁰¹ TEIXEIRA, F. L. C., A gênese das CEBs no Brasil, p. 292.

²⁰² TEIXEIRA, F. L. C., A gênese das CEBs no Brasil, p. 293.

homem.

Não obstante, a eclesiologia encontra-se, de certa forma, presente em todos os documentos de Medellín, desde “Justiça” e “Paz” até a “pobreza na Igreja” e a “Pastoral de Conjunto”, passando pela “Catequese e Liturgia”²⁰³. Essa Conferência está consciente da noção de Igreja como “Sacramento universal de salvação”. Essa categoria de Igreja se apresenta como pano de fundo de toda a reflexão sobre a Igreja, na atual transformação de toda a América Latina. Diante disso, a Igreja latino-americana, em Medellín, optou por realizar sua essencial missão de estar a serviço da humanidade, missão essa já desenvolvida e proclamada pelo Concílio Vaticano II, dando total preferência aos mais necessitados. Por isso, a partir desse momento, a autodenominação de “Igreja dos pobres” adquire acentuado realismo.²⁰⁴ Essa visão de Igreja compõe-se também com outras, como: Igreja “mistério de comunhão”, “povo de Deus” e “comunidade”.

Depois dessa exposição, compreendemos mais claramente que Medellín significou um grande passo em direção à opção preferencial pelos pobres, trazendo, com isso, uma sensibilidade maior pela causa da libertação e projetando, assim, renovada potência à raiz do cristianismo. Encontramos também, entre as opções decisivas de Medellín, a opção pelas Comunidades Eclesiais de Base, que são, acima de tudo, uma maneira de os pobres serem Igreja no mundo.²⁰⁵ Diante disso, compreendemos que a ação pastoral da comunidade eclesial deve ser, necessariamente, global, orgânica e articulada. Medellín conclui que as estruturas eclesiais devem ser periodicamente revistas e reajustadas, de tal forma que se possa desenvolver o que se chama Pastoral de Conjunto, quer dizer, toda esta obra salvífica comum exigida pela missão da Igreja em seu aspecto global, “como fermento e a alma da sociedade humana, a ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus”.²⁰⁶

As orientações pastorais de Medellín para a realização dessa renovação da estrutura eclesial nos conduzirão às Comunidades cristãs de base, ou seja, uma comunidade local ou ambiental que corresponda à realidade de um grupo

²⁰³ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 58.

²⁰⁴ ALMEIDA, A. J., Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina, p. 58-59.

²⁰⁵ TEIXEIRA, F. L. C., A gênese das CEBs no Brasil, p. 293.

²⁰⁶ GS 40.

homogêneo.²⁰⁷ O elemento principal para a existência dessas comunidades são seus líderes ou dirigentes, que podem ser sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas ou leigas e leigos. O importante e fundamental é que eles pertençam à mesma comunidade da qual participam. A escolha e formação dos líderes é uma grande preocupação dos párocos e bispos, pois eles devem ter sempre presente, em sua consciência, que a maturidade, tanto espiritual como moral, depende, em grande parte, do compromisso e da responsabilidade exercidas por eles em um clima de desenvolvimento de sua autonomia.²⁰⁸ Dessa forma, os membros dessa comunidade vão “vivendo conforme a vocação a que foram chamados, exercendo assim as funções que Deus lhes confiou; sacerdotal, profética e real”,²⁰⁹ fazendo de sua comunidade, um sinal da presença de Deus no mundo.²¹⁰

Segundo os bispos, a comunidade cristã de base seria a “célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização”. Ao mesmo tempo, seria um fator primordial de promoção humana e de desenvolvimento cristão, realizando assim, de fato, o ideal “da comunidade de fé, esperança e caridade”.²¹¹ A grande contribuição de Medellín para a renovação das estruturas eclesiais, que irá repercutir na vida e na ação da Igreja na América latina, é, sem dúvida, a sua opção pelas Comunidades Eclesiais de Base. Pe. Almeida, em sua pesquisa sobre Medellín, aponta que a comunidade se formará na medida em que seus membros tiverem um sentido de pertença que os conduza a serem solidários, numa missão comum, e também, uma participação ativa e consciente, que produza bons frutos, tanto na vida litúrgica, quanto na convivência comunitária.²¹²

A Comunidade Eclesial de Base, segundo Medellín, será um lugar de vivência da “comunhão” e, a partir daí, deverá transformar-se em família de Deus, em que se estabeleçam relações que edifiquem a vida, na prática das virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade. Dessa forma, seus membros, vivendo conforme a vocação a que foram chamados, possam exercer as funções que Deus lhes confiou, sacerdotal, profética e real, realizando isso em suas comunidades como um sinal da presença de Deus no mundo. Nesse ponto, o que se torna

²⁰⁷ DdM 10.

²⁰⁸ GS 55.

²⁰⁹ AG 15.

²¹⁰ DdM 11-12.

²¹¹ TEIXEIRA, F. L. C., A gênese das CEBs no Brasil, p. 294.

²¹² ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 63.

decisivo é a plena eclesialidade dessa comunidade e, conseqüentemente, o seu caráter de sujeito social eclesial em todas as dimensões da vida eclesial.²¹³ A comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto, que é sua expressão. “É ela, portanto, célula inicial da estrutura eclesial e foco da evangelização e, atualmente, fator primordial de promoção humana e desenvolvimento”.²¹⁴

Assim, será possível perceber que as conseqüências práticas dessas afirmações, no que diz respeito às transformações das estruturas eclesiais, não serão menores do que seu alcance doutrinário. Com efeito, Medellín já declarara que as conseqüências desses apontamentos seriam notadas em vários campos da atividade pastoral da Igreja, como a atividade litúrgica, a catequese e também o apostolado dos leigos e leigas.²¹⁵ A fisionomia de paróquia também deverá ser alterada com essas mudanças; ela se transformará num conjunto vivificador e unificador das comunidades de base.²¹⁶ Encontraremos, nessa paróquia transformada, uma atuação diferente do pároco, que será para ela sinal e princípio de unidade, assistido pela colaboração de representantes leigos e leigas de seu povo, religiosos e diáconos.²¹⁷ Os bispos e os presbíteros são chamados a servir a comunidade como sinais e instrumentos de sua unidade²¹⁸ e, da mesma forma, os leigos gozam nessa comunidade do direito e do dever de colaborar com toda a ação pastoral.²¹⁹

2.3.2

A força histórica de Puebla

A partir da realidade de seu tempo, assim como a de Medellín, a Conferência de Puebla foi muito bem-preparada. Nos vários níveis e setores da Igreja latino-americana, houve um despertar que desembocou num amplo

²¹³ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 64.

²¹⁴ DdM 10.

²¹⁵ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 64.

²¹⁶ DdM 12.

²¹⁷ DdM 13.

²¹⁸ LG 20.

²¹⁹ DdM 16.

processo de participação.²²⁰ Nessa Conferência, a Assembleia decidiu trabalhar sobre um esquema geral, que além de um núcleo introdutório, ainda previa mais cinco núcleos, que são os seguintes: I visão pastoral da realidade Latino-americana; II reflexão doutrinal; III evangelização e participação; IV a Igreja missionária e evangelizadora hoje e no futuro; V ações pastorais. Numerosos temas apareciam claramente em cada núcleo trabalhado, e, de acordo com os respectivos temas, foram formadas vinte e duas comissões de trabalho.²²¹

A Comissão de Articulação, eleita pela Assembleia, desenvolveu o importante papel de se encarregar da unidade redacional ao conjunto de todo o Documento, acrescentando, como introdução-síntese: “A mensagem aos povos da América Latina”. O fato de o Documento Final ter sido aprovado por quase unanimidade não implica uniformidade de visões por parte dos Padres. O que ocorreu foi exatamente um grande esforço, para trabalhar em unidade as divergências e opiniões sobre questões particulares. Não obstante, para que houvesse essa unidade, foi muito importante não só a presença, como também os discursos do Papa João Paulo II, tanto na Conferência, como também fora dela. Não é possível interpretar o Documento de Puebla de forma adequada, sem considerar o processo eclesiológico vivido, na América Latina, nos anos 1960 e 1970, pois, definitivamente, no Concílio e em Medellín houve dois marcos de particular transcendência.²²² Segundo o Papa João Paulo II, Medellín quis ser um impulso de renovação pastoral e também um novo espírito em relação ao futuro, com plena fidelidade eclesial, atenta à interpretação dos sinais dos tempos na América Latina.²²³ O Documento de Puebla vai insistir nessa mesma linha de reflexão, estabelecendo, assim, uma continuidade entre Medellín e Puebla.²²⁴

Nossa pesquisa tem como objetivo concentrar-se, na atuação das leigas e leigos na América Latina, aproximamo-nos do Documento de Puebla com um

²²⁰ Os frutos mais tangíveis em vista da preparação da futura Assembleia foram o Documento de Consulta (1977), e o Documento de trabalho (1978). Essa Conferência foi inaugurada pelo Papa João Paulo II, no Seminário Palafoxiano de Puebla Los Angeles, no dia 28 de janeiro de 1979. Fizeram o discurso inicial o Papa e os copresidentes, Sebastião Baggio, Aloísio Lorscheider e Ernesto Corripio. Assim, como nas outras Conferências, os trabalhos se iniciaram com a discussão, a votação e também, a aprovação da dinâmica e metodologia dos trabalhos, que foram preparados pelos padres Andrés Vela e José Marins. ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 87.

²²¹ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 87.

²²² ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 91.

²²³ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 92.

²²⁴ DP 25, 88-89, 1134, 1165.

olhar voltado à realização do laicato neste Continente. Em decorrência e ao mesmo tempo dentro da dimensão eclesiológica já citada anteriormente, Puebla refletiu sobre a missão, a vocação e a atuação do leigo na Igreja e no mundo. Puebla reconhece, no seio da Igreja latino-americana, uma crescente tomada de consciência da necessidade da presença dos leigos na sua missão evangelizadora. Com isso, quer incentivar o laicato a dar seu testemunho de dedicação cristã, contribuindo com a tarefa de apresentar a fisionomia de uma Igreja comprometida com a promoção da justiça em nossos povos.²²⁵ Os leigos começam a sentir uma interpelação diante dos sistemas e estruturas que, devido ao desigual processo de industrialização, urbanização e transformação cultural, aprofundam dia a dia as diferenças socioeconômicas, realidade que vem afetar direta e principalmente as massas mais populares, crescendo, com isso, fenômenos de opressão e marginalização.²²⁶ Diante dessa realidade, os leigos encontram, na doutrina social da Igreja, critérios adequados, que à luz da visão cristã auxilia os homens nas realizações socioeconômicas deste Continente.²²⁷

Continuando essa análise da realidade latino-americana, o Documento coloca que o indiferentismo, mais do que o ateísmo, é um problema que se encontra enraizado, tanto em grupos intelectuais, como em grupos de profissionais, chegando também aos jovens e até a classe operária. A própria ação positiva da Igreja em defesa dos direitos humanos, assim como o seu comportamento em relação aos pobres, tem levado grupos economicamente poderosos que se consideram líderes do catolicismo, a se sentirem como que abandonados pela Igreja, a qual, segundo eles, teria deixado de lado sua missão espiritual. Ainda existe outro grupo que se diz católico, porém “a sua maneira”, pois não mais acata as orientações básicas da Igreja. Pior do que isso, são aqueles que valorizam mais a própria “ideologia” do que sua fé e pertença à Igreja.²²⁸

Esses problemas são ainda agravados pela ignorância religiosa que existe em todos os níveis apresentados, desde os intelectuais até os totalmente analfabetos. Mesmo diante de todas essas questões, é possível comprovar um progresso positivo por meio da catequese, de uma maneira especial da catequese

²²⁵ DP 777.

²²⁶ DP 778.

²²⁷ DP 525.

²²⁸ DP 79.

voltada para os adultos.²²⁹ Essa ignorância religiosa citada anteriormente somada com o indiferentismo, leva, com certeza, muitas pessoas a não mais considerarem os princípios morais, pessoais e sociais, e acabam se fechando, na pobreza do ritualismo abstrato ou até mesmo, na prática meramente social de certos sacramentos e de exéquias, reduzindo pequenos atos a sinal de pertença a Igreja.²³⁰

Outra questão importante é a secularização, que tem enfraquecido o valor religioso, esse secularismo que volta às costas a Deus e nega Sua presença na vida pública. Esta “falsa” imagem de Deus vai levar também a uma equivocada visão de Igreja, que passa a ser alvo de incompreensões que, inevitavelmente causa o afastamento de determinados grupos sociais.²³¹ Nessa realidade, a vitalidade das CEBs, começa a dar seus frutos. Elas são uma das fontes de onde brotam os novos ministérios confiados aos leigos, como: animação de comunidade, catequese e atividade missionária.²³² Da mesma forma, florescem outros grupos eclesiais de cristãos formados essencialmente por leigos e leigas que, à luz do Evangelho, refletem sobre a realidade e buscam formas originais de exprimir sua fé na Palavra de Deus. Assim, colocam em prática, tudo aquilo em que creem.²³³

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são tratadas, especificamente, na terceira parte do Documento: A evangelização na América Latina: comunhão e participação. No primeiro capítulo da terceira parte são apresentados os centros de comunhão e participação, e, no segundo, abordam-se as comunidades eclesiais de base, sobre a paróquia e também a Igreja particular. O que se pretende aprofundar é a consideração da família como “Igreja doméstica”, assim como a Paróquia e a Igreja particular.²³⁴ Para trabalhar essas questões, na introdução geral aos centros de comunhão e participação, o Documento faz esta afirmação:

[...] o mistério da Igreja, como comunidade fraterna da caridade teologal, fruto do encontro da Palavra de Deus e da celebração do Mistério Pascal de Cristo Salvador na Eucaristia e nos demais sacramentos, confiada ao Colégio Apostólico presidido por Pedro para evangelizar o mundo, chega a enraizar-se e tende a desenvolver o seu dinamismo transformador da vida humana, tanto pessoal como social, em

²²⁹ DP 81.

²³⁰ DP 82.

²³¹ DP 82-83.

²³² DP 97.

²³³ DP 99.

²³⁴ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 109

diversos níveis e circunstâncias, que constituem Centros ou lugares preferenciais de evangelização, cujo intuito é edificar a Igreja e promover sua irradiação missionária.²³⁵

Quando introduz as considerações sobre as comunidades eclesiais de base, a paróquia e a Igreja particular, o Documento se exprime desta forma: “A Igreja é o Povo de Deus, que manifesta sua vida de comunhão e serviço evangelizador em diversos níveis e sob diversas formas históricas”.²³⁶ A origem das CEBs deve ser situada, na extraordinária proliferação de confrarias e irmandades de leigos, que chegam a ser a espinha dorsal da vida religiosa dos crentes, como também a fonte mais fecunda dos atuais movimentos comunitários da Igreja latino-americana.²³⁷ Essas comunidades em Medellín eram apenas uma experiência iniciante; agora, elas cresceram e se multiplicaram, e já começam a dar seus frutos.²³⁸

Distinguem-se como comunidades, porque incorporam as famílias, adultos e jovens, numa íntima relação interpessoal, na fé. Podem ser caracterizadas como eclesiais, porque são, acima de tudo, comunidades que se unem, na fé, esperança e caridade; E porque, juntas, celebram a Palavra de Deus e nutrem-se da Eucaristia. Assim, realizam a Palavra de Deus na vida, e pela solidariedade assumem o compromisso com o mandamento novo de Jesus Cristo.²³⁹ Os membros dessa comunidade também lutam e buscam realizar uma vida mais evangélica, no meio do povo, e com seu testemunho colaboram também com os questionamentos sobre as raízes egoístas e consumistas da sociedade neste Continente. Dessa forma, torna-se explícita a vocação de todos de viverem em comunhão com Deus e com os irmãos.²⁴⁰

Em sua análise sobre a atividade das CEBs, Pe. Almeida observa que, de Medellín a Puebla, essas comunidades, não só se consolidaram, como também se multiplicaram, tornando-se grandes centros de evangelização, ainda mais, tornaram-se fatores de desenvolvimento em total comunhão com o Bispo. São muitos os frutos dessas comunidades, não obstante, surgem os novos ministérios confiados às leigas e leigos, embora o ambiente seja adequado para o surgimento

²³⁵ DP 567.

²³⁶ DP 96-98.

²³⁷ DP 9.

²³⁸ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 109-110.

²³⁹ DP 109.

²⁴⁰ DP 233.

de diáconos, pois, na maioria das vezes, as tarefas pastorais são entregues aos leigos.²⁴¹ O Documento afirma que, por todos seus aspectos positivos e por suas consequências alentadoras, deve-se reconhecer a vitalidade das CEBs e promovê-las, em comunhão com os pastores.²⁴² Para isso, os Bispos se comprometem-se a promover, orientar e acompanhar as CEBs em continuidade com o espírito de Medellín, seguindo os critérios do Concílio Vaticano II. Comprometem-se, também, a favorecer seu descobrimento, bem como a auxiliar na formação gradual de seus animadores.²⁴³

Sobre o laicato, o Documento de Puebla afirma que é somente por meio da prática do diálogo aberto e construtivo será possível transformar as dolorosas tensões doutrinárias, pastorais e psicológicas que ainda subsistem entre agentes pastorais de diversas tendências. Para que isso seja realizado, os sacerdotes têm se reunido em grupos, nos quais colaboram, pastoralmente, religiosos e também leigos e leigas.²⁴⁴ Com isso, aumentou, de forma significativa, entre os leigos, o sentido de pertença à Igreja, não só pelo compromisso eclesial mais estável, como também por sua participação mais ativa, nas assembleias litúrgicas e nas tarefas apostólicas. Por outro lado, o Documento salienta que o compromisso do laicato com o temporal, tão necessário para a mudança de estruturas, ainda tem sido insuficiente.²⁴⁵ Isso acontece porque, de alguma forma, ainda se valoriza mais a necessidade de participação do laicato na vida interna da Igreja.²⁴⁶ Nessa participação, porém, a mulher merece uma citação especial, visto que, tanto as religiosas, como as mulheres dos institutos seculares e as leigas, participam ativamente das tarefas pastorais, embora ainda em muitos lugares ainda exista resistência a essa participação.²⁴⁷

A Igreja esforça-se para ser independente dos poderes do mundo, para dispor de um amplo espaço de liberdade que lhe permita realizar seu trabalho apostólico sem interferências estranhas à fé que professa. Realiza isso por meio do exercício do culto, da educação da fé e do desenvolvimento de atividades que

²⁴¹ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 110.

²⁴² DP 648.

²⁴³ DP 703, 833.

²⁴⁴ DP 102.

²⁴⁵ DP 125.

²⁴⁶ DP 125.

²⁴⁷ DP 126.

levam os fiéis a realizarem sua vida privada, familiar ou social, pautados, nos imperativos morais, que emanam dessa mesma fé. Dessa forma, livre de compromissos estranhos, com seu testemunho e empenho na educação, a Igreja merecerá mais credibilidade e será realmente ouvida.²⁴⁸ Além disso, a Igreja deve arrebatar novos agentes de pastoral, sejam clérigos, religiosos ou leigos e leigas. Deve também esforçar-se para adaptar a formação de seus agentes de acordo com as exigências de suas comunidades e ambientes em que vivem.²⁴⁹

O Documento, dirigindo-se diretamente aos leigos, destaca a importância de enfatizarem sua ação, tanto quanto desempenhar os seus ministérios, na Igreja e para a Igreja, e também, quando são enviados para estar à frente de suas realizações no mundo. A partir de suas realizações, refazem os valores do mundo de acordo com o plano de Deus, transformando, com isso, as estruturas sociais, econômicas e políticas.²⁵⁰ Nessa questão, de anúncio do Evangelho ao mundo, o Documento faz uma relação de outros temas importantes: dimensão universal e critérios de evangelização;²⁵¹ evangelização e cultura,²⁵² isso enquanto a cultura é vista como instrumento do anúncio do Evangelho;²⁵³ evangelização e religiosidade popular;²⁵⁴ comunicação social.²⁵⁵ Por tudo isso, o laicato necessita de um sólido apoio, tanto em sua vida como em sua ação, e deve ser incorporado às organizações e movimentos apostólicos, assim como devem ser potencializados todos os instrumentos que o conduzam a uma sólida formação. Somente assim, se alcançará um laicato amadurecido e verdadeiramente evangelizador.²⁵⁶ Os Bispos reconhecem as dificuldades encontradas para a evangelização deste Continente, porém, seu olhar é repleto de esperança:

Estamos conscientes de nossa insuficiente proclamação do Evangelho das carências de nosso povo e sua vida de fé. No entanto, somos herdeiros de quase 500 anos de história evangelizadora e dos esforços realizados principalmente depois de Medellín, vemos com prazer que o abnegado trabalho do clero e das congregações religiosas, o desenvolvimento das instituições católicas e dos

²⁴⁸ DP 144.

²⁴⁹ DP 153.

²⁵⁰ DP 154.

²⁵¹ DP 342-384.

²⁵² DP 385-443.

²⁵³ DP 393-395.

²⁵⁴ DP 444-469.

²⁵⁵ DP 1063-1095.

²⁵⁶ DP 155.

movimentos apostólicos dos leigos, dos grupos de jovens e das comunidades eclesiais de base que tem produzido, em numerosos setores, uma aproximação maior ao Evangelho e a busca da face sempre nova de Cristo, que cumula seus legítimos anseios de libertação integral.²⁵⁷

Essa dimensão de fazer o Evangelho, no mundo, está também relacionada com diversos temas abordados pela Conferência de Puebla: evangelização e cultura; evangelização ideologia e política; laicato; educação; ação da Igreja ao lado dos construtores da sociedade pluralista; ação da Igreja em favor da pessoa, na sociedade nacional e internacional; opção preferencial pelos pobres. Nesse momento, consideramos pertinente nos aproximar das colocações referentes à ação política e à postura dos leigos e leigas neste Continente. A política é reconhecida como “um aspecto relevante da convivência humana”,²⁵⁸ por isso, foi declarada objeto de evangelização por parte da Igreja. Sendo assim, os leigos e leigas devem sentir-se, de maneira particular, interpelados por essa configuração injusta dos sistemas e estruturas deste Continente.²⁵⁹

Cabe aos leigos e leigas contribuírem, de maneira eficaz, para apresentar a face de uma Igreja totalmente engajada na promoção da justiça. Para que possam realizar essa tão árdua tarefa, a educação promovida pelas instituições católicas não deve perder de vista a situação histórica e concreta do pecado tanto individual, como social em que o homem de hoje se encontra.²⁶⁰ Cabe a essas instituições preparar os agentes para a mudança orgânica e permanente exigida pela sociedade da América-Latina.²⁶¹ Por isso, é interessante distinguir, nesse campo da política, aquilo que realmente corresponde aos leigos e leigas, e saber, ao mesmo tempo, diferenciar as responsabilidades dos religiosos, e mais, o que compete aos ministros da unidade da Igreja, o Bispo e seus presbíteros.²⁶² Contudo, sabemos que ainda não se deu suficiente atenção à formação da fé dos cristãos responsáveis, tanto nos organismos intermediários do bairro, quanto no mundo operário e até mesmo no agrário. O Documento aponta as consequências dessa insuficiente formação. “Quem sabe, por isso mesmo não tenha faltado membros de comunidades ou comunidades inteiras que, atraídos por instituições

²⁵⁷ DP 173.

²⁵⁸ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 101.

²⁵⁹ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 102.

²⁶⁰ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 102.

²⁶¹ DP 777.

²⁶² DP 520.

puramente leigas ou ideologicamente radicalizados, vão perdendo o autêntico senso eclesial”.²⁶³

O Documento também afirma que, no âmbito da Igreja particular, é importante garantir uma constante formação, para propiciar a renovação dos agentes e pastorais, e também promover a espiritualidade, por meio de cursos de capacitação, centros de retiro e dias de oração. Da mesma forma, é necessário insistir para que as cúrias diocesanas cheguem a ser centros eficazes de promoção pastoral, tanto em nível de catequese e liturgia, como de serviços que promovam a justiça e a caridade, reconhecendo sempre o valor pastoral dos serviços administrativos. O Documento avança, e apresenta a necessidade de especial desempenho e integração dos Conselhos diocesanos de pastoral, como também de outros organismos que, mesmo que apresentem algumas dificuldades, são indispensáveis para o planejamento; portanto devem estar em constante acompanhamento da ação pastoral na vida de toda a diocese.²⁶⁴

Não obstante, é fundamental que os pastores contribuam com sensibilidade evangélica e colaborem para aperfeiçoar essa tomada de consciência que conduz à ação do laicato, tanto em sua vocação específica secular, como em uma participação mais responsável, na vida da Igreja, inclusive mediante os diversos ministérios.²⁶⁵ Muito se observou sobre a questão dos ministérios, porém, esse tema nunca se esgota, portanto sempre voltaremos a essas questões. Isso porque a Igreja é uma totalidade ministerial internamente diversificada a serviço do Evangelho. Existe um desdobramento, numa variedade de serviços e ministérios eclesiais, que estão ordenados ao mesmo fim: a evangelização do Reino, em um único grande ministério eclesial.²⁶⁶ Invocando o verdadeiro testemunho da Escritura, Puebla diz: “desde o princípio, houve na Igreja diversidade de ministérios, cuja finalidade é a evangelização”.²⁶⁷

Todos são agentes de evangelização, todos são responsáveis por essa árdua, mas honrosa missão de evangelizar todas as pessoas, assim como todos os ambientes.²⁶⁸ Diante disso, ainda que todos sejam chamados a participar da vida e

²⁶³ DP 630.

²⁶⁴ DP 654.

²⁶⁵ DP 671.

²⁶⁶ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 111.

²⁶⁷ DP 671.

²⁶⁸ DP 649.

da missão da Igreja, não são chamados do mesmo modo nem desempenham o mesmo papel, a mesma função. Uns realizam sua missão como ministros hierárquicos, outros como leigos, os ministérios leigos e outros, através da vida consagrada. Um complementa o outro, construindo juntos os Reinos de Deus na Terra, de acordo com a nossa vocação humana e cristã específica. Dentro dessa ministerialidade global de toda a Igreja, todos comungam da mesma missão, mas com funções e modalidades diversificadas. Os leigos e leigas podem sentir-se chamados a colaborar com seus pastores, na comunidade eclesial para seu crescimento, exercendo diversos ministérios, conforme a graça e os carismas que o Senhor lhes conceder.²⁶⁹

O Documento também se preocupa em descrever o perfil desses ministérios, afirmando que os que podem ser conferidos aos leigos e leigas são serviços realmente importantes, na vida eclesial. No plano da palavra, da liturgia ou também da direção da comunidade, essas tarefas devem ser exercidas por leigos e leigas com estabilidade, pois foram reconhecidos publicamente e conferidos por quem de direito.²⁷⁰ Em termos pastorais, o Documento também apresenta as características dos ministérios que podem ser recebidos pelos leigos e leigas: a) não clericalizam aqueles que o recebem; b) devem ter uma vocação ou aptidão ratificada pelos pastores; c) orientam-se para a vida e crescimento das comunidades eclesiais, sem perder de vista o serviço que essa deve prestar ao mundo; d) são variados e diversos, de acordo como os carismas dos chamados e as necessidades das comunidades, mas coordenados como ministérios hierárquicos.²⁷¹

No entanto, todos esses ministérios, no seu exercício concreto, estão sujeitos a alguns riscos que devem ser evitados, os quais constam também no Documento: a) a tendência à clericalização dos leigos e leigas ou a reduzir ao compromisso do laicato somente àqueles que receberam algum ministério, deixando de lado sua função fundamental que é a sua inserção nas realidades temporais, como também suas responsabilidades familiares; b) não se deve promover tais ministérios apenas como estímulo puramente individual, há de estar sempre presente o contexto das necessidades comunitárias; c) o exercício dos ministérios, por parte de alguns

²⁶⁹ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 113.

²⁷⁰ ALMEIDA, A. J., Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina, p. 113.

²⁷¹ DP 811-814.

leigos e leigas, não deve diminuir a participação dos demais.²⁷² Diante de todas essas colocações, não podemos esquecer o essencial, que é o Espírito Santo que está sempre suscitando, na Igreja, essa diversidade de ministérios, que são também exercidos por leigos capazes de rejuvenescer e reforçar o dinamismo evangelizador da Igreja.²⁷³ Esse é um chamado gratuito de Deus, uma vocação divina, que deve ser percebida graças a um discernimento, escutando-se sempre a voz do Espírito Santo, colocando-se diante do Pai, por Cristo, frente à comunidade real concreta e histórica à qual se há de servir.²⁷⁴

A mulher também foi lembrada, nesse Documento. Foi realizada uma análise sobre a sua situação, exaltando-se sua dignidade, para mostrar sua importante participação na vida da Igreja, inclusive por meio da constatação de ministérios não-ordenados:

A mulher, com suas aptidões características, deve contribuir eficazmente para a missão da Igreja, participando em organismos de planejamento e co-ordenação pastoral, catequese, etc. A possibilidade de confiar às mulheres ministérios não-ordenados lhes abrirá novos caminhos de participação e vida na Igreja.²⁷⁵

O Documento também destaca que a raiz e o significado da missão do laicato encontra-se em seu ser mais profundo, que o Vaticano II se preocupou em sublinhar, em alguns documentos, alguns aspectos sobre os quais já tivemos a oportunidade de refletir, mas que sempre devem ser retomados: “a) o Batismo e a Confirmação o incorporam a Cristo e o tornam membro da Igreja: b) participa a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo e exerce-a na condição que lhe é própria; c) a fidelidade e coerência com as riquezas e exigências do seu ser lhe conferem a identidade de homem de Igreja no coração do mundo e do homem do mundo no coração da Igreja”.²⁷⁶ Por isso, não podemos deixar de ressaltar a necessidade dessa íntima comunicação entre os leigos e leigas e seus pastores, visto que o laicato contribui para construir a Igreja como comunidade de fé, de oração, de caridade fraterna, e faz isso por meio da catequese, da vida sacramental, da ajuda a seus irmãos. Enfim, daí segue-se a multiplicidade de

²⁷² DP 815-817.

²⁷³ DP 858.

²⁷⁴ DP 860.

²⁷⁵ DP 845.

²⁷⁶ DP 786.

formas de apostolado, cada uma das quais enfatiza algum dos aspectos acima mencionados.²⁷⁷

No entanto, seguindo as orientações do Documento, é no mundo que o leigo e a leiga encontram seu campo específico de ação. “Pelo testemunho de sua vida, por sua palavra oportuna e sua ação concreta, o laicato tem a responsabilidade de ordenar as realidades temporais para colocá-las a serviço da instauração do Reino de Deus”.²⁷⁸ “Nesse vasto e complexo mundo das realidades temporais, algumas vão exigir do laicato uma atenção especial, como a família, a educação, as comunicações sociais”.²⁷⁹ Não obstante, entre essas realidades temporais, não podemos deixar de salientar – como já fizemos anteriormente – a atividade política. “Essa atividade abarca um vasto campo, desde a ação de votar, passando pela militância e liderança em algum partido político, até o exercício de cargos públicos em diversos níveis”.²⁸⁰ Também em todas essas questões, o laicato deve buscar e promover o bem comum, trabalhando, “na defesa da dignidade do homem e também de seus intransferíveis direitos, promovendo, assim, a promoção dos mais fracos e necessitados, e buscando construção da paz, da liberdade, da justiça, enfim, a construção de estruturas mais justas e fraternas”.²⁸¹ “Não podemos deixar de citar que os pobres e os jovens constituem a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina”.²⁸²

Em nosso continente latino-americano, que é marcado por intensos problemas de injustiça que no decorrer da história foram se agravando, os leigos e leigas não podem se desobrigar de um sério compromisso com a promoção da justiça e do bem comum. Precisam estar sempre iluminados pela fé, guiados pelo Evangelho e pela doutrina social da Igreja, mas orientados ao mesmo tempo pela inteligência e aptidão, tudo isso em vista de uma ação eficaz. “Para o cristão não basta a denúncia das injustiças, pede-se-lhe que seja verdadeiramente testemunha e agente da justiça”.²⁸³ A igreja, por meio de inumeráveis sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos e leigas, tem estado presente entre os mais pobres e

²⁷⁷ DP 788.

²⁷⁸ DP 789.

²⁷⁹ DP 790.

²⁸⁰ DP 791.

²⁸¹ DP 792.

²⁸² DP 1132.

²⁸³ DP 793.

necessitados, seja pregando a mensagem do Evangelho e pondo em prática, por meio das obras de caridade, a promoção integral do homem. “Assim vai dando o testemunho de que o Evangelho tem força para elevar e dignificar toda a humanidade”.²⁸⁴

Os Bispos reunidos, em Puebla, reconhecem a situação em que vivem nossos povos. Por isso, afirmam que os frutos do Espírito que formam o núcleo do nosso testemunho exigem que, tanto a hierarquia como o laicato e os religiosos, vivam numa contínua autocrítica, à luz do Evangelho. “Isso deve acontecer em nível pessoal para que, venham a se despojar de qualquer atitude que não seja evangélica e desfigure a fisionomia de Nosso Senhor Jesus Cristo”.²⁸⁵ Essa deve ser sempre a nossa opção pastoral: a própria comunidade cristã, seus leigos e leigas, seus pastores, ministros e seus religiosos devem converter-se cada vez mais ao Evangelho, “para que possam se evangelizar uns aos outros”.²⁸⁶

2.3.3

A síntese de Santo Domingo

Medellín, Puebla e Santo Domingo não se contradizem; completam-se, pois cada um deles é um instrumento de Deus no seu tempo. As experiências pastorais legitimadas pelo Concílio Ecumênico, assim como o clima eclesial após o Vaticano II, no contexto dinâmico da América Latina, com seus sonhos, desafios e esperanças, levam, sem dúvida, este continente a viver momentos de total vitalidade e transformação eclesial. As Conferências de Medellín e Puebla, com discernimento, conseguiram canalizar as grandes aspirações dos cristãos. Diante de tal transformação, à luz do Concílio Vaticano II, ofereceram orientações significativas para a prática eclesial nessas décadas. Com isso, também cresceu a consciência de que pertencemos a um continente empobrecido, mas, ao mesmo tempo, extremamente religioso – e este é um duplo desafio para a América Latina no novo milênio. Santo Domingo tem como desafio ser uma continuação linear na tradição eclesial latino-americana. Neste continente, a experiência é de novos tempos, pois as transformações, na sociedade, na década de 80, já se tornam

²⁸⁴ DP 965.

²⁸⁵ DP 972.

²⁸⁶ DP 973.

bastante evidentes,²⁸⁷ e as transformações culturais vão acenar para uma mudança de civilização. “Há mudança também, no campo da economia, após a queda do socialismo real, o que dá força ao mercado como única solução”.²⁸⁸

Também a evolução da ditadura para a democracia formal vai contribuir para essa significativa mudança, que, juntamente com a consolidação do neoliberalismo, acarreta consequências sociais na vida do povo deste continente. As mudanças não param aqui, visto que o avanço da urbanização e da modernização tecnológica vão desembocar numa forma específica de trabalho que faz surgirem novas relações trabalhistas. “Surgem, também: a engenharia genética, o crescimento na área da informática e a força desmedida dos meios de comunicação social”.²⁸⁹

Apesar de todas essas constatações, podemos observar que a população, em nosso continente, encontra-se cada vez mais pobre e marginalizada. O clamor do povo escutado em Medellín e percebido como ameaçador em Puebla, em Santo Domingo torna-se ainda mais ameaçador, justamente porque não está mais sendo valorizado, sendo até esquecido. Evidentemente, toda essa mudança afeta também a Igreja, e os bispos continuam se esforçando para perscrutar os sinais dos tempos. Já é possível perceber deslocamentos entre a missão *ad extra* para o interno da Igreja, como também um deslocamento do comunitário para o individual, de uma espiritualidade manifestada por meio do testemunho para uma espiritualidade abstrata. “A IV Conferência em Santo Domingo vai refletir a partir desse panorama, pois o Espírito Santo, mais do que nunca, coloca a Igreja diante da necessidade de discernimento e, ao mesmo tempo, da necessidade de docilidade frente ao novo que desponta, na mística da esperança”.²⁹⁰

A fase preparatória dessa Conferência também irá seguir os passos apontados pelo CELAM que, mais uma vez, encarrega-se da missão de preparar a Conferência Geral Latino americana, mediante documentos preparatórios e seminários específicos em várias regiões do continente. “A Redação do

²⁸⁷ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 13.

²⁸⁸ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 14.

²⁸⁹ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 14.

²⁹⁰ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 15.

Documento de Consulta (1989) foi devidamente estudada entre os Bispos do Brasil, Porto Rico, Guatemala e Colômbia. A redação final, realhada em 1991, partiu de “Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã”, um tema bem elaborado e com pistas pastorais bem definidas”.²⁹¹

Em fevereiro de 1992, o CELAM reuniu-se novamente em Bogotá. Nessa reunião, os secretários da Conferência Episcopais de todos os países latino-americanos, propuseram com propriedade que todas essas contribuições fossem devidamente publicadas. Sem dúvida, esse foi um momento decisivo para Santo Domingo.

O discurso Inaugural foi realizado pelo Papa João Paulo II. Na primeira parte, ele insistiu numa evangelização centrada, na pessoa de Jesus Cristo, Senhor da História. Insistiu também na fidelidade ao Concílio Vaticano II em continuidade com Medellín e Puebla. Na segunda parte de seu discurso, reafirmou a nova evangelização como ideia central de toda a temática da Conferência, bem como a necessidade de uma resposta integral, pronta e ágil, que viesse a fortalecer a fé deste povo em todas as suas dimensões. Na terceira parte, ele falou sobre a necessidade da promoção humana, e descreveu vários elementos que apontam para a perspectiva de uma nova evangelização. Nesse ponto, afirmou que a promoção humana é parte essencial de toda a mensagem cristã e que a opção pelos pobres é firme e irrevogável, porém, não baseada em critérios sociológicos, mas no Evangelho. “O Papa, nesse ponto, insistiu que a América Latina sofre uma injustiça institucionalizada, denunciou a negação da dignidade humana, na família, na juventude, nas crianças, e propôs uma economia de comunhão e participação de bens”.²⁹² Concluindo seu discurso, tratou da cultura cristã. Nesse ponto, o Santo Padre retomou o tema da evangelização das culturas, na mesma perspectiva do Concílio Vaticano II, e encerrou apontando os caminhos de esperança e citou alguns desafios para a Igreja nesta hora decisiva de uma nova evangelização.

No que diz respeito à metodologia pastoral, na elaboração do trabalho as comissões foram convidadas a apresentar um esquema diferente da tradicional

²⁹¹ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 16.

²⁹² PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 18-19.

metodologia – ver, julgar e agir. A proposta era que se apresentassem conforme um novo esquema de iluminação teológica, elaborando novos desafios e linhas pastorais. Porém, o risco desse novo esquema era de tornar o texto muito doutrinário e, com isso, passível de limitar a perspectiva latino-americana, bem como a relação Igreja-mundo, fé-vida.²⁹³ Os bispos estiveram de acordo, no essencial, porém é possível perceber algumas acentuações diversas que revelaram modelos diferentes de Igreja. Alguns temas receberam maior atenção no conjunto das conclusões. “A cristologia centraliza todo o Documento, e as opções pastorais de Medellín e Puebla estão, de certa forma, legitimadas em Santo Domingo. Não podemos deixar de destacar que a evangélica opção preferencial pelos pobres se apresenta ainda mais fortificada no Documento de Santo Domingo”.²⁹⁴

Finalmente, chegamos ao foco de nossa pesquisa: os leigos e leigas, nessa Conferência, são apresentados como protagonistas da nova evangelização. Isso leva ao questionamento sobre a prática eclesial: como será esta nova evangelização, tendo os leigos e leigas como protagonistas? Na missa, com o tema “laicato”, o presidente Dom Serafim, fez esta colocação:

Será inconcebível uma nova evangelização sem o derramamento do Espírito do Senhor em milhões de ministérios leigos em cada povo, em cada comunidade. É preciso que, na ordem temporal, os leigos e leigas brilhem como pontos de luz, sinalizando a luz da fé e do compromisso.²⁹⁵

Os bispos, nessa Conferência, afirmam que as nossas Igrejas particulares, unidas na esperança e no amor, sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe e em comunhão com o Santo Padre, e sem descuidar da continuidade com as orientações pastorais de Medellín e Puebla, comprometem-se a trabalhar por uma nova evangelização de nossos povos. Nessa nova evangelização, todos são chamados, dando-se atenção ao protagonismo do laicato, assim como, uma ênfase especial à pastoral vocacional e à promoção integral do povo latino-americano e caribenho, realizando assim uma evangélica e renovada opção pelos pobres, sempre a serviço da vida e da família. “Deve-se procurar realizar uma

²⁹³ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 26.

²⁹⁴ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 28.

²⁹⁵ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 28.

evangelização inculturada, que possa penetrar nos ambientes de nossas cidades e que encarne em nossas culturas nativas e afro-americanas o Evangelho, por meio de uma ação educativa e também de uma moderna comunicação”.²⁹⁶

Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã foi o tema desta IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. “Esses três conceitos podem dar, a princípio, a impressão de serem independentes entre si, mas, em Santo Domingo, encontram-se muito bem articulados e unidos por sua atualidade”.²⁹⁷ Avançaremos, neste momento, sobre o que falou Santo Domingo sobre o Protagonismo do laicato, visto que um dos *leitmotiv* desse Documento é a problemática da separação entre fé e vida. Essa reflexão aparece, nesse contexto, para incentivar que a fé se traduza no verdadeiro empenho pela transformação social, “e com isso cesse o escândalo já denunciado em Puebla”.²⁹⁸

2.3.4 Santo Domingo e o laicato

Em 1988, o Sínodo dos Bispos refletiu sobre a realidade do laicato, não obstante, observa-se sua pouca participação, devido à índole episcopal desse Sínodo. Foi também nesse Sínodo que os bispos puderam constatar a carência de uma teologia específica sobre o laicato, bem como sobre a sua base, o sacerdócio comum dos fiéis. Ainda permanece, na Igreja, uma teologia que provém de épocas e contextos pré-conciliares, que não tem nada de cristão porque ainda contrapõe clérigos e laicato. “Carlos Bravo Gallardo”,²⁹⁹ em sua pesquisa, afirma que todos nós, cristãos, “deveríamos sentir essa situação como intolerável, não somente pelas consequências práticas de passividade e infantilismo, mas também pela perda de dinamismo do espírito missionário que essa situação implica”.³⁰⁰

O clericalismo é uma deformação de consciências dos membros da Igreja, tanto da hierarquia como do povo, e converte-se, num muro de separação entre o laicato e o clero; definitivamente, esse muro precisa ser derrubado. O que

²⁹⁶ PINHEIRO, J. E., Tentativa de uma visão Global da IV Conferência Episcopal Latino-Americana, p. 31.

²⁹⁷ TABORDA, F. A. C., Nova evangelização, p. 103.

²⁹⁸ TABORDA, F. A. C., Nova evangelização, p. 122.

²⁹⁹ Sacerdote jesuíta nascido no México, diretor da revista *Christus* e professor de Teologia no Instituto dos Jesuítas na cidade do México.

³⁰⁰ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 265.

sobretudo faz muita falta é uma mudança de mentalidade, uma verdadeira conversão, que desperte para a conscientização da necessidade de superar, tanto o exercício totalitário da autoridade eclesial, “quanto as atitudes meramente reivindicatórias por parte dos fiéis leigos e leigas, o que torna realmente urgente a busca comum pelo bem da Igreja, para a salvação do mundo”.³⁰¹ Quais são as propostas do Documento de Santo Domingo, em referência aos leigos e leigas? O Documento parte da constatação de algo óbvio: os leigos e leigas são maioria no povo de Deus e, a partir disso, têm uma função evangelizadora indispensável. Nessa perspectiva, o Documento de Santo Domingo apresenta-nos que, mesmo diante dessa realidade, a Igreja percebe o grande crescimento de grupos de oração e de movimentos apostólicos. Essa nova forma de vida espiritual contemplativa surge de diversas expressões da religiosidade popular. Mesmo inseridos, nesse contexto, muitos leigos e leigas se conscientizam de sua responsabilidade pastoral e a realizam em suas diversas formas. Cresce também, no chão da América Latina, o interesse pela leitura bíblica, que exige uma adequada formação. Essa leitura possibilitará, aos fiéis leigos e leigas, “critérios para responder a insinuações errôneas, que nada mais são do que fruto de uma leitura fundamentalista ou, muitas vezes, de um afastamento da vida da Igreja, que leva muitos cristãos a refugiar-se em seitas ideológicas”.³⁰²

Podemos perceber os sinais dos tempos, quando constatamos o aumento de leigos e leigas comprometidos em nossas Igrejas. “No entanto, ao mesmo tempo é possível colocar a mão na ferida, quando comprovamos que a maior parte dos batizados ainda não tomou plena consciência de sua pertença à Igreja”.³⁰³ Sentem-se católicos, mas não Igreja. Poucos exercem os valores cristãos como elemento fundante de sua identidade cultural, portanto não sentem a necessidade de um compromisso “eclesial e evangelizador”.³⁰⁴ Daí a incoerência entre fé e compromisso real com a vida. Como consequência disso, o mundo do trabalho, da política, da economia, da ciência, da arte, da literatura, e dos meios de comunicação social deixam de ser guiados pelos valores evangélicos. Nessa realidade, também podemos comprovar que os leigos e leigas nem sempre são

³⁰¹ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 265.

³⁰² DSD 38.

³⁰³ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 269.

³⁰⁴ DSD 96.

adequadamente acompanhados pelos pastores, no que diz respeito ao amadurecimento da própria vocação. Não obstante, a persistência de uma mentalidade clerical, nos agentes de pastoral, “clérigos e laicato, valoriza mais as ações intra-eclesiais dos leigos e leigas. Isso acontece devido à deficiência de formação que, de alguma forma, impede que o laicato apresente respostas eficazes aos atuais desafios da sociedade”.³⁰⁵

Diante disso, podemos apontar três causas dessa participação deficiente do laicato: a persistência do clericalismo; a dedicação preferencial a tarefas intra-eclesiais; e a formação deficiente. Propomos, então, três desafios urgentes: “a) que os leigos e leigas tenham a oportunidade real de serem protagonistas avançados, na nova evangelização, sem se limitarem às ações intra-eclesiais e evidentes, sem clericalismo; b) os batizados que ainda não foram evangelizados deverão ser destinatários principais da evangelização; c) deve-se favorecer a santidade dos leigos e leigas, bem como o exercício de sua função”.³⁰⁶ As urgências do momento presente, na América Latina e no Caribe, reclamam que todos os leigos e leigas sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e também da cultura cristã. Para isso, torna-se imprescindível uma adequada formação, para que, conscientes de seu batismo, possam responder ao chamado de Cristo e se converter em “verdadeiros protagonistas da Nova Evangelização”.³⁰⁷ Para a realização dessa nova evangelização, o Documento apresenta algumas linhas pastorais no que se refere à ação dos leigos e leigas: comunhão e responsabilidade na ação da Igreja, mediante participação de conselhos pastorais; promover conselhos do laicato e organizações, respeitando sempre a liberdade de associação; uma formação integral, no campo da política, comunicação social, cultura e trabalho; e, promover a espiritualidade laical.³⁰⁸ É necessária, também, dar uma atenção especial ao “desenvolvimento dos ministérios exercidos por leigos e leigas, por meio de uma criatividade especial”.³⁰⁹

Geralmente, afirma-se que o cristão participa das três dimensões de Jesus Cristo: a sacerdotal, a profética e a real. Na prática, no entanto, essa conotação pouco ajuda, visto que as características atribuídas aos leigos e leigas vêm a ser

³⁰⁵ DSD 96.

³⁰⁶ GALLARDO, C. V., *Um povo de Deus Adulto*, Santo Domingo, p. 270.

³⁰⁷ DSD 97-98.

³⁰⁸ GALLARDO, C. V., *Um povo de Deus Adulto*, Santo Domingo, p. 270.

³⁰⁹ DSD 101.

uma pálida correspondência com o sacerdócio ministerial, que ainda permanece como termo primário, nessa comparação. Jesus não se limitou ao âmbito separado e privilegiado do sagrado, mas viveu a Encarnação com todas as suas consequências. Com isso, mostra-nos que a santidade de Deus não é uma característica pela qual se vive separado e distante das atuações humanas; “é justamente o contrário: por misericórdia, ele se identifica com o sofredor e toma partido por ele, comprometendo-se com a transformação de seu destino”.³¹⁰ Esse fato vem mudar radicalmente o problema da salvação, “tanto quanto do acesso a Deus e da questão do sacerdócio, visto que, se Deus tivesse decidido ficar separado do homem, este ainda estaria acorrentado à necessidade de mediadores, para ter acesso a Ele”³¹¹. Esses mediadores, como pessoas separadas do âmbito secular, seriam fundamentais na realização da história humana; “com efeito, chegariam a deter o poder político e o religioso”.³¹²

Mas a fé cristã vem mudar radicalmente essa ordem: a iniciativa de aproximação vem da parte de Deus, e não do homem. O que Deus espera do homem é uma resposta agradecida, que provoque uma prática ética e política; que com essa ação se cumpra Sua vontade. Qual é a vontade de Deus? O reordenamento das relações com Deus, com os outros, com o mundo e consigo mesmo.³¹³ Constatamos as perspectivas do serviço sacerdotal dos leigos e leigas, percebendo a partir dessas colocações, que ele está no lugar que lhe é próprio, ou seja, o mundo e suas misérias e grandezas, local onde acontecem as relações concretas dos homens entre si. É isso que precisa ser salvo e convertido em justiça do Reino de Deus. Esse é o local de “exercício do sacerdotal que não é, de forma alguma, uma dimensão isolada da história, mas é a própria história”.³¹⁴ O leigo e a leiga são sacerdotes que não abandonam o mundo à sua miséria, pois assumem todas as realidades que nele se manifestam. “A Glória de Deus é que o

³¹⁰ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 271.

³¹¹ É importante salientar que Jesus Cristo é o único e eterno Sacerdote. Ele nos garante o acesso a Deus. As demais formas de sacerdócio são a participação no único e eterno sacerdócio de Cristo, e não um outro sacerdócio fechado em si que gera apossamento, privilégios e relações de poder.

³¹² GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 273.

³¹³ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 274.

³¹⁴ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 275.

homem viva”³¹⁵ – o documento de Santo Domingo faz repetição dessa afirmação.³¹⁶

Na conclusão de sua pesquisa, Gallardo adverte que somente entendendo a realidade laical dessa maneira será possível superar a inércia e a passividade que ainda existem, tanto nos leigos e leigas, como nos dos clérigos. Essa inércia é fruto, ainda, do conformismo inerente a concepções sacerdotais e eclesiológicas anteriores ao Concílio Vaticano II que ainda insistem e estão atuantes. Justamente por estarem envelhecidas, essas concepções não podem coexistir com a decisão de realizar uma nova evangelização. Se essas concepções ultrapassadas não forem superadas, a nova evangelização proposta no Documento de Santo Domingo corre um sério risco de fracassar. “Enquanto não se avançar, na valorização da identidade primeira de todo cristão, continuará vivo o drama do laicato imaturo na igreja”.³¹⁷

Considerando tudo que aqui foi visto, entende-se que o Documento de Santo Domingo vem afirmar a importância da presença e do protagonismo dos leigos e leigas, na nova evangelização. Essa evangelização deve conduzir à promoção humana e chegar a informar todo o âmbito da cultura com a força do Ressuscitado, força essa que nos permita afirmar que uma linha prioritária de nossa pastoral é fruto dessa IV Conferência. Ela insiste que a Igreja, neste Continente, há de ser uma Igreja na qual os fiéis leigos e leigas sejam os protagonistas. “Igreja onde um laicato, bem estruturado com uma formação permanente, maduro e comprometido, possa levar a sério o compromisso com a Nova Evangelização”.³¹⁸

2.3.5

Aparecida, uma chave para a Igreja

Um fator importante para a afirmação da assembleia, na perspectiva da tradição latino-americana, foi o discurso inaugural do Papa Bento XVI que, de certa forma, desconsertou os segmentos conservadores, visto que em vez de

³¹⁵ Dom Oscar Romero interpretou essa afirmação a partir de seu país, dizendo que a Glória de Deus é que o pobre viva, conforme GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 276.

³¹⁶ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 276-277.

³¹⁷ GALLARDO, C. V., Um povo de Deus Adulto, Santo Domingo, p. 278.

³¹⁸ DSD 103.

fechar, abriu as portas para a realização de uma evangelização sintonizada com a causa dos pobres. Isso contribuiu, de forma decisiva, para o bom êxito da Conferência de Aparecida. Muitos esperavam que Bento XVI, assim como João Paulo II havia feito em Puebla e Santo Domingo, colocasse limites e que a tradição latino-americana fosse pontualizada. “Entretanto, Bento XVI não foi coercitivo e sim propositivo”,³¹⁹ pois fez um discurso aos Núncios Apostólicos dos países da América.

No seu pronunciamento, Bento XVI revela que os leigos e leigas têm papel de destaque, nessa V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. Em seu discurso inaugural, após saudar os bispos, sacerdotes e religiosos, e também os seminaristas, dirige uma especial saudação aos leigos e leigas, destacando a importância de sua presença e atuação, no mundo secular que lhe é próprio. Esse tema será retomado pelo Documento. Após saudar os representantes dos Movimentos eclesiais, o Papa cumprimenta todos os leigos e leigas que levam a forçado Evangelho ao mundo do trabalho e da cultura, ao seio da família e às paróquias de que participam. É importante destacar o fato de o Papa ter mencionado a importância do mundo do trabalho e da cultura, assim como o da família, antes das paróquias. Essa colocação é bastante significativa quanto ao rumo que se quer imprimir ao Documento, pois, de certa forma, “valoriza a compreensão da identidade e das realizações vividas pelos cristãos leigos e leigas na América Latina”.³²⁰

Para compreensão mais ampla das colocações até aqui apresentadas, procedemos adiante a um pequeno retorno aos trabalhos que antecederam a V Conferência de Aparecida.

A V Conferência Geral fixou novamente a Igreja da América Latina e do Caribe na tradição já estabelecida no Concílio Vaticano II e continuada nas Conferências Gerais de Medellín, Puebla e Santo Domingo. “Renasceu a esperança de que um novo modelo de Igreja seja possível, e também se fortaleceu o sujeito que seja capaz de construí-la”.³²¹ Isso representa uma grande alegria e conquista. Foi uma Conferência que teve o apoio teológico, tanto, no interno como no externo de suas realizações. Além disso, foi realizada no maior Santuário

³¹⁹ BRIGHENTI, A., Crônica do desenrolar da V Conferência, p. 29.

³²⁰ BINGEMER, M. C. L., Eclesialidade e cidadania, p. 979.

³²¹ RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 89.

mariano do Brasil, o que, sem dúvida, permitiu que os bispos se aproximassem da realidade religiosa desse povo. Nessa Conferência, foi possível uma grande abertura ao diálogo, entre os próprios bispos e também entre os bispos e teólogos. O diálogo foi aberto também aos sacerdotes, jornalistas e a muitas outras pessoas que também se encontravam comprometidas com a Igreja latino-americana. “Toda essa comunicação, no decorrer de todos os trabalhos, foi muito franca, direta e com liberdade de expressão”.³²²

Não houve nenhuma atividade paralela ou que fosse contrária à Conferência. Todo o trabalho de apoio foi feito com comunhão e identificação com a assembleia. Um fator que teve destaque, nas reflexões da assembleia, foi a tomada de consciência do fato de que milhões de católicos, mesmo que inconscientemente, afastaram-se da Igreja. Esse fato suscitou duas reações: uma delas, minoritária, propunha uma grande missão continental, com o objetivo de recuperar os afastados; e na outra, majoritária, havia consciência de que a causa desse afastamento não se encontra somente fora da Igreja (as seitas, o relativismo, a perda de sentido moral, etc.), mas principalmente no interior da própria igreja. O aspecto positivo desse fato foi duplo. Por um lado, “diminui o espírito triunfalista da Igreja Católica. Por outro lado, a Igreja toma consciência da necessidade de uma autocrítica, e também de uma reforma interior”.³²³

Superou-se um ambiente de medo, um medo paralisante dentro da própria Igreja: os sacerdotes com medo dos bispos, os bispos com medo do Vaticano, e este, por sua vez, com medo da corrente de libertação. Com todas essas questões debatidas e refletidas, os bispos recuperaram, de forma maciça e decidida, a identidade de ser Igreja Latino-americana e caribenha. Agora, é possível recuperar o sentido de ser Igreja local, com espírito livre, criativo e, acima de tudo, autônomo, em perfeita comunhão com a Igreja universal e a autoridade máxima do bispo de Roma, nomeado com o título mais evangélico de seu ministério: *Pater pauperum*, ou seja, “Papa”.³²⁴

Os bispos da América Latina e Caribe pretendem, a partir do que está explícito no Documento, uma renovação eclesial missionária. Para que seja realizada com sucesso, eles destacam a importância da hierarquia dentro da Igreja,

³²² RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 90.

³²³ RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 90.

³²⁴ RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 90-91.

que deve desempenhar bem o seu papel de condutora de todo o processo. Não está tão clara, no Documento, a flexibilidade que o Concílio trouxe para o conceito Povo de Deus. No entanto, o modelo que perpassa o “Documento está presente, na eclesiologia conciliar: o de comunhão.³²⁵ Viver em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, isso é o que constitui o (a) discípulo (a) e afirma sua tarefa evangelizadora”.³²⁶

Sobre os ministérios leigos e ministérios teológicos, o Documento de Aparecida afirma que é pelo batismo que todos e todas participam da dimensão profética, sacerdotal e real do Senhor Jesus. Todos nós batizados em Cristo somos chamados a uma vocação comum: ser discípulos (as) Missionários (as). Temos um Mestre, o Senhor Jesus. O Documento de Aparecida apresenta, de maneira clara e objetiva, que nossa condição de discípulo (a) brota de Jesus Cristo. “Pela fé e pelo Batismo crescemos, na Igreja, como comunidade em que todos os membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas”.³²⁷ Nossa vocação comum concede-nos santidade e plenitude em todas as vocações específicas nela vivenciadas. “Os ministérios leigos e ordenados, a opção religiosa, leiga ou sacerdotal e a multiplicidade de carismas dão à Igreja a potencialidade e a riqueza necessárias para responder com eficácia aos desafios atuais”.³²⁸ Os dons nos são dados, mas a capacidade de colocá-los em prática depende da vivência fiel eles, de seu desenvolvimento efetivo e também de uma articulação adequada entre aquilo que se crê e se realiza, pois, diante dos dons, temos um compromisso. No fiel cumprimento de sua vocação batismal, o discípulo (a) precisa considerar os desafios apresentados à Igreja: a diversidade religiosa; sacerdotes que se encontram desmotivados diante do vasto trabalho pastoral; muitos lugares sem a presença de sacerdotes; mudanças de paradigmas culturais; “a globalização e a secularização; a violência; a pobreza e a injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida de diversas formas”.³²⁹ São grandes desafios. São as pessoas que, a partir de suas vocações específicas, evangelizam e são, ao mesmo tempo, evangelizadas; que “são mediadoras para a manifestação do Reino de Deus e sua realização, que respondem aos desafios de cada momento

³²⁵ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 998.

³²⁶ CARO, V. C., *Ministérios leigos, vida consagrada e Ministério Teológico*, p. 94.

³²⁷ DAp 184.

³²⁸ CARO, V. C., *Ministérios leigos, vida consagrada e Ministério Teológico*, p. 195.

³²⁹ DAp 185.

histórico com maior ou menor eficácia”.³³⁰

Percebemos, portanto, um duplo polo positivo, no que diz respeito à atuação dos leigos e leigas, na história e no crescimento do ser Igreja: um, relativo à inserção intra-ecclesial (com um grande interesse pela formação teológica), e outro, que diz respeito à sua atuação transformadora no mundo (com um grande esforço por transformar de maneira efetiva o mundo, segundo Cristo). “Ao tratar de identidade, vocação e missão do laicato, o Documento vai insistir no binômio eclesialidade e cidadania”.³³¹ Embora muito seja dito sobre o papel de leigos e leigas, dentro da estrutura eclesial, encontramos uma grande preocupação em reforçar, de maneira clara, a índole secular de sua vocação laical.

Hoje, muitas iniciativas leigas, nos âmbitos social, cultural, econômico e político, deixam-se inspirar pelos princípios, critérios, juízos e diretrizes provenientes da Doutrina Social da Igreja.³³² Valoriza-se, assim, o desenvolvimento da Pastoral Social da Igreja, como também a ação das Caritas em vários níveis, destacando a riqueza do voluntariado, nos diversos apostolados com incidência social. Na área da comunicação, encontramos, também, muitas iniciativas leigas, e tem-se desenvolvido a pastoral da comunicação social. Mais do que nunca, a Igreja tem contado com os meios de comunicação para a evangelização da cultura, resistindo, em parte, a outros grupos religiosos que também utilizam desses mesmos meios “(rádios, televisão, cinema, jornais, internet). Todas essas possibilidades nos enchem de esperança”.³³³

Diante do que foi visto, percebemos, no Documento de Aparecida, uma preocupação explícita em reforçar a índole secular da vocação laical (sua cidadania), “embora muito seja dito sobre o papel dos leigos e leigas dentro da estrutura eclesial (sua eclesialidade)”.³³⁴ Podemos, com isso, perceber que essa tendência a dar ênfase à cidadania irá predominar ao longo de todo o Documento. Os leigos e leigas, no “Documento de Aparecida, aparecem sobretudo, como elementos indispensáveis para que a evangelização chegue aonde apenas eles e elas chegam, ou seja, na ordem temporal”.³³⁵

³³⁰ DAp 185.

³³¹ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 979.

³³² DAp 99.

³³³ DAp 99f.

³³⁴ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 979.

³³⁵ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 979.

O Documento, mais uma vez, reforça a importância da formação, para que os leigos e leigas possam interferir, de maneira efetiva na vida pública, de forma mais eficaz, na formação de consensos necessários e na oposição contra a injustiça social. Os Bispos reunidos, na V Conferência, querem acompanhar, de maneira bem próxima, os construtores da sociedade, visto que é a vocação fundamental da Igreja, formar as consciências, ser advogada da justiça e da verdade, educando, nas virtudes individuais, bem como, políticas. Para isso, o Documento quer chamar a atenção, destacando o sentido de responsabilidade dos leigos e leigas que se encontram presentes na vida pública.³³⁶ Proposta apresentada para essa questão é a “formação dos leigos e leigas em categorias específicas: profissionais, empresariais e trabalhadores, para que os habitantes, tanto dos centros urbanos, como de suas periferias, sejam cristãos ou não, possam encontrar em Cristo a plenitude de vida”.³³⁷

É importante destacar o ministério teológico como garantia de um crescimento integral, na fé e em cada tempo presente. A teologia aparece como a mediação entre a experiência religiosa e cada cultura em particular. Permite, assim, sistematizar de maneira eficaz a fé vivida e atualizá-la diante dos desafios atuais. Sua contribuição está na busca de significados e expressões em consonância com o sentir dos homens e mulheres de hoje, ajudando, com isso, a discernir, no “pluralismo reinante, os aspectos da fé que precisam ser articulados com as demais religiões”.³³⁸ Sabemos que as fronteiras traçadas entre as ciências se desvanecem. Nessa nova visão, encontramos um novo modo de compreender o diálogo. Sugere-se a ideia de que nenhum conhecimento é completamente autônomo. Essa realidade abre um terreno de oportunidades à teologia, para que possa interagir com as “ciências sociais”.³³⁹ Esse ministério teológico foi exercido de maneira gratuita, nesta V Conferência, quando um grupo de teólogos e teólogas do continente compartilhou seu tempo, seus conhecimentos, sonhos e projetos com os demais participantes. Porém, seu ministério ultrapassa esse espaço. Permanece o desafio de continuar, na articulação do “Magistério com a teologia, para que a vida eclesial possa dar seus melhores frutos, não de qualquer maneira,

³³⁶ DAp 508.

³³⁷ DAp 518.

³³⁸ CARO, C. V., *Ministérios leigos e Ministério Teológico*, p. 200.

³³⁹ DAp 124.

mas de uma forma eficaz”.³⁴⁰

Como já tivemos oportunidade de verificar, os Documentos das Conferências episcopais latino-americanas anteriores seguem essa mesma linha, evidentemente, com acentos diferenciados. No Documento de Medellín, o protagonismo foi do povo pobre, a maioria esmagadora da Igreja latino-americana. Os leigos e leigas comprometidos, provenientes da Ação Católica Brasileira e das CEBs, foram os agentes detonadores que permitiram que fossem firmadas três grandes bases dessa Conferência: pensar a pastoral a partir da justiça social; iniciar uma nova maneira de fazer teologia, a partir das injustiças sociais; articulação das bases comunitárias em torno da Palavra de Deus e dos fatos do dia-a-dia.³⁴¹ Encontramos, aqui, um novo perfil de laicato, “aquele não procedente dos templos e privilégios eclesiais, um laicato que aprendeu a unir de forma implacável seu compromisso cristão com a transformação da realidade”.³⁴²

Por tudo isso, o episcopado, em Medellín, não encontra necessidade de a todo o momento retomar o papel e a função do laicato, sua identidade e missão. Ao aproximar-se das margens da vida dos povos latino-americanos ao colocar os pobres no centro de suas preocupações, a Igreja já está deixando claro que, o objeto central de sua pastoral são cristãos, batizados que vivem sua vida cotidiana e sofrida, inspirados por sua fé. É a partir da fé que eles lutam por uma vida melhor, não apenas com interesses próprios, mas voltados para o interesse de seus povos e nações. “A Igreja, portanto, vê-se na ação dos cristãos leigos e leigas, e estes se percebem como seus representantes”.³⁴³

Portanto, Medellín, com extrema coragem, proclama que se organizem equipes apostólicas nos locais funcionais, sobretudo naqueles onde se elabora e se “decide o processo de libertação e humanização da sociedade a que pertencem, dotando-os de uma estrutura adequada e de uma pedagogia baseada no discernimento dos sinais dos tempos, no cerne dos acontecimentos”.³⁴⁴ Com grande audácia, esse Documento acrescenta uma advertência aos movimentos e equipes já constituídas, incentivando-os à contínua militância, “mesmo sabendo que suas consequências podem ser dolorosas, devido a implicações sociais, no

³⁴⁰ CARO, C. V., *Ministérios leigos e Ministério Teológico*, p. 201.

³⁴¹ DdM I, III, 23.

³⁴² BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 980.

³⁴³ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 980.

³⁴⁴ DdM III, 3.1.

compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo”.³⁴⁵ O Documento de Puebla retoma Medellín em muitos aspectos, inclusive no que se refere aos leigos. Segundo Puebla, “é o homem da Igreja no coração do mundo e o homem do mundo no coração da Igreja”.³⁴⁶ Aqui, a principal tarefa do laicato é construir o Reino de Deus a partir do engajamento nas realidades do mundo.

Essa visão do laicato como agente, não somente das mudanças intraeclesiais, mas também da transformação social, já manifestada, em Medellín e Puebla, vai receber uma significativa alteração, no Documento de Santo Domingo. Nesse Documento, os leigos e leigas são declarados protagonistas da nova evangelização. Com isso, é reforçada, portanto, sua identidade como agentes eclesiais e pastorais, mas não tanto responsáveis pela transformação da sociedade”.³⁴⁷ As conclusões de Santo Domingo reforçam o protagonismo dos leigos e leigas, na nova evangelização, na promoção humana e também na cultura cristã.

Não é sem razão que o “Documento de Aparecida recorda aos pastores a urgência de que os leigos e leigas tenham “maior abertura de mentalidade, para que entendam e acolham o ‘ser’ e o ‘fazer’ do leigo na Igreja””.³⁴⁸ Nesse contexto, é verdadeiro sinal de esperança o fortalecimento de várias associações laicais, como o “Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB”,³⁴⁹ além de movimentos apostólicos eclesiais e de novas comunidades, que devem receber o apoio dos pastores da Igreja. Essas associações e movimentos ajudam muitos batizados e muitos grupos missionários a assumirem com mais responsabilidade sua “identidade cristã, colaborando mais ativamente na sua missão evangelizadora”.³⁵⁰ Os Bispos, nessa V Conferência, reconhecem o valor e a

³⁴⁵ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 982.

³⁴⁶ DP II, 3.

³⁴⁷ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 983.

³⁴⁸ DAp 213.

³⁴⁹ CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL (CNLB), fundado em 1975, como Conselho Nacional de Leigos (CNL), é um organismo de articulação, organização e representação dos cristãos leigos e leigas “que busca integrar os leigos e leigas dos movimentos, das pastorais, daqueles que vivem sua vida comunitária numa paróquia ou comunidade, e dos que vivem sua fé cristã inseridos nas atividades da sociedade” (Caderno do CNLB, nº 2). Ao longo da história, foi se estruturando em conselhos regionais, diocesanos e locais. O CNLB está presente em 17 regionais e conta com 18 organizações filiadas. Além de ser um organismo de comunhão com os demais organismos da Igreja, o CNLB tem por objetivo criar e apoiar mecanismos de formação e capacitação que ajudem o laicato a descobrir sua identidade, vocação, espiritualidade e missão, com vistas à construção de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reino de Deus.

³⁵⁰ DAp 214.

eficácia dos Conselhos paroquiais, Conselhos diocesanos e nacionais do laicato afirmam que essas organizações incentivam a comunhão e a participação da Igreja e de sua presença ativa no mundo. A construção da “cidadania, no sentido mais amplo, e a construção da eclesialidade, nos leigos e leigas, são um só e único movimento”.³⁵¹

O Documento de Aparecida faz uma apreciação positiva sobre os “Movimentos eclesiais. Eles são chamados de “dom do Espírito Santo para a Igreja”,³⁵² em que os fiéis encontram possibilidade de formar uma consciência cristã, crescer e, assim, comprometer-se apostolicamente até se tornarem verdadeiros discípulos missionários. Esse texto do Documento afirma ver, nos Movimentos, “a multiforme presença e ação santificadora do Espírito”,³⁵³ visto que, no mundo hodierno, devemos responder a novas situações e necessidades da vida cristã. Nesse contexto, os movimentos e novas comunidades são uma oportunidade para que muitas pessoas afastadas possam renovar sua experiência de fé e fazer o encontro vital com Cristo e, a partir desse encontro, recuperar sua identidade batismal e sua ativa participação na “Igreja e no mundo”.³⁵⁴ O Documento ainda relembra o itinerário desses movimentos, pois já passaram pelo reconhecimento e discernimento da Santa Sé, portanto “devem ser considerados como dons e bens para a Igreja Universal”.³⁵⁵

Por tudo isso, “recomenda-se aos Bispos que integrem a riqueza de seus carismas, no interior da pastoral diocesana, ao mesmo tempo em que recomenda aos movimentos que se integrem na mesma”.³⁵⁶ Dessa forma, os fiéis leigos e leigas exercitam o seu direito natural e batismal de livre associação, como já indicou o Concílio Vaticano II.³⁵⁷ Em vista disso, podemos perceber que o episcopado latino-americano manifesta, no Documento de Aparecida, a alegria de ter encontrado locais apropriados de formação e crescimento de um laicato que pode representar a esperança do surgimento de verdadeiros discípulos missionários para o nosso continente.³⁵⁸

³⁵¹ DAp 215.

³⁵² DAp 311.

³⁵³ DAp 312.

³⁵⁴ DAp 312.

³⁵⁵ DAp 313.

³⁵⁶ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 988.

³⁵⁷ AA 18s.

³⁵⁸ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 999.

Portanto, ser discípulo (a) missionário (a) do Senhor Jesus implica uma renovação profunda na vida laica. Nesse sentido, de forma alguma leigos e leigas podem ser considerados membros de segunda categoria, muito menos alheios à corresponsabilidade eclesial, pois é necessário um desenvolvimento adequado de sua vocação específica. A formação é fundamental para se conseguir esse protagonismo.³⁵⁹ Para que o laicato possa cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, necessita de uma sólida formação doutrinal, pastoral e espiritual, tornando-se também primordial um adequado acompanhamento, para que possam dar testemunho de Cristo e dos valores do Reino, no âmbito da vida social, política e cultural.³⁶⁰ Consequência disso é um laicato apto para viver seu serviço eclesial e seu compromisso social em vista de seu discipulado missionário. Esses discípulos (as) de Jesus devem viver, em todos os campos de ação de sua existência, a vocação para a qual foram chamados, evitando com isso, o “clericalismo, no exercício da prestação de serviços eclesiais, ou o “secularismo”, na vida social de pessoas que se dizem cristãs”.³⁶¹ Os leigos e leigas são chamados a participar da missão evangelizadora da Igreja da América Latina e Caribe, não somente por causa da necessidade de renovação sua vivência cristã. Essa missão é inerente à sua vocação de discipulado, na sua participação no sacerdócio de Cristo. Ao relançar um olhar para a trajetória pós-conciliar da Igreja em nosso continente, torna-se necessário fazer algumas observações que esperamos ajudar a compreender melhor a reflexão do episcopado latino-americano sobre o laicato em Aparecida. Por isso, revisitamos o Concílio e também as últimas Conferências Gerais do Episcopado deste continente. “Com esse retorno, foi possível reviver o que aconteceu, no Concílio, que trouxe “um sopro de inesperada primavera” sobre várias questões”.³⁶² O Concílio teve a pretensão de colocar a Igreja em um diálogo direto com o mundo, e inevitavelmente se debruçou sobre a questão do laicato. Porém, mesmo com todas as questões debatidas e refletidas, o Concílio não pretendeu ser a palavra final sobre quais os caminhos a Igreja Universal trilharia a partir dali. “Exatamente por ter sido um Concílio com características de novidade e surpresa, faz-se necessária

³⁵⁹ CARO, V. C., *Ministérios leigos, vida consagrada e Ministério Teológico*, p. 198.

³⁶⁰ DAp 212.

³⁶¹ CARO, V. C., *Ministérios leigos, vida consagrada e Ministério Teológico*, p. 199.

³⁶² BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 984.

uma real fidelidade ao ele para que se possa ir além dele”.³⁶³

Uma das questões problemáticas que ainda é necessário superar é a dicotomia ainda muito presente na teologia do laicato conciliar, com sua divisão entre mundo e Igreja, temporal e espiritual. Consequentemente, a dicotomia que atribuía aos leigos e leigas a missão exclusiva de transformar a realidade temporal no mundo, e aos clérigos de administrar o mistério e o sagrado, foi sendo superada pela reflexão de muitos teólogos (as) nos tempos pós-conciliares. “Diante disso, a teoria que decretou apressadamente que os leigos e leigas deveriam ocupar-se apenas do temporal, e não do sagrado e espiritual, vai sendo desmentida, diante das mudanças visíveis e palpáveis que irá sofrer o estatuto do laicato”.³⁶⁴ Dessa forma, diante das mudanças concretas, foram surgindo e ocupando seu espaço os leigos teólogos, homens e mulheres que dedicaram e dedicam suas vidas ao estudo, ensino e pesquisa teológica. Surgiram, também, leigos e leigas orientadores espirituais, que acompanham outros no mesmo trajeto, em profundidade com o Deus de Jesus Cristo, leigos e leigas que lideram comunidades cristãs, organizam a liturgia e também as celebrações. “Enfim, cristãos leigos e leigas que se dedicam a uma ação transformadora sobre o mundo, atuando desde dentro da Igreja”.³⁶⁵

As CEBs, como já sabemos, trazem consigo uma renovação eclesial profunda. Elas são algo periférico à conversão eclesial. Podemos dizer que, na atualidade, como Jesus, elas são “pedras de contradição”. Por isso, compreendemos o debate que sempre surge em torno delas, e em Aparecida isso também aconteceu.³⁶⁶ A conversão eclesial lançada pelo Concílio Vaticano II deveria ser profunda e realizada a partir das próprias células da Igreja – paróquias.³⁶⁷ Por isso, Medellín retoma essa efetivação da renovação da Igreja a partir de suas próprias células. Em Aparecida, a realidade encontrada é bem diferente da época do Vaticano II, dadas as circunstâncias numéricas das

³⁶³ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 984.

³⁶⁴ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 984.

³⁶⁵ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 984.

³⁶⁶ OLIVEROS, R. M., *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*, p. 188.

³⁶⁷ As circunstâncias pastorais europeias explicam essa denominação da paróquia como célula eclesial, pois naquele contexto socioeclesial as paróquias não tinham mais do que algumas centenas de pessoas, dada a abundância de presbíteros e religiosos naquele momento. Confira a nota de rodapé nº 8 do artigo de OLIVEROS, R. M., *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*, p. 189.

paróquias, na América Latina e no Caribe. Assim, compreende-se que, em nossa realidade, as células eclesiais deveriam ser realizadas a partir de um nível eclesial mais reduzido.³⁶⁸ Devemos considerar que essa renovação se dá numa dialética e numa interação mútuas. Nossa realidade histórica revela que, quando se harmoniza e se prioriza o processo da CEBs numa Igreja particular e suas paróquias, encontramos facilidade para uma renovação eclesial com seu rico potencial evangelizador.³⁶⁹

Diante disso, como foram consideradas as CEBs em Aparecida? Qual foi o resultado? Para responder de forma adequada, precisamos analisar o texto em seu contexto. É pertinente destacar que o processo vivido em Aparecida expressa bem a importância que as CEBs têm e recebem nessa assembleia. Devemos aqui considerar que, desde a preparação para Aparecida, a Comissão para Comunhão e diálogo do CELAM preparou “(evidentemente com a colaboração de pessoas com ampla experiência nesta questão) uma valiosa contribuição sobre sua identidade e sobre a missão que seria encaminhada a ela”.³⁷⁰ “Os membros da Comissão que trabalharam essas questões”.³⁷¹ tiveram uma surpresa desagradável, quando constataram que, no texto que havia sido aprovado e enviado à Comissão de Redação, ao retornar a Assembléia não apresentava mais tudo o que dizia respeito às CEBs. “Para inserir novamente o texto no Documento, o o recurso utilizado foi a apresentação de um “modo” ao plenário, que teria de ser respaldado pelo menos por sete assinaturas de presidentes de conferências episcopais, para que fosse possível requerer sua reincorporação”.³⁷² As assinaturas foram conseguidas sem dificuldades, e o “modo” foi apresentado ao plenário. Tendo conseguido a aprovação da maioria, a “Comissão de Redação inseriu os parágrafos referentes às CEBs, no documento conclusivo do episcopado-latino americano”.³⁷³

No entanto, esse documento conclusivo, como é de costume, foi encaminhado ao Papa, em Roma, para aprovação definitiva, de acordo com a tradição eclesial. Diante da situação, já eram esperadas algumas alterações no seu sentido original. Não obstante, apesar das modificações sofridas pelo “documento

³⁶⁸ OLIVEROS, R. M., Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida, p. 189.

³⁶⁹ OLIVEROS, R. M., Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida, p. 189.

³⁷⁰ OLIVEROS, R. M., Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida, p. 190-191.

³⁷¹ DAp V, 5.2.3.

³⁷² OLIVEROS, R. M., Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida, p. 191.

³⁷³ DAp Seção 5.2.

conclusivo de Aparecida, no que diz respeito às CEBs, é muito mais positivo e esperançoso o fato de que o episcopado latino-americano recuperou e relançou significativamente as CEBs”.³⁷⁴ O resultado desse esforço e luta foi que, no Documento Oficial aprovado em Roma, as CEBs, não só estiveram presentes nos textos, como também receberam o reconhecimento de que elas “abraçam as experiências das primeiras comunidades” (At 2,42-47), e de que desde Medellín são consideradas célula inicial de estruturação eclesial e ponto de convergência de uma nova evangelização. Além disso, “elas permanecem demonstrando, em sua prática, seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados; elas são expressão visível da opção preferencial pelos pobres”.³⁷⁵

Mesmo diante dessas dificuldades, as “CEBs recebem, em Aparecida, dois excelentes parágrafos”,³⁷⁶ nos quais fica bem clara a sua característica de “escola que tem ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor”.³⁷⁷ As CEBs são também reconhecidas pela consistência de sua eclesialidade, fazendo-lhes jus o nome de comunidades eclesiais.³⁷⁸ Recupera-se, portanto, a valiosa tradição de Medellín, que reconhece nas CEBs “uma célula inicial e estruturação eclesial e foco de fé e evangelização”.³⁷⁹ Resgata-se, também, a valiosa redação de Puebla, que aponta as CEBs como instância eclesial que proporcionou ao povo a possibilidade de chegar a um conhecimento mais amplo da Palavra de Deus, permitindo, assim, assumir o compromisso social em nome do Evangelho. Surgiram, a partir dessa prática, os novos “serviços laicais e a educação da fé dos adultos”.³⁸⁰

O Documento de Aparecida ressalta também que, “junto com as Comunidades Eclesiais de Base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades, inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, oração e de reflexão da Palavra de Deus”.³⁸¹ Existe, portanto, uma preocupação em reforçar o fato de que, na realidade eclesial de hoje, as CEBs não são a única forma de comunidade e associação laical dentro da Igreja; “elas estão situadas ao

³⁷⁴ OLIVEROS, R. M., Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida, p. 190-191.

³⁷⁵ OLIVEROS, R. M., Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida, p. 193.

³⁷⁶ DAp 178-179.

³⁷⁷ DAp 178.

³⁷⁸ BINGEMER, M. C. L., Eclesialidade e cidadania, p. 991.

³⁷⁹ DdM 15.

³⁸⁰ DP 629.

³⁸¹ DAp 180.

lado e unidas a outras associações eclesiais, e fica claro o desejo do episcopado deste continente de que se integram cada vez mais, em um modelo de Igreja que permanece se estruturando, em termos de paróquia e movimentos”.³⁸²

Portanto, no que diz respeito às associações, comunidades e grupos laicais, na Igreja latino-americana, percebemos, no Documento, uma tentativa de não se esquecer de nenhum desses grupos. “Porém, quando faz descrições do perfil dos membros desses grupos, o Documento parece contemplar de forma mais incisiva os Novos Movimentos e as pequenas comunidades do que as CEBs”.³⁸³ Os leigos e leigas mencionados nesses Novos Movimentos geralmente são provenientes de instâncias propriamente eclesiais, ou seja, paróquias, dioceses ou movimentos tradicionais novos. Pessoas afastadas da Igreja, que agora buscam o caminho de volta, são identificados como pessoas dos meios urbanos com problemas e preocupações típicas do sujeito moderno e pós-moderno, pessoas que foram diretamente atingidas pela mudança de época³⁸⁴ que revoluciona hoje a sociedade e a cultura.³⁸⁵

É bastante difícil reconhecer, nesse perfil, os leigos das CEBs, pois, em geral, a motivação que os aglutina é feita de afinidade e proximidade geográfica vital, ou seja, participam das mesmas experiências, “surge, então, a necessidade de aglutinar-se para sobreviver, não apenas espiritualmente, mas de forma concreta e de longa duração”.³⁸⁶ É nessa realidade e a partir da Palavra que se faz a experiência do encontro com Jesus Cristo vivo, fazendo-se uma criativa e sólida síntese entre a dura realidade que se vive e a iluminação que a Palavra traz. “Consegue-se, com isso, chegar a uma nova solidariedade, que apontará para uma transformação partilhada por todos”.³⁸⁷ Não é de se estranhar que alguns grupos muito ligados a CEBs tenham se mostrado perplexos ao constatar que elas são consideradas, pelo “Texto de Aparecida, um movimento a mais, entre outros. Essa perplexidade certamente se manifestou pelo fato de as CEBs insistirem, durante décadas, em não serem apenas mais um grupo de Igreja, mas, acima de tudo, uma

³⁸² BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 992.

³⁸³ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 992.

³⁸⁴ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 993.

³⁸⁵ DAp 34, 37, 44, 397.

³⁸⁶ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 993.

³⁸⁷ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 993.

nova forma de ser Igreja”.³⁸⁸ Mesmo se constatando que, em Aparecida, as CEBs não são as mais importantes associações ou agrupamento de leigos e leigas, vale ressaltar, com esperança e alegria, a maneira positiva como são vistas as iniciativas associativas do laicato em Aparecida. “É extremamente positiva a inseparabilidade que o Documento procura transmitir, entre pertença à Igreja e compromisso social”.³⁸⁹

2.4

Alguns desafios para a atuação do laicato

Passados alguns anos desde Aparecida, quando foi elaborado o “Plano Pastoral que queremos, “favorecer a formação de um laicato capaz de atuar como verdadeiro Sujeito Eclesial”,³⁹⁰ aconteceu, em Aparecida, no Vale do Paraíba paulista, em 2016, a 54ª Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que teve como tema central “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade”.³⁹¹ Nessa Assembleia, os bispos trataram sobre a vocação dos cristãos leigos e leigas, como de verdadeiros “sujeitos eclesiais e corresponsáveis pela nova evangelização, tanto na Igreja como no mundo”.³⁹²

O grande desafio para a Igreja é o de conhecer e compreender a nova realidade que se manifesta, no decorrer de nossa caminhada, e depois, reagir de maneira nova e inovadora. Para que isso seja possível, precisamos conhecer os verdadeiros anseios dos habitantes de nossa sociedade, conhecer suas angústias, seus desejos e frustrações. “O trabalho evangelizador deve responder a esses anseios e frustrações”.³⁹³ No decorrer de sua história, a Igreja sempre esteve tentada a se fechar dentro de si mesma. E sempre o Espírito de Deus quebrou este muro de proteção. Isso porque sistemas fechados não fazem parte do projeto de Deus. “A caminhada da Igreja na América Latina e no Brasil, como a celebração dos 50 anos do Vaticano II, a atualidade da Conferência de Aparecida e a eclesiologia renovadora do Papa Francisco, é uma grande motivação para darmos

³⁸⁸ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 992.

³⁸⁹ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 994.

³⁹⁰ DAp 497ª.

³⁹¹ CNBB, Doc. 105, n. 15.

³⁹² CNBB, Doc. 105, n. 15.

³⁹³ BLANK, R., *Ovelha ou protagonista?* p. 5.

atenção especial à ação evangelizadora que os leigos e leigas desempenham na Igreja e na sociedade, neste tempo marcado por uma mudança de época”.³⁹⁴

Toda a história da Igreja é exemplo de construção de sistemas e de sua desconstrução seguinte na Ação do Espírito Santo. “Algumas vezes essa desconstrução foi de maneira súbita e espetacular, como foi o Concílio Vaticano II. Outras vezes, porém, acontece quase sem se perceber, de maneira tranquila e silenciosa. Talvez este seja um momento silencioso”.³⁹⁵

Na base da fé cristã não encontramos uma doutrina, mas Alguém; encontramos um Deus vivo e dos vivos. A fé cristã nasce, no dinamismo do mistério da Encarnação, de um Deus que, por Sua vontade, buscou revelar-se no seio da história, e não em um texto. Alguém que se encarnou numa cultura específica e deu testemunho de valores e verdades de alcance universal. “Isso implica estar sempre em espírito de busca e de um discernimento mais profundo da Verdade. Acima de tudo, o cristão é um peregrino, um garimpeiro da Verdade que habita em nós, de forma misteriosa, porque nos ultrapassa infinitamente”.³⁹⁶ É preciso ter coragem de continuar seguindo os passos do Concílio Vaticano II. Nesse Concílio, e nos anos seguintes a ele, observamos um imenso esforço em dar à palavra leigo um significado positivo. Mesmo assim, a grande preocupação com a noção de leigo, por muitas vezes, ofuscou o verdadeiro ponto chave da base de toda a discussão, isto é, a base de todo o agir cristão, o seu enraizamento em Jesus Cristo. Edward Schillebeeckx analisou de maneira profunda essa problemática. vale, aqui, ressaltar algumas de suas reflexões:

Definiu-se o característico de ser leigo, na relação com o mundo, enquanto a relação com a Igreja caracterizaria o clérigo. A dimensão eclesial de todo ‘Christifidelis’ (aquele que tem fé em Cristo) e sua relação com o mundo se desfigurou assim para dois lados. O clérigo tornou-se um homem ‘apolítico’ da Igreja; o laicato tornou-se uma pessoa politicamente engajada, no mundo, e pouco engajada nas coisas eclesiológicas. A partir dessa perspectiva, o estado ontológico do novo homem, renascido pelo batismo do Espírito santo, assim não foi reconhecido no seu valor próprio. Ele foi compreendido unicamente a partir do ‘status’ do clérigo’. Ser clérigo, no entanto, não é nem status nem classe, é uma função de serviço na Igreja.³⁹⁷

³⁹⁴ CNBB, Doc. 105, 16.

³⁹⁵ BLANK, R., Ovelha ou protagonista? p. 32.

³⁹⁶ BRIGHENTI, A., A Igreja do futuro e o futuro da Igreja, p. 48.

³⁹⁷ BLANK, R., Ovelha ou protagonista? p. 57.

Na verdade, é real, essa Igreja que já formulou todas as bases dogmáticas para a realização de tal mudança. A base dogmática já existe. Ela só não foi, ainda, colocada totalmente em prática. Mas o novo virá, está vindo, pelo simples fato de essa Igreja ser guiada pelo Espírito Santo. Esse Espírito, porém, é um espírito de inovação e transformação, que a conduz a ser uma Igreja de comunhão e participação, uma Igreja do Povo de Deus, uma Igreja dos Pobres, uma Igreja toda ministerial, uma Igreja de colegialidade entre os pastores que superam todo o centralismo, uma Igreja com um verdadeiro protagonismo do laicato e que recupera a dignidade de todos os filhos e filhas de Deus.³⁹⁸

2.4.1

A Igreja Povo de Deus em caminho sinodal

O caminho para uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão teve início solenemente nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, em Roma. Direccionou-se para uma etapa fundamental, que foi a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023. Com essa convocação, Papa Francisco convidou toda a Igreja a interrogar-se sobre um tema decisivo para a vida e para a missão da Igreja: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio”.³⁹⁹

O Papa Francisco diz que há uma nova mística no ar, uma “Fraternidade mística”. Uma mística do andar juntos, olhar nos olhos uns dos outros, ouvir, dialogar e avançar na caminhada. Para isso, precisamos nos encontrar com Jesus Cristo vivo, que nos leva a uma nova qualidade de vida,⁴⁰⁰ vida nova em Cristo.⁴⁰¹ Devemos nos conscientizar do protagonismo dos batizados dos cristãos, do protagonismo dos seguidores de Cristo. Eis aqui o verdadeiro protagonismo, pois nesse lugar cada um tenta ser protagonista de um programa escrito e formulado pelo próprio Jesus Cristo. Coordenando e, ao mesmo tempo entrelaçando suas ações dentro de um Espírito de comunhão, participa e age de acordo com o paradigma do corpo humano, enfatizado por São Paulo: “Já não sou eu quem vive,

³⁹⁸ BLANK, R., Ovelha ou protagonista? p. 57.

³⁹⁹ FRANCISCO, Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos em 17 de outubro de 2015.

⁴⁰⁰ EG 92.

⁴⁰¹ EG 92.

mas é Cristo que vive em mim”.⁴⁰² Nesse protagonismo, ninguém vai reclamar direitos maiores, cada um vai agir a partir de seus carismas e, ao mesmo tempo, submeter seus carismas ao grande projeto de transformação deste mundo, conforme os parâmetros do Reino de Deus. Eis o único modelo que realmente corresponde aos planos de Nosso Senhor Jesus Cristo de Deus.⁴⁰³

Essas interrogações nos motivam e orientam: “Como podemos realizar hoje, em diferentes níveis (do local ao universal), aquele “caminhar juntos”, que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada? Quais passos o Espírito nos convida a dar, para crescer como Igreja sinodal?”⁴⁰⁴ Os cristãos leigos e leigas, homens e mulheres são chamados, antes de tudo, à santidade. São interpelados a viver, a seu modo, sua santidade no mundo. Diante disso, são interpelados pelo Espírito Santo a cultivar com solicitude a vida interior, a sua relação pessoal com Jesus Cristo vivo, de modo que, iluminados pelo Espírito Santo, em todas as circunstâncias de sua vida, tudo façam para a glória de Deus, para a salvação do mundo e para o bem de todos. A santificação, no seu cotidiano de vida, torna a Igreja mais atraente e convincente, pois os santos movem e abalam o mundo.⁴⁰⁵

Na abertura do Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade realizado entre 4 e 29 de outubro de 2023, no Vaticano foi grande a expectativa, sobretudo dos brasileiros,⁴⁰⁶ incluindo duas leigas,⁴⁰⁷ três padres e sete representantes do episcopado, três deles, cardeais, um total de 12 participantes que deixaram o país para participar da primeira sessão da Assembleia Geral. O Sínodo desenvolveu pontos importantes e fundamentais para a reflexão: comunhão, a participação e a missão. Essas três dimensões estão profundamente relacionadas entre si, são os pilares essenciais para o caminhar de uma Igreja sinodal, possibilitando que todo o Povo de Deus caminhe junto. “Ministros, leigos e leigas, ouvindo o Espírito Santo, a Palavra de Deus, em unidade com o Senhor Jesus e com o Pai, Deus Uno

⁴⁰² BRIGENTHI, A., Para compreender o Documento de Aparecida, p. 97.

⁴⁰³ BRIGENTHI, A., Para compreender o Documento de Aparecida, p. 122.

⁴⁰⁴ DOCUMENTO PREPARATÓRIO. Para uma Igreja sinodal, comunhão, participação e missão.

⁴⁰⁵ CNBB, Doc. 105, n. 113.

⁴⁰⁶ BRITES, A., Sínodo: expectativas e preparação de participantes brasileiros.

⁴⁰⁷ Escolhidas pelo próprio pontífice, Sônia Gomes de Oliveira, 54 anos, líder do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, e Maria Cristina dos Anjos, 61, assessora de migração da Cáritas, fazem parte da lista dos 70 católicos (sendo 35 mulheres e 35 homens).

e Trino.⁴⁰⁸

A presença feminina na Igreja e a corresponsabilidade foi um tema importante na reflexão espiritual realizada no Sinodo: as mulheres não são figurantes na sua atuação eclesial, mas têm presença dinâmica em sua missão na Igreja e no mundo. Aqui não se trata de reconhecimento e promoção, mas, acima de tudo, de uma questão de reconhecimento da missão da mulher na comunidade eclesial. É importante salientar uma reflexão feita durante a realização do Sínodo, pela religiosa beneditina Madre Angelini,⁴⁰⁹ pois as mulheres não são apenas figurantes, visto que abrem espaços novos para a missão.

Madre Angelini recordou que quando São Paulo desembarcou na Europa encontrou “mulheres reunidas em oração, ao ar livre” e acolheu a sua linguagem. “A humilde comerciante de púrpura, Lídia é a primeira fiel na Europa. Escuta a Palavra”, oferece uma casa aos apóstolos. A casa de Lídia” – prosseguiu a religiosa – é aquela casa que Jesus convida a procurar em cada cidade quando envia os apóstolos: é “um espaço feito de laços seguros e não de muros, que hoje precisa ser redescoberto em novas linguagens de acordo com a sabedoria original que talvez as mulheres entendam mais”. “A casa-domus”, observou a religiosa, “é indispensável para sair e anunciar a aproximação do Reino, lugar de laços confiáveis e nutritivos. Lugar de oração”. A este respeito, recordou o Concílio que, ao delinear a Igreja missionária, enfatiza a vida contemplativa. O anúncio da ressurreição é confiado a uma mulher”, observou Madre Angelini, que encoraja o Sínodo a se perguntar como a Igreja em saída pode atualizar hoje, “numa cultura global que parece perder os seus contornos”, o estilo de Jesus.⁴¹⁰

O encantamento pela Boa Nova trazida por Jesus, a beleza e o sentido da Igreja vêm expressos na realidade fundada em um só Senhor, uma só fé e em um só Batismo (Ef 4,5). “Esta regeneração é realizada em Cristo, todos os homens e mulheres vivem essa vocação comum à perfeição”.⁴¹¹ O Documento 105 mostra que as mulheres “contribuem de forma indispensável, tanto na sociedade, nas famílias como nas responsabilidades pastorais”.⁴¹² Porém, a Igreja reconhece, diz Papa Francisco, que “ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença

⁴⁰⁸ XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. *Instrumentum Laboris*, Sínodo 2021, 2024. Por uma Igreja sinodal, Comunhão, Participação e missão, n. 43.

⁴⁰⁹ BADRACCHI, L., As mulheres que buscam novas narrativas na Igreja.

⁴¹⁰ ONDARZA, P., A presença feminina na Igreja e a corresponsabilidade foram o tema da reflexão espiritual feita, esta manhã, na assembleia na Sala Paulo VI por Madre Maria Ignazia Angelini do Mosteiro de Viboldone.

⁴¹¹ CNBB, Doc. 105, n. 9.

⁴¹² CNBB, Doc. 105, n. 54.

feminina mais incisiva na Igreja”.⁴¹³

2.4.2

O laicato como sujeito na Igreja e na sociedade

O laicato é um “verdadeiro sujeito eclesial”,⁴¹⁴ afirmou Aparecida. Cada cristão, leigo e leiga é chamado a ser sujeito eclesial para atuar na Igreja e no mundo. A Francisco de Assis o Cristo Crucificado ordenou: “Vai e reconstrói a minha Igreja”. Temos a firme esperança de que leigos e leigas continuarão dando grande contribuição à renovação da Igreja de Cristo e a sua atuação no mundo⁴¹⁵. No mundo somos chamados à santidade e a santificar. Em relação à definição da Igreja como Povo de Deus e à declaração de que toda a Igreja é chamada à santidade, para os leigos e leigas esse chamado e essa vivência devem acontecer no mundo, nas realidades em que se encontram: “A vocação própria dos leigos é administrar e ordenar as coisas temporais em busca do reino de Deus.”⁴¹⁶

Diante disso, com os olhos da fé, estamos desautorizados a olhar para história com uma visão pessimista, como profetas de calamidades. Isso equivaleria assumir que somos incapazes de aprender com a história e que não aceitamos a nossa própria história. Confiantes no Espírito que conduz a Igreja através dos tempos, cabe-nos, como cristãos, olhar para o futuro não como uma ameaça. É certo que as dificuldades são muitas, mas as possibilidades também são. É na descoberta dessas possibilidades novas que será possível tornar presente o Evangelho de Jesus Cristo, como instância de sentido na nova civilização emergente.⁴¹⁷ “O fenômeno da globalização, da descoberta das culturas e das novas características da experiência religiosa, no contexto da crise, longe de se constituir num simples obstáculo à tarefa da evangelização, abre-lhe novos horizontes”.⁴¹⁸ Apesar da insistência dos documentos eclesiais de que o primeiro campo de ação dos leigos é o mundo, podemos perceber que continua uma tendência a valorizar, exclusivamente, ou quase, o serviço no interior da Igreja, situação que ainda prejudica a tomada de consciência da importância dos cristãos

⁴¹³ EG 103.

⁴¹⁴ DAp 497.

⁴¹⁵ CNBB, Doc. 105, n.1.

⁴¹⁶ LG 31.

⁴¹⁷ BRIGENTHI, A., Para compreender o Documento de Aparecida, p. 29.

⁴¹⁸ BRIGENTHI, A., Para compreender o Documento de Aparecida, p. 29.

leigos e leigas atuarem nas realidades do mundo.⁴¹⁹

Como São Paulo, que reconhecia os irmãos como sua “alegria e coroa” (Fl 4,1), também, queremos reconhecer diferentes rostos dos cristãos leigos e leigas, irmãos corresponsáveis na evangelização⁴²⁰. Eles são, para nós, motivo de alegria e de ânimo na vivência do ministério ordenado. Nesse sentido, vale recordar a frase de Santo Agostinho que, reconhecendo o peso do ministério pastoral, alegra-se com a companhia dos seus fiéis”:⁴²¹ “Atemoriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou bispo; convosco sou cristão. Aquele é o nome do ofício recebido; este, da graça; aquele, do perigo; este, da salvação.”⁴²²

Para tudo isso, podemos considerar a vida de Jesus de Nazaré na sua realidade laical. Isso nos revela que ele não aceitou, em suas relações, nenhuma distinção, nem privilégios de nenhuma espécie, nem posições que o colocassem em destaque ou em alguma situação preferencial na sociedade de seu povo e de seu tempo. A conotação própria do leigo é o comum a todos, ou seja, aquilo em que todos coincidem. Hoje, para rever a identidade cristã do laicato, precisamos realizar um encontro com Jesus Cristo vivo, precisamos valorizar, tanto o Jesus terreno, quanto o Cristo glorificado, tanto a condição humana, quanto a condição divina de Jesus Cristo, conscientes de que se trata do mesmo e único sujeito. Na verdade, essa rica realidade da fé em Jesus Cristo foi progressivamente descoberta, sob a ação do Espírito Santo, pelos discípulos e discípulas das comunidades cristãs, do século I até os dias de hoje.⁴²³

Uma reflexão importante sobre a questão do laicato, no Documento de Aparecida, necessita de uma nova abordagem sobre o lugar que ocupam as mulheres na Igreja. Sabemos que as mulheres, nessa reflexão, serão sempre leigas, visto que não têm acesso à hierarquia; porém, há muitas décadas já reivindicam um lugar ao sol, na sociedade e na Igreja. As mulheres sempre foram a maioria expressiva do povo de Deus, e a Igreja, desde o Concílio Vaticano II, pôde contar com elas em diversos setores: na coordenação de comunidades, na liturgia, na

⁴¹⁹ CNBB, Doc. 105, n. 40.

⁴²⁰ CNBB, Doc. 105, n. 3.

⁴²¹ CNBB, Doc. 105, n. 49.

⁴²² LG 32.

⁴²³ RUBIO, A. G., O Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 23.

elaboração teológica, no acompanhamento espiritual, etc.⁴²⁴ Ponto extremamente positivo, no Documento, mesmo com toda uma tradição patriarcal, é uma preocupação bastante cuidadosa para se referir à humanidade e ao ser humano mencionando-o nos dois gêneros ou sexos: homem e mulher. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho aconteceu em Aparecida, cidade simples do vale do Paraíba paulista, onde se venera a pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil, uma virgem negra, humilde, pobre, com uma clara mensagem libertadora, na qual estão, sem dúvida, as mulheres.⁴²⁵

Para concluir, vale apenas ressaltar o documento a que estamos aqui nos referindo. No capítulo dois, ele nos apresenta o “sujeito eclesial como discípulos missionários e cidadãos inseridos nas realidades do mundo”.⁴²⁶ “Vós sois o sal da terra. “Vós sois a luz no mundo” (Mt 5,13-14). Essa percepção dos cristãos como sujeitos está fundamentada na raiz judaico-cristã. Todos temos a compreensão de que fomos criados por Deus, de que somos criaturas de Deus que são chamadas ao diálogo com Ele diariamente, na nossa vida e no nosso cotidiano, e de que pessoas livres e eticamente responsáveis pelo destino de nossas vidas e da história humana (Gn 3,4b-24). Somos membros do Corpo místico de Cristo. O Documento de Santo Domingo já destacou que “a maior parte dos batizados e dos batizados em Cristo ainda não se conscientizou de sua pertença à Igreja; podem até se sentir católicos, mas não pertencentes à Igreja de Cristo”.⁴²⁷ “Ainda hoje é persistente uma forte mentalidade clerical que cria dificuldades para a corresponsabilidade, o protagonismo e a participação do leigo e da leiga como sujeitos eclesiais”.⁴²⁸

2.4.3

Mulheres com voz e voto no Sínodo da sinodalidade

Com as mudanças culturais desta época, homens e mulheres procuram desenvolver novas atitudes e estilos “de suas respectivas identidades, potencializando todas as suas dimensões humanas na convivência cotidiana, na

⁴²⁴ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 985-986.

⁴²⁵ MAQUEO, S. M., *A mulher na sociedade e na Igreja*, p. 157.

⁴²⁶ CNBB, Doc. 105, n.65.

⁴²⁷ DSD 96.

⁴²⁸ CNBB, Doc. 105, n. 120-121.

família e na sociedade, às vezes por vias equivocadas”.⁴²⁹ É importante ressaltar a presença das mulheres nas Conferências Gerais Latino Americanas. Maria Cecilia Domewzi apresenta uma questão fundamental, em seu artigo “As mulheres na Conferências Gerais: sujeito eclesial”.⁴³⁰ Ela afirma que é impossível pensar nas Conferência Gerais sem a atuação das mulheres, seus serviços: desde proporcionar boa acolhida e bem-estar aos participantes, até “cozinhar, secretariar, preparar a liturgia, construir e articular redes de boa influência e até mesmo a assessorar os Bispos. No entanto, o que buscamos aqui é a participação delas como “sujeitos eclesiais, considerando a sua identidade como mulheres na América latina e do Caribe, e convicção de sua própria dignidade como batizadas”.⁴³¹ Ao atuar como membros plenos da Igreja, elas se constroem continuamente como sujeitos na Igreja. O Concílio Vaticano II, voltando às fontes do cristianismo, faz com que retomemos o ser sujeito em uma Igreja comunidade que se realiza em comunhão e participação. Assim, não podemos permitir qualquer tipo de desigualdade quanto a raça ou nação, condição social ou sexo; portanto “não há judeu ou grego, não há servo ou livre, não há varão ou mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3,28)”.⁴³²

Nesta perspectiva, não obstante a desvantagem feminina no exercício do poder, revisitamos as Conferências Gerais em busca de marcar de mulheres, não só nos documentos finais, mas também na *praxis* delas, que possam ter influenciado positivamente cada uma dessas Conferências, mesmo que de forma anônoma.⁴³³

As mulheres são incluídas na lista dos rostos que interpelam a Igreja, e o Documento de Aparecida declara que elas não devem ser excluídas em razão de

⁴²⁹ DAp 49.

⁴³⁰ DOMEZI, M. C., As Mulheres nas Conferências Gerais, p. 413.

⁴³¹ DOMEZI, M. C., As Mulheres nas Conferências Gerais, p. 413.

⁴³² LG 32.

⁴³³ Encontramos aqui uma pesquisa de Maria Cecília Domezi, 1. Rio de Janeiro: mulheres ausentes, mas influentes - somente varões foram convidados a participar da Primeira Conferência Geral. 2. Medellín: mulheres atuantes, mas com rosto invisível – Em Medellín houve a presença nomeada e participativa de 13 mulheres: 6 leigas e 7 religiosas consagradas, era um grupo muito pequeno, foi alvo de advertências o número reduzido de pessoas do laicato católico, que somavam 19. 3. Puebla: mulheres com seus rostos, mas ainda nos bastidores – Do total de 41 mulheres listadas como participantes da Conferência de Puebla as religiosas eram 16 e 25 leigas. 4. Santo Domingo: mulheres que avançam, mas Igreja de velha estrutura – As participantes mulheres, que totalizaram 23, eram 17 religiosas e 6 teólogas. 5. Aparecida: discípulas missionárias, mas conduzidas pelo clero masculino – As mulheres participantes somaram 25. Eram 13 leigas, 11 religiosas e, pela primeira vez, uma pastora de outra Igreja. DOMEZI, M. C., As mulheres nas Conferências Gerais, p. 413-426.

seu sexo, raça ou situação econômica.⁴³⁴ São designadas também como novos atores sociais, ao lado dos afro-descendentes, indígenas e outros.⁴³⁵ O Documento reconhece, na mulher, a vocação de viver plenamente ao lado do homem em reciprocidade e complementaridade.⁴³⁶ Afirma, também, ser urgente escutar o clamor, muitas vezes silenciado, de muitas mulheres submetidas a várias formas de exclusão e violência durante muitas etapas de sua vida. É necessário que todas as mulheres possam participar plenamente da vida eclesial, familiar, cultural, social, econômica, com a criação de espaços e estruturas que favoreçam sua maior inclusão.⁴³⁷ Com essas colocações, o Documento interpela-nos sobre a necessidade urgente de se romper esquemas, estruturas que marginalizam, discriminam e impedem sua implementação.⁴³⁸

São longos os parágrafos em que a mulher é mencionada, pois no seio da família exerce seu tradicional papel de esposa e mãe.⁴³⁹ Nessa seção, é também defendida a igual dignidade entre homem e mulher, e não podemos esquecer que esse é o ponto central da antropologia cristã e da pregação de Jesus.⁴⁴⁰ Ele que, em tempos marcados pelo patriarcado, fez das mulheres discípulas e destinatárias preferenciais de seus milagres e gestos de misericórdia.⁴⁴¹ Retomando ao Discurso inaugural do Papa, o Documento de Aparecida conclama a superação, na América Latina e Caribe,⁴⁴² da mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo e reconhece e anuncia a “igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem”.⁴⁴³ O episcopado deste continente ainda reconhece que as mulheres constituem, geralmente, a maioria em nossas comunidades. “São as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores, os quais devem atendê-las, valorizá-las e respeitá-las”.⁴⁴⁴ Ao reconhecer a mulher como coluna mestra da Igreja, ao mesmo tempo enfatizando sua maternidade como missão primordial, o Documento atinge outra dimensão, que diz respeito às ações femininas que vão

⁴³⁴ DAp 65.

⁴³⁵ DAp 75.

⁴³⁶ DAp 116.

⁴³⁷ DAp 454.

⁴³⁸ MAQUEO, S. M., *A mulher na sociedade e na Igreja*, p. 163.

⁴³⁹ DAp 116-119.

⁴⁴⁰ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

⁴⁴¹ DAp 35.

⁴⁴² BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

⁴⁴³ DAp 453.

⁴⁴⁴ DAp 453.

além do meramente biológico nessa maternidade.⁴⁴⁵ Responsabiliza-se por “compartilhar, orientar e acompanhar projetos de promoção da mulher com organismos sociais já existentes, reconhecendo o ministério essencial e espiritual que ela leva em suas entranhas: receber a vida, acolhê-la, alimentá-la, dá-la à luz, sustentá-la, acompanhá-la e desenvolver seu ser mulher, criando espaços habitáveis de comunidade e comunhão”.⁴⁴⁶ Embora os parágrafos que referenciam a mulher sejam poucos, as ações pastorais que resultam dessa análise da situação da mulher, na sociedade e na Igreja, são muito ricas.⁴⁴⁷ A proposta é a seguinte:⁴⁴⁸ uma organização pastoral que potencie e impulse o “gênero feminino”; um protagonismo mais amplo das mulheres; um acompanhamento das associações femininas em situação de risco e dificuldades; um esforço junto às autoridades para estabelecer políticas públicas que auxiliem a mulher a conciliar seus afazeres domésticos com sua presença, no espaço público e no mercado de trabalho.⁴⁴⁹ Enfim, o que é realmente novo é a afirmação de que é urgente garantir a efetiva presença das mulheres nos ministérios confiados aos leigos e leigas, e também “nas instâncias de planejamento e decisões pastorais, valorizando sua contribuição”.⁴⁵⁰ Essas colocações, com certeza, abrem algum horizonte, na milenar luta feminina por espaços e direitos iguais na sociedade e na Igreja.⁴⁵¹ Pela primeira vez, a mulher é plenamente admitida para contribuir nas decisões eclesiais; antes era sempre vista como a colaboradora que ajuda a pensar oculta e silenciosamente, e sua visibilidade decisória em nível oficial foi sempre frugal. Assim, é realmente alentador que o Documento de Aparecida se proponha a incluir as mulheres em seus processos decisórios, que têm tanto a criar e tanto a colaborar para a construção de uma Igreja mais de acordo ao coração de Deus.⁴⁵²

Apesar dos avanços na caminhada da Igreja nas últimas décadas, ainda temos, no campo da identidade, da vocação, da espiritualidade e da missão dos leigos e leigas na Igreja, um longo caminho a percorrer. Nisso, estamos motivados

⁴⁴⁵ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

⁴⁴⁶ DAp 457.

⁴⁴⁷ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

⁴⁴⁸ DAp 458.

⁴⁴⁹ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

⁴⁵⁰ DAp 458b.

⁴⁵¹ BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

⁴⁵² BINGEMER, M. C. L., *Eclesialidade e cidadania*, p. 987.

pela proposta inovadora do Papa Francisco, de uma Igreja em saída.⁴⁵³ O Documento 105 da CNBB tem como perspectiva a importante afirmação de que os cristãos leigos e leigas atuam como verdadeiros sujeitos eclesiais, como vimos anteriormente, e todo o texto se fundamenta nos ensinamentos do Concílio Vaticano II e do Magistério subsequente. O documento pretende animar e motivar todos os cristãos leigos e leigos a compreenderem sua própria vocação e missão, atuando como verdadeiros sujeitos eclesiais nas diversas realidades em que se encontram inseridos e reconhecendo o valor de seus trabalhos na Igreja e no mundo. Como sujeitos eclesiais, eles não são uma realidade pronta, mas um dom que se faz compromisso permanente para toda a Igreja, em sua missão evangelizadora, sempre em comunhão com os demais membros.⁴⁵⁴

O caminho sinodal proposto por Papa Francisco desenvolve-se em um contexto histórico, marcado por mudanças epocais na sociedade e por uma passagem importante na vida da Igreja que não podemos ignorar; “é nas obras da complexidade deste contexto, com suas tensões e contradições que somos chamados a investigar os sinais dos tempos e a interpretá-los a luz do Evangelho”.⁴⁵⁵ A tragédia global da pandemia COVID-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, no qual o mal de um prejudica a todos. Recordamos que ninguém se salva sozinho, que só é possível que nos salvemos juntos”.⁴⁵⁶

Alguns desafios ainda nos provocam: a corrupção, verdadeiro “câncer social”; a constante necessidade de conversão ecológica e do cuidado com a nossa casa comum; a superação do analfabetismo bíblico;⁴⁵⁷ a preocupação com os afastados; a saída da zona de conforto; a qualidade de nossas reuniões; a necessidade de mais transparência na administração das finanças. “Não tenhamos medo de revê-los!”.⁴⁵⁸ Na questão da atuação das mulheres, é preciso que todos tenham ciência de que elas contribuem de maneira indispensável, tanto na sociedade como nas responsabilidades pastorais. Todavia, a Igreja reconhece que ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na

⁴⁵³ CNBB, Doc. 105, 09.

⁴⁵⁴ CNBB, Doc. 105, n. 10-11.

⁴⁵⁵ GS 4.

⁴⁵⁶ FT 32.

⁴⁵⁷ CNBB, Doc. 105, n.49.

⁴⁵⁸ EG 43.

Igreja.⁴⁵⁹ Segundo o Papa Francisco: “porque o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social [...] e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais”.⁴⁶⁰

Vamos olhar para a presença da mulher⁴⁶¹ com voz e voto no Sínodo da sinodalidade.⁴⁶² O Papa Francisco autorizou mulheres⁴⁶³ a votarem pela primeira vez no Sínodo dos Bispos, um dos principais encontros da Igreja.⁴⁶⁴ É preciso reconhecer a dignidade da mulher e a sua indispensável contribuição na Igreja e na sociedade,⁴⁶⁵ ampliando a sua presença, especialmente na formação e também nos espaços decisórios.⁴⁶⁶ O papa Francisco diz que vê com prazer como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias e grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. No entanto, ainda é preciso ampliar espaços novos para uma presença feminina mais incisiva na Igreja.⁴⁶⁷ As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam a refletir.⁴⁶⁸

2.4.4 **É possível um novo modelo de Igreja?**

Precisamos pensar no futuro e delinear a possibilidade de construir o que o Documento de Aparecida, o magistério da CNBB e do Papa Francisco nos

⁴⁵⁹ CNBB, Doc. 105, n.54.

⁴⁶⁰ EG 103.

⁴⁶¹ PALERMO, A., Divulgada a lista de participantes do Sínodo. SALA DE IMPRENSA, Os participantes da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

⁴⁶² INSTRUMENTUM LABORIS, XVI, Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

⁴⁶³ BELCHIOR, L. Voto histórico de mulheres e rebelião de conservadores: as polêmicas do Sínodo dos Bispos, que define o futuro da Igreja Católica. G1, notícias. Vaticano terá mulheres em conselho de Papa pela primeira vez.

⁴⁶⁴ A Igreja de Deus é convocada em Sínodo. O caminho, intitulado “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, iniciará solenemente nos dias 9-10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Uma etapa fundamental será a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023, a que se seguirá a fase de execução, que envolverá novamente as Igrejas particulares. Com esta convocação, o Papa Francisco convida a Igreja inteira a interrogar-se sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”.

⁴⁶⁵ Cfl 51.

⁴⁶⁶ EG 103.

⁴⁶⁷ EG 103.

⁴⁶⁸ EG 104.

oferecem como proposta e, acima de tudo, construir o sujeito que o torne possível, em sua dimensão pessoal e em sua dimensão coletiva.⁴⁶⁹ Para a maior parte de nosso povo, a sociedade urbana tornou-se o novo ambiente de vida. Dentro desse ambiente, movimentam-se mais de 70% da população, que vive marcada por seu ritmo. Hoje, como também, no futuro, a realidade não é mais a mesma da Idade Média, quando só os “homens de Igreja” tinham acesso ao conhecimento e à formação. Agora, a realidade é bem diferente, pois os clérigos formados em filosofia e teologia não estão mais diante de leigos e leigas ignorantes e sem formação, pelo contrário, hoje são eles que sabem. Eles é que entendem de física, de técnica, de sociologia, de máquinas, de tecnologia, etc.⁴⁷⁰ Observamos que há uma crise irreversível, de um determinado modelo hoje dominante hoje na Igreja; mas observamos, também, que outro modelo é possível, sempre no interior da mesma Igreja. Consequentemente, precisamos ser realistas e evitar toda contradição com o modelo de Igreja dominante que está em crise, e crescer lá onde se encontram nossas forças para construir e crescer.⁴⁷¹ Onde estão nossas forças? Podemos retomar de forma global e sistemática toda a tradição de reforma que foi proposta pela Igreja no Concílio Vaticano II, nas Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, pois esses locais nos indicam o caminho a seguir, e também nos dão forças para construir um novo modelo de Igreja que buscamos e encontrar o sujeito capaz de construí-lo. Os elementos básicos que não podem faltar são: o método - ver, julgar e agir; as comunidades eclesiais de base (como aparecem em Puebla e Aparecida); formação permanente dos agentes de pastoral, especialmente os leigos e leigas; participação da mulher em todos os níveis ministeriais; a Teologia da Libertação e todas as teologias diferenciadas e específicas de libertação na América Latina e no Caribe; espiritualidade libertadora, com toda sua exigência e formas concretas de realização; movimento bíblico.⁴⁷²

“Sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14). Assim Jesus definiu seus discípulos e a missão que a eles conferiu. As imagens evangélicas do sal e da luz, embora se refiram a todos os discípulos e discípulas de Jesus, são particularmente

⁴⁶⁹ RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 92.

⁴⁷⁰ BLANK, R., Ovelha ou protagonista? p. 5.

⁴⁷¹ RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 93.

⁴⁷² RICHARD, P., Terminou a V Conferência em Aparecida, p. 94.

significativas quando aplicadas aos cristãos leigos e leigas.⁴⁷³ Sal e luz, símbolos milenares de conservação e de iluminação do que deve permanecer, continuar e durar, têm significados importantes, precisos e preciosos para a vida, a identidade, a espiritualidade e a missão dos cristãos leigos e leigas.⁴⁷⁴ Nem o sal, nem a luz, nem a Igreja e nenhum cristão vive para si mesmo.⁴⁷⁵ Sua verdadeira missão é sair de si mesmo, iluminar, doar-se, dar sabor e dissolver-se. Deve ter olhares luminosos e corações sábios, para gerar luz, sabedoria e sabor, como Jesus Cristo e seu Evangelho.⁴⁷⁶

É importante, sempre, lembrar que o mesmo Jesus que diz “Vós sois o sal da terra...Vós sois a luz no mundo”, também ensina: “Eu sou a videira verdadeira [...] e vós, os ramos” (Jo 15,1-8). Toda a vitalidade dos ramos depende de sua ligação à videira, que é o próprio Jesus Cristo: “quem permanece em mim e eu nele, dá muitos frutos, porque sem mim não podeis fazer nada” (Jo 15,5).⁴⁷⁷ Daí a necessidade de o cristão pertencer a uma comunidade de fé, na qual se alimenta da Palavra de Deus, dos sacramentos e da vida comunitária.⁴⁷⁸ O mundo e a história são o grande campo da ação do amor de Deus. Para o Concílio Vaticano II, a Igreja está dentro do mundo, não fora, nem ao lado, nem acima, nem contraposta a ele. Vista em seu próprio mistério, a realidade salvífica da Igreja é grandiosa, é a obra de Deus-Trindade em sua manifestação salvadora da humanidade inteira.⁴⁷⁹ No entanto, quando vista em relação com o mundo, ela adquire pequenas dimensões. Aí, é o mundo que é visto em grandes dimensões. Dentro do mundo situa-se a Igreja. Na relação com o mundo a Igreja se vê pequena. Assim, ela readquire as conotações bíblicas de pequeno rebanho, sal na comida, fermento na massa, semente lançada na terra, luz sobre o candeeiro. Agora, o mundo lhe dá uma dimensão à qual ela não estava acostumada.⁴⁸⁰

Enquanto sujeito no mundo, todo cristão é convidado a apreciar a beleza e a bondade radicais do mundo, obra criada por Deus Pai e assumida pelo Filho na

⁴⁷³ CNBB, Doc. 105, n. 13.

⁴⁷⁴ CfL 15.

⁴⁷⁵ CNBB, Doc. 102, n. 13.

⁴⁷⁶ CNBB, Doc. 102, n. 13-14.

⁴⁷⁷ CfL n.57.

⁴⁷⁸ CNBB, Doc. 105, n.14.

⁴⁷⁹ CNBB, Doc. 105, 15.

⁴⁸⁰ CNBB, Doc. 105, 15.

ação do Espírito Santo na Encarnação.⁴⁸¹ Em Jesus Cristo, a natureza humana foi assumida sem ser afetada e, por isso mesmo, tornou-se ainda mais digna e preciosa. Pela sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-se a todos os seres humanos. Trabalhou com mãos humanas, pensou e agiu como qualquer ser humano, amou com um coração humano. “Nascido de uma mulher, na plenitude dos tempos “(Gl 4,4), foi realmente um dos nossos em tudo, menos no pecado.⁴⁸² Neste campo que é o mundo convivem, até o momento da colheita, o mistério da graça de Deus e o mistério do mal (Mt 13,24-30: o joio e o trigo). “Onde, porém, se multiplicou o pecado, a graça transbordou” (Rm 5,20). Por isso, na complexa tarefa de olhar a realidade em que vivemos, o chão da nossa história, confiamos na presença e ação do Espírito Santo de Deus que, segundo a promessa de Jesus, nos lembrará tudo o que Ele nos ensinou e nos conduzirá “em toda a verdade” (Jo 16,13).⁴⁸³

Neste sentido, a renovação eclesiológica conciliar compreendeu o cristão leigo e a cristã leiga, plenamente como membro efetivo da Igreja e, não como um fiel de pertença menor ou inferior, a quem faltasse algo da comum dignidade cristã.⁴⁸⁴ O Concílio Vaticano II dedicou páginas maravilhosas à natureza, espiritualidade, missão e responsabilidade dos fiéis leigos e leigas.⁴⁸⁵ A Exortação Pós-sinodal *Christifideles Laici* (1988), além de oferecer uma leitura dos ensinamentos do Concílio Vaticano II a respeito do laicato, retoma e afirma o significado positivo dos fiéis leigos e leigas como membros do Povo de Deus:⁴⁸⁶ sujeitos ativos na Igreja e no mundo, membros da Igreja e cidadãos ativos na sociedade humana.⁴⁸⁷

Nesta retomada histórica convém recordar os ensinamentos do Magistério do episcopado latino-americano. As conclusões de Medellín (1968) afirmam que “os leigos cumprirão a sua missão de fazer com que a Igreja aconteça no mundo, na tarefa humana e na história.⁴⁸⁸ Puebla (1979) indentifica os leigos e leigas como homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do

⁴⁸¹ CNBB, Doc. 105, 16.

⁴⁸² GS 22.

⁴⁸³ CNBB, Doc. 105, 16.

⁴⁸⁴ LG 04.

⁴⁸⁵ Cfl 2.

⁴⁸⁶ CNBB, Doc. 105, n.18.

⁴⁸⁷ Cfl 59.

⁴⁸⁸ DdM 10,2.6.

mundo no coração da Igreja.⁴⁸⁹ Santo Domingo (1992) denomina-os protagonistas da transformação da sociedade.⁴⁹⁰ Aparecida (2007) pede maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o ‘ser’ e o ‘fazer’ do leigo e leiga na Igreja, que por seu Batismo e sua Confirmação são discípulos missionários de Jesus Cristo.⁴⁹¹ O Papa Francisco⁴⁹² lança um vigoroso chamado para que todo o povo de Deus saia para evangelizar. Com Francisco, toda a Igreja é convidada a sair agora para o encontro com Jesus Cristo vivo e com os irmãos em um mundo que clama por melhores condições de vida.⁴⁹³

O Papa Francisco alertou para o perigo da tristeza individualista, que brota de corações mesquinhos e da consciência isolada.⁴⁹⁴ Para uma adequada formação de verdadeiros sujeitos é necessário que liberdade e autonomia se desenvolvam, não no fechamento ou na indiferença, mas na abertura solidária aos outros e às suas realidades. A abertura ao outro não é opcional, mas condição necessária para a realização do ser humano.⁴⁹⁵ A vivência comunitária favorece o amadurecimento dos cristãos, e acontece em uma dinâmica que exige o equilíbrio entre o eu e o outro, sem isolamentos nos dons e funções individuais e sem aniquilamento da individualidade em função da comunidade.⁴⁹⁶ Aqui, a imagem do corpo, utilizada por Paulo para falar da Igreja, expressa a organicidade da comunidade, que deve se esforçar para integrar em seu conjunto as autonomias individuais (1Cor 12-15). Finalmente, os cristãos e cristãs, sujeitos na Igreja e no mundo, são discípulos e discípulas missionários, seguidores e testemunhas de Jesus Cristo vivo. É o cristão e a cristã maduros na fé, aquele e aquela que fizeram a experiência do encontro pessoal com Cristo e se dispuseram a segui-lo com todas as consequências dessa escolha. É o cristão e a cristã que aderem ao projeto do Mestre, buscando identificar-se sempre mais com Ele, com o seu agir. São aqueles que se colocam à escuta do Espírito Santo é se percebem enviados à edificação da comunidade e à transformação do mundo como lugar do Reino de

⁴⁸⁹ DP 786; DAp 209.

⁴⁹⁰ DSD 98.

⁴⁹¹ DAp 213.

⁴⁹² EG 20.

⁴⁹³ EG 20-24.

⁴⁹⁴ EG 2.

⁴⁹⁵ CNBB, Doc. 105, n.130.

⁴⁹⁶ CNBB, Doc. 105, n.131.

Deus, já iniciado, até a sua consumação definitiva.⁴⁹⁷

Conclusão

Os cristãos leigos e leigas são chamados, antes de tudo, à santidade. São interpelados a viver a seu modo sua santidade no mundo. Diante disso, são interpelados pelo Espírito Santo a cultivar com solicitude a vida interior e sua relação pessoal com Jesus Cristo vivo, de modo que, iluminados pelo Espírito Santo, em todas as circunstâncias de sua vida, tudo façam para a glória de Deus, para a salvação do mundo e para o bem de todos. A santificação, no seu cotidiano de vida, torna a Igreja mais atraente e convincente, pois os santos movem e abalam o mundo.

Em tempos de Papa Francisco, é preciso valorizar os núcleos e pequenas comunidades, programando novos modelos de rede na Igreja, organizada como “comunidade de comunidades”. É preciso, também, uma opção preferencial pelos pobres como opção pela justiça e solidariedade, o que implica também a sobriedade evangélica no viver cotidiano. Finalmente, há que se fomentar uma espiritualidade disciplinar-missionária que esteja fundamentada na Palavra de Deus, na Eucaristia e no amor fraterno, regada pelas águas do batismo e interpelada pelos sinais dos tempos, sempre movida pelo sopro criativo do Paráclito. Deve-se caminhar com uma espiritualidade traduzida no serviço ao Reino de Deus. Os cristãos e cristãs, sujeitos na Igreja e no mundo, como discípulos e missionários, seguidores e seguidoras, são testemunhas de Jesus Cristo, maduros na fé, homens e mulheres que experimentam na própria vida o encontro com Jesus Cristo vivo e se dispõem a segui-lo, assumindo todas as consequências de suas escolhas. Homens e mulheres que se colocam na escuta do Espírito Santo e se percebem como verdadeiros sujeitos e protagonistas enviados à edificação da Igreja como comunidade de amor. Realizam, em Cristo, a transformação do mundo como lugar do Reino de Deus, já iniciado aqui e agora, até a sua consumação definitiva. É um grande desafio!

⁴⁹⁷ CNBB, Doc. 105, n. 132.

3

O rosto mariano da Igreja

Introdução

Após visitarmos os fundamentos da Teologia do Laicato, neste capítulo, vamos dar um passo e queremos contemplar “o rosto mariano da Igreja”. Isso nos

permitirá encontrar luzes mariológicas para compreender a identidade cristã de leigos e leigas.

Vamos contextualizar Maria de Nazaré em sua realidade histórica existencial e perceber que é justamente na experiência de sua vida cotidiana que acontece o mistério da Encarnação de Deus entre nós. Buscaremos demonstrar a relação entre a história e o mistério da vida de Maria. Veremos de que modo o Concílio Vaticano II, ao resgatar o título “Filha de Sião”, no vivo contexto de um discurso sobre a Virgem Maria, desperta-nos para a importância desse tema, no que se refere à mariologia, para aprofundar os fundamentos bíblicos dessa expressão. Somos provocados a conhecer a Maria dos Evangelhos e os significados antropológicos, ecumênicos e pastorais do seu *Fiat*.

Portanto, nosso propósito neste Terceiro Capítulo é recolher elementos teológicos para, no Quarto Capítulo responder com segurança e fundamento a nossa pergunta-guia: “como o rosto mariano da Igreja ilumina a identidade cristão do laicato”.

3.1

Maria de Nazaré: uma mulher singular

Para compreender o *Fiat* de Maria de Nazaré é necessário conhecer as circunstâncias de sua vida em sua realidade histórica. Para isso, podemos nos aproximar de pesquisas arqueológicas e literárias que nos fornecem alguns dados para possibilitar conhecer um pouco mais da Palestina do século I e as circunstâncias da sociedade do tempo de Jesus de Nazaré. A aproximação à Palestina do século I tem como intuito contextualizar Maria na sua realidade histórica e existencial, para demonstrar a relação entre a história e o mistério em sua vida. Isso, para dizer que, na experiência de Maria, o cotidiano é justamente o lugar normal para o encontro com o Divino,⁴⁹⁸ pois ela nos ensina a viver no ordinário da vida humana o extraordinário da Presença de Deus. Mulher reflexiva que repassava os acontecimentos de cada dia no seu coração, repleto de fé e de amor, sua vida toda era de meditação amorosa e confiante em Deus. Maria estava inserida na sociedade e vivia de acordo com os costumes e com a mentalidade de

⁴⁹⁸ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 107.

sua época; por isso, em nada foi diferente da realidade atual, e a vivência da sua fé não modificou sua vida como uma pessoa normal.⁴⁹⁹

O mistério da Encarnação acontece na história de Maria. Não nega a sua história, mas lhe dá um significado novo, uma dimensão diferente que não anula suas condições anteriores. A profundidade da atitude de fé de Maria estabelece entre ela e o seu Filho uma relação mais estreita que a própria maternidade física: ela foi a primeira e mais perfeita seguidora de seu filho Jesus, e em sua condição concreta de vida aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (Lc 1,38). Ela recebe a Palavra e a põe em prática, e sua ação é animada na caridade do Espírito Santo e do serviço.⁵⁰⁰ Quando se enxerga esse vínculo espiritual entre Maria e seu Filho, enxerga-se também a eleição eterna que o Pai estabelece entre ela e seu Filho. Abre-se ao crente uma profundidade interior que lhe possibilita compreender que ambos os fatos são constitutivos de uma mesma realidade⁵⁰¹. “A Virgem é o objeto criado da complacência divina, a criatura que acolhe a iniciativa de Deus com receptividade pura e gratidão infinita e fecunda, a amada que obedece em tudo o querer do Eterno”.⁵⁰²

3.1.1

Contexto histórico e situações vitais

Temos poucos dados históricos sobre a mulher escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus. Sabemos que ela participou da longa caminhada de fé e esperança registrada no Antigo Testamento; desde Sara, mulher de Abraão, até Isabel, esposa de Zacarias. Assim, desenvolveu-se uma autêntica história da promessa, marcada por homens e mulheres que aguardavam a chegada do Messias⁵⁰³ Salvador. “Na plenitude dos tempos, a Palavra de Deus dirigiu-se a Maria, e ela acolheu-a com todo o seu ser, no coração, para que nela a carne nascesse como luz para os homens”.⁵⁰⁴ Sabemos, também, que Maria foi extraordinária em sua vida cotidiana. Mesmo tendo vivido em um contexto patriarcal e violento, ela foi livre e disponível para gerar Cristo ao mundo. É importante recordar o caráter profético

⁴⁹⁹ GERALDO, M. T. C. M., Resgate Histórico de Maria de Nazaré, p. 3-4.

⁵⁰⁰ MC 35.

⁵⁰¹ GERALDO, M. T. C. M., Resgate Histórico de Maria de Nazaré, p. 3-4.

⁵⁰² FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 168.

⁵⁰³ BRUSTOLIN, A. L., Eis tua Mãe, p. 11.

⁵⁰⁴ LF 58.

de sua feminilidade: “uma noiva prometida a José, que não temeu acolher um projeto maior que o seu e de seu noivo e entregou-se totalmente a essa misteriosa presença que a visitou e a deixou grávida”.⁵⁰⁵

Na verdade, a vida da jovem de Nazaré não foi marcada por grandes acontecimentos. Ao contrário, foi uma vida simples e dura, no ordinário do cotidiano. Partilhou a situação social humilde da maioria das mães daquele povo, situação que o texto bíblico chama de *tapeinôsis* (Lc 1,48). Ela é essencialmente a mulher do dia a dia. Para traçar a real personalidade dessa filha de Israel, há que se conhecer um pouco do seu curso cotidiano e de seus trabalhos diários.⁵⁰⁶ Do ponto de vista da estrutura familiar, as pesquisas históricas mostram que os judeus viviam em clãs, famílias grandes que viviam sob o poder da figura masculina. Nesses clãs, os papéis do homem e da mulher eram bem definidos. Como acontecia em grande parte das famílias mediterrâneas, a mãe tinha domínio maior dentro de casa e estabelecia fortes laços com seus filhos.⁵⁰⁷ É possível afirmar que Maria era uma mulher pobre que viveu a maior parte de sua vida na pequena cidade de Nazaré, na região norte da Palestina denominada Galileia. Em sua época, sofria as discriminações impostas às mulheres daquela região: pouco acesso aos espaços públicos para aprender a escrever e ler, restrição ao espaço privado da casa, alguns riscos de abandono, em caso de viuvez. Como judia, Maria conhecia os preceitos da Torá e se autocompreendia à luz da Aliança com Javé, ouvia os relatos dos profetas, rezava os salmos, guiava a sua existência pelos escritos sapienciais.⁵⁰⁸

Nos últimos anos, algumas pesquisas arqueológicas, históricas e literárias forneceram dados para que fosse possível conhecer um pouco mais da Palestina do século I e as características da sociedade do tempo de Jesus.⁵⁰⁹ A mãe de Jesus chama-se Maria, um nome tipicamente hebreu: *Myrian*.⁵¹⁰ No contexto da

⁵⁰⁵ BRUSTOLIN, A. L., *Eis tua Mãe*, p. 12.

⁵⁰⁶ BOFF, C., *O cotidiano de Maria de Nazaré*, p. 10.

⁵⁰⁷ MURAD, A., *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 28.

⁵⁰⁸ MURAD, A., *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 27.

⁵⁰⁹ MURAD, A., *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 26.

⁵¹⁰ Ela tinha o mesmo nome que um grande personagem do Antigo Testamento, a irmã de Aarão: Aarão e sua mulher Jocabed, filha de Levi, nascia no Egito, tiveram três filhos: Aarão, Moisés e Maria: Nm 26,59; 1Cr 5, 29. Le Deaut, R., *Myrian, souer de Moise, et Marie, mère du Messie*, em *Bíblica* 5 (1964), p. 198-219.

Palestina do século I, nomes como Maria, Jesus e José tinham uma forte intencionalidade religiosa.

Muitos judeus da Palestina – especialmente nas pequenas cidades e áreas rurais – reagiram à perseguição selêucida com um surgimento do sentimento religioso nacional. É possível que por esse tempo se tivesse tornado cada vez mais comum o costume de dar aos filhos os nomes dos grandes heróis do passado. Esse costume deve ter afetado sensivelmente os galileus, entre os quais o judaísmo teve de viver durante séculos junto com uma forte influência pagã. Somente depois da vitória dos Macabeus pôde-se afirmar uma presença judaica vigorosa na Galileia dos gentios. Por isso, muito provável que o fato de toda a família de Jesus ter nomes “patriarcais” e “matriarcais” indique a sua participação nesse renascimento da identidade nacional e religiosa judaica, uma identidade que pretendia se definir voltando ao passado idealizado dos patriarcas.⁵¹¹

Podemos perceber que Maria levava o sinal de sua predecessora, a irmã de Moisés e Aarão, a profetisa e cantora do Êxodo.⁵¹² A profetisa Miriân, irmã de Aarão, pegou o tamborim, e Miriân entoou esse canto: “Cantai ao Senhor. Ele se sobre-exaltou. Cavalo e cavaleiro se precipitaram ao mar” (Ex 20-21). As mulheres todas a seguiram, dançando e tocando os tamborins.⁵¹³

Historicamente, é pouco provável que Maria tenha vivido no Templo de Jerusalém, pois, conforme relatos evangélicos de Lucas e Mateus, podemos saber que a Sagrada família de Nazaré vivia modestamente. Ela vivia em sua casa (Lc, 1,56) e, depois das núpcias, foi morar na casa de José (Mt 1,14 e 2, 23). Sua subsistência era garantida pelo trabalho artesanal de José e Jesus (Mt 13,3; Mc 6,3).⁵¹⁴

Do ponto de vista da estrutura familiar, as pesquisas históricas mostram que os judeus viviam em clãs, famílias grandes que estavam sob o poder da figura masculina. Nesses clãs, os papéis do homem e da mulher eram bem definidos. Maria levanta-se bem antes de o dia clarear (Mc 1,35; 16,2), são muitos os trabalhos domésticos e é preciso começar cedo. Naturalmente seu primeiro pensamento é para o Eterno, como era de rotina e mandava a religião da Aliança.

⁵¹¹ MEIER, J. P., Um judeu marginal, p. 207-208.

⁵¹² PAREDES, J. C. R. G., Mariologia, p. 28-29.

⁵¹³ A nossa atenção a Maria, irmã de Moisés, tem, todavia, um valor modesto - pretendemos apenas sublinhar a presença daquele nome que será dado a milhões de mulheres ao longo dos séculos e quase sempre em honra a Mãe de Jesus E Maria de Nazaré tinha esse nome na esteira da célebre antepassada Israel, como faziam tantas outras mulheres, suas contemporâneas. RAVASI, G., Os rostos de Maria na Bíblia, p. 36.

⁵¹⁴ BRUSTOLIN, A. L., Eis tua Mãe, p. 14.

Havia o costume de pronunciar uma *berakhá*,⁵¹⁵ ou bênção, por qualquer coisa pequena que perpassasse o cotidiano de todo o povo hebreu piedoso. *Baruch Adonai*, “Bendito seja o Senhor”, por isso e por aquilo. Talvez Jesus e toda a sua família se dedicassem também ao cultivo da terra, pois viviam em uma sociedade agrária.⁵¹⁶ Já o significado de “família” e “indivíduo”, no tempo de Jesus, era bem diferente do significado de hoje. O indivíduo não era uma pessoa isolada, autônoma, mas parte de uma unidade bem maior e mais ampla.⁵¹⁷ O pátio na frente da casa era um lugar delimitado por um muro baixo. Um pátio comum a quatro ou cinco famílias, todos parentes de José: família de Tiago, de José, de Judas e de Simão, os ditos irmãos de Jesus (Mc 6,3). Todos são de ascendência real davídica, a portadora das promessas messiânicas (Mt 1,1). Maria tem também parentas e parentes. Além de pelo menos uma irmã (Jo 19,25) e de uma prima, Isabel (Lc 1,36), ela tem em Nazaré algumas sobrinhas (Mt 13,56). Ela e seu filho Jesus estão integrados ao clã de seu marido, com o qual, no entanto, nem sempre vivem bem (Mc 3,20-21; Jo 7,5).

Pois bem, são esses parentes próximos, no máximo umas trinta pessoas, que frequentam o pátio coletivo, um lugar em que convive normalmente a família clânica. Nesse lugar, Maria também realiza alguns trabalhos caseiros, e ali José trabalha em sua oficina. Encontram-se também nesse espaço alguns instrumentos de uso comum: o forno do pão, o moinho doméstico de duas pedras, o pilão usado para esmagar olivas e a bacia para lavar as roupas. É igualmente no pátio que as visitas são recebidas. Por tudo isso, esse lugar se torna mais importante que a própria casa. De resto, a família de Maria, como a maioria das famílias do Oriente caloroso, gostava muito de viver ao ar livre.⁵¹⁸

Garcia Paredes, em sua pesquisa, informa que Flavio Josefo, responsável pelas operações militares que se desenvolveram na Galileia durante a guerra dos judeus, cita 45 cidades da Galileia, mas nunca menciona Nazaré,⁵¹⁹ onde morava.

⁵¹⁵ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 15.

⁵¹⁶ PAREDES, J. C. R. G., Mariologia, p. 33.

⁵¹⁷ PAREDES, J. C. R. G., Mariologia, p. 34.

⁵¹⁸ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 22-23.

⁵¹⁹ Também o *Talmud* se refere a 63 cidades da Galileia, mas nem uma vez fala de Nazaré. A primeira menção a Nazaré em textos não cristãos encontra-se em uma inscrição realizada em um fragmento de mármore procedente do século III ou IV da nossa era. Depois da destruição de Jerusalém, no ano 70, os sacerdotes do templo sobreviventes, dividido em 24 ordens diferentes, que exerciam por turnos o serviço do templo, reorganizaram-se e se instalaram em diversas

Naquela época, a Palestina estava dividida em três regiões: a Judeia, ao sul, a Samaria, ao centro, e a Galileia, ao norte. Os que viviam na Judeia consideravam-se judeus mais piedosos, mais puros nos costumes e cumpridores das leis religiosas. A cidade de Jerusalém, na Judeia, era lugar das peregrinações, capital religiosa e grande centro econômico. Já os galileus não eram bem-vistos, pois em sua região nasciam vários movimentos de libertação contra a opressão dos romanos. Os galileus tinham um sotaque tipicamente “caipira”, que os identificava facilmente.⁵²⁰ Nazaré era uma cidade sem importância. Os chefes dos sacerdotes não acreditavam nos galileus e julgavam que de lá não poderia surgir nenhum profeta importante (Jo 7,52).

Maria e José não eram ricos. O nascimento de Jesus se dá fora de Jerusalém, em Belém. Não encontraram lugar em nenhuma hospedaria para o nascimento de seu filho (Lc 2,7). Maria envolveu seu filho em panos e o deitou no lugar onde se alimenta o gado. Como se diz popularmente, “o menino Jesus não nasceu em berço de ouro” (Lc 2,12). Aqui se encontra o grande sinal, revelado aos pastores, de que nasceu o Salvador, “[...] encontrareis um recém-nascido, envolto em faixas e deitado numa manjedoura” (Lc 2,12). Na verdade, não conhecemos qual era o rosto de Maria. Toda a curiosidade sobre o seu aspecto físico está intimamente ligada ao fato de que essa mulher concreta havia se tornado a Mãe de Deus. Ela é uma mulher histórica, e não uma personagem de um mito, ou de uma lenda, não é fruto de uma fantasia.⁵²¹ Há séculos a Igreja afirma a beleza de Maria e a invoca como a Virgem mais bela. Leomar Brustolin explica que na Mãe de Jesus concentra-se o sentido da beleza de Deus, que resplandece em seus filhos e filhas. Maria é toda bela e totalmente amada.⁵²²

Maria vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas, cantam a sua beleza. É a mulher “vestida de sol”, com a lua debaixo dos pés e com uma cora de doze estrelas na cabeça (Ap 12,1). Elevada ao Céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude de sua beleza. Maria não só conservava no seu coração toda a vida de Jesus, que “guardava” cuidadosamente (Lc 2,51), mas agora

cidades e aldeias da Galileia. Na parede da sinagoga de Cesareia havia uma inscrição com a lista dessas localidades. O fragmento a que nos referimos assim diz: “Décima oitava ordem religiosa chamada Hapizzez, instalada em Nazaré”. PAREDES, J. C. R. G., *Mariologia*, p. 38.

⁵²⁰ MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 70-71.

⁵²¹ BRUSTOLIN, A. L., *Eis tua Mãe*, p. 16.

⁵²² BRUSTOLIN, A. L., *Eis tua Mãe*, p. 17.

compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio.⁵²³

O que se entende por mistério de Maria?⁵²⁴ Trinta anos na vida de uma mãe e seu filho é muito tempo: são fatos, palavras, muitos silêncios, membros em crescimento, muito trabalho aprendido, muita entrega recíproca, necessidades confiadas e muitas outras vibrações inimagináveis. No entanto, o evangelho diz muito das relações entre Maria e Jesus e revela que ele se comportou com ela como normalmente se comportavam os filhos com suas mães no ambiente que era deles. Entre Jesus menino, adolescente e adulto e sua mãe Maria, houve um mistério de amor e de relação recíproca, mas desses trinta anos de convivência apenas um episódio é conhecido.⁵²⁵

3.1.2

Criatura: filha de Adão-Eva

Ratzinger, em sua reflexão, apresenta detalhes importantes, ao dizer que, na medida em que reconstruímos, no Antigo Testamento, os elementos com os quais o Novo Testamento tenta explicar teologicamente a figura de Maria, deparamos com linhas significativas que nos conduzem a uma teologia da mulher,⁵²⁶ que colaborou de forma decisiva com a obra da Redenção e cuja decisão mudou toda a sua vida e a da humanidade.

Aqui podemos mencionar a figura de Eva, que no livro dos Gênesis é descrita como a companhia necessária para estar diante do homem, cuja existência solitária não seria boa sem a existência dela (Gn 1,2). Aqui Eva não provém da terra, mas do próprio Adão, “[...] na lenda da costela, manifesta-se a mais íntima relação de reciprocidade entre o homem e a mulher, a única que se realiza na totalidade do ser humano, ser um só entre o homem e a mulher, onde deve se realizar plenamente”.⁵²⁷ Como já descrito em Gn 1,27 o homem e a sua semelhança com Deus, desde o início, como masculino e feminino, liga

⁵²³ LS 241.

⁵²⁴ BOFF, L., *Maria na Vida do Povo*, p. 48-51.

⁵²⁵ ANTONINI, B., *Família*, p. 529.

⁵²⁶ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 12.

⁵²⁷ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 12.

misteriosamente tal semelhança a essa relação recíproca.⁵²⁸ Maria é profeticamente nomeada no Protoevangelho, no primeiro alegre anúncio da salvação e na promessa feita a nossos pais caídos no pecado, acerca da vitória sobre a serpente. “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar (Gn 3,15)”.⁵²⁹ A patrística viu nestas palavras a figura de Maria e associa a Mãe ao Filho de Deus, na luta vitoriosa contra o pecado, representado na serpente. Os profetas preanunciam a Virgem Mãe do Emanuel, “O Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14).⁵³⁰

3.1.3

Representante de um povo: Filha de Sião

O Concílio Vaticano II, ao resgatar o título “Filha de Sião”, no vivo contexto de um discurso sobre a Virgem Maria, revela a importância, no que se refere a mariologia, de aprofundar os fundamentos bíblicos dessa expressão, como também as suas implicações nos planos teológico, antropológico, ecumênico e pastoral. No documento da *Lumen Gentium*, no capítulo VIII, a questão mariana é inserida pelo Concílio no mistério de Cristo e da Igreja.⁵³¹ A proposta do Concílio, como anúncio da mãe do Salvador, propõe um novo olhar para textos clássicos veterotestamentários (Gn 3,15; Is 7-14; Mq 5,2-3),⁵³² com a seguinte explicação: “Esses documentos primitivos, tais como são lidos na Igreja, são compreendidos à luz da revelação posterior e plena”.⁵³³ Neste olhar, iluminado pelo Antigo Testamento, já é possível vislumbrar a origem primeira dessa santa mulher do Novo Testamento.⁵³⁴ No parágrafo 55, o documento sinaliza Maria de Nazaré na linhagem das mulheres do Antigo testamento, como toda a

⁵²⁸ RATZINGER, J., A Filha de Sião, p. 13.

⁵²⁹ BOFF, L., A figura da Virgem Maria, p. 24.

⁵³⁰ BOFF, L., A figura da Virgem Maria, p. 24.

⁵³¹ LG 52-53.

⁵³² LG 35.

⁵³³ LG 55.

⁵³⁴ BOFF, L., A figura da Virgem Maria, p. 53.

humanidade.⁵³⁵ É nessa perspectiva, e com essas premissas, que propõe e acrescenta:⁵³⁶

Ela [Maria] sobressai entre os humildes e os pobres do Senhor, que com confiança esperam e recebem dele a salvação. E, enfim, com ela, excelsa Filha de Sião, depois da longa espera pela promessa, realizam-se os tempos e instaura-se a nova economia quando o Filho de Deus assume nela a natureza humana, para libertar com os mistérios da sua carne o homem do pecado.⁵³⁷

Encontramos também referências a dois termos significativos para a nossa reflexão sobre Maria, que são: “humildes e pobres” (*anawin*) e “Filha de Sião”, figura do povo eleito, que leva consigo a promessa que se cumprirá na plenitude dos tempos (Gl 4,4). A referência aos dois temas deve ser considerada, porque não foi adotada por nenhuma citação escriturística, nem explícita, nem implícita. Segundo os estudiosos, “[...] nenhum dos dois vocábulos é acompanhado por uma referência, pelo fato de os dois formarem uma espécie de lugar comum da piedade veterotestamentária”.⁵³⁸ A “filha de Sião” (Zc 2,10-11), figura do povo eleito, leva consigo a promessa que se cumprirá na plenitude dos tempos. Essa expressão encontra o seu lugar na *Lumen Gentium*, porém, esse tema ainda não entrou concretamente para a prática pastoral, visto que ainda existe um caminho de amadurecimento para se percorrer.⁵³⁹

Segundo os historiadores e os exegetas, Sião designava a rocha montanhosa de Jerusalém dos gebuseus, entre o vale de Cedron e o Teropeon.⁵⁴⁰ No Antigo Testamento, aparece pela primeira vez no relato da conquista de Jerusalém por Davi (2Sm 5, 6-10; 1 Cr 11, 4-9).⁵⁴¹ No Antigo Testamento Sião é mencionada 152 vezes, e está sempre unida à ação de Deus junto ao seu povo, que é o centro

⁵³⁵ BOFF, L., A figura da Virgem Maria, p. 53.

⁵³⁶ MORI, E. G., Filha de Sião, p. 542.

⁵³⁷ LG 35.

⁵³⁸ Ela é colocada em destaque e, em certo sentido explicada por G. Philips, que participou intensamente da elaboração da constituição dogmática *Lumen Gentium*. G. Philips, *L'Eglise et son mystère au deuxième Concile du Vatican. Historie, texte et commentaire de la Constitution "Lumen Gentium"*, Descleé, Paris, 1968, t. II, 231.

⁵³⁹ BOFF, L., A figura da Virgem Maria, p. 26.

⁵⁴⁰ MORI, E. G., Filha de Sião, p. 543.

⁵⁴¹ O jovem rei aí construiu a sede de seu governo, por isso Jerusalém-Sião foi chamada “cidade de Davi”. Para o alto desse rochedo Davi mandou transportar a Arca (2Sm 6,1-12); por esse motivo Jerusalém é chamada “morada de Javé”. Quando Salomão transferiu a arca para o templo, com o nome de Sião foi designado sobretudo o monte do templo. Além disso, passou com frequência a designar toda a Jerusalém (Is 37-32; 52, 1-2; Jr 26,18), ou todo Israel, mas nesse caso com frequência bem menor (Is 46,13; Sl 149,2). MORI, E. G., Filha de Sião, p. 543.

da história de salvação. Já Jerusalém é citada 640 vezes, frequentemente com sentido mais geográfico e, frequentemente também, com sentido de cunho teológico. Porém, devido à centralidade de Jerusalém, com Javé que, por meio do Templo, mora no seio de seu povo, a expressão “Filha de Sião” passa a designar inteiro, todo o povo de Israel.⁵⁴² É com essa personificação feminina, de caráter figurativo que se quer indicar, ora a região, ora a cidade, ora os seus habitantes. Dessa forma, Deus revela constantemente no Antigo Testamento o seu aspecto maternal com o seu povo. Por isso, no Antigo Testamento encontramos as grandes figuras das mães de Israel: “Sara, Rebeca, Raquel, Tamar, Judite, Mirian, irmã de Moisés, a filha de Sião. São as mulheres que deram à luz um novo povo de Deus”.⁵⁴³ Nos relatos do Antigo Testamento, no que se refere à Promessa, os pais aparecem, com efeito, em primeiro plano, como protagonistas da história, mas as mães também desempenham o seu papel específico. Sara-Agar, Raquel-Lia, Ana Penina são aquelas duplas mulheres onde se desenha o elemento específico do caminho da promessa.⁵⁴⁴

No Novo Testamento, Lucas (1,35) e João (1,14) apresentam Maria como a Arca da Nova Aliança, o lugar da perfeita morada de Javé Salvador na Igreja, mediante a Encarnação do Verbo de Deus no seio virginal de Maria de Nazaré.⁵⁴⁵ Para Ratzinger, o canto de Ana, que vai ressoar novamente no *Magnificat* de Maria, já havia desenvolvido em um estágio anterior da evolução veterotestamentária uma teologia da graça; o Senhor ergue do pó os desprezados e levanta das cinzas os indigentes (1Sm 2,8). Aqui, a atenção de Deus para com os pequeninos, os impotentes, os excluídos e os rejeitados revela o amor de Deus que redime, verdadeiramente, e, que, reluz tanto para Ana quanto para Maria, nesse singular fenômeno das mulheres.⁵⁴⁶

No *Magnificat*, a jovem filha de Sião proclama a misericórdia de Deus (Lc 1,50) e se faz porta-voz do pequeno resto de Israel que aguarda a chegada do Consolador (Lc 2,25). Ela celebra a fidelidade de Deus ao estabelecer uma Nova Aliança, que se concretiza em Cristo esperado desde sempre. Nos versos do *Magnificat*, Maria de Nazaré atinge a profundidade do coração de Deus. Ela está

⁵⁴² MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 543.

⁵⁴³ MORI, E. G., sobre a mariologia, o ecumenismo e a pastoral, p. 547.

⁵⁴⁴ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 13.

⁵⁴⁵ BOFF, L., *A figura da Virgem Maria*, p. 26.

⁵⁴⁶ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 14.

unida a toda a Israel e se sente profundamente envolvida pela misericórdia de Deus.⁵⁴⁷ É um cântico de louvor, como o de Ana, mãe de Samuel (1Sm 1), que era estéril e recebera a graça de um filho. Maria é a Virgem que será mãe. O *Magnificat* canta a alegria de quem reconhece a ação de Deus a seu favor. É a alegria de quem escuta o seu Senhor, um louvor pessoal, social e cósmico. Maria canta a salvação que virá para cada ser humano, para todas as nações e para a criação inteira.⁵⁴⁸ O canto do *Magnificat* revela a espiritualidade da mãe de Jesus. Ela glorifica o Senhor com todo o seu ser, porque Deus, o salvador, colocou seu olhar consolador sobre a pobreza de sua serva e realizou nela grandes coisas. É uma mística que se orienta pelo seguimento de Jesus. A pessoa de fé que vive essa mística comprometida consegue penetrar nas realidades terrestres com a mesma fé de Jesus Cristo e de Maria, no *Magnificat*. Denomina-se mística essa força interior que, orientada pelo seguimento de Jesus Cristo, transforma as pessoas, as comunidades e as estruturas do tempo presente em vista de um futuro humano promissor de solidariedade.⁵⁴⁹

O *Magnificat* aparece, pois, como um salmo pessoal e ao mesmo tempo comunitário.⁵⁵⁰ Esse processo de identificação continua ainda hoje, como declara São João Paulo II: “O Cântico do Magnificat [...] não cessa de vibrar no coração da Igreja”.⁵⁵¹ Maria continua a proclamar o seu louvor pela voz de toda a Igreja em prece, e a Igreja proclama a sua fé, gratidão e alegria com as palavras e consentimento de Maria. O Magnificat é, nas palavras de Paulo VI, a prece de toda a Igreja em todos os tempos.⁵⁵² Essa identificação não é apenas psicológica, moral ou meramente espiritual; é profundamente local. Maria é a personificação da Igreja, seu *typos* ontológico, moral e escatológico.⁵⁵³

A Virgem do *Magnificat* é a Igreja, sim, e, de modo especial, a “Igreja dos pobres”. Isso já se revela na própria história do cântico que foi proclamado por uma “humilde Serva”, ecoou em seguida nas dores e na esperança dos pobres e dos perseguidos da Igreja primitiva e ainda hoje é recitado, com sua entonação

⁵⁴⁷ BRUSTOLIN, L. A., *Eis a tua Mãe*, p. 34.

⁵⁴⁸ BRUSTOLIN, L. A., *Eis a tua Mãe*, p. 34.

⁵⁴⁹ BOFF, L., *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 74-75.

⁵⁵⁰ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 327.

⁵⁵¹ RM 35,2.

⁵⁵² MC 18.

⁵⁵³ LG 63,64 e 68.

própria, pelo povo dos pequeninos de Cristo.⁵⁵⁴ Para concluir, o *Magnificat* apresenta Maria como a mulher toda aberta para Deus e com consciência da história, da luta e esperança de seu povo. Seu coração aberto para Deus faz dela uma pessoa alegre, cheia de vida e solidária com o povo sofrido. Maria inspira a todos com um jeito de ser cristão atual, de cidadania planetária. Ela abre uma trilha nova e desafiadora, para integrar mística e consciência histórica, espiritualidade e compromisso socioambiental.⁵⁵⁵

Em síntese, o termo Filha de Sião tem um enorme valor educativo e pode gerar novas abordagens práticas no plano pastoral. Com a compreensão do aspecto harmônico da Redenção, a comunidade cristã deve sentir que é a continuação da comunidade veterotestamentária. Com isso, os textos referentes à Filha de Sião se tornam patrimônio comum da comunidade, na celebração da palavra e na liturgia, tudo isso com grande abertura e ênfase constante, clara e global, pois há uma só Palavra de Deus.⁵⁵⁶ Outro ponto importante é voltar a tornar viva a relação *Ecclesia-Maria* e *Maria-Ecclesia*; com isso, a comunidade cristã não tem em Maria apenas um modelo a seguir, pois tem com ela uma relação de vida.⁵⁵⁷

Deus exprimiu o seu amor materno pelo seu povo, suscitando a Igreja-mãe de todos os tempos. Com uma reflexão teológica bem fundamentada, é possível trazer uma luz à filha Sião, como a vocação de maternidade perene de todo o povo eleito.⁵⁵⁸ Certamente, essa linha veterotestamentária ainda permanece em aberto e incompleta, como todas as demais linhas do Antigo Testamento. O seu significado definitivo só poderá ser alcançado no Novo Testamento: [...] na mulher que é designada, ela própria, como verdadeiro resto santo. A autêntica filha de Sião, e que assim se torna mãe do Salvador, de fato a Mãe de Deus.⁵⁵⁹

Em Maria realiza-se a promessa do nascimento de um novo povo, do qual Cristo é a cabeça, e os cristãos são os membros. Por meio de Maria é que Sião deu à luz um povo novo e tem filhos numerosos que sua mãe amamenta e consola (Is 66,11-13)

⁵⁵⁴ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 328.

⁵⁵⁵ MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão Humana*, p. 82.

⁵⁵⁶ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 548.

⁵⁵⁷ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 548.

⁵⁵⁸ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 548.

⁵⁵⁹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 14.

graças a Deus e ao Espírito (Is 61,1). Ela é Mãe dos membros de Cristo, como é afirmado em *Lumen Gentium* 53.⁵⁶⁰

Esse parágrafo demonstra a relação de Maria com as Três pessoas da Santíssima Trindade. Com o Filho ela tem uma relação de dependência, redimida em vistas dos méritos do seu Filho, a modo de redenção preventiva. Consequentemente, Maria é chamada “[...] filha predileta do Pai e vive como filha adotiva que goza das complacências paternas”.⁵⁶¹ O parágrafo 53 da *Lumen Gentium* nos fala de Maria inserida na Trindade em um contexto de abertura da Igreja, e com isso qualifica-a com o título de “filha predileta do Pai”.⁵⁶² Lina Boff explica, em seu artigo, que Maria é filha predileta do Pai, em primeiro lugar porque é criatura como toda a humanidade, que recebe de Deus o dom de seu amor manifestado em uma comunhão vital, pessoal e íntima, que a alimenta e nutre durante toda a sua vida.⁵⁶³ Essa intimidade que Maria vive, que alimenta o seu *sim* continuado, não é apenas uma intimidade física, mas, acima de tudo, uma relação amorosa que ela recebe e acolhe de Deus, e a essa relação se abre inteiramente, “[...] a ponto de tornar-se uma comunhão histórico-salvífica, mediante a qual Deus a faz participante da história da salvação de todo o povo, e, por infinita liberdade do Pai, a toda a humanidade”.⁵⁶⁴

No Novo Testamento, a concepção de filiação divina, passa a ser uma palavra típica, já no cristianismo primitivo, que encontra sua raiz e fundamentação no batismo de Jesus: “Tu és meu filho querido, eu, hoje, te gerei” (Lc 3,22). Esta citação encontra seu fundamento na oração, de alegria e agradecimento de Jesus ao Pai, por sua missão. Nesse contexto, Jesus reconhece, no acolhimento da mensagem.⁵⁶⁵

Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultasse essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece que é o Filho se não o Pai, e quem é o Pai se não o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Lc 10,21-12).⁵⁶⁶

⁵⁶⁰ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 548.

⁵⁶¹ BOFF, L., *A figura da Virgem Maria*, p. 19.

⁵⁶² BOFF, L., *Maria no Cinquentenário do Vaticano II*, p. 560.

⁵⁶³ BOFF, L., *Maria no Cinquentenário do Vaticano II*, p. 561.

⁵⁶⁴ BOFF, L., *Maria no Cinquentenário do Vaticano II*, p. 560.

⁵⁶⁵ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 1936.

⁵⁶⁶ BOFF, L., *Maria no Cinquentenário do Vaticano II*, p. 557-580.

Recebendo o batismo de João Batista, Jesus entra no movimento de conversão do seu povo. É por ocasião desse fato público que ele recebe uma revelação misteriosa, que se situa no ponto de partida de sua pregação. Ele é o profeta sobre quem repousa o Espírito (Lc 4,18), o Filho de Deus, o messias anunciado no Antigo Testamento.⁵⁶⁷ Lucas mencionará muitas vezes a oração de Jesus.⁵⁶⁸ Jesus sente-se Filho, e assim se relaciona com o Pai, na ação do Espírito Santo.⁵⁶⁹ Ele pertence ao povo de Israel, o povo eleito, ele é o escolhido dentre o povo eleito, o Filho de Deus e de Maria, para dar a conhecer o mistério do Pai que ficou escondido, e só agora, na pessoa do Filho *dileto*, é revelado e anunciado as todas as nações (Rm 16,25).⁵⁷⁰ “A eleição, isto é, o amor especial, a *dileção* que o Pai tem para com seu Jesus, é o fato de que ele, como Filho, se abre totalmente ao Plano salvífico do Pai, que pode contar com o Filho para a realização do seu Plano de Salvação”.⁵⁷¹

A palavra *predileção*, que também deriva da língua latina, e que quer dizer quase a mesma coisa, pode ser explicada, em sua etimologia, da seguinte forma: estar diante da pessoa que ama. A partícula *pre*, no latim denota *estar diante de*, e *dileta*, *dileção*, significa a pessoa preferida na estima, na afeição querida, e especialmente amada, palavra só dada a Jesus. Por derivação do amor que o Pai devota ao Filho, Maria é a filha predileta do Pai, e é Mãe do Filho *diletíssimo* do Pai, que é Jesus.⁵⁷²

Ao finalizar nossa reflexão neste ponto, aproximamo-nos do Capítulo 53 da *Lumen Gentium*. Na linhagem bíblica de Maria de Nazaré, denominada pelos padres do Concílio Ecumênico Vaticano II, a filha predileta do Pai é entendida como uma mulher totalmente relacionada com as três pessoas da Comunidade Divina e, ao mesmo tempo, caminhando com toda a humanidade, pois ela é filha de Adão e Eva e participa conosco do mesmo destino. É um vínculo que não se

⁵⁶⁷ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 1936.

⁵⁶⁸ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 1936.

⁵⁶⁹ BOFF, L., Maria no Cinquentenário do Vaticano II, p. 560.

⁵⁷⁰ BOFF, L., Maria no Cinquentenário do Vaticano II, p. 560.

⁵⁷¹ BOFF, L., em seu artigo, faz referência a prosa do padre escritor, Manuel Bernardes, presbítero da Congregação do Oratório de São Felipe Néri, em sua obra, “Exercícios Espirituais, do século XVIII, que utiliza o superlativo da palavra *dileto* para falar da íntima *dileção* de Deus para com o seu Filho, palavra que tem como sinônimo afeição especial do Pai para com seu Filho Jesus: “Já que meu Deus foi tão misericordioso para com os homens, que os quis ensinar pela própria pessoa de seu *diletíssimo* Filho, eu quero, mediante a sua graça, aprender por este exemplar. MASSAUD, M., A Língua Portuguesa através dos textos, p. 152.

⁵⁷² BOFF, L., Maria no Cinquentenário do Vaticano II, p. 561.

dissolve, porque está intimamente conectado com a missão desta Mãe, a de marcar a História da Salvação com o seu *Fiat* incondicional e livre.⁵⁷³

Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seu seio e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeiramente Mãe de Deus Redentor. Remida de um modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de mãe de Deus Filho; é por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom e graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, “é, verdadeiramente Mãe dos membros de Cristo, porque cooperou com seu amor, para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça”. É por esta razão saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto e piedade.⁵⁷⁴

3.1.4 **Um “sim” antropológicamente enraizado**

Durante todo o período da história da salvação, Maria, ainda que prevista e profetizada ao longo dos séculos, desde o paraíso terrestre, apenas se torna realidade operante e eficiente no momento de seu *Fiat*, de seu consentimento expresso no evento salvífico da anunciação. Sua cooperação continua mesmo depois de sua assunção ao céu, por meio de sua intercessão múltipla pela salvação de todos os irmãos de seu Filho Jesus. Porém, nenhuma cooperação sua deve ser entendida como salvação, que vá desde o momento da criação até a Encarnação. Não existe nenhuma intervenção direta de Maria específica sobre a salvação do cosmo. Seja como Mãe, seja como sócia do Redentor, Maria cooperou verdadeiramente para que a humanidade fosse libertada da escravidão do pecado e pudesse abrir para si o caminho da salvação.⁵⁷⁵ Não obstante, sua contribuição e sua intercessão atual para a realização da salvação de toda a humanidade vão além, estendem-se a todas as formas existenciais de desenvolvimento e de promoção, antropológica, social, eclesial, que levam o homem a realizar-se integralmente como filho de Deus e a Igreja a concretizar-se como povo e família

⁵⁷³ BOFF, L., Maria no Cinquentenário do Vaticano II, p. 561.

⁵⁷⁴ LG 53.

⁵⁷⁵ MEO, S., Mediadora, p. 871.

de Deus.⁵⁷⁶ Diante disso, a inclusão de Maria de Nazaré no mistério de seu filho Jesus, que é o mistério da Comunidade divina, tem origem em Deus (Cl 2,2-3). Assim, é Jesus Cristo quem revela para toda a humanidade, na ação do Espírito Santo, a chegada do Reino de Deus, que é essencialmente a salvação de todas as pessoas, sem distinção de raça e de nação.

Maria, como mãe do Messias, para a Comunidade divina não é apenas uma mulher que tem uma função; antes de tudo, é aquela pessoa que participa do mistério da Encarnação, testemunhando o mesmo mistério e anunciando-o a toda a Igreja.⁵⁷⁷ Para a comunidade divina, Maria é uma mulher que desempenha muito mais que simples funções, é aquela que aceitou dizer *sim* ao mistério da Encarnação redentora, lugar onde todos os batizados se inserem pela graça, no mesmo mistério.⁵⁷⁸

Maria dialoga com o enviado de Deus para conseguir discernir as condições da concepção. Toda a estrutura da Anunciação é dialogal, e Maria aparece como autêntica parceira de Deus. A Virgem reflete em silêncio, pergunta, e enfim dá, sem titubeios, sua adesão.⁵⁷⁹ A segunda frase pronunciada ao anjo revela Maria como uma pessoa totalmente aberta ao diálogo e mostra que sabe objetar diante de certas situações pessoais. Após a explicação do Anjo, ela responde ao seu interpelador:⁵⁸⁰ “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim a Sua palavra” (Lc 1,38).

Com o seu *Fiat*, Maria dá início à plenitude do mistério da Encarnação que se faz presente nela e em toda espécie humana, por adoção. Maria acentua o serviço e o acolhimento da missão que nasce de tal serviço. Observa-se que o modo de ser de Deus na palavra atribuída a Maria é tipicamente o modo feminino de ser de Deus: Ele se dá a conhecer por meio do serviço que preside todo o processo de redenção humana e cósmica.⁵⁸¹ Diante da proposta de Deus, Maria responde prontamente. O seu “sim” ecoa forte e sem dúvidas, repleto de generosidade. Totalmente disponível para Deus, Maria une a liberdade com a vontade: “Eis aqui a servidora do Senhor. Eu quero que se faça em mim segundo a

⁵⁷⁶ MEO, S., Mediadora, p. 872.

⁵⁷⁷ CANTALAMESSA, R., Maria, p. 163-164.

⁵⁷⁸ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 56-58.

⁵⁷⁹ BOFF, C., Mariologia Social, p. 414-415.

⁵⁸⁰ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 56.

⁵⁸¹ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 56-57.

tua palavra” (Lc 1,37). Essa total entrega do coração a Deus tem um nome muito simples: *fé*. Isso significa arriscar-se e jogar-se nas mãos do Senhor com total confiança. Maria escutou a Palavra de Deus, acolheu-a no seu coração e, abrindo um espaço em seu interior, deixou Deus entrar. Saiu de si mesma e investiu toda a sua vida num grande projeto, aquele do qual se sentiu chamada a participar.

Com a Anunciação, ela inicia um longo caminho de peregrinação na fé, ao responder ao apelo de Deus, aceitando a proposta do Senhor com o coração aberto, num grande gesto de generosidade e de fé.⁵⁸² Aqui, a liberdade de Maria não é mera expressão de autonomia e de autoafirmação. Se fosse assim, seria apenas livre-arbítrio, entendido como capacidade de escolha entre várias alternativas.⁵⁸³ Livre arbítrio aqui supõe não estar submetido a um outro, como um escravo, e liberdade significa não estar escravizado aos próprios caprichos (ao “eu egoísta”), mas ao próprio querer real (ao “eu superior”). Essa última efetivamente é a liberdade que diz “sim”.⁵⁸⁴

Maria, na narrativa da anunciação, não está paralisada pela timidez; pelo contrário, é forte o bastante para se arriscar a crer em algo incrível a respeito de si mesma. “O Senhor está contigo” – com essa frase que revela sua experiência espiritual, ela consegue discernir a voz de Deus em sua vida, dando-lhe a missão de uma grande tarefa, e se compromete com coragem e liberdade a atender ao apelo divino. Colabora decisivamente, e sua escolha muda toda a sua vida e também a vida de toda a humanidade. Ela deve ser vista como pessoa autônoma, sensível e receptiva, corajosa e criativa, ao responder à divina missão que recebeu.⁵⁸⁵

Liberdade é a capacidade de ser sujeito autônomo das próprias ações e responsável por elas diante do outro. Portanto, não há sujeitos sociais, se não houver antes sujeitos pessoais, e isso acontece porque a sociedade é a expansão ontológica da pessoa, e não o contrário. As pessoas são essencialmente sociais, e a sociedade, por sua vez, é essencialmente composta por pessoas livres. Nesse sentido, a Virgem na Anunciação demonstra a força potencialmente criativa que se manifesta naquele que se abre à vontade de Deus. Maria entrega-se ao amor de

⁵⁸² MURAD, A., *Maria, todo de Deus e tão humana*, p. 54.

⁵⁸³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 83, a. 3: sobre a *electio* como ato próprio do livre-arbítrio; e III, q. a. 4: sobre Cristo como possuidor do livre-arbítrio.

⁵⁸⁴ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 418-419.

⁵⁸⁵ COYLE, K., *Maria plena de Deus e tão nossa*, p. 84-85.

Deus, que a acolhe. Ela é inteira em sua doação amorosa e se abre à Palavra, sem hesitações e com exultação enorme no coração. Com total confiança, lança-se nos braços do Senhor, num arrebatamento incontido.⁵⁸⁶

Maria de Nazaré era uma pessoa perfeitamente integrada e harmoniosa. Para aderir à vontade em tudo, a luta da jovem nazarena não foi menos exigente do que a de qualquer outra pessoa, muito pelo contrário. O peso da existência era para ela imensamente maior, visto que sua missão foi decisiva, no plano da redenção. Esse fardo, porém, tornou-se mais leve por causa da maior disposição interior com que submeteu seu colo ao “jugo de Cristo” (Mt 11,29-30). Sem dúvida, a Virgem de Nazaré foi uma pessoa privilegiada, singularíssima, única, infinitamente única. Mas nem por isso se tornou uma figura estranha, inalcançável, inimitável. Diante dos outros seres humanos, imperfeitos, pelo contrário, ela é a medida viva da perfeição. É de uma medida assim que os seres humanos precisam, para que possam crescer emocional e espiritualmente.⁵⁸⁷

O aprofundamento do papel de Maria no plano salvífico de Deus incluía sua missão de mulher e profeta, aquela que se fez pobre com os pobres e que, junto a seu filho, se empenhou no projeto libertador de toda a humanidade. Somente a partir dessa perspectiva é que os cristãos podem compreender o comportamento e Maria, não só na perspectiva espiritual, mas também na perspectiva histórica, junto a seu povo e junto à comunidade cristã.⁵⁸⁸ Maria representa a realização plena do que a alma deseja no mais profundo de si mesma. Entre a humanidade e ela existe uma identificação profunda, que se revela nos sonhos mais secretos, nas decisões mais acertadas e no derradeiro destino.⁵⁸⁹

3.1.5

Maria “mulher” em Gálatas, Atos e Apocalipse

Como refletimos, o conceito de “Filha de Sião” introduziu na tradição bíblica uma peculiar utilização da simbologia feminina, utilizada para além da simples afirmação de “gênero”. É uma linguagem tipológica.⁵⁹⁰ A “Filha de Sião”

⁵⁸⁶ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 418-419.

⁵⁸⁷ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 418-419.

⁵⁸⁸ BUCKER, B.; BOFF, L.; AVELAR, C., *Maria e a Trindade*, p. 108.

⁵⁸⁹ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 438-439.

⁵⁹⁰ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 547.

é a Cidade Santa, pois dá à luz um novo povo, um povo salvo e redimido pela presença de Deus no seu templo: “templo de pedra sob o regime da lei, templo de carne graças à Encarnação do Filho de Deus, que se tornou filho de Davi com a aceitação da mãe do messias”.⁵⁹¹

Da mesma forma, na linguagem Paulina, a expressão “nascido de uma mulher”⁵⁹² deve ser lida como “nascido da humanidade”. Parece óbvio hoje, mas não tanto em tempos de difundida gnose que tendia a ressignificar a fé cristã retirando dela a dimensão humana e recriando um Cristo apenas divino. É contra esse tipo de reducionismo que Santo Irineu se refere em sua *Adversus Haereses*. Ali também Maria é uma linguagem que garante a verdadeira humanidade do Verbo Encarnado, como aparece na expressão do Evangelho de João (Jo 1,14). Mercedes Navarro observa que, por mais que se debruce sobre este texto, ele não se esgota. Em sua pesquisa ela nos ajuda a situar adequadamente o desenvolvimento da antropologia teológica que deriva do ponto de vista mariano.⁵⁹³

Gálatas 4,4 é um texto que explicita uma intencionalidade paradoxal. Se concordamos que a forma do texto bíblico é, por sua vez mensagem fundamental, devemos nos atentar ao paradoxo como forma de expressão da Encarnação e da redenção e, portanto, da liberdade cristã enraizada na Encarnação.⁵⁹⁴

Aqui, Paulo evoca a vinda do Filho de Deus, “nascido de uma mulher, sujeito à lei”. Assim, se ele vem viver e morrer na carne, é porque Deus o envia para nos libertar do pecado. Libertando-nos do pecado, liberta-nos também da lei, que só tem poder sobre o pecador que ela condena. Paulo quer nos mostrar que a lei não tem mais poder sobre aquele e aquela que o Espírito faz viver da Vida do Filho de Deus (Rm 6,14). Aqui a imagem de adoção substitui a maioridade legal, pois exprime melhor a nossa nova condição: participar por pura graça da vida do Filho único de Deus (Rm 8,15).⁵⁹⁵

Maria é o lugar da vinda do nosso Salvador em dois sentidos. No primeiro deles, pelo seu “sim” à comunidade divina. Com o seu *Fiat*, ela torna visível,

⁵⁹¹ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 547.

⁵⁹² Gálatas 4,4 e a nova antropologia: nascido de uma mulher. PUERTO, N. M., *Los rostros bíblicos de María*, p. 308.

⁵⁹³ PUERTO, N. M., *Los rostros bíblicos de María*, p. 311.

⁵⁹⁴ PUERTO, N. M., *Los rostros bíblicos de María*, p. 313.

⁵⁹⁵ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2192.

entre nós, Deus-comunidade de amor, por intermédio de Jesus Cristo, que é o Filho de Deus e obra criadora do Espírito. No segundo sentido, porque a corporeidade⁵⁹⁶ de Maria se torna lugar concreto da visibilidade de Jesus em três dimensões: na dimensão do Espírito, que realiza em Maria a promessa messiânica do Antigo Testamento; na dimensão do mistério da Encarnação, que inicia em Maria os autênticos sinais da revelação do desígnio arcano do Pai (Rm 16, 25-27); e, na dimensão da contemplação de Deus como comunidade de amor. Portanto, Maria antecipa para a comunidade a maternidade-paternidade divina já nesta Terra, em vista do reino definitivo.⁵⁹⁷

Nascido de uma mulher. Percebemos aqui uma ruptura da genealogia patriarcal. Paulo fala de duas filiações em Jesus: “Filho de Deus e nascido de mulher. Com essa afirmação, o autor pode desembocar na filiação adotiva do crente. Entre as duas filiações de Jesus, porém, existe uma lacuna profunda”.⁵⁹⁸ Parece se tratar de uma nova ordem genealógica por meio da qual se chega a uma nova filiação do crente. Paulo já havia se referido a essa nova filiação em Gl 3,27: “Sim, vós todos fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Não há mais nem judeu, nem grego, já não há mais nem escravo nem homem livre, já não há mais homem e a mulher, pois todos vós sois um só em Cristo” (Gl 3,28). Esta nova ordem quebra a antiga.

Sem a pretensão de fazer uma exegese sobre a Epístola de Gálatas, para compreender o seu contexto, achamos importante conhecer um pouco da situação histórica das Igrejas sobre as quais Paulo escreve. Existe uma crise que obriga o apóstolo a intervir; não se trata de um incidente de alcance local, mas de uma fase determinante na evolução da Igreja nascente.⁵⁹⁹ Podemos nos aproximar da situação histórica graças ao livro dos Atos dos Apóstolos. É por meio dos Atos dos Apóstolos que tomamos conhecimento do papel que Paulo representa na expansão da Igreja cristã.

Ele é apóstolo das nações, enviado de maneira especial aos pagãos (At 9,15;22,21;26,17). Sua missão vai esbarrar na oposição constante de um meio de origem judaica, cujo centro encontramos em Lucas: “Se não vos fizerdes

⁵⁹⁶ BOFF, L., Saber cuidar, p. 142-143.

⁵⁹⁷ BOFF, L., Maria na vida do Povo, p. 22.

⁵⁹⁸ PUERTO, N. M., Los rostros bíblicos de María, p. 314.

⁵⁹⁹ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2182.

circuncidar segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15,1). O que esses judaizantes pretendem, portanto, é impor aos fiéis de origem pagã o peso da lei mosaica.⁶⁰⁰

Retomando a questão do lugar: quais são os destinatários da epístola de Gálatas? No século XIX, tentou-se questionar se tratava das Igrejas da Galácia do Sul. Nesse caso, a carta poderia ter sido escrita um pouco depois da primeira viagem missionária e seria, então, a primeira epístola de Paulo enviada de Antióquia, por volta de 49.⁶⁰¹ Pode também ter sido escrita depois da viagem mencionada em Atos 16,6. No entanto, a maioria dos leitores modernos mantém hoje a posição unânime dos mais antigos.

Paulo escreveu aos Gálatas do Norte (os anúncios que podem ser chamados gálatas) após a sua segunda passagem a região deles (Gl, 4,13) mencionada em Atos 18,23. É no fim de sua longa estada em Éfeso (provavelmente 56-57) que redige esta carta, seis meses somente antes da epístola aos Romanos: assim se explica melhor a semelhança entre as duas epístolas.⁶⁰²

Assim, a função de Maria, como brevemente apresentamos na obra de Lucas, vai se delineando, desde a anunciação até Pentecostes, como “a Virgem orante e oferente”. É a intercessão suscitada por Deus que faz dela o instrumento privilegiado da graça. Isso porque os filhos de Deus não nascem da carne e nem do sangue (Jo 1,13). A grande revelação dos novos tempos é a filha de Sião, mãe do povo régio, sacerdotal profético.⁶⁰³ Isso nos mostra que os privilégios de Maria e a sua missão têm sempre como fim seu Filho Jesus de Nazaré.⁶⁰⁴ É nessa perspectiva que se coloca a contribuição da Filha de Sião para a mariologia.⁶⁰⁵ Vamos avançar em nossa reflexão para buscar compreender como Maria, as mulheres e os parentes de Jesus, participam da Igreja nascente do Ressuscitado, no relato de Lucas da primeira comunidade de Jerusalém em At 1, 12-14.⁶⁰⁶

Entraram na cidade e subiram para a sala de cima onde costumava ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de

⁶⁰⁰ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2182.

⁶⁰¹ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2184.

⁶⁰² BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2184.

⁶⁰³ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 547.

⁶⁰⁴ LG 67.

⁶⁰⁵ MORI, E. G., *Filha de Sião*, p. 547.

⁶⁰⁶ BOFF, L., *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 98.

Alfeu, Simão Zelota e Judas, filho de Tiago. Todos eles perseveraram na oração em comum, junto com algumas mulheres – entre elas, Maria, mãe de Jesus – e com os irmãos dele (At 1,13). Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam (At 2,1).⁶⁰⁷

O texto que queremos destacar é este: “Todos eram assíduos à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus” (At 1,14). Vale ressaltar que, no livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas, depois de apresentar a lista dos onze Apóstolos, nos mostra que todos perseveraram na oração em comum até a vinda do Espírito, e que Maria permanece junto a eles, em oração.

A mariologia imprime, com esse olhar, um aspecto também eclesiológico, e dessa luz particular as duas realidades se fecundam reciprocamente. Assim, o aspecto comunitário de Maria, assim como eclesial, deve retomar todo o seu valor.⁶⁰⁸

É com esse olhar que devemos nos aproximar do livro do Apocalipse. Afonso Murad afirma que estamos acostumados, ao nos aproximar dos textos dos Ap 12, a imaginar Maria na Glória, cercada de elementos cósmicos, como o sol, a lua e as estrelas; no entanto, essa narrativa não é tão simples assim.⁶⁰⁹ Etimologicamente, o vocábulo *apocalipse* vem do grego *apokalyptein*, que significa tirar o véu. Assim, um apocalipse é uma revelação.⁶¹⁰ Já a data de sua composição pode ser fixada sob o reinado de Domiciano, provavelmente em 95 d.C. O conteúdo histórico parece ser o de uma insipiente perseguição dos cristãos por judeus romanos. Já a pretensão principal da redação do livro é oferecer uma consolação e, também, a esperança na vitória última do Senhor aos crentes daquela época.⁶¹¹

Olhando para as contradições do mundo atual, podemos perguntar: onde vamos parar? Cresceu um mar de insanidade, total individualismo que gera violência desmedida, principalmente o feminicídio, violência contra as mulheres,

⁶⁰⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 83.

⁶⁰⁸ MORI, E. G., Filha de Sião, p. 547.

⁶⁰⁹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 105.

⁶¹⁰ A apocalíptica, portanto, vincula-se à tradição profética, da qual constitui-se um desenvolvimento particular. A sua influência na literatura bíblica e parabíblica manifesta-se especialmente a partir do sec. II a.C. (Dn 7-12), mas já se encontram antecipações em Ezequiel, Joel, Zacarias e Isaías 24-27.

⁶¹¹ FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 93.

violência nas ruas, no trânsito, desrespeito com a natureza, guerras, aumento do consumo de drogas, maior número de suicídios, principalmente dos jovens. Nessa espiral de violência, o terrorismo, real e também tecnológico aumenta, e traz um rastro de sangue e destruição.⁶¹² Nesse cenário de insegurança e incerteza acontece o ressurgimento de movimentos milenaristas no horizonte cristão, principalmente dos grupos que anunciam a proximidade do fim do mundo e a segunda vinda de Cristo, a Parusia. Esses grupos usam vários textos do Livro do Apocalipse como justificativas para as suas insanas afirmações.⁶¹³

A forma de revelação, mesmo que ocasionalmente faça referências a visões, é um gênero literário profético que se caracteriza principalmente pelo oráculo, palavra divina transmitida pelo profeta, aquele que está atento e escuta a palavra de Deus. Na apocalíptica, o profeta é um homem de Deus e, sobretudo, um visionário: “ele viu o céu aberto”, a imagem tem mais importância que o discurso.⁶¹⁴ Por tudo isso, é necessário distinguir a mentalidade apocalíptica, que vai surgindo em determinado momento do gênero literário utilizado no último livro da Bíblia.⁶¹⁵

O capítulo 12 do livro do apocalipse apresenta um “sinal grandioso” (v.1: *semion mega*), que aparece no céu (*óphthe*: é o verbo das teofanias e das aparições do Ressuscitado, 1 Cor 15-5-8).⁶¹⁶ Bruno Forte apresenta essa introdução solene, que nos lembra a teologia joanina dos sinais e o conjunto da revelação pascal, e põe em relevo teológico-simbólico o objeto do sinal, “uma mulher (v.1) que dá à luz um filho (v.5)”.⁶¹⁷ Começa como um sonho lindo. Um grande sinal aparece no céu (v. 1-2), uma mulher com a glória e o poder de Deus, pois ela está brilhando, vestida de sol. A mulher, que já recebeu de Deus a certeza da vitória, carrega uma coroa, que é sinal de poder real, e as doze estrelas evocam a totalidade do povo de Deus, representada nas doze tribos de Israel.⁶¹⁸ Porém, nem tudo é bonito, pois no sonho a mulher está grávida, vai dar à luz e passar por momentos confusos,

⁶¹² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 105.

⁶¹³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 106.

⁶¹⁴ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2355.

⁶¹⁵ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p.106.

⁶¹⁶ FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 94.

⁶¹⁷ FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 94.

⁶¹⁸ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 108.

difíceis, mas ela sabe que esses momentos são a preparação para um novo tempo.⁶¹⁹

Essa mulher adornada de adereços celestes dá à luz um filho no qual é preciso reconhecer o Messias, pois no versículo 5 ele realiza a profecia messiânica do Salmo 2,9.⁶²⁰ Então, o sonho transforma-se em pesadelo (v. 3-6), surge o dragão, cheio de poder e força. No Ap 12, o dragão, não menos denso de significado simbólico (*óphthe'allo semeion em toa urano*),⁶²¹ é também a antiga serpente, diabo e Satanás (v. 9).⁶²² Intimida a todos com o seu enorme poder de destruição, representado nos dez chifres. Quer devorar o filho da mulher, com a força do Mal, assim como fizeram com Jesus, durante toda a sua vida, a ponto de levá-lo à morte. Felizmente, o senhor ressuscitado já está junto de Deus. O mal não pode com ele.⁶²³ A mulher foge para o deserto, onde Deus lhe preparou refúgio (v.6).⁶²⁴ A luta continua (v. 7-17), enquanto se desenrola a luta entre Miguel e seus anjos contra o dragão, que é vencido. Segundo João, Deus venceu a batalha, e os cristãos também, especialmente aqueles que, como Jesus, são capazes até de morrer para serem fiéis ao Bem e à verdade.⁶²⁵ Os testemunhos dos cristãos podem ser vistos, como comunhão no testemunho que o próprio Cristo deu, sofrendo e morrendo na cruz.⁶²⁶

Considerando-se o simbolismo da mulher e do parto, a mensagem do Apocalipse 12, segundo Bruno Forte, pode ser assim resumida:

A Igreja, novo Israel, está sujeita ao tempo das dores e é objeto da perseguição do dragão: mas como seu Senhor, pela sua Páscoa, venceu a morte e o antigo adversário, do mesmo modo a comunidade messiânica não sucumbirá as provações e será salva pelo poder dele, que está junto do trono de Deus. O triunfo pascal do Filho da mulher é a antecipação da promessa certa do triunfo escatológico da Igreja da nova aliança, embora no presente, ela suporte as dores e o trabalho de parto, atravessando o seu deserto, tempo de provação e de graça.⁶²⁷

⁶¹⁹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 108.

⁶²⁰ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2374.

⁶²¹ FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 94.

⁶²² BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2375.

⁶²³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 108.

⁶²⁴ FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 94.

⁶²⁵ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 109.

⁶²⁶ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2375.

⁶²⁷ FORTE, B., Maria, mulher ícone do mistério, p. 96.

O Apocalipse apresenta-se, em primeiro lugar, como uma cristologia. Talvez seja mais ainda: um livro sobre Deus, porque em Deus se encontra a fonte última da Revelação.⁶²⁸ O Apocalipse, que é rico em muitas outras perspectivas teológicas, apresenta uma variada teologia sobre o Espírito, inspira os profetas e fala da Igreja. Tem uma rica teologia, não somente na história, mas também na escatologia.⁶²⁹ O Apocalipse também nos mostra a atualidade dos desígnios de Deus e, correlativamente, a urgência do nosso engajamento. Faz uma proclamação e nos transmite a compreensão sobrenatural do tempo presente e do cumprimento desse desígnio. Cristo já triunfa e seu Reino está inaugurado.⁶³⁰ Finalizando, situando a existência presente na perspectiva da Parusia, o Apocalipse recorda que o Senhor Jesus está no centro da história, como está no seu princípio, e para além das aparências e das realidades terrestres, está em permanente relação com o desígnio de Deus.⁶³¹ Para a mariologia, Murad ajuda-nos a refletir sobre o fato de que muitas vezes nos sentimos como essa mulher no deserto:

Frágil, desprotegida, cercada pelo poder da maldade, mas envolvida e salva por Deus. O Apocalipse foi escrito para alimentar a nossa esperança. Sabemos que, como Maria, recebemos a glória e o poder de Deus. Mas estamos num mundo de pecado, marcado também pela violência e tantas outras manifestações do Mal. Aliás, cada um de nós carrega um pouco de mulher e de Dragão, de Bem e Mal, de ternura e violência. As dimensões da luz e trevas estão em proporções distintas em cada pessoa. À medida em que crescemos na fé, na esperança e no amor solidário, passamos de forma mais clara, para o time de Jesus. Maria, nossa companheira, nos assegura, junto com Jesus, que a vitória será de Deus e de seus aliados.⁶³²

Enfim, a humanização de Deus é um evento efetuado pelo Espírito Santo de Deus. É o próprio Deus que intervém na história para a salvação de toda a humanidade. Por isso, é importante o cuidado de evitar um discurso sobre Maria fora do seu contexto e sem a devida fundamentação na Sagrada Escritura.

3.2

Maria ilumina a identidade da Igreja

⁶²⁸ BIGUZZI, G., Apocalipse, p. 114.

⁶²⁹ BIGUZZI, G., Apocalipse, p. 115.

⁶³⁰ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2358.

⁶³¹ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, TEB, 2020, p. 2359.

⁶³² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 109-110.

Tendo em vista a reflexão até aqui apresentada, podemos compreender melhor de que modo, ao longo dos séculos, a Igreja foi discernindo sua identidade à luz do rosto de Maria. Essa dinâmica nos conduzirá, neste enquadramento mariano tipológico, a compreender a identidade cristã dos leigos e leigas, tarefa que enfrentaremos no quarto capítulo.

Para isso, lançaremos um olhar para algumas características da Igreja e seu estilo mariano de evangelizar como: Uma Igreja eucarística, uma Igreja que canta, uma Igreja que vive a caridade e a põe em prática, uma Igreja que dá vida, enfim, uma Igreja materna que gera a vida de fé e acolhe no seu seio os filhos e filhas que o Senhor lhe dá.

O caminho de adesão e colaboração de Maria com o plano salvífico de Deus é iniciado por ela na Anunciação e tem o seu ponto culminante em Pentecostes. Sua presença e participação solidária com a comunidade cristã que nasce é o sinal de sua entrega perseverante ao plano amoroso de Deus Uno e Trino, revelado e totalmente realizado em seu Filho Jesus Cristo. Sendo assim, o caminho percorrido por Maria na Anunciação até Pentecostes é um caminho pedagógico para a verdadeira experiência do Deus Uno e Trino.⁶³³

A reflexão teológica contemporânea concentra-se na Mãe de Jesus, que também era sua discípula. Em parceria e fidelidade à ação do Espírito Santo, seu envolvimento pessoal no nascimento do Messias e sua fé duradoura em Deus ligam-na intimamente ao mistério da salvação do mundo.⁶³⁴ Maria é a mulher que fez a experiência única da consolação de Deus para estabelecer a Nova Aliança.⁶³⁵ “Maria, de maneira singular e excepcional, experimentou, como ninguém, a misericórdia e, também de maneira excepcional, tornou possível com o sacrifício de seu coração a própria participação na revelação da misericórdia divina”.⁶³⁶

No Concílio Vaticano II, a teologia concentrou-se em Maria de Nazaré, para despojá-la das confusões e dos exageros que levaram a venerá-la quase como um ser divino, para voltar a vê-la como um ser humano, criatura de Deus. É necessário encontrar novos meios e ultrapassar as delineações estritamente bíblicas de Maria e buscar, assim, compreender que a Maria Mãe de Jesus e a

⁶³³ BUCKER, B.; BOFF, L; AVELAR, M. C., p. 115.

⁶³⁴ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 208.

⁶³⁵ BRUSTOLIN, A. L., Eis tua Mãe, p. 77.

⁶³⁶ RM 24.

Maria aldeã de Nazaré, juntas, tornam-se verdades complementares.⁶³⁷ Para isso, podemos iniciar uma reflexão sobre a Graça de Deus com uma reflexão de Kathllen, que propõe pensar no mundo totalmente banhado pela graça desde o princípio e compreender a revelação, não como uma ação mensagem divina para uma humanidade pecadora, mas como a certeza de um Deus que vive em amor e solidariedade irrevogáveis com todas as criaturas, principalmente com as mais humildes e desprezados.⁶³⁸ “A manifestação de Cristo dessa misteriosa verdade envolve inevitavelmente sua mãe, e por isso ela sempre terá um lugar especial em toda a teologia cristã salutar”.⁶³⁹

A “Maria da Glória” é a mesma “Maria de Nazaré”. A reflexão antropológica da mulher humana que viveu sua vida repleta da presença de Deus, pode auxiliar na compreensão de que os dons sobrenaturais presentes em Maria de Nazaré não a afastaram de sua condição humana de criatura histórica. Existe uma propensão de glorificar demais Maria concebida sem o pecado original, e isso pode levar ao equívoco de pensar que os privilégios especiais que ela recebeu de Deus lhe permitiam lidar com as atribulações cotidianas da vida, sem nenhum esforço. Isenta das paixões humanas, protegida das tentações, imune de lutar com dificuldades, poupada de lidar com a própria ambiguidade na hora de tomar decisões, conhecia plenamente os projetos que Deus tinha para ela e seu Filho. Enfim, ela passou pela sua vida com facilidade sobrenatural.⁶⁴⁰ Elizabeth Johnson chama a atenção, pois nessa interpretação equivocada a singularidade de Maria pode ficar desumanizada, e propõe um caminho mais promissor:

Surge um caminho mais promissor quando percebemos que ser concebida sem pecado original não significa ser concebida em um vazio. O contrário do pecado é a graça, e a Imaculada Conceição significa que, desde o princípio, Maria foi singularidade abençoada com o dom da graça, o meio que Deus usa para se comunicar. Desde o início foi envolvida no amor de Deus. Uma frase alemã para a celebração dessa misericórdia em 8 de dezembro apreende muito bem esse sentido, chamando-a “a festa do estado de graça de Maria”. Ao elaborar isso em categorias de antropologia teológica, Rahner aponta para a ramificação que, seja o que for que Maria tenha, em última análise isso revela alguma coisa do modo de Deus com todos os seres humanos. Sua situação como primeira entre as pessoas redimidas em

⁶³⁷ COYLE, K., Tão plena de Deus e tão nossa, p. 211.

⁶³⁸ COYLE, K., Tão plena de Deus e tão nossa, p. 211.

⁶³⁹ BOSS, M., The Complete Resource, p. 291, *apud* COYLE, K., Tão plena de Deus e tão nossa, p. 211.

⁶⁴⁰ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 143.

Cristo antecede o dom da graça oferecido a toda a humanidade na Encarnação. “Também nós somos chamados, os que são envolvidos do começo ao fim pelo poder de Deus, por seu amor e sua fidelidade para conosco, mesmo que no mais individual e nosso”.⁶⁴¹

Isso significa que é Deus quem toma a iniciativa de estar presente na vida de todos os seres humanos, com o seu infinito amor redentor e fidelidade sempre presente, mesmo que se fale em linguagem de ausência do pecado. Aqui o ponto principal é a presença da graça de Deus.⁶⁴² Na graça o mistério do Deus vivo, que é infinitamente bondoso, está presente. Em palavras Bíblicas: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).⁶⁴³

O fato é que quase sempre consideramos a santidade e a ausência do pecado incompatíveis com a vida comum nesta terra sólida, onde as pessoas riem e choram, nascem e morrem. Achamos que, quando realmente existe, a santidade toma uma forma etérea “celestial”, ou pelo menos só prospera longe do inflexível mundo cotidiano do ser humano comum, talvez por trás das paredes de um claustro.⁶⁴⁴

Maria precisa ser recuperada como uma mulher forte e habilidosa, nossa irmã na fé, que não hesitou ao profetizar a preocupação de Deus com os oprimidos. Essa recuperação da figura histórica de Maria deve ser realizada no contexto da complexidade do mundo contemporâneo.⁶⁴⁵ Consequentemente, a vida de Maria foi uma verdadeira jornada humana. Ela buscava compreender os sinais da presença de Deus na sua vida concreta, sentia ansiedade, não entendia tudo, tinha que buscar um caminho em cada etapa de sua passagem pela vida.

O mistério da Encarnação do Filho de Deus é o eixo central da história de Maria, aquela mulher que gera de sua corporeidade “a carne e sangue que serão reconhecidos como a pessoa do próprio Deus pisando os caminhos da história”.⁶⁴⁶ Mulher que colaborou de forma decisiva com a obra da Redenção e sua decisão

⁶⁴¹ RAHNER, K., *Mary Mother of the Lord*, p. 52, *apud* JOHNSON, E. A., *Nossa verdadeira irmã*, p. 144.

⁶⁴² JOHNSON, E. A., *Nossa verdadeira irmã*, p. 144.

⁶⁴³ Embora todos os fiéis participem da graça, alguns indivíduos foram pré-escolhidos como destinatários particulares da graça e do favor divinos: entre estes a Virgem Maria (Lc 28-30), Jesus (Lc 2,40.52), Paulo (Rm 1,5; 12,3; 15,15; 1Cor 3,10; 15,10) – FITZGERALD, J., *Graça*, p. 643.

⁶⁴⁴ RAHNER, K., *Mary, Mother of the Lord*, p. 78, *apud* JOHNSON, E. A., *Nossa verdadeira irmã*, p. 144.

⁶⁴⁵ COYLE, K., *Tão plena de Deus e tão nossa*, p. 206.

⁶⁴⁶ GEBARA, I.; BINGEMER, M. C. L., *Maria Mãe de Deus e Mãe dos pobres*, p. 70.

que mudou toda a sua vida e a vida de toda a humanidade, porque a Encarnação do Filho de Deus celebra a união do divino e o humano em Jesus. Portanto, a pessoa humana é o lugar de reunião do céu e da terra.⁶⁴⁷ A natureza humana foi elevada ao céu porque Deus desejou viver em Jesus, por meio de Maria, e nos chama a uma vida de contemplação, porque toda vida é tocada pelo divino, estamos totalmente inseridos no espaço sagrado.⁶⁴⁸ Diante disso, Elizabeth Johnson, em sua reflexão sobre a recuperação da mulher humana em Maria, destaca que se abre também uma nova percepção da realidade verdadeiramente humana de Jesus Cristo:

Em vez de ser um indivíduo abstrato com natureza humana *ersatz*, ele é “um ser humano limitado, real, genuíno com sua experiência, um ser humano obediente, igual a nós em todas as coisas, exceto no pecado”. Apesar de seus muitos dons, ele precisou crescer em autoconhecimento e discernir sua vocação por intermédio de suas experiências históricas. Seu ministério e sua morte não foram pré-programados, mas resultaram de decisões tomadas livremente, embora nem sempre facilmente – basta lembrar as tentações no deserto, a agonia no Getsêmani, o forte grito de abandono na cruz. Sua vida não foi o desempenho de um papel. Agora é mais difícil defender um modelo de “super-homem” para a vida de Jesus, que o considere um gentil trabalhador em madeira e pedra por fora, com poderes divinos secretos e excitantes por dentro, como se sua posição social na história não afetasse intensamente sua mente e sua vontade humanas. Tudo isso é afirmado como meio de reverenciar, não de negar a forte crença cristã na Sabedoria de Deus encarnada e moldá-la de maneira inegavelmente salvífica: “Pois já que ele mesmo passou pela provação está em condições de prestar socorro aos que são provados [...]. De fato, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se de nossas fraquezas; à nossa semelhança, ele foi provado em tudo, todavia sem pecar” (Hb 2,18; 4,15).⁶⁴⁹

Maria é um espelho para a Igreja na Encarnação de seu Filho Jesus. Cantalamessa⁶⁵⁰ avança dizendo que Maria é “cheia de Graça”, e que por isso guia

⁶⁴⁷ COYLE, K., *Maria tão plena de Deus e tão Nossa*, p. 97.

⁶⁴⁸ COYLE, K., *Maria tão plena de Deus e tão Nossa*, p. 97.

⁶⁴⁹ JOHNSON, E. A., *Nossa verdadeira irmã*, p. 147 – Na nota de rodapé a autora indica uma pesquisa importante – Ver uma cristologia radical da perspectiva histórica em Roger HAIGHT, *Jesus, Symbol of God, Mary-knoll*, N.Y., Orbis, 1999; ver uma análise detalhada da psicologia humana de Jesus em Karl RAHNER, *Dogmatic Reflections on the Knowledge and Self-Consciousness of Christ*, in *Theological Investigations*, v.5, trad. Engl. Karl KRUGER, New York, Seabury, Crossroad, 1975, 193-215; ver um resumo em Elizabeth JOHNSON, *The Word Was made Flesh and Dwelt Among Us; Jesus Research and Christian Faith*, in *Jesus; A Colloquium in the Holy Land*, Doris DONNELLY, (Org.) New York, Continuum, 2001, 146-166.

⁶⁵⁰ CANTALAMESSA, R., *Maria*, p. 11.

a Igreja à redescoberta da graça de Deus. Ao entrar onde ela estava, o anjo lhe disse “Alegra, ó cheia de graça”, e outra vez: “Não tenhais medo” (Lc 1, 28-30).⁶⁵¹ Na saudação, o anjo não chama Maria pelo seu nome, mas simplesmente por “cheia de Graça (*kecharítomene*). Na graça encontra-se a identidade mais profunda de Maria. Ela é a proclamação viva, concreta, que a graça é a realidade primordial no relacionamento entre Deus e suas criaturas, a graça é o espaço, é o lugar onde a criatura pode encontrar o seu criador.⁶⁵²

Pela graça Deus “debruça-se” e baixa-se em direção à criatura; é o ângulo convexo que preenche a cavidade do desejo humano de Deus. *Deus é amor*, diz São João (1Jo 4,8), e isso quer dizer que, fora da Trindade, Deus é graça. Pois só no seio da Trindade, nas relações entre as pessoas divinas, o amor de Deus é natureza, necessidade; em todos os outros casos é graça, dom.⁶⁵³

Essa graça de Deus, da qual Maria foi cumulada, é também ela uma “graça de Cristo” (*gratia Christi*). É a graça de Deus concedida em Jesus Cristo” (1Cor 1,4), isto é, o favor e a salvação que Deus concede aos homens, devido à morte redentora de Jesus Cristo.⁶⁵⁴ Isso significa que, para nós também, no começo de tudo está a graça de Deus, o seu vir ao nosso encontro em Cristo e doar-se a nós por puro amor. Significa também que a graça é “o primeiro princípio do cristianismo”.⁶⁵⁵

Maria é espelho para a Igreja em dois sentidos: primeiro porque reflete a luz que ela recebe, como faz um espelho com a luz do sol; segundo, porque nela a Igreja pode espelhar-se, isto é, olhar-se e confrontar-se para tornar-se bela. Aqui podemos olhar Maria em um sentido mais particular, o que se diz de modo geral sobre a Palavra de Deus, tantas vezes chamada de “espelho” (Tg 1,23).⁶⁵⁶

Seguindo com a nossa reflexão, podemos avançar para esta questão: como o rosto mariano da Igreja pode se refletir na identidade cristã dos leigos e leigas? A

⁶⁵¹ Esse termo apresenta como um nome dado a Maria – BLÍBLIA TEB, Notas integrais Tradução Ecumênica, p. 1928.

⁶⁵² CANTALAMESSA, R., Maria, p. 12.

⁶⁵³ CANTALAMESSA, R., Maria, p. 12.

⁶⁵⁴ CANTALAMESSA, R., Maria, p. 15.

⁶⁵⁵ CANTALAMESSA, R., Maria, p. 16-18.

⁶⁵⁶ São Tiago diz o seguinte sobre o espelho que é a Palavra de Deus: “Se alguém escuta a palavra e não põe em prática, assemelha-se ao homem que contempla a sua fisionomia num espelho, mal acaba de contemplar, sai dali e se esquece de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita da liberdade, e nela persevera, não como ouvinte que facilmente se esquece, mas como cumpridor fiel de seus preceitos, este encontrará felicidade no que fizer” (Tg 1,23-25). CANTALAMESSA, R., Maria, p. 9.

contemplação de Maria nos ajuda a reencontrar a síntese e a unidade da nossa fé: “Ela é o ícone da graça, ainda não partida, mas inteira. Nela a graça significa, como vimos, tanto a plenitude do favor divino como a plenitude pessoal, a presença mesmo de Deus na maneira mais forte que se possa conceber, física e espiritual, e indica o efeito dessa presença”.⁶⁵⁷ Em nosso batismo somos configurados a Cristo, é o próprio Cristo que vive em nós, “já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl, 2, 20).

A Igreja de Cristo é o povo santo de Deus, que caminha evangelizando, é Corpo de Cristo presente e atuando na história dos seres humanos, somos templo do Espírito Santo. Como já vimos anteriormente, pelos sacramentos da iniciação cristã, sobretudo pelo Batismo, todos nos tornamos membros vivos do povo de Deus. Nessa igualdade comum se funda a identidade e dignidade da vocação dos cristãos leigos, expressa no sacerdócio comum, no *sensus fidei*, no perfil mariano da Igreja e na vocação universal à santidade.⁶⁵⁸

Diante disso, podemos compreender que o significado etimológico da palavra Batismo está intimamente ligado a esse elemento que é seu sinal sensível, criador da realidade sacramental: a água.⁶⁵⁹ O batismo cristão encontra suas raízes no mandamento de Jesus: (Mt 28,16-20; Mc 16,15-20). Bingemer explica que o Batismo cristão é um imperativo, não uma opção, para todos os que desejam seguir Jesus, praticar e anunciar seu Evangelho. As primeiras comunidades cristãs, após batizar durante algum tempo “em nome do Senhor Jesus”,⁶⁶⁰ compreendem que estão em plena sintonia com o desejo do próprio Jesus: realizar o batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo como meio para “fazer discípulos para todas as nações”. Dessa forma, desde o princípio os que desejam permanecer na comunidade dos salvos integram-se na salvação de Jesus Cristo por meio do batismo dado a todos e todas com sua autoridade para o perdão dos pecados, recebendo o Espírito Santo.⁶⁶¹

Neste sentido, o Batismo dá ao ser humano “uma nova identidade”, a qual está plenamente marcada por uma dinâmica pascal. Significa morte ao “velho

⁶⁵⁷ CANTALAMESSA, R., Maria, p. 23.

⁶⁵⁸ CNBB, Doc. 105, n.92.

⁶⁵⁹ É certamente inquestionável que, como outros ritos de iniciação presentes em diversas culturas, o batismo cristão participa de certa universalidade de significados a partir de um horizonte simbólico de referência (a fundamental ambivalência da água, a sua capacidade apotropaica, a sua capacidade de evocar a eterna juventude ou a vida eterna etc.). PERRONI, M., Batismo, p. 158.

⁶⁶⁰ BINGEMER, M. C. L., Referências atuais para a Teologia do Laicato, p. 295.

⁶⁶¹ BINGEMER, M. C. L., Referências atuais para a Teologia do Laicato, p. 296.

homem” ou ao Adão antigo, o que significa morte ao pecado e separação de Deus e a tudo que constitui o reino das trevas. Morte, portanto, à vida antiga. Por outro lado, essa morte e ruptura radical implicam estar disposto, como Cristo, a sofrer e morrer pelo povo. Aí está o sentido da existência, não só do leigo e da leiga, nem só do sacerdote ou da religiosa, todos os batizados em Cristo. Esse novo modo de existir, no entanto, não acontece sem conflitos. Para os batizados que seguem Jesus, isso implicará assumir um destino semelhante ao de dele.⁶⁶² Os cristãos, ao viverem a sua vida configurada a Cristo, devem estar dispostos a abandonar apoios e seguranças outras, para compartilhar com Jesus as situações difíceis, como: incompreensão, solidão, sofrimento, fracasso, incerteza. Não apenas isso, mas também viver em profunda amizade, amor e comunhão, solidariedade, paz, alegria, ressurreição e exaltação. O batizado, portanto, perde sua velha “identidade adâmica” para ganhar uma nova identidade, uma identidade “crística”. O mais profundo dessa nova identidade é a própria pessoa de Jesus Cristo, sua vida, seu agir, e sua morte e ressurreição.⁶⁶³ Atualmente, a Igreja vem lutando, com coragem e muita determinação, para reencontrar esse modelo presente nas fontes da revelação e da vida cristã.⁶⁶⁴

Os cristãos leigos e leigas são portadores da graça batismal, participantes do sacerdócio de Cristo. Nesse sacerdócio se baseia a fraternidade e a irmandade, a dignidade de todos na Igreja enquanto única família de Deus, recebem, pois, o caráter sacramental que os diferencia dos não batizados. Vivem esse sacerdócio na oferta de si mesmos ao Senhor, na participação dos sacramentos, sobretudo a Eucaristia, na vivência das virtudes, na ação evangelizadora, na constante busca de conversão e de santificação. O martírio e a consumação desse sacerdócio “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual (Rm 12,1).⁶⁶⁵

⁶⁶² BINGEMER, M. C. L., Referências atuais para a Teologia do Laicato, p. 299.

⁶⁶³ BINGEMER, M. C. L., Referências atuais para a Teologia do Laicato, p. 299.

⁶⁶⁴ Mateus insere a fórmula litúrgica “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) na perícopa conclusiva do evangelho e assim exalta o seu significado. Com efeito, os versículos 16-20 representam uma unidade muito bem elaborada: a perfeição da sua estrutura literária e a profundidade de seu conteúdo teológico explicam por que ela representa a fórmula batismal que há séculos serve para o sacramento da iniciação cristã. Como fundamento da prática batismal, o texto apresenta uma ordem do Ressuscitado entregue durante uma cristofania pascal, que conclui e coroa a cristologia e a eclesiologia do primeiro evangelho. Síntese da interpretação da pessoa e da obra do Messias feita por Mateus, ela aponta a atitude que devem ter os que creem diante do *Kyrios*. O batizado se tornará membro da Igreja, que será sustentada pelo Senhor até o final dos tempos. PERRONI, M., Batismo, p. 150.

⁶⁶⁵ CNBB, Doc. 105, n. 2-1.

Em última análise, Bingemer⁶⁶⁶ avança dizendo que toda a vida do batizado será o próprio sacramento do Batismo, que é o fundamento do sacerdócio comum dos fiéis. Todo batizado, seja ele ministro ordenado ou não, em sua vida é chamado, em virtude do seu Batismo, a oferecer um culto agradável a Deus. Nesse culto o fundamental é o oferecimento da própria vida da pessoa a Deus, com todas as suas consequências.⁶⁶⁷ O sacerdócio de Maria, na verdade, é o sacerdócio comum dos fiéis.⁶⁶⁸

Encerramos este ponto com uma reflexão de Cesar Kuzma, que nos diz que, ao contemplar Maria teologicamente, ficamos diante de duas verdades fundamentais. Em primeiro lugar, Deus desejou estar conosco e se fez “humano”, e o fez por meio de uma mulher (Gl 4,4), de Maria, logo ela está totalmente envolvida no mistério e na história da salvação, onde se fundamentam a verdade teológica e as questões sobre Maria e sobre todos nós, cristãos e cristãs. Em segundo lugar, ela diz aos serventes: “façam tudo o que Ele vos disser”.⁶⁶⁹ Temos aqui a Maria que nos aponta para seu Filho Jesus Cristo e que ao mesmo tempo nos mostra o caminho a seguir.⁶⁷⁰

3.2.1

Maria na Patrística: servir à humanização de Deus

Os “Padres da Igreja” são propriamente os bispos que nos primeiros séculos transmitiram às Igrejas a sua herança de fé, verdadeiros mestres da verdade fielmente guardada e sabiamente vivida e interpretada à luz da fé cristã. Nessa denominação também se incluem inúmeros autores e escritos cristãos, que vão compor um grande patrimônio da Igreja antiga. Excepcional importância têm os escritos que estão mais próximos da era Apostólica, os Padres das origens, que são considerados os maiores escritores cristãos de todos os tempos. Eles

⁶⁶⁶ BINGEMER, M. C. L., Referências atuais para a Teologia do Laicato, p. 301.

⁶⁶⁷ LG 10.

⁶⁶⁸ LG 10-12.

⁶⁶⁹ A transformação da água em vinho acontecida em Caná simboliza provavelmente a passagem da Antiga a Nova Aliança, (Jo 2,3-5). BÍBLIA TEB, Notas Integrais Tradução Ecumênica, p. 2000.

⁶⁷⁰ KUZMA, C., Maria, p. 86.

encontram-se providencialmente agrupados em um período de ouro da patrística, entre os séculos IV e V.⁶⁷¹

No século II, as preocupações cristológicas influenciaram o aumento do interesse sobre Maria, e a sua virgindade foi enfatizada.⁶⁷² Os Padres e escritores do período antigo raras vezes escrevem diretamente sobre Maria, normalmente eles falam dela em um contexto, ou seja, quando explicam as divinas escrituras ou aprofundam e defendem o evento salvífico de Jesus Cristo, ou também quando esclarecem o mistério, a vida e o culto da Igreja. Mesmo assim, têm um valor muito importante no campo mariano, porque são as testemunhas mais qualificadas da experiência de fé ininterrupta, são os pioneiros da pesquisa teológica, são os pilares que servem de apoio ao edifício cultural e santo de toda a Igreja.⁶⁷³

Da vida recebida de seus padres a Igreja ainda vive hoje; e sobre as estruturas colocadas pelos seus primeiros construtores ainda hoje ela é edificada, na alegria e na dor do seu caminho e de suas dificuldades quotidianas. Por conseguinte, existiram e continuam a existir para sempre: com efeito eles próprios são uma estrutura estável da Igreja, e para a Igreja de todos os séculos desempenham uma função perene. Assim sendo, todo e qualquer anúncio e magistério posterior, se quiser ser autêntico, deve confrontar-se com o anúncio e o magistério deles. E toda pedra nova, acrescentada ao edifício santo que a cada dia cresce e se amplia, deve inserir-se dentro das estruturas por eles já lançadas, e com eles ligar-se e consolidar-se.⁶⁷⁴

Segundo Coyle, durante o século IV houve aumento da devoção popular a Maria, que se tornou o ideal de vida consagrada: permanecer só em casa e rezando. Isso contrastava imensamente com a Maria dos Evangelhos, aquela que, mesmo estando grávida, não hesitou em visitar a sua prima Isabel. Voltaremos aos exageros e contradições marianas mais adiante.⁶⁷⁵

O período das origens (desde a queda de Jerusalém até o Concílio de Nicéia 325), caracteriza-se por uma pluralidade de fatores, tanto no interior, como no

⁶⁷¹ TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1003.

⁶⁷² Para contrapor-se a opiniões docéticas e gnósticas de que a humanidade de Jesus era irreal. Na década de 1930, “foi encontrado o fragmento de papiro de uma oração antiga dirigida a Maria sob o título *Theotókos*. As palavras gregas são as mesmas da invocação a Maria em latim mais tardio: *Sub Tuum Praesidium confugimos Sancta Dei Genetrix* (sob tua proteção, Ó Santa Mãe de Deus...). Origina-se no fim do século III ou do século IV. Essa oração, que foi adotada nas Igrejas bizantinas, copta, etíope e latina, mostra-nos o desenvolvimento inicial da fé na intercessão de Maria nela expressa. COYLE, K., *Maria tão plena de Deus e tão Nossa*, p. 19.

⁶⁷³ TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1003.

⁶⁷⁴ João Paulo II, Carta Apostólica “*Patres Ecclesiae*”, n.72, apud TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1003.

⁶⁷⁵ COYLE, K., *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 19.

exterior, e às margens das comunidades cristãs que solicitaram no campo mariano um esclarecimento dos dados de fé.⁶⁷⁶ No período que vai de Nicéia a Calcedônia (325-451) aparecem os nomes mais conhecidos, que deixam cunho indelével da Tradição seguinte até os nossos dias. Nesse período aumenta também o interesse pelas Sagradas Escrituras e intensifica-se um grande esforço para se chegar a formulações doutrinárias, depois que a Igreja, com a paz de Constantino, obteve cidadania oficial. Existe um esforço dos próprios Imperadores em manter a concórdia entre a variável flutuação das tendências opostas da época. Foi exatamente por isso que eles convocaram os quatro Concílios Ecumênicos, que caracterizaram esse período repleto de tensões: Nicéia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451).⁶⁷⁷

A Patrística grega desse período é a mais fecunda de toda a tradição eclesiástica, e ao lado e como complemento dela reconhecemos a patrística siríaca.⁶⁷⁸ Os Padres do Ocidente, a tradição ocidental do sec. IV-V, é um pouco

⁶⁷⁶ Inácio de Antioquia (110): Bispo de Antioquia, é o primeiro dos Padres que fala de Maria, continuando o Novo Testamento; Justino, filósofo e mártir (165): nas duas *Apologias* dirigidas aos Imperadores e no *Diálogo* com o judeu Trifão, Justino responde à maior pergunta da história e da razão: “por que Deus se fez homem”. Irineu de Lion (200): bispo de Lion e mártir, que alguns definiram como “o pai da mariologia”. O apócrifo “Protoevangelho de Tiago”: seria melhor intitulá-lo: “Natividade de Maria”. Tertuliano (160-240): é o maior apologista latino e o pioneiro da teologia ocidental. Hipólito de Roma (335): muitas obras escreveu e muita influência exerceu por toda a parte este grande exegeta, historiador e controversista, presbítero em Roma nos primeiros decênios do século III. Clemente de Alexandria (215), homem culto, dedicado ao profundo conhecimento da fé, à verdadeira “gnose” do mistério de Cristo, em dois lugares de suas obras fala de Maria. Orígenes (185-253): uma das maiores figuras cristãs de todos os tempos. TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1004-1012.

⁶⁷⁷ No campo mariano influíram fortemente: 1) A discussão sobre a Cristologia, que se estendeu da metade do séc. IV até os concílios de Éfeso e Calcedônia que depois separou as Igrejas orientais da comunhão eclesial: 1) no centro esteve o termo *Theotokos*. 2) Imensa importância ao monaquismo masculino e feminino, com seus cânones de “vida perfeita”: Maria se tornou “modelo” congenital o mais completo retrato da vida consagrada. 3) O século IV (e em parte o século V), teve a tarefa de criar os primeiros ordenamentos litúrgicos estáveis em Roma, Milão, Alexandria, Cesareia da Capadócia, Jerusalém. 4) Por último – embora primeiro em importância –, o “fator heresia” apareceu. TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1004-1013.

⁶⁷⁸ Euzébio de Cesareia (340): admirador e seguidor de Orígenes, amigo de Constantino, primeiro grande historiador da Igreja, serve de ponte entre o século III e o século IV. Ele afronta e resolve alguns pontos de exegese mariana sobre o Antigo e o Novo Testamentos. Cirilo de Jerusalém (387): nas suas famosas *Catequeses* (obra juvenil composta em torno do ano 350), Cirilo aborda mais vezes o tema mariano. Atanásio (373): participou como Diácono do concílio de Nicéia e se tornou Bispo de Alexandria em 328, foi com razão chamado de “coluna da Igreja”, “pai da ortodoxia”. Efrém, o Sírio (373): é considerado, até hoje, doutor da Igreja sírio-antioquena ou caldeia. Foi denominado “cítara do Espírito Santo”. Sob o aspecto mariano, ele é ao mesmo tempo antigo e novo: reveste de imagens líricas os conteúdos tradicionais da fé. Os Padres Capadócijs. Basílio Magno (379): seu irmão Gregório de Nissa (394), o amigo Gregório Nazianzeno (390), e podemos acrescentar o outro amigo, Anfilóquio de Icônio (394), constituem um grupo original, de inspiração alexandrina, que incidiu profundamente na tradição bizantina em todos os setores: dogmático, moral, ascético, litúrgico, canônico. Epifânio de Salamina (403), de origem

menos evoluída do que a grega; entretanto, apresenta-se com sua originalidade própria, pois nela foram incluídas as peculiaridades próprias da cultura latina, mais sensíveis aos problemas humanos, do direito e da moral.⁶⁷⁹ Os últimos Padres, de Calcedônia ao fim da era patrística (mais ou menos no sec. VIII), são confirmados nos documentos do magistério da Igreja, na abundância de homilias e em pontos importantes extraídos dos grandes Padres.⁶⁸⁰

O movimento bíblico e o estudo da patrística, com a “volta as fontes”, apontam e pedem maior centralidade na pessoa de Jesus Cristo. Tudo isso leva a Igreja a questionar sobre uma visão de Maria desvinculada da cristologia e da eclesiologia. Também o movimento ecumênico vai valorizar o núcleo comum das Igrejas cristãs, colocando em segundo lugar as fervorosas devoções marianas. Com a volta às fontes, a renovação dogmática inicia uma releitura dos dogmas marianos, a partir da Bíblia e também da evolução histórica. Com todo esse novo movimento, vai se desmontando essa mariologia armada somente de devoções exageradas, silogismos e argumentos de conveniência.

O Concílio Vaticano II, ao inserir Maria no capítulo VIII do documento da *Lumen Gentium*,⁶⁸¹ situou-a no mistério de Cristo e da Igreja. É original a forma

palestinense, é celebre na teologia mariana sob muitos aspectos, mas sobretudo pela defesa da virgindade perpétua de Maria. João Crisóstomo (407), de escola antioquena, bispo de Constantinopla, o maior orador grego, no campo mariano, constitui caso único. Severiano de Gábada (408), de escola antioquena, primeiro amigo e depois adversário de Crisóstomo, em Constantinopla, tem na mariologia grande importância sob três aspectos: Maria e a mulher; Maria no céu e intercessão de Maria em favor da Igreja. Cirilo e Nestório. O nome Cirilo de Alexandria (444) está intimamente ligado ao concílio de Éfeso (431) e à doutrina católica sobre a maternidade divina, no desencontro com posições cristológicas de Nestório (451), monge antioqueno e, de 428 a 431, bispo de Constantinopla. TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1012-1022.

⁶⁷⁹ C. Mário Vitorino (362), e Hilário de Poitiers (367). No cerne do século IV, a tradição latina retoma o vigor, atualiza-se predominantemente sobre dois binários: o dos tratados teológicos e o dos comentários bíblicos. Ambrósio de Milão (397) com razão pode ser definido como “pai da mariologia latina”. Jerônimo (419/420), por antonomásia o exegeta da Igreja latina, traduziu quase todos os livros do AT e do NT, por encargo do Papa Dâmaso, e comentou muitos deles, inspirando-se bastante em Orígenes. TONIOLO, E., *Padres da Igreja*, p. 1022-1028.

⁶⁸⁰ A Maternidade divina tem explicação precisa nos cânones do Concílio ecumênico Constantinopolitano II, de 553. “O Concílio foi convocado pelo Imperador Justiniano para, mediante a condenação dos teólogos mais importantes da escola antioquena, conquistar para si os monofisistas” (DH 4222-432). A virgindade perpétua é oficialmente aceita pelo concílio de Latrão I, no ano de 649: “[...] se alguém não confessar, segundo os santos Padres, que a santa mãe é sempre virgem e imaculada Maria [...] concebeu sem sêmen do Espírito Santo, o próprio Deus Verbo, e sem corrupção, o gerou, permanecendo intacta a sua virgindade, seja condenado” (DH 503).

⁶⁸¹ Lina BOFF informa que, no discurso de conclusão da Terceira Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, que se deu em 21 de novembro de 1964, Paulo VI falou, claramente, do lugar que teve Maria nas deliberações do Concílio e aludiu ao Capítulo VIII da *Lumen Gentium* com estas palavras: “Justamente podemos afirmar que a presente Sessão se conclui com o hino incomparável

como resgata a rica contribuição da teologia bíblica, que havia sido dissociada do discurso sobre ela nos últimos séculos.⁶⁸² Neste sentido é fundamental recordar a intuição sempre genial de Santo Agostinho, quem liga tipologicamente Maria e a Igreja, conforme aparece citado no célebre Proêmio do Capítulo VIII da *Lumen Gentium*:

Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, “é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo) [...], porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça”. É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade.⁶⁸³

Portanto, o próprio Concílio radica a hermenêutica tipológica Mariana no pensamento patrístico, notadamente Santo Ambrósio e Santo Agostinho.⁶⁸⁴ Maria já começa a ser tipo da Igreja na hermenêutica tipológica patrística. Isso é muito relevante no contexto de nossa pesquisa ao verificarmos de que modo “Maria ilumina a identidade da Igreja”. Já na Patrística Maria virgem e mãe é tipo da Igreja virgem e mãe. Agostinho é essencial para isto. A patrística percebe como Maria se relaciona com o mistério de Cristo, com o mistério da humanização de Deus em Cristo; e também percebe Maria como tipo da Igreja.

de louvor em honra de Maria”. É a primeira vez, de fato, que um Concílio Ecumênico apresenta uma síntese tão vasta da doutrina católica acerca do lugar que Maria Santíssima ocupa no mistério de Cristo e da Igreja - BOFF, L., A figura da Virgem Maria, p. 10; *apud*: versão italiana em L'Osservatore Romano, 22 de novembro 1964, n. 272.

⁶⁸² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 20.

⁶⁸³ LG 53. O texto cita de Agostinho: *De S. Virginitate*, 6: PL 40, 399. O contexto da citação é absolutamente fundamental para tudo o que o Concílio irá afirmar depois sobre o lugar de Maria no mistério de Cristo e da Igreja: [Maria] “é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo) [...], porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça”.

⁶⁸⁴ Os números 63 a 65 da *Lumen Gentium* recordam o ensinamento de Santo Ambrósio de que “a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (nº 63). o Texto conciliar indica os fundamentos deste pensamento em Ambrósio e Agostinho na nota 188: S. Ambrósio, *Expos. U. II*, 7: PL 15, 1555; e na nota 190: 188. S. Ambrósio, *Expos. U. II*, 7: PL 15, 1555.

Lúcia Pedrosa discorre, em sua pesquisa, sobre a teologia mariana que hoje deve se esforçar na articulação dos enunciados mariológicos, com os conteúdos principais da fé crista, tarefa já iniciada sob as orientações do Concílio Vaticano II.⁶⁸⁵ Com a sua contribuição, apresenta aspectos da teologia mariana que colocam os mistérios da vida de Maria como expressão da lógica encarnatória da graça de Cristo.

Por lógicas encarnatórias entendemos a lógica *Kenótica* de Deus, expressa e Filipenses 2,6-11. Por esse movimento, em Jesus Cristo, Deus se esvazia e humaniza, desce, abaixa-se, entra, submerge em nossa humanidade histórica e culturalmente enraizada. Em Jesus Cristo, Deus faz-se escravo, assume a fragilidade humana e a humanidade humilhada para, a partir deste lugar, instaurar dinâmicas de uma vida nova, no Espírito. Na vida de Maria ecoa esta lógica de Encarnação, em dois movimentos: sua resposta a Deus é um serviço à Encarnação e, ao mesmo tempo, sua própria vida é a expressão da vida nova de Deus oferece ao mundo. Por isso, Maria pode ser fonte de inspiração para a espiritualidade e o discipulado.⁶⁸⁶

É importante ressaltar que a maternidade de Maria, intuída desde as primeiras comunidades cristãs, encontra-se a serviço do desígnio histórico-salvífico que se estende para toda a humanidade. É em virtude de sua entrega total aos desígnios de Deus que Maria se coloca a serviço de todo o projeto divino de autocomunicar-se aos seres humanos, a fim de que esses descubram a plenitude da realização que podem alcançar em suas próprias vidas, por meio de sua auto entrega a Deus. Lúcia Pedrosa avança em sua reflexão e apresenta o significado da auto entrega da mulher Maria a Deus:

Autocomunicação divina e auto entrega a Deus da parte da mulher Maria. São realidades unidas. Maria é o ser humano que alcançou a plenitude na doação de si a Deus, e coloca-se no ponto de intercessão entre Deus e o ser humano; nela se dá

⁶⁸⁵ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 477. Em nota a autora esclarece: O trecho Fl 2, 6-11, autêntica pérola da confissão de fé cristológica da primeira comunidade, esboça em grandes traços numa síntese eficiente os momentos salientes do evento de Cristo. De acordo com muitos, o texto é de origem tradicional, mas os critérios para chegar a essa afirmação categórica recentemente suscitaram muitas dúvidas. Seja como for, pode-se considerar expressão das autênticas convicções paulinas, mesmo porque, na hipótese de uma origem tradicional, Paulo absorveu para si esse texto. Em continuidade com o *Kerygma* tradicional, ele se concentra no acontecimento pascal de morte e ressurreição. A primeira, vista como ápice de um processo de abaixamento, ditado por sua obediência (vv. 7-8), e a segunda, como acontecimento da glorificação celeste, que leva Cristo a ser conhecido como o *Kyrios*, “Senhor”, título que a Septuaginta reserva para Deus (vv. 9-11). Mais importante é notar que, como premissa do processo de abaixamento, menciona-se uma igualdade originária de Cristo com o Pai (v. 6), que parece exigência prévia para ele. Dessa forma, o *Kerygma* tradicional se amplia, levando a intuir a dimensão da preexistência de Cristo. GIRLANDA, A., Filipenses aos Carta, p. 607.

⁶⁸⁶ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 478.

uma ampla rede de relações que tem a ver com Deus e a sua graça libertadora, com a história e com a humanidade. Em sua maternidade, Maria recebeu a máxima autocomunicação de Deus, e Deus realizou, no Espírito, uma comunhão plena com o ser humano. Quando Jesus é reconhecido como Messias, como Filho de Deus, a figura de Maria, sua maternidade, o fato de gerá-lo e dá-lo à luz, revestem-se de transcendência. Tudo em Maria se expressa no fato de ter gerado um homem que é Deus encarnado, por isso ela é *Theotokos*.⁶⁸⁷

Ao longo da vida litúrgica da comunidade, os cristãos e cristãs deparam, constantemente e de várias maneiras, essa figura feminina que, em todos os séculos da era cristã, suscitou e continua a suscitar a reflexão teológica, a imagem da mãe de Jesus, Maria de Nazaré. A mariologia busca encontrar uma maneira de articular os enunciados mariológicos com os principais conteúdos da fé cristã. Lúcia Pedrosa, em seu artigo, apresenta que essa tarefa, já iniciada no Concílio Vaticano II, vem avançando frutuosamente e que, por isso, deve ser aprofundada com coragem.⁶⁸⁸

Partindo da ideia do engajamento de Maria na possibilitação da humanação de Deus, algumas propostas teológicas tematizam a mariologia no contexto soteriológico. Importância especial tem, neste caso, também o discurso de Maria como a “nova Eva que, como pessoa redimida, é agraciada e capacitada por Deus para servir à redenção da humanidade.”⁶⁸⁹

Maria então é vista como aquela, que por graça, serve a redenção da humanidade ao engajar-se na humanização de Deus.⁶⁹⁰

Sabemos que a reflexão sobre a salvação sofreu diversos reducionismos. A graça foi reduzida a um auxílio interno para agirmos corretamente, que nos santifica interiormente quando acolhida por nós, e que constitui a garantia de nossa futura salvação, se dela dispusermos no momento de nossa morte. Nessa redução, a concepção de salvação se viu marcada por um individualismo que ignora a dimensão social da ação divina, por uma tendência espiritualista que desconsidera o enraizamento cósmico-corpóreo, e por um acento essencialista que silencia a dimensão histórico-cultural.⁶⁹¹

Vivemos em uma sociedade que avança em contínuas e muito rápidas mudanças; portanto, a Igreja, como Povo de Deus, tem necessidade de bases permanentes que sustentem a nossa vida de fé. No mundo há culturas diferentes,

⁶⁸⁷ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 482.

⁶⁸⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 477.

⁶⁸⁹ MULLER, A.; SATTLER, D., Mariologia, p. 144.

⁶⁹⁰ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 477.

⁶⁹¹ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 477.

línguas diferentes, lugares específicos de atuação, porém o conteúdo da nossa Tradição é uno e idêntico.⁶⁹²

A fé que recebemos no Batismo é alimentada pela Tradição da Igreja, nós a guardamos com cuidado como em vasos preciosos que contém o grande dom do espírito de Deus. É ele que rejuvenesce a Tradição da Igreja e torna sempre atual o vaso que a contém. Esse vaso somos cada um de nós. Essa é a atualidade de Tradição da Igreja e das tradições que nos passam de geração em geração. O ponto onde se encontram a Sagrada Escritura e a caminhada da Igreja chamamos Tradição. Por isso ela é um processo dinâmico.⁶⁹³

Os primeiros séculos da era cristã apresentam uma perspectiva cristológica, como um enfrentamento na busca de encontrar uma expressão consensual em termos linguísticos, da convicção de fé, em torno da verdadeira divindade e da verdadeira humanidade de Jesus Cristo. Um processo que chegou a uma conclusão com as formulações dogmáticas do Concílio de Calcedônia (451).⁶⁹⁴ “Os primeiros teólogos da Igreja também participam dos enunciados mariológicos.”⁶⁹⁵ Maria entrará na história da fé cristã por esse mistério da humanização do verbo de Deus, em Jesus Cristo.⁶⁹⁶ Sobre o lugar de Maria na Tradição do primeiro milênio, Maria na Igreja Antiga, destacamos aqui pontos importantes: Maria na confissão de fé, Maria na literatura patrística.⁶⁹⁷

*Maria na confissão de fé*⁶⁹⁸: Nos documentos mais antigos como nos mais solenes, Maria está muito menos presente do que nos Evangelhos, e na pregação dos Apóstolos ela também está ausente (At 2,14-36), assim como nas confissões de fé. Sabemos que os símbolos da fé cristã passaram por uma lenta gênese até o início do século III, quando encontramos os primeiros credos da Igreja cristã. Porém, bem antes disso, podemos encontrar diferentes elementos dos futuros Símbolos se organizando e se estruturando em fórmulas de alguns autores. A primeira testemunha que encontramos é Inácio de Antioquia (110), que nos dá várias sequências cristológicas diretamente tiradas do querigma apostólico.⁶⁹⁹ Suas primeiras fórmulas falam do verdadeiro nascimento de Jesus: “Nosso Deus

⁶⁹² BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 126.

⁶⁹³ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 126.

⁶⁹⁴ DH 427.

⁶⁹⁵ MULLER, A.; SATTler, D., Mariologia, p. 153.

⁶⁹⁶ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 481.

⁶⁹⁷ GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 17.

⁶⁹⁸ GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 19.

⁶⁹⁹ GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 22.

Jesus Cristo foi, segundo o plano divino, trazido no seio de Maria, saído do sangue de Davi e também do Espírito Santo”.⁷⁰⁰

Porém, o primeiro padre da Igreja que sugere a presença de Maria na pregação dos Apóstolos é Irineu (180).⁷⁰¹ Sua autoridade e honestidade, como também o seu conhecimento da Tradição da Igreja na Ásia Menor vem de Policarpo, que apresenta o mesmo tema Maria e Eva por duas vezes, em sua grande obra “Contra as heresias”. Tudo isso leva a confiar nele, quando situa Maria na economia da salvação, ao falar em nome de uma apresentação da pregação dos Apóstolos.⁷⁰² Para o bispo de Lion, a articulação da fé em Jesus Cristo implica a concepção virginal, e a Escritura, em sua própria origem, atesta a recapitulação de Adão em Cristo por uma circulação de Maria até Eva. “Essa é a fé apostólica que a Igreja proclama, ensina e transmite”.⁷⁰³ O Símbolo de Constantinopla (Niceno-Constantinopolitano, vai incluir, em 301, o nome de Maria.⁷⁰⁴

*Maria na literatura patrística*⁷⁰⁵: A teologia mariana da Igreja antiga é uma cristologia, um olhar direto para Cristo, que nos leva a falar de Maria como a Mãe de Jesus Cristo, salvador, que é Deus. Desde as origens, e notadamente em Irineu (180), como apresentamos anteriormente, até o Concílio de Éfeso (431),⁷⁰⁶ chamar Maria de *Theotókos* é falar de Jesus Cristo. Depois do Concílio de Éfeso, a Igreja pouco a pouco considerou a expressão *Theotokos* como um louvor mariano.⁷⁰⁷ O quinto Concílio Ecumênico de Constantinopla II (553), no cânon 6, afirma que “É com este sentimento de veneração que o santo Concílio de Calcedônia confessou Maria a Mãe de Deus”.⁷⁰⁸

Sendo assim, Deus insere esta mulher, Maria, no epicentro do seu desígnio salvífico. E realiza isso mediante o convite a uma relação e missão. Deus entra na

⁷⁰⁰ Inácio de Antioquia (+ cerca de 117, Efésios XVIII, 2; SC 10 bis, p. 87, Magnésios XI, Trálios IX, I; Esmirneus I, 1-2, *apud* GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 22.

⁷⁰¹ Irineu de Lion, *Démonstration de la prédication apostolique*, 33, SC 406, p. 131, *apud* GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 22.

⁷⁰² GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 22.

⁷⁰³ Irineu, *Contra as heresias*, I, 10,2, trad. Rousseau, Paris, Cerf, 1984, p. 66. *Apud* GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 22.

⁷⁰⁴ DH 150.

⁷⁰⁵ GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 25.

⁷⁰⁶ DH 249.

⁷⁰⁷ GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos, p. 26.

⁷⁰⁸ DH 427.

vida de Maria convidando-a à maternidade divina, e esse mistério de Maria vai mudar a sua vida e a vida de toda a humanidade. Lúcia Pedrosa afirma que “[...] nunca mais Maria estaria separada de seu filho Jesus, o filho de Deus.”⁷⁰⁹ Segundo Clara Temporelli, “Maria se converte numa peça-chave da fé cristã, no sentido de que, em sua resposta a Deus, é ela que dá a carne humana ao Deus encarnado. Ela nos permite enraizar o cristianismo na história humana”.⁷¹⁰ Assim, Santo Irineu já observava, que, se o Verbo não tivesse se feito realmente homem, todo o sistema da redenção cairia por terra. Por isso, considera fundamental o texto de Gálatas 4,4: “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher. O Verbo de Deus de fato se fez homem, encarnou-se no seio de uma mulher, Maria”.⁷¹¹

Querendo Deus em sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, “ao chegar à plenitude dos tempos, enviou seu ilho, nascido de uma mulher...a fim de recebermos a filiação adotiva” (Gl 4,4): <Filho> “que, por causa de nós homens e da nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou do espírito santo, <do seio> de Maria Virgem. Este divino mistério da salvação é-nos revelado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como seu Corpo; nela os fiéis, aderindo à Cabeça que é Cristo e em comunhão com todos os Santos devem também venerar a memória” em primeiro lugar da Gloriosa sempre Virgem Maria, Genitora do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo.⁷¹²

Esse lugar de Maria na obra redentora de Cristo é um tema de discussão desde o século II. Kathleen Coyle, em sua pesquisa, apresenta Maria como modelo na personificação do amor de Deus em várias épocas e culturas. A Igreja volta-se constantemente a ela com o propósito de conhecer os aspectos sempre variáveis do nosso discipulado cristão. Como os tempos e as culturas variam, as exigências do modo de vida radical em conformidade com o Evangelho também variam e nunca podem ser rigidamente preceituadas. É importante tomarmos consciência de que cada época forma, mesmo que inconscientemente, uma imagem de Maria de acordo com os seus ideais de santidade e discipulado.⁷¹³ Para muitos estudiosos, o período dos Padres da Igreja é considerado um itinerário muito rico na história do cristianismo. Isso acontece porque em todos os momentos históricos procura-se renovar a Igreja, procura-se voltar às fontes.

⁷⁰⁹ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 482.

⁷¹⁰ TEMPORELLI, C., Maria, mulher de Deus e dos pobres, p. 23.

⁷¹¹ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 48.

⁷¹² DH 4172.

⁷¹³ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão Nossa, p. 17.

É importante ressaltar que, junto com isso, sempre houve influência mútua entre a oração do povo e a sua crença tradicional. O povo de Deus sempre confiou na poderosa intercessão de Maria na sua caminhada de fé. Enquanto os teólogos⁷¹⁴ abordam questões doutrinárias na evolução e no desenvolvimento do pensamento teológico sobre Maria, os fiéis comuns continuam a demonstrar intensa reverência à Mãe de Deus, em oração e em devoção.⁷¹⁵

Atualmente, a reflexão sobre Maria avança e expressa a pluralidade do mundo e de suas culturas. Temos trabalhos bem fundamentado sobre Maria na Bíblia, que constituem a base comum sobre o rosto de Maria nas Igrejas cristãs e no mundo atual.

3.2.2

Maria, mulher humana

Como refletimos anteriormente, o resgate de fontes para a mariologia acontece por meio de movimentos pré-conciliares. Lina Boff usa um termo interessante para definir esse movimento mariológico, ao dizer que esses movimentos “descongelaram” as concepções escolásticas e jurídicas da teologia anterior ao Concílio Vaticano II, o que se deu para aproximar a mariologia do dinamismo inicial, tanto da Tradição, como das Sagradas Escrituras, e o comum das duas é o Espírito Santo. Ela ressalta também que a exegese constitui um ponto fundamental no processo de resgate das fontes bíblicas.⁷¹⁶

O avanço bíblico no estudo da teologia feito em perspectiva mariológica do Concílio Vaticano II, encontra-se na Constituição *Lumen Gentium* que dedicou um capítulo inteiro a “Maria na Sagrada Escritura”, a parte mais longa que são os parágrafos 55 a 59. Graças a uma vigorosa intervenção de Karl Rahner foi assumida a doutrina teológica e antropológica de Lucas em seus capítulos 1-2 e de João, os capítulos 2 a 19. Esses capítulos resgatam a humanidade de Maria e sua colaboração na História da Salvação que abrange toda a caminhada de nossa fé cristã.⁷¹⁷

⁷¹⁴ Entre as vocações suscitadas na Igreja pelo espírito santo, distingue-se a do teólogo e da teóloga, que de modo particular têm a função de adquirir, em comunhão com o Magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja. A disciplina teológica, que, respondendo ao convite da verdade, busca a inteligência da fé, ajuda o Povo de Deus, de acordo com o preceito do Apóstolo (1Pd 3,15), a dar razão da própria esperança àqueles que a pedem. DH 4870.

⁷¹⁵ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão Nossa, p. 17.

⁷¹⁶ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 198.

⁷¹⁷ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 199.

Na mesma perspectiva, Afonso Murad apresenta as linhas básicas da mariologia no Concílio Vaticano II: o capítulo VIII da *Lumen Gentium*.⁷¹⁸ Com o Concílio Vaticano II, Maria aparece na sua própria história, como a mulher do povo, desde os textos mais antigos do Novo Testamento até a interpretação da sua caminhada de fé na linhagem das mulheres do Antigo Testamento.⁷¹⁹ Os objetivos do Concílio eram resgatar as riquezas da tradição bíblica e patrística das primeiras comunidades cristãs e apresentar uma imagem de Maria que buscasse refletir fielmente o entendimento que a Igreja tem dela, fazendo-a contemporânea de homens e mulheres. Para isso, Maria precisava “descer de seu glorioso pedestal medieval da contrarreforma e juntar-se a nós”.⁷²⁰

O Concílio reverteu a tendência de se promover uma doutrina de devoções marianas que isolava Maria de Cristo e da Igreja. Na época pré-conciliar, o rosário, novenas e outras devoções marianas chegam quase a ser colocadas em igualdade com a Eucaristia e outros sacramentos. Agora, com o resgate da Bíblia e a nova ênfase litúrgica em relação à língua vernácula, os rosários e novenas começam a encontrar o seu lugar próprio. Maria e a devoção a ela começaram a ser colocadas em relação com Cristo e com a Eucaristia.⁷²¹

Lina Boff também vai refletir sobre a interdisciplinaridade⁷²² da teologia mariana. A Mariologia, como conhecimento interdisciplinar, vai tratar o estudo sobre Maria de Nazaré como a Mãe de Jesus a partir das fontes.⁷²³ Com tudo isso, o revitalizado interesse em Maria nos últimos anos difere de modo significativo da antiga visão mariológica. Agora os teólogos se reconhecem e gostam de ser

⁷¹⁸ O documento apresenta este esquema: Introdução (52-54); A missão de Maria na história da Salvação (55-59); Maria e a Igreja (60-65); O culto de Maria na Igreja (66-67); Conclusão: Maria sinal de esperança para o Povo de Deus peregrino (68-69). MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 20.

⁷¹⁹ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 199.

⁷²⁰ FLANAGAN, D., Te Signo f the Virgin, Doctrine and Life, The Theology of Mary, 44, maio/junho 1994, p. 271, *apud* COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 42.

⁷²¹ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 55.

⁷²² A palavra interdisciplinaridade quer dizer o conhecimento comum às disciplinas que estudam e aprofundam a teologia feita na perspectiva da mariologia, das ciências humanas e religiosas. BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 201, observação da autora na nota de rodapé.

⁷²³ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 201.

chamados de mariólogos.⁷²⁴ A mariologia foi absorvida pela cristologia e, dessa forma, agora Cristo é o ponto focal dos estudos marianos.

O termo mariologia aparece pela primeira vez em 1602, ano em que Plácito Nígido publica a sua *Summa Sacrae Mariologie*, editado na Itália por um jesuíta. A disciplina assim chamada desenvolveu-se através de etapas com o desejo de estabelecer uma metodologia *sui generis*, a de constituir-se em seu próprio terreno e incorporar-se e iluminar outros terrenos conexos.⁷²⁵

Os valores humanos da mulher de Nazaré, com o Concílio Vaticano Segundo, são finalmente libertados de exageros e de resíduos inúteis. Desse modo, Maria é colocada na sua verdadeira realidade de mulher histórica que caminhou com o povo, e assim deve ser cultuada e invocada.⁷²⁶ Afonso Murad vai afirmar que, atualmente, a reflexão sobre Maria, quanto ao que hoje chamamos de mariologia, passou a expressar a pluralidade do mundo e de suas culturas.

Há trabalhos bem fundamentados sobre Maria na Bíblia que constituem a base comum sobre o perfil de Maria nas Igrejas cristãs. Desenvolvem-se pesquisas a respeito de Maria no diálogo inter-religioso com o Islamismo, o Judaísmo, as religiões afro-americanas e a religiosidade pós-moderna. Somam-se a isso a contribuição da Teologia da Libertação, da teologia feminista e da ecoteologia. Interpretam-se os dogmas marianos com dupla fidelidade à Tradição e à contemporaneidade. Buscam-se paradigmas (modelos de compreensão) para organizar com sentido os dados da Bíblia, do culto e do dogma a respeito de Maria. A renovação carismática destaca a relação de Maria e o Espírito Santo. Cresce a espiritualidade mariana centrada em Jesus e na Trindade, que visa balizar a peregrinação de homens e mulheres, com Maria.⁷²⁷

Conforme essas novas perspectivas mariológicas, Elizabeth Johnson apresenta Maria como amiga de Deus e profeta. Os retratos pessoais de Maria de Nazaré vão formar a imagem em um mosaico que apresenta uma mulher aberta à ação do Espírito. Esse mosaico, estimulado pela origem histórica do judaísmo galileu, como apresentamos anteriormente, possibilita o vislumbre de uma verdadeira mulher do século I, membro de uma sociedade camponesa oprimida, aquela que em certo momento da história, ao colocar-se totalmente aberta à ação

⁷²⁴ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 55.

⁷²⁵ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 202.

⁷²⁶ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 203.

⁷²⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 21.

do Espírito, deu a sua contribuição inigualável para a realização da história da salvação, para o bem do mundo inteiro. É o Espírito que cria laços de família:⁷²⁸

Eis a chave para o novo discurso teológico: Maria é mulher de Espírito. Confiou sua vida à realidade completamente misericordiosa de Deus sublime que está sempre presente para vivificar, renovar e santificar o mundo. Quer ela tomasse a iniciativa e se alegrasse, refletisse, quer encontrasse de outra maneira seu caminho através de dias comuns, sua afetuosa parceria com o Espírito-Sabedoria inscreve em nossa história um relato de graça. Nisso ela é irmã de todos os que respondem ao dom do Espírito em suas vidas, de modo visíveis e invisíveis. Juntos formam a comunhão dos santos.⁷²⁹

Ser amigo de Deus significa entrar em relacionamento com Ele, livremente, com confiança e afeição, conhecendo e deixando-se conhecer com uma intimidade sincera. Isso implica reservar algum tempo para apreciar o relacionamento com os seus desafios, em oração e contemplação. Implica também importar-se apaixonadamente com o que Deus se importa, manter-se unido a ele, mesmo diante das diversidades da vida, mesmo nos momentos da noite escura. Significa deixar que a presença divina seja o fundamento primeiro de nossa vida, mesmo quando a sentimos como uma desconcertante ausência. É preciso viver com a certeza de que, como Jesus disse,⁷³⁰ já não somos servos, somos amigos.⁷³¹ Ser profeta corresponde levantar a voz em críticas contra toda injustiça, porque, sendo amigo de Deus, o coração ama o mundo da mesma maneira que Ele o ama. Nos momentos mais difíceis da vida humana, ser profeta significa saber também

⁷²⁸ JOHNSON, A. E., Nossa verdadeira irmã, p. 365.

⁷²⁹ JOHNSON, A. E., Nossa verdadeira irmã, p. 366. Ainda sobre a comunhão dos Santos, Elizabeth Johnson nos apresenta em sua pesquisa que a Comunhão dos Santos é uma das criações duradouras do talento artístico do Espírito-Sabedoria.

⁷³⁰ Jo 15,11-17 – Uma grande novidade desta interessante passagem joanina é o fato de sublinhar que se trata de um amor de verdadeira amizade, como indicado pelo uso de *philéo* e do vocábulo *philos*. Para os gregos, *philia* é o amor de amizade feito de impulso e ternura, não apenas de dedicação. Jesus fala repetidamente “amigos”: “Ninguém tem maior amor do que este: dar a própria vida em favor de seus amigos (v. 13); “Vós sois meus amigos” (v. 14); “Já não vos chamo de servos [...] Eu vos tenho chamado de amigos” (v. 15). Desse modo, é precisado que o *agapē* é também amor amical. Diretamente e especificado que o amor de Jesus por nós é o de amizade (“como eu”); indiretamente subentende-se que também a reciprocidade do nosso amor, se de fato quiser assemelhar-se ao amor de Jesus Cristo, deve ser amical. Note-se, pois, a antítese servo/amigo que estrutura toda a passagem. O amor de Jesus, modelo de amor fraterno, é um amor de amizade, portanto, é uma relação de confiança entre pessoas, um diálogo. Três são as características desse amor amical. Antes de mais nada, a extrema dedicação: “Ninguém tem maior amor que este: dar a própria vida em favor de seus amigos” (Jo 15,13). Em segundo lugar, a confiante familiaridade: “Tudo o que ouvi da parte de meu Pai eu vos fiz conhecer” (Jo 15,15). Enfim, a predileção, a escolha gratuita: “Vós não me escolhestes, mas eu vos escolhi” (Jo 15,16). MAGGIONI, B., Amizade, p. 78-79.

⁷³¹ JOHNSON, A. E., Nossa verdadeira irmã, p. 367.

confortar os outros com palavras de esperança, pois, em vista da ação vivificante de Deus, essa dor não é para sempre. “De um modo ou de outro, agindo criticamente ou consolando, ser profeta muitas vezes acarreta, como Jesus disse,⁷³² não ser respeitado na própria terra e entre o seu povo”.⁷³³ Xabier Pikaza apresenta uma reflexão sobre “Maria amiga de Deus”: A Anunciação, diálogo na história (Lc 1,26-38):

Estamos apresentando Maria como *Amiga de Deus*, mas podemos inverter a frase e apresentar Deus como *Amigo de Maria*. Ambos se distinguem como infinito e finito e, no entanto, coincidem no mesmo grande desejo de dar a vida, e oferecer o próprio ser à criança, num gesto de abertura generosa que se expande para toda a humanidade. A iniciativa vem de *Deus*, mas é evidente que a sua ação (palavra de chamada do anjo que lhe diz: conceberas!), responde ao desejo mais profundo de Maria e torna-o explícito e desenvolve-o até o seu limite mais profundo. Esse é um Deus que se dirige ao coração e ao corpo, à alma e a toda vida dessa virgem nazarena, fazendo-a expressar todo o seu ser ao responder-lhe.⁷³⁴

Como Maria responde? Ela responde a Deus com total liberdade, como uma mulher que sabe amar, como uma mãe que deseja um filho, como uma irmã que se coloca a serviço da humanidade inteira. Ela é diferente de Deus (apenas na medida em que podem dialogar e se amar), no entanto seus desejos estão interligados.⁷³⁵ Pikaza também ressalta que Maria pertence à nossa vida e experiência de oração, ela é um sinal de Deus, uma mulher que participa da nossa vida de oração.

A oração pode ser definida dessa forma: Elevar o coração a Deus, pedindo-lhe ajuda. Muitas vezes nos encontramos no chão, perdidos nas coisas. Portanto, a oração consiste em levantar-se: levantar olhar, olhar para Deus e contemplá-lo face a face, de coração a coração. Assim descobrimos a nossa pequenez, descobrimo-nos muito necessitados e pedimos a Deus que nos conceda o dom (graça ou misericórdia) da verdadeira existência. Esses aspectos cumpriram-se de modo peculiar no mistério de Maria.⁷³⁶

⁷³² A “atividade da Galileia (Lc 4, 14-9,50) explica a proclamação do Reino de Deus em palavras e em atos. Ela é inaugurada pela cena na sinagoga de Nazaré (Lc 14,16-30), que possui valor programático: Jesus faz a pregação a partir do texto de Is 61,1-2 e anuncia a realização desse programa de libertação; mas a rejeição dos ouvintes e sua tentativa de suprimir Jesus prefiguram a paixão”. MARGUERAT, D., Lucas e Atos dos Apóstolos, p. 881.

⁷³³ JOHNSON, A. E., Nossa verdadeira irmã, p. 367.

⁷³⁴ PIKAZA, X., Amiga de Dios, p. 14.

⁷³⁵ PIKAZA, X., Amiga de Dios, p. 15.

⁷³⁶ PIKAZA, X., La madre de Jesús, p. 15.

Para a Comunidade divina, Maria é uma mulher que desempenha muito mais que simples funções. Ela é a mulher que aceitou com total liberdade dizer o seu “sim” ao mistério da Encarnação redentora, e todos os batizados, homens e mulheres se inserem pela graça de Deus no mesmo mistério⁷³⁷ Por fim, Murad, em poucas palavras, explica que a atual reflexão sobre Maria se faz com o olhar e o coração sintonizados com o caminho existencial e espiritual dos homens e mulheres de hoje. Isso requer uma perspicaz sensibilidade histórica e dialogal.⁷³⁸ Hoje o teólogo e a teóloga devem estar atentos, não somente aos livros e artigos publicados, mas também aos fatos significativos e as suas interpretações.

A reflexão teológica sobre Maria é simultaneamente sistemática e crítica, pois organiza as informações, apresenta e justifica a compreensão católica sobre a mãe de Jesus, ao mesmo tempo que corrige os eventuais desvios, aponta para as limitações históricas e propõe novas interpretações, que sejam fiéis a Bíblia, à Tradição viva da Igreja e à atualidade. A mariologia conjuga razão e moção, aceitação amorosa e busca. Reverencia a Mãe de Jesus, reconhecendo o seu lugar especial. Ao mesmo tempo, pensa, questiona, reflete, pondera e propõe alternativas visando uma fé madura.⁷³⁹

3.3

Maria de Nazaré: Mãe do Povo Missionário

Neste ponto, vamos nos aproximar de um momento de superação de Maria de Nazaré e seu filho Jesus. O Evangelho de Marcos revela um momento de crise que precisa ser superado. Maria é incluída no grupo dos familiares de Jesus. Ele e sua Mãe superam os laços de dependência em relação à família e à sua tradição, um gesto que expressa grande liberdade, de difícil compreensão para todos que os cercam, em uma sociedade totalmente patriarcal, fundamentada na tradição. Existe uma grande resistência, Jesus propõe uma pertença a uma nova família, a dos seguidores e seguidoras, todos e todas que fazem a vontade do Pai. Em seguida, vamos nos aproximar da mariologia de Francisco, que coloca em destaque algumas chaves mariológicas para entender a piedade popular mariana nos dias de hoje.

⁷³⁷ BOFF, L., Maria na vida do povo, p. 58.

⁷³⁸ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 28.

⁷³⁹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 30.

3.3.1

De Mãe biológica para discípula de Jesus

Nos evangelhos encontramos diversas descrições que nos revelam que Jesus se percebe enviado por Deus. Podemos verificar que Jesus instrui os seus discípulos com base na missão que ele mesmo recebeu (Mc 9,37; Mt 10,40; Lc 10,16), Portanto, apresenta-se como aquele que foi ungido e enviado pelo Espírito do Senhor.⁷⁴⁰ Encontramos, também no Evangelho, como Marcos e sua comunidade falam de Maria. Nesse Evangelho podemos encontrar as primeiras vezes em que se fala de Maria e sua família. Lembremos que na cultura judaica é forte o senso de pertença familiar. Para seguir a sua missão, Jesus vive certa pressão da sua família, que, de alguma forma, tenta controlá-lo. Mas por que isso? Lina Boff, em sua reflexão, apresenta-nos dois motivos. Em primeiro lugar, Jesus revela um novo conceito de família, bem diferente dos conceitos familiares que estavam vigentes em sua realidade cultural e religiosa. Esse novo conceito abrange a profundidade e a amplidão da família. A família da qual Jesus fala vai ultrapassar aquela ligada apenas pelos laços sanguíneos, pois propõe a família gerada de Deus, a família da fé. Em segundo lugar, Jesus anuncia o Reino de Deus por meio de sua vida e de sua obra.⁷⁴¹

A história se passa na aldeia de Cafarnaum, onde Jesus começa o seu ministério de anúncio e curas, que vai atrair uma grande multidão. Elizabeth Johnson,⁷⁴² em sua pesquisa, explica que a essa nova notícia de Jesus, sua parentela e amigos vêm tentar detê-lo, e querem levá-lo de volta para a sua casa em Nazaré, pois acham que ele perdeu o juízo. Marcos descreve que acontece uma discussão entre Jesus e alguns escribas de Jerusalém, que o acusam de ter Belzebu dentro de si. Exatamente quando termina essa discussão é anunciado a Jesus que sua mãe e sua família chegaram: “Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora: eles te procuram” (Mc 3,32). Estabelece-se uma tensão e Jesus responde: “Quem são minha mãe e meus irmãos? E percorrendo com olhar os que estavam sentados em círculo à sua volta, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 1,33-35).

⁷⁴⁰ PEERBOLT, J. B., Missão, p. 990.

⁷⁴¹ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 32.

⁷⁴² JOHNSON, E., Nossa verdadeira irmã, p. 270.

As palavras de Jesus estão cheias de uma nova visão. Laços de sangue não garantem um lugar em sua comunidade de discípulos, mas amar e agir em nome do Reino de Deus sim. A bem-aventurança que ele oferece está à disposição de quem quiser, sem distinção de sexo ou gênero, infertilidade ou maternidade, afinidade física ou ligações familiares, desde que procure à vontade Deus. Da maneira como Marcos organiza, a passagem traça um forte contraste entre a família biológica de Jesus e um novo tipo de comunidade inclusiva, a família escatológica criada pelo compromisso compartilhado de fazer a vontade de Deus.⁷⁴³

Como sua mãe, Maria, entra em tudo isso? Lina Boff responde que Maria entra como uma pessoa que pertence à nova família nascida de Deus, à nova família da fé, sem excluir a família biológica de Jesus. Mas agora, essa nova família ultrapassa os laços de sangue, pois a fé é a exigência primeira para fazer parte do grupo dos seguidores e seguidoras de Jesus e Maria, sua Mãe, é a primeira. Isso também revela outro momento importante de discernimento na vida de Maria: ela passa pelo processo de procurar a compreensão de todas as coisas que Jesus dizia e fazia.⁷⁴⁴

Mercedes Navarro apresenta-nos uma pesquisa mais detalhada sobre essa passagem e coloca em destaque alguns versículos que iremos seguir. Mc 3,20 situava Jesus “em casa” rodeado de gente, de forma que não podia nem comer. Até o versículo 4,1 o narrador não oferece nenhuma outra indicação de lugar e isso nos leva a situar o episódio no mesmo espaço físico de Mc 3,20, fora de casa e dentro de casa.⁷⁴⁵ Se o narrador enfatiza o exterior sem mudança de lugar, isso enfatiza que está interessado em destacar uma posição além do espaço físico espacial. Por outro lado, se Jesus está em casa, isso nos dá indícios de que vai ocorrer um conflito em relação aos discípulos que o seguem.⁷⁴⁶ Afonso Murad destaca que o narrador cria um cenário onde encontramos dois grupos em oposição. De um lado, aqueles que estão tentando compreender a ação de Jesus (seus familiares), ou que manifestam uma clara reação às atitudes de Jesus (fariseus, escribas, herodianos). De outro lado estão os que o procuram, que o acolhem, que o seguem: a multidão e os discípulos. O importante aqui é que o fato

⁷⁴³ JOHNSON, E., Nossa verdadeira irmã, p. 270.

⁷⁴⁴ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 33.

⁷⁴⁵ PUERTO, N. M., Los rostros bíblicos de María, p. 36.

⁷⁴⁶ PUERTO, N. M., Los rostros bíblicos de María, p. 37.

acontece em casa (Mc 3,20), e há uma clara oposição.⁷⁴⁷ Ao longo do Evangelho, “a casa”, espaço doméstico, opõe-se a dois outros lugares: a sinagoga e o Templo. Jesus inicia o seu ministério na sinagoga (Mc 1,21.23.29.39), porém esse lugar é imediatamente substituído pela casa, espaço doméstico (Mc 1,29; 2,1.11), que se torna o lugar onde Jesus viveu, curou e ensinou. A casa, que era um lugar profano, torna-se um lugar sagrado, graças às ações que nela Jesus realiza.⁷⁴⁸

O gesto de Jesus pode soar um pouco estranho, como se tivesse tratado mal sua mãe e seus irmãos. Na verdade, essa atitude de Jesus ganha um novo sentido, no contexto cultural no qual viveu. Sabemos que no tempo de Jesus na Palestina do século I, o parentesco era a instituição social central. Naquele contexto, as pessoas sentem a obrigação de conservar e fortalecer o grupo dos seus parentes e de manter a honra. Nos clãs, as grandes famílias, multinucleares, com avós, tios, primos e primas, filhos e filhas, todos os parentes próximos têm uma unidade por si mesma autossuficiente e absoluta. Essa grande dependência em relação à família dá pouca margem à autonomia. Diante disso, Jesus coloca em crise o nome da família. Suas posturas e atitudes estão contrárias à tradição cultural e religiosa do seu núcleo familiar, no interior da Galileia.⁷⁴⁹ Portanto, a nova proposta que Jesus apresenta afeta diretamente sua mãe:

Neste evangelho não temos mais informações sobre ela do que o seu nome Maria (cap. 6), mas o que se propõe é suficiente para inferir os dados essenciais que Maria a Mãe concreta de Jesus teve que percorrer para avançar para uma forma qualitativamente diferente do seu relacionamento com seu Filho Jesus. Esta nova relação, sem anular a anterior, coloca Maria num espaço de fé diferente daquela que ela vivia, e no qual muito provavelmente, se percebia como mulher-mãe. A transição de uma fé para a outra, não acontece da noite para o dia, mas requer um lento processo de simbolização que inclui fortes momentos de crise. O narrador de Marcos, tenta transmitir narrativamente um apelo à experiência humana, à experiência narrativa da própria existência, este processo, psicológico, sociológico e teológico.⁷⁵⁰

Sintetizando, nesta passagem importante podemos perceber Maria muito preocupada com alguém que ela ama. Elizabeth Johnson observa que “Miriâm de Nazaré, não tem o Novo Testamento em mãos, para ajudá-la a interpretar os

⁷⁴⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão Humana, p. 39.

⁷⁴⁸ PUERTO, N. M., Los rostros bíblicos de María, p. 37.

⁷⁴⁹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão Humana, p. 40.

⁷⁵⁰ PUERTO, N. M., Los rostros bíblicos de María, p. 57.

designíos de Deus; ela toma uma atitude e parte em missão, que no fim parece não dar certo e ela fica do lado de fora”.⁷⁵¹ Afonso Murad também avança na reflexão, dizendo que o texto de Marcos pode contribuir imensamente para o nosso amadurecimento na fé, como discípulos missionários de Jesus atualmente: “A mariologia tradicional que glorificou Maria nunca soube o que fazer com esse texto e, conseqüentemente, ignorou-o em grande parte. A meu ver, o texto é antídoto insubstituível para as distorções da tradição, além de contribuição à memória de Maria por seus próprios méritos”.⁷⁵²

Nas Bodas de Caná ela faz um pedido delicado e confiante, para suprir uma necessidade temporal, naquele momento. Atenta, percebe que falta vinho, na festa. Ela vai até seu filho e relata essa falta. A constatação da Mãe torna-se uma ordem para o Filho, e a falta do vinho se resolve com essa frase da Mãe “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Fazer o que Jesus diz é trazer para o meio do povo o vinho novo que é o próprio Jesus como Messias, enviado pelo Pai. Aqui o núcleo da oração de Maria está na sua obediência e na sua fé, pelas quais gerou o Filho de Deus na força do Espírito Santo. “Esta é a maior de todas as orações da Virgem, porque, por meio de Jesus Cristo, que ela trouxe em seu ventre, a pregação e o batismo geram novos filhos e filhas para a vida da Igreja, pois esses filhos são concebidos pelo Espírito e nascidos do Pai em Cristo.”⁷⁵³ Para concluir nossa reflexão, Lina Boff nos traz uma afirmação de São Leão Magno:

Com razão o Papa Leão Magno afirmava, em uma homilia natalícia: “A origem que Cristo assumiu no seio da Virgem Maria coloca-a na fonte do batismo: Ele conferiu à água aquilo que deu à Mãe [...], a graça de gerar o salvador pela força do espírito santo e a de gerar filhos para a Igreja”. O Espírito que fez de Maria Mãe do Filho de Deus, é o mesmo que regenera os filhos na Igreja na pia batismal.⁷⁵⁴

Após um breve olhar sobre o texto nos Evangelhos de Marcos e João, em tempos de um pontificado que nos convoca a sair dos nossos lugares de missão para outros onde se apresenta maior urgência do anúncio da Boa Notícia trazida pelo Cristo ressuscitado, podemos retomar o espírito já trazido no concílio Vaticano II, com suas diversas práticas ainda não experimentadas. Vamos

⁷⁵¹ JOHNSON, E., Nossa verdadeira irmã, p. 274.

⁷⁵² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 52.

⁷⁵³ MC 19.

⁷⁵⁴ BOFF, L., Maria no contexto da Evangelização da Igreja à Luz do Vaticano II, p. 41.

adentrar a *Evangelii Gaudium* de Papa Francisco, para conhecermos um pouco mais dessa corajosa mulher, Maria de Nazaré.⁷⁵⁵

Alexandre Awi Mello, em sua tese de doutorado,⁷⁵⁶ apresenta a mariologia do Papa Francisco, colocando em destaque algumas chaves mariológicas para entender a piedade popular mariana no seu pensamento. Destaca uma graduação entre três chaves: “Mãe” é largamente o termo mais usado por Bergoglio para se referir à Virgem; e “no povo” é a forma com que predominantemente ele experimenta a Virgem e valoriza a piedade para com ela. Por um lado, ele apresenta Maria como seguidora de Jesus, modelo de educadora de todas as virtudes do verdadeiro discípulo do Senhor, e também seu ser missionário e sua missão como Mãe evangelizadora.⁷⁵⁷ Na *Evangelii Gaudium*, Papa Francisco dedicou vários parágrafos a *Maria, Mãe da Evangelização*. Colocou Maria no trabalho evangelizador, pois ela tinha o seu jeito de evangelizar. Como Mãe e como mulher, busca ficar junto ao povo, e não sozinha, com o Espírito Santo enviado pelo Pai. A novidade que traz é a chegada do seu Filho, que é o Filho de Deus. Esse é o “jeito que Maria tem de evangelizar”.⁷⁵⁸ A iconografia cristã mariana apresenta Maria no centro da reunião dos apóstolos, aguardando a vinda do Consolador no dia de Pentecostes. O documento *Evangelii Gaudium* avança dizendo que era ela quem os reunia para a oração, o que tornou possível a explosão missionária que criou a Igreja de Jesus Cristo.⁷⁵⁹ Lina Boff, sobre o número 284 da *Evangelii Gaudium*, afirma “[...] que sem a atuação de Maria nessa explosão do Espírito não se pode compreender, cabalmente, o espírito da nova evangelização.”⁷⁶⁰

Papa Francisco não encontrou melhor maneira de iniciar a sessão sobre Maria (EG 284), do que colocando essa chave de leitura na primeira frase do texto, para que todo o texto pudesse ser lido nesta perspectiva “Com o Espírito Santo no meio do povo, Maria está sempre presente”, E para mostrar que sempre foi assim, desde o primeiro momento da existência daquele povo, a Igreja, recorda que Maria estava com os discípulos no Cenáculo implorando a vinda do espírito.⁷⁶¹

⁷⁵⁵ BOFF, L., Maria no contexto da Evangelização da Igreja à Luz do Vaticano II, p. 20.

⁷⁵⁶ MELLO, A. A., Maria-Iglesia, p. 746.

⁷⁵⁷ MELLO, A. A., Maria-Iglesia, p. 747.

⁷⁵⁸ BOFF, L., Maria no contexto da Evangelização da Igreja à Luz do Vaticano II, p. 21.

⁷⁵⁹ EG 284.

⁷⁶⁰ BOFF, L., Maria no contexto da Evangelização da Igreja à Luz do Vaticano II, p. 21.

⁷⁶¹ MELLO, A. A., Maria-Iglesia, p. 746.

Para finalizar nossa reflexão, destacamos que Maria se encontra no povo, fortemente defendida por Papa Francisco: “Como uma boa mãe que cuida de seus filhos, que Maria nos ensine com sua vida o que significa ser discípulo missionário, disse Francisco a mais de três milhões de jovens na praia de Copacabana, ao concluir a sua primeira Jornada Mundial da Juventude”.⁷⁶²

3.3.2

Maria, perto de nós: o rosto mariano da Igreja

Vamos lançar um olhar para Maria com Emili Turú⁷⁶³ e vislumbrar o rosto mariano da Igreja e um estilo mariano de evangelizar. Consiste em uma reflexão destinada a religiosos não clérigos e aos leigos e leigas que compartilham a missão e a espiritualidade marista no mundo.⁷⁶⁴ O autor escreveu um breve texto, no qual apresenta algumas características de Maria que consideramos fundamentais para nossas reflexões: 1) Escuta e medita a Palavra de Deus e se alimenta dela; 2) Oferece Jesus ao mundo de hoje pela Eucaristia; 3) Missionária: vai ao encontro de homens e mulheres do nosso tempo; é comunhão de irmãos e

⁷⁶² MELLO, A. A., Maria-Iglesia, p. 507.

⁷⁶³ O Irmão Emili Turú Rofes nasceu em janeiro de 1955, em Barcelona (Catalunha, Espanha). Viveu sua infância em Marçà, Tarragona. É o último entre cinco irmãos. Iniciou sua vida marista em Llinars del Vallès, no ano de 1968. Fez o Noviciado em Santa Maria de les Avellanes. Emitiu os primeiros votos em 1975, e os perpétuos, em 1982. Obteve o título de professor de ensino primário, na Escola Universitária “Cardenal Cisneros” de Alcalá de Henares; professor de catalão pela “Universidad Autónoma de Barcelona” e a Licenciatura em Teologia (Antropologia Teológica), no “Teresianum”, de Roma. Embora tenha exercido a atividade pastoral com crianças e jovens, desde o primário até a Universidade, a maior parte de seu serviço ao Instituto foi desenvolvido na formação inicial dos Irmãos e em diversas áreas provinciais. Acompanhou os jovens Irmãos como diretor do Escolasticado, em Alcalá de Henares. Desde então, revelou sua preocupação pela vida espiritual, pela vida religiosa e pela cultura. Como formador transmitiu sua preocupação pela pobreza e pela justiça e seu compromisso com a Igreja. Posteriormente, foi coordenador de Pastoral, de Educação e provincial da então Província marista da Catalunha. Participou ativamente na organização e no desenvolvimento do Congresso da Vida religiosa da Catalunha, colaborando na redação do documento “Lo que es nuevo pide novedad” que aborda a questão do futuro da Vida religiosa. Enquanto provincial destacou-se pela proximidade aos Irmãos e à vida das comunidades. Animou as obras educativas, com ênfase especial na linha pastoral, na atenção às pessoas e na missão partilhada com os Leigos. Favoreceu a criação de pequenas comunidades inseridas em ambientes populares e o desenvolvimento de projetos sociais. Cooperou na coordenação da Espanha marista e preocupou-se com a realidade marista europeia. No XX Capítulo geral (2001) foi eleito Conselheiro-geral. Enquanto membro desse colegiado, promoveu a celebração da Assembleia internacional da Missão marista, em Mendes, e a criação de diversos grupos de trabalho, relativos à Pastoral juvenil marista, à formação universitária, à missão marista e à coordenação das obras sociais e outras. Sua comunicação fácil e o domínio de várias línguas permitiu-lhe excelente contato com o mundo marista para dinamizar a missão dos Irmãos, no mundo hoje. Instituto Maristas De Champagnat, Superior Geral 2009-2017. Ir. Emili Turú.

⁷⁶⁴ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja fundamentos teológicos, p. 116.

irmãs; 5) Canta e louva o seu Senhor, como no *Magnificat*; 6) Vive da caridade e a pratica, especialmente para com os mais pobres; 7) É Igreja servidora, que dá a vida.⁷⁶⁵ Assim, é possível construir, de forma pessoal, comunitária e institucional, uma Igreja inspirada nas atitudes de Maria. Afonso Murad, durante um Congresso Mariológico, em Aparecida, fez uma reflexão sobre estas características.

Ele reforça o pensamento do Ir. Emili Turu: para descobrir e construir uma Igreja de rosto mariano, devemos partir de dois pressupostos: 1) é uma Igreja que, na sua vida e no seu pensamento, é inspirada pelas atitudes de Maria; 2) o Evangelho é o melhor documento que reflete tais atitudes. Com bases nestes dois pressupostos é fácil encontrar as características de uma Igreja de rosto mariano. Todos são convidados a viver essas características e pô-las em prática em sua vida.⁷⁶⁶ Para compreender como descobrir e construir o rosto Mariano da Igreja proposto aqui, adiante discorreremos sobre cada um desses traços: Quais seriam esses traços? Uma Igreja que escuta e medita a Palavra de Deus, uma Igreja missionária, uma Igreja eucarística, uma Igreja que canta e louva, uma Igreja que vive da caridade, uma Igreja que dá vida, uma Igreja serve e uma Igreja materna.⁷⁶⁷

Primeiro, ser uma Igreja que, assim como Maria, escuta e medita a Palavra de Deus em sua vida. Nesta escuta atenta, Clodovis Boff apresenta-nos Maria como uma pessoa “livre-para”.⁷⁶⁸ A Anunciação é um relato da vocação de Maria: vocação à maternidade messiânica. Temos aqui uma proposta e uma resposta: Maria assume seu compromisso com toda responsabilidade.⁷⁶⁹ A perícopa lucana (1,26-48) apresenta a jovem de Nazaré como uma moça rica de interioridade, uma pessoa bem integrada em todos os seus dinamismos vitais, ou seja, uma pessoa que atingiu o estado de ser consumado, a estatura da maturidade de Cristo (Ef

⁷⁶⁵ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja fundamentos teológicos, p. 116.

⁷⁶⁶ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja fundamentos teológicos, p. 116.

⁷⁶⁷ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja fundamentos teológicos, p. 116-118.

⁷⁶⁸ Clodovis Boff, em sua reflexão ressalta que Maria, como uma pessoa livre, significa de fato, conquista da liberdade. É a ação de ser livre. Tal processo tem um *terminus a quo*: “libertar-se de”. É a liberdade negativa: libertar-se das servidões. E tem um *terminus ad quem*: “libertar-se para”. É a liberdade positiva: libertar-se para o crescimento. Dois momentos essenciais de todo processo de libertação. Não existe libertação, senão a partir de pessoas, livres em sua raiz. Antes de pensar em sociedades livres é preciso pensar em pessoas livres. Por meio do relato da Anunciação, queremos mostrar Maria como mulher livre, pessoa ativa e participativa, consciente e responsável. Nesta cena aparece, da maneira mais clara, a pessoa de Maria como sujeito de seus atos. Mas a sua é uma liberdade que se determina pela vida e pelo amor, que se concretiza em serviço libertador. BOFF, C., Mariologia Social, p. 413-414.

⁷⁶⁹ BOFF, C., Mariologia Social, p. 414.

4,13).⁷⁷⁰ Sobre essa maturidade e integridade da pessoa humana, Clodovis Boff , com uma reflexão de Gevard resalta esta característica fundamental nos dias de hoje, para a evangelização e a maturidade afetiva:

Lembremos que a percepção propriamente humana é aquela consciente. E na medida em que se torna consciente o ser humano é chamado à decisão e à responsabilidade. Ora a decisão, com responsabilidade inerente, supõe tanto o desejo quanto a vontade. Na articulação destes elementos, torna-se possível criar “um padrão de ação e de vida, dinamizado e enriquecido pelos desejos, confirmado pela vontade e receptivo e responsável diante das pessoas relevantes para mim, na realização dos objetivos a longo prazo. O ser humano tem a capacidade de transcender e auto orientar o desejo imediato. A maturidade da personalidade humana inclui o desenvolvimento da liberdade, entendida como libertação daquilo que escraviza e aliena como vivência concreta e responsável da capacidade de agir, sabendo o que se faz e porque se faz.”⁷⁷¹

É neste sentido, que Afonso Murad nos apresenta um ponto importante: escutar a Palavra significa se abrir à vontade de Deus, e assim, desenvolver e consolidar a fé que dá sentido à nossa vida cristã de forma madura. Foi assim com Maria fez (Lc 2,10.51).⁷⁷²

Uma Igreja missionária, que vai ao encontro do outro, homens e mulheres de nosso tempo, como fez Maria quando saiu às pressas para visitar a sua prima Isabel (Lc 2, 39-45), demonstra abertura e atitude de saída.

A abertura a outros seres humanos se dá em diversos níveis, no encontro eu-tu, nas relações mediadas pela sexualidade, nas relações comunitárias e familiares, nas relações sociopolíticas. Na saída de si, a pessoa constrói a liberdade e a realização de maneira situada, concreta e possível. Na abertura ao cosmo, a pessoa humana se vê formando parte também do mundo natural, com responsabilidade de respeitá-lo. Vê-se criatura entre as criaturas, unida a todas as outras numa solidariedade fundamental. Ao mesmo tempo, a pessoa humana, imagem de Deus é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em morada digna dos seres humanos (todos), numa administração responsável.⁷⁷³

Uma Igreja “em saída”, como nos diz Papa Francisco.⁷⁷⁴ A presença de Maria no Cenáculo tornou-a a “Rainha dos Apóstolos”, quando a Igreja começa a sua missão (At 1,14).

⁷⁷⁰ BOFF, C., Mariologia Social, p. 414.

⁷⁷¹ GEVARD, El problema del hombre, p. 206, *apud* BOFF, C., Mariologia Social, p. 414.

⁷⁷² MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja; fundamentos teológicos, p. 116.

⁷⁷³ PEDROSA-PÁDUA, L., Antropologia teológica integrada e sua dimensão cósmica, p. 120-121.

⁷⁷⁴ EG 46.

O sentido central da missão de uma Igreja eucarística é oferecer Jesus ao mundo de hoje, não só pela Palavra, mas também pelo seu Corpo e Sangue.⁷⁷⁵ Uma Igreja servidora, com atenção às pessoas mais necessitadas, com um olhar sensível voltado para a justiça social e para a libertação dos seres humanos. Igreja como Mãe que cria a família de Deus, um lugar onde todos têm igual dignidade, um lugar que respeita a diversidade e acolhe com amor a diferença e que, com simplicidade e humildade, vive o amor e a ternura.⁷⁷⁶ Uma Igreja que canta e louva o seu Senhor, como Maria fez no canto do Magnificat (Lc 1,46-56). Uma Igreja que vive e testemunha a caridade e a põe em prática, principalmente os mais pobres, os mais pobres são os mais humildes, os que têm fome.⁷⁷⁷ Emili Túru observa que o serviço está caracterizado pelo ícone da Visitação, como um aspecto maternal e familiar; e Pentecostes é a fé em ação, pelo ícone da Anunciação.⁷⁷⁸ Aqui ele nos apresenta o ícone da Visitação como a Igreja do avental, referindo-se ao Monsenhor Tonino Bello, poeta e profeta que usou frequentemente esta imagem da *Igreja do avental*:

Chiesa del grembiule, porque dizia, esse é o único ornamento litúrgico que podemos atribuir a Jesus. E afirmava em uma de suas conversas espontâneas: O Senhor ‘se levantou da mesa, tirou o manto e, tomando uma toalha, amarrou-a na cintura!’ Eis aí a Igreja do avental. Quem quisesse desenhar a Igreja como a sente o coração de Jesus, teria que desenhá-la cingida com uma toalha. Alguém poderia objetar que é uma imagem muito serviçal, demasiado banal, uma fotografia que não se mostra aos parentes quando vem à casa para tomar chá. Mas a Igreja do avental é a Igreja que Jesus prefere porque a fez assim. Fazer-se servos do mundo, ajoelhar-se como fez Jesus... e se pôs a lavar os pés das pessoas, do mundo. Isso é Igreja. E nós a quem lavamos os pés?⁷⁷⁹

No que se refere à Igreja servidora em Jesus Cristo, Afonso Garcia Rúbio nos apresenta que alguém pode levantar esta questão: “Dado que na Igreja todo mundo se considera servidor, como discernir o autêntico serviço de suas falsificações?”⁷⁸⁰ Uma pergunta pertinente, visto que vivemos a ambiguidade presente em cada ser humano e nas comunidades eclesiais. O único lugar em que podemos encontrar a resposta é nas atitudes profundas vividas por Jesus Cristo, no

⁷⁷⁵ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja; fundamentos teológicos, p. 117.

⁷⁷⁶ TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 44.

⁷⁷⁷ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 117.

⁷⁷⁸ TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 47.

⁷⁷⁹ TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 50.

⁷⁸⁰ RUBIO, A. G., Encontro com Jesus Cristo vivo, p. 182.

seu total desprendimento, no seu empobrecimento voluntário, que torna possível o enriquecimento do outro. Nesse sentido, a Igreja do avental apresentada aqui revela-nos que a atitude fundamental de Jesus Cristo se resume no total desprendimento, na saída de si próprio para encontrar o outro onde estiver. Este serviço, concreto e real para o crescimento do outro, deveria constituir a atitude básica do evangelizador.⁷⁸¹

Servir é nossa vocação.⁷⁸² Uma Igreja que dá vida, no sentido de que dá ao mundo aquele que é a vida (Jo 11,25; 14,6), e continua a dar a vida em todo o tempo e lugar. Essa foi a primeira tarefa de Maria: “em Belém, ela oferece ao mundo, simbolizado nos pastores e nos Magos, Aquele que é a vida (Mt 2, 1-12; Lc 2, 8).⁷⁸³ Em Lucas, os pastores faziam parte dos marginalizados, pois sua profissão era considerada impura. Representam, no Evangelho de Lucas, os pobres, os pecadores e os marginalizados (Lc 2, 8-20).⁷⁸⁴ Aqui eles podem representar todos os fiéis de todos os tempos, que se abrem à proposta de Jesus Cristo. Aprender a olhar o mundo, a partir da perspectiva de outra pessoa significa ser capaz de se colocar no lugar do outro, deixar-se tocar por ela, compreendê-la, embora nem sempre se possa aprovar as suas ações. Quando Jesus se ajoelha para lavar os pés de seus discípulos, sua perspectiva é de baixo: “trata-se de servir, não, porém, como protagonista apenas, ou como quem tem todas as respostas, mas de joelhos, quer dizer, com humildade de quem serve porque ama, sem buscar nada em troca”.⁷⁸⁵ É o que Maria nos ensina nas bodas de Caná: atenta às necessidades dos outros, ela transforma o ambiente onde se manifesta a glória de Deus e a fé dos discípulos”.⁷⁸⁶

Por último, uma Igreja materna, acolhedora, que acolhe no seu seio os filhos e filhas que o Senhor lhe dá, mesmo diante de situações mais dramáticas, como as que vivemos atualmente: pandemias, enchentes, catástrofes ambientais, o sofrimento e a morte. A Igreja, inspirada por Maria aos pés da cruz, é chamada a tornar-se o rosto materno de Deus para todo os que sofrem (Jo 19,25-27).⁷⁸⁷ “É a

⁷⁸¹ RUBIO, A. G., Encontro com Jesus Cristo vivo, p. 183.

⁷⁸² TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 51.

⁷⁸³ MURAD, A., O Rosto Mariano da Igreja, p. 117.

⁷⁸⁴ RUBIO, A. G., Encontro com Jesus Cristo vivo, p. 157.

⁷⁸⁵ TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 53.

⁷⁸⁶ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 118.

⁷⁸⁷ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 118.

comunidade de Pentecostes reunida em torno de Maria, que se sabe portadora de um dom que a supera”.⁷⁸⁸ O que podemos dizer sobre o futuro? Certamente, não está em nossas mãos, e provavelmente podemos nos equivocar em qualquer previsão que fizermos. O que realmente podemos fazer, e que já estamos fazendo, é agir no presente. Por isso, sentimo-nos chamados a construir uma Igreja com rosto mariano e, para que essa Igreja possa existir, necessita que todos nós tomemos a firme decisão de torná-la realidade.⁷⁸⁹

Podemos perceber, resumidamente, que, para Emili Turú, uma Igreja de rosto mariano escuta e medita a Palavra de Deus, é missionária, oferece Cristo ao mundo, alegra-se no louvor, coloca a sua fé em prática com amor solidário, é servidora e comunica a vida, testemunha na sua vida a face materna de Deus.⁷⁹⁰ Este rosto mariano da Igreja ganha um ponto central na mariologia do Papa Francisco,⁷⁹¹ “que utiliza as expressões “estilo mariano de evangelizar e ícone feminino”, “na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*”.⁷⁹² O Papa Francisco convida-nos a fixar o olhar em Maria⁷⁹³, “para que ela nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que novos discípulos e discípulas se tornem evangelizadores ativos”.⁷⁹⁴

Sobre uma Igreja mariana no magistério do Papa Francisco, Lúcia Pedrosa, no 12º Congresso Mariológico, que teve como tema “Uma Leiga chamada Maria”, apresenta chaves de renovação para uma Igreja “em saída”.⁷⁹⁵

Em sua reflexão, a autora apresenta, como pano de fundo, uma questão sobre a renovação e a transformação da Igreja desejada pelo Papa Francisco, que passa pela interrelação entre Maria, a Igreja e cada cristão e cristã. Segue os passos teológico-pastorais da reflexão mariana de Francisco, que desemboca nas dinâmicas de uma vida nova que Maria viveu em sua vida terrena. Hoje, na

⁷⁸⁸ TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 56.

⁷⁸⁹ TURÚ, E., Deu-nos o Nome de Maria, p. 77.

⁷⁹⁰ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 118.

⁷⁹¹ O 16º Congresso Mariológico da Academia Marial de Aparecida, teve como tema “A Mariologia do Papa Francisco”. Ocorreu em um momento significativo: a comemoração dos dez anos do pontificado de Francisco. Foi enriquecido pelas contribuições de renomados autores como Pe. Alexandre Awí, Frei Jonas Nogueira, Ir. Afonso Murad, Lúcia Pedrosa, Vinícius Paiva e Gerson Loureiro Pereira, que contribuíram para que os participantes do Congresso aprofundassem a Mariologia do Papa Francisco. SILVA, U. (Org.). A Mariologia do Papa Francisco.

⁷⁹² EG 284-288.

⁷⁹³ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 118.

⁷⁹⁴ EG 287.

⁷⁹⁵ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco, p. 139.

presença do Espírito, ajuda-nos a viver nossa vida cotidiana, questionando com Francisco: qual é a imagem de Maria que contribui para uma verdadeira evangelização, que deságua nos “rostos marianos” que Francisco propõe para a Igreja a partir de cada grande documento de seu pontificado?⁷⁹⁶ Seguindo os passos do Papa Paulo VI,⁷⁹⁷ Francisco apresenta “Maria como mestra da vida espiritual para cada um dos cristãos e cristãs. Olhamos para Maria a fim de que, com ela, façamos de nossa própria vida um culto agradável a Deus e, do nosso culto, um compromisso vital”.⁷⁹⁸ Não estaria aqui contida a chave teológico-pastoral do rosto mariano da Igreja?⁷⁹⁹ Sobre isso, Afonso Murad destaca, em sua reflexão, pontos importantes, a partir da *Evangelii Gaudium*:

A peregrina na fé: ela deixou-se conduzir pelo Espírito, através de um itinerário de fé feito de serviço e fecundidade (EG 287). Ela enfrenta crises: ela também experimentou um aperto no coração, uma noite da fé e também um avanço (EG 287). Contemplativa: é contemplativa no mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos (EG 288). Alegre no louvor: ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria louvando a Deus (EG 286). Resistente na esperança: como mãe de todos, Maria é sinal de esperança para todos os povos que sofrem as dores de parto, até que germine a justiça (EG 286). Terna: sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto (EG 288). Profética e acolhedora: “derrubou os poderosos de seu trono” e “aos ricos despediu de mãos vazias” (Lc 1, 52.53) ela que assegura o aconchego de um de um lar à nossa busca de justiça (EG 288). Perseverante na cruz: na cruz Cristo suportou em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, viu aos seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo (EG 285). Modelo de evangelização: resumidamente Maria inspira o perfil da face e do corpo da Igreja que evangeliza, enquanto ela é peregrina na fé (enfrenta as crises de crescimento), contemplativa e proativa.⁸⁰⁰

Por tudo isso, Maria é nossa amiga na caminhada, sempre solícita e participativa,⁸⁰¹ para que nunca falte o vinho na nossa vida. Ela, que tem o

⁷⁹⁶ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco, p. 139.

⁷⁹⁷ Papa Paulo VI, na *Marialis Cultus*, havia evidenciado o liame ético-espiritual e cultural entre Maria e a comunidade eclesial, em continuidade com a mensagem do capítulo VIII da *Lumen Gentium*, Papa Paulo VI proclama que Maria é modelo de toda a Igreja, como perfeita discípula de Jesus.

⁷⁹⁸ MC 21.

⁷⁹⁹ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 119.

⁸⁰⁰ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 119-121.

⁸⁰¹ Sobre a temática de Maria como nossa verdadeira irmã e amiga da caminhada de fé da Igreja, no 15º Congresso Mariológico, promovido pela Academia Marial de Aparecida com o apoio da Faculdade Dehoniana, Murad desenvolveu uma reflexão sobre a contribuição de Elizabeth Johnson apresentando uma palestra com o tema: “Maria, nossa irmã, na comunhão dos santos: contribuição de Elizabeth Johnson para uma Igreja fraterna e participativa. SILVA, J. U., (Org.). Maria, nossa irmã no caminho Sinodal.

coração trespassado pela espada, compreende as nossas faltas, as nossas dores.⁸⁰² Nessa perspectiva da mariologia do Papa Francisco de que nos aproximamos, Lúcia Pedrosa apresenta-nos os “Rostos marianos da Igreja em saída”.⁸⁰³ Lançando um olhar para os grandes Documentos de seu Magistério, podemos enxergar a Maria dos Evangelhos, mencionada como força inspiradora. De uma faceta do rosto mariano de uma Igreja em saída, com a Maria dos Evangelhos podemos descobrir os caminhos marianos da Igreja.⁸⁰⁴

Conclusão

Neste capítulo, intitulado O rosto mariano da Igreja, iniciamos com o contexto histórico de Maria de Nazaré e aproximamo-nos de pesquisas arqueológicas e literárias que nos fornecem alguns dados sobre a Palestina do século I e as circunstâncias da sociedade do tempo de Jesus de Nazaré. Dessa forma, podemos conhecer um pouco mais dessa mulher reflexiva que repassava os acontecimentos de cada dia no seu coração, repleto de fé. Maria, estava inserida na sociedade de seu tempo e vivia de acordo com os costumes e com a mentalidade de sua época; por isso, em nada foi diferente da realidade atual - a vivência da sua fé não modificou sua vida como uma pessoa normal. Vimos nos fundamentos bíblicos a Maria leiga a partir dos Evangelhos, trazendo à luz os significados antropológicos do seu *sim*.

Destacamos o rosto mariano da Igreja; para isso, buscamos conhecer Maria na Patrística, aquela que nos ensina a servir à humanização de Deus com sua própria vida.

Destacamos também a reflexão de autores e autoras que trabalham em suas pesquisas essa dimensão de Maria mulher humana, criatura de Deus, filha de Adão e Eva. O Concílio Vaticano II é um grande momento de revisão e mudança na Igreja. Com a volta às fontes, inicia-se uma renovação dogmática, com a

⁸⁰² EG 284.

⁸⁰³ Neste artigo, Lúcia Pedrosa desenvolve, a partir dos Documentos do Papa Francisco, a centralidade da figura de Maria nos Evangelhos, que constituem complementares e coerentes de uma Igreja Mariana. PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana, chaves de renovação para uma Igreja em saída, p. 139-171.

⁸⁰⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana, chaves de renovação para uma Igreja em saída, p. 152.

releitura dos Dogmas marianos a partir da Bíblia, e com todo esse movimento vai se desmontando uma mariologia com devoções exageradas. Ao inserir Maria no capítulo VIII do documento da *Lumen Gentium*, ela foi situada no mistério de Cristo e da Igreja, resgatando a contribuição da teologia bíblica, que havia sido dissociada do discurso sobre Maria, nos últimos séculos.

Chegamos a um novo momento de interpretação, ao focalizar Maria como pessoa concreta, autêntica, dotada de toda a graça de Deus, na companhia de todos os amigos de Deus e profetas, e podemos elaborar uma teologia mariana enraizada nas Escrituras e procurar um vislumbre na realidade histórica, na maior parte desconhecida, da mulher concreta Maria de Nazaré.

Percorremos neste capítulo um caminho em que Maria guarda um vínculo especial com a Igreja, comunidade dos discípulos (as) missionários (as), e somos todos eternos aprendizes. Nossa vocação cristã, em suas diversas formas e “estados de vida”, inicia-se por um “sim”, diário e constante. A resposta ativa de Maria, após um processo de discernimento, inspira a todos os cristãos e cristãs. A vida cristã comporta a vivência do mistério pascal, com Cristo e, a partir dele, provamos a cruz, a morte e os frutos da ressurreição.⁸⁰⁵ Olhando para Maria, podemos perceber vários traços das nossas feições cristãs. Esse é o grande esforço de nossa reflexão teológica e pastoral, ao assumir o que apresentam diferente autores e correntes de pensamento.⁸⁰⁶ Olhamos para alguns autores que escolheram seguir as trilhas iluminadoras, ao abordar a temática do “rosto mariano da Igreja”; uma Igreja com rosto mariano (Emili Turú) e com todo o estilo mariano de evangelizar (Papa Francisco *Evangelli Gaudium*). Com isso, desvelaram-se importantes componentes do vínculo de Maria com a comunidade eclesial. Destacaram-se, entre eles, as características primordiais dos cristãos e cristãs de hoje: ouvir, meditar e praticar a Palavra.⁸⁰⁷ O que os textos dos Evangelhos hoje dizem para nós? A Maria dos Evangelhos leva-nos a dizer que nós, cristãos e cristãs, assim como Maria, somos chamados a integrar a nova família de Jesus: somos seus irmãos, suas irmãs e sua mãe.

Como mãe, a cada cristão é dado gerar, em si e nas comunidades, no Espírito, o Cristo. E o faz acolhendo em si a Palavra para que Ela se torne carne em sua vida.

⁸⁰⁵ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 119-122.

⁸⁰⁶ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 119-123.

⁸⁰⁷ MURAD, A., O rosto Mariano da Igreja, p. 123.

Ao mesmo tempo, cada cristão se coloca a serviço desta acolhida da Palavra viva nas comunidades e no mundo, a serviço da vida nova do reino de Cristo. Esta nova vida implica viver as novas relações – com Deus, com os demais e com a natureza – que Jesus instaura e nos quais nos insere, ao ouvirmos e praticarmos sua Palavra. Desta forma, há um movimento de graça e resposta pelo qual, ao inserir-se em Cristo caminho, verdade e vida, dá-se uma transformação geradora de novas relações pessoais, comunitárias e sociais.⁸⁰⁸

A Igreja, como povo de Deus gerador de vida, deve se esforçar e gerar uma realidade nova, uma vida nova de batizados, que irão passar do “homem velho” para o “homem novo” (Rm 6,1-14; Ef 4,22-24). Ao gerar filhos pelo Batismo, a Igreja gera, de forma vital, real e concreta, um povo livre e libertado por Cristo, para Nele e com Ele viver novas relações. Exatamente como Maria fez, aquela que foi livre e libertada, aquela que aprendeu a viver relações de amor e liberdade com seu filho e com todos, no Espírito.⁸⁰⁹

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que tem a possibilidade de se afastar das ocupações comuns para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. Você é uma consagrada ou um consagrado? Seja santo, vivendo com alegria na sua doação. Está casado? Seja santo, amando e cuidando de seu marido ou sua esposa, como Cristo fez com a Igreja. Você é trabalhador? Seja santo, cumprindo com honestidade e competência o seu trabalho a serviço dos irmãos. Você é progenitor, avó ou avô? Seja santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Você está investido de autoridade? Seja santo, lutando pelo bem comum e renunciando a seus interesses pessoais.⁸¹⁰

Esperamos, que estas reflexões contribuam para a edificação da Igreja Povo de Deus, na diversidade de ministérios, serviços e estados de vida. Que o Senhor faça em nós maravilhas, como realizou em Maria. Concluímos, com Afonso Murad, refletindo um pouco mais as palavras de Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica sobre a santidade:⁸¹¹

Desejo coroar estas reflexões com a figura de Maria, porque ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus. É aquela que estremecia de júbilo na presença de Deus, aquela que conservava tudo em seu coração e se deixou atravessar pela espada. É a mais abençoada dos santos entre os santos, aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha. E, quando caímos, não aceita

⁸⁰⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana, chaves de renovação para uma Igreja em saída, p. 145.

⁸⁰⁹ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana, chaves de renovação para uma Igreja em saída, p. 146.

⁸¹⁰ GeE 15.

⁸¹¹ MURAD, A., O Rosto Mariano da Igreja, p. 123.

nos deixar por terra e, às vezes nos leva em seus braços sem nos julgar. Conversar com ela nos consola, nos liberta, nos santifica. A mãe não necessita de muitas palavras, não precisa que nos esforcemos demasiado para lhe explicar o que se passa conosco. É suficiente sussurrar uma vez ou outra: “Ave Maria...”.⁸¹²

Seguimos para o próximo capítulo fazendo uma articulação, entre a Teologia do Laicato e a Teologia Mariana, em busca de uma “Teologia Mariana do Laicato”. Buscamos realizar uma pesquisa consistente que possa situar a identidade cristã do laicato no lugar teológico e mariológico que lhe corresponde. Buscamos também ampliar nossa compreensão de Maria como a primeira leiga cristã e nossa irmã no seguimento de seu Filho Jesus Cristo. Uma tradição viva suscita novas interpretações, em harmonia com os contextos históricos em constante transformação. Portanto, pastoralmente falando, podemos esperar que o Ano do Laicato, celebrado com tanto entusiasmo e consciência da identidade e da missão, dos leigos e leigas na Igreja e no mundo, unido ao impulso da piedade popular mariana, em tempo do Papa latino-americano, ponha o relógio novamente para funcionar.⁸¹³ Esta tese deseja colaborar com este novo impulso.

4

Teologia Mariana do Laicato

Introdução

A pergunta que está guiando toda esta tese começa com a palavra “como”: “Como o rosto mariano da Igreja pode ajudar a compreender a identidade cristã do

⁸¹² GeE 176.

⁸¹³ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 34.

laicato?” Algumas perguntas podem iniciar com “por que”, “quando”, ou “onde”, mas “como” refere-se ao modo: de que maneira Maria explica o jeito de ser cristão e cristã no mundo hodierno? A *Teologia Mariana do Laicato*, neste último capítulo, é a nossa resposta orgânica para esta pergunta. Os três capítulos anteriores nos deram subsídios seguros para chegar até essa elaboração sintética.

Para estruturar esta resposta, vamos utilizar o método esboçado pela Ação Católica desde 1950⁸¹⁴: “Ver-Julgar-Agir”. Julgamos oportuno acrescentar um quarto passo: “Celebrar”. Este acréscimo tem sido utilizado com frequência na catequese e nos textos das Campanhas da Fraternidade. Inclusive acrescenta-se um quinto passo: “rever”. De alguma maneira essa “revisão” pode ser o que faremos na conclusão de toda esta tese. Os passos deste método aparecem claramente indicados no clássico primeiro capítulo do Evangelho de Lucas. Segundo a proposta de nossa tese:

- ✓ “Ver”: Maria, na “visão” do Arcanjo Gabriel, recebe uma proposta do Céu. Fica extasiada e pensa no significado da saudação.
- ✓ “Julgar”: Maria pergunta “como acontecerá isso”. O Arcanjo dá detalhes de “como” o Plano Salvífico de Deus passaria pelo ventre daquela jovem mulher. Não basta *ver* a realidade; é necessário *refletir* sobre ela. Maria faz isso como discípula.
- ✓ “Agir”: A resposta de Maria é um “sim” com palavras e também com o gesto de sair às pressas e ir ao encontro de Isabel em missão de solidariedade. Seu discipulado trasborda na missão. É discípula missionária.
- ✓ “Celebrar”: Ao cair da tarde, Maria e Isabel cantam as maravilhas de Deus em suas vidas. O *Magnificat* é o modelo de toda celebração cristã que integra o Céu e a Terra, o eu e o nós, o louvor e o clamor. É modelo de oração integral.

⁸¹⁴ Oriundo da Ação Católica, esse método foi criado pelo Cardeal Josef Cardijn, na década de 1950, na Bélgica, onde exercia seu ministério pastoral entre os trabalhadores. E foi reconhecido oficialmente pelo Papa João XXIII na Encíclica *Mater et Magistra*, em maio de 1961. O método propõe os seguintes passos: Ver - estudo da realidade. Especial atenção é dada, neste olhar, para as pessoas e famílias mais necessitadas e excluídas da sociedade. Para escolher as Políticas Públicas a serem implementadas, as administrações precisam fazer escolhas, preferencialmente com a participação popular, definindo os problemas mais urgentes e que afetam a qualidade de vida da população. Julgar: análise e julgamento a partir de alguns referenciais, especialmente da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, servindo como luz que ilumina nossas ações. Outros instrumentos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Carta da Terra, a Constituição Cidadã, também são importantes para que os cristãos possam enxergar a sociedade como um todo e não apenas os que participam da vida eclesial. Agir: são as considerações sobre as perspectivas pedagógicas e comportamentais que se abrem, com vistas a uma ação social transformadora. No caso das Políticas Públicas, significa propor, às administrações públicas, políticas que busquem transformar as situações mais gritantes de injustiça e que causam sofrimento às pessoas, famílias e comunidades do município, estado ou país. IHU, Portal Kairós, Fraternidade e Políticas Públicas: Ver, Julgar e Agir.

Utilizando o método de Maria, vamos *ver* alguns desafios que leigos e leigas cristãos enfrentam no mundo contemporâneo. Escolhemos alguns “mundos” que desafiam o laicato. Esta escolha não pretende dar conta de todas as realidades. É apenas um olhar indicativo para entender o *locus* do laicato com sua identidade cristã de ser “sal da terra e luz do mundo”: mundo plural, mundo das referências da cultura, mundo da família, mundo do trabalho, mundo da política, mundo digital e o mundo da comunidade. Estes são apenas alguns mundos com seus respectivos desafios que exigem do laicato uma fé bem fundamentada, um compromisso com a prática religiosa e, acima de tudo, uma grande habilidade para conseguir discernir e aprender a responder às complexidades da realidade.

Após olhar a realidade de alguns mundos que desafiam o laicato hoje, será o momento do *julgar*: Como Maria ilumina a realidade laical? Com base no que já pontuamos no Terceiro Capítulo, será possível descobrir o rosto mariano do laicato. Maria é “ícone”, “figura”, “modelo”, “tipo” (*typos*), para o laicato.

Como o rosto mariano da Igreja responde aos desafios indicados? A relação de Maria com a realidade laical ilumina e responde aos desafios apresentados. Indicaremos especificamente duas características marcantes da laicidade marial: Maria mulher e membro do povo de Deus. Veremos que, radicada em sua tipologia marial, a Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga. A Igreja é mulher, como costuma lembrar o Papa Francisco. Novamente estamos diante de uma linguagem tipológica e não de gênero. A afirmação de “Maria mulher”, como encontramos, por exemplo na Carta aos Gálatas, precede historicamente até mesmo a dogmatizada “maternidade de Maria” e a sua fraternidade. Maria é nossa mãe e nossa irmã, mas antes de tudo é “mulher” e “leiga”. Isso iluminará radicalmente a identidade do laicato, como veremos neste capítulo.

Após *ver* e *julgar* os desafios, daremos o passo do *agir*. Com Maria descobrimos um laicato mariano em “ação” no mundo. Leigos e leigas são chamados a “sair às pressas” para enfrentar os desafios e as urgências de hoje (cf. Lc 1,39). É a hora do laicato mariano.

O quarto passo do método utilizado é o *celebrar*. Toda esta pesquisa aponta para a identidade ministerial do laicato - mas o que isso significa, exatamente? Sem criar eventuais colisões com o ministério ordenado ou a vida consagrada, que têm sua índole ministerial própria, se a Igreja é toda ministerial, como pensar a ministerialidade laical reconhecida e celebrada? Como compreender, como

instituir, como celebrar? Qual é a índole ministerial do laicato cristão? Com esse itinerário esperamos responder de modo satisfatório à pergunta que nos guia em busca da identidade mariana do laicato.

4.1

“Ver” os desafios do laicato hoje

O anjo veio à presença dela e lhe disse: Alegra-te, ó tu que tens o favor de Deus, o Senhor está contigo (Lc 1,28).

Maria viu o anjo Gabriel, mais que isso, ouviu o que ele tinha a propor para a sua vida que teria forte incidência no seu cotidiano. Como Maria, vamos olhar para sete lugares onde o cristão leigo está presente. Apesar da insistência dos documentos da Igreja de que o campo de maior atuação e ação dos leigos e leigas é o mundo, percebemos que, na prática, existe uma tendência a valorizar, exclusivamente, ou quase, sua atuação no interior da Igreja. Isso pode prejudicar a tomada de consciência da importância de sua presença como cristãos e cristãs nas realidades do mundo.⁸¹⁵ Os leigos e leigas cristãos estão inseridos em diversos “mundos”, inclusive o desafio socioambiental e ecológico que já destacamos no *Magnificat* e no Documento *Laudato Si'*, onde enfrentam os mais diferentes desafios. Escolhemos apresentar apenas alguns destes “areópagos” que se destacam na sociedade atual.

A Teologia do Laicato é a reflexão sobre a identidade e missão do “simplesmente cristão”. Sem nenhuma forma de depreciação, poderíamos falar de “cristão elementar”. São pessoas que vivem o seguimento a Jesus Cristo sem pesados vínculos institucionais hierárquicos. São filhos e filhas de Deus incorporados em Cristo Jesus, pelo seu corpo místico, que é a Igreja serva à serviço do Reino de Deus no mundo. Na história real e concreta dos peregrinos e peregrinas envolvidos na história humana, em busca da comunhão definitiva com Deus, a condição leiga é a condição primeira de todos os cristãos e cristãs⁸¹⁶. Com isso, imaginamos superada a definição de leigo(a) por aquilo que não é, não sabe ou não faz. Buscamos a identidade positiva do “cristão fiel leigo(a)”. A Exortação *Christifidelis Laici* reconhece a necessidade de “que a maravilhosa ‘teoria’ sobre o

⁸¹⁵ CNBB, Doc. 105, n. 40.

⁸¹⁶ PASSOS, J. D., *Sujeitos no mundo e na Igreja*, p.17.

laicato, expressa pelo Concílio, possa converter-se numa autêntica ‘praxe’ eclesial”.⁸¹⁷

Para isso, vamos contemplar a índole secular dos leigos e leigas e a sua presença como cristãos “nos mundos”. Olhar para os diversos lugares onde o leigo se faz presente e para os desafios. O leigo e a leiga são cristãos enraizados no mundo, o *locus* onde a leiga e o leigo cristão estão presentes. A passagem que fala sobre os cristãos estarem no mundo, mas não pertencerem ao mundo está no Evangelho de João, capítulo 17, durante a oração sacerdotal de Jesus, ele reza ao Pai por seus discípulos: “Eu lhes dei a tua palavra, e o mundo as odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não. Não peço que os tireis do mundo, mas que os livre do mal. Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo” (Jo 17,14-16). Esta passagem nos ajuda a compreender o lugar e o protagonismo dos leigos no mundo. Observamos isso no primeiro capítulo, e agora vamos aprofundar essa visão juntamente com os desafios da índole secular que é própria dos leigos. A oração sacerdotal de Jesus nos revela a diferença entre os valores do mundo e a missão de seus seguidores em contraste com os sistemas do mundo que, muitas vezes, se opõe à proposta do Evangelho. Ana Maria Tepedino, em seu artigo,⁸¹⁸ vai destacar a importância de viver a missão e dar fruto no mundo:

O amor não consegue ficar escondido. Por isso, a comunidade vai proclamar: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, e nossas mãos apalparam da Palavra da vida [...] vô-lo anunciamos para que estejais em comunhão conosco [...] e a vossa alegria seja completa (Jo 1, 1-4). É preciso transbordar o vivido e experimentado. Não dá para ficar calado. A missão é um extravasar para os outros, para o mundo. O lugar sociológico do Espírito é o estar no mundo, permanecer nos fiéis.’⁸¹⁹

Antes de passarmos à análise dos “mundos que desafiam leigos e leigas, hoje”, julgamos oportuno conhecer um esforço analítico semelhante, feito por

⁸¹⁷ CfL, n. 2.

⁸¹⁸ O artigo “Das trevas da angústia à consolação do amor: Experiência de fé da comunidade joanina inspirada pelo Espírito Santo”, de Ana Maria Tepedino, examina a experiência espiritual da comunidade joanina, destacando o papel transformador do Espírito Santo em meio a conflitos e desafios. Publicado no Livro “Amor e Discernimento: Experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas”, organizado pela própria autora, o texto enfatiza como o amor (ágape) e a fé, inspirados pelo Espírito Santo atua como consolador e guia, promovendo a comunhão e fortalecendo os laços fraternos entre os membros. Essa reflexão contribui para a compreensão da pneumatologia no contexto das primeiras comunidades cristãs, ressaltando a importância do amor e da unidade na vivência da fé.

⁸¹⁹ TEPEDINO. A. M., Das trevas da angústia à consolação do amor; Experiência de fé da comunidade joanina inspirada pelo Espírito Santo, p. 66.

Agenor Brighenti, que organizou duas obras com uma pesquisa de campo no território nacional, tendo como foco o perfil dos “padres novos”⁸²⁰. Vamos trabalhar com alguns elementos da pesquisa realizada na segunda obra, que acreditamos ser importantes e que precisam ser considerados, para uma compreensão mais adequada dos desafios sobre os quais vamos nos debruçar mais adiante. De certa forma os mundos que desafiam os ministros ordenados são os mesmos mundos que desafiam leigos e leigas.

O objeto da referida pesquisa, como dissemos, é o perfil dos “padres novos”⁸²¹ no Brasil, e o método utilizado foi uma pesquisa de campo.⁸²² A pesquisa gera algumas perguntas fundamentais, por exemplo, como o cristão inserido nos problemas e desafios da realidade atual consegue se empenhar para ver o mundo pelos olhos do *Intellectus fidei*?⁸²³ Como esta abordagem pode sustentar que é possível e desejável usar a razão para meditar, explicar e sistematizar a nossa fé, promovendo assim uma fé mais esclarecida e fundamentada? Paulo Sérgio Gonçalves vai contribuir fazendo uma análise filosófico-teológica da visão de mundo de agentes católicos de pastoral.⁸²⁴

⁸²⁰ Este é um segundo livro que apresenta mais uma parte dos resultados de uma pesquisa de campo, levada a cabo em todo o território nacional, em busca do perfil “dos padres novos” no seio do catolicismo brasileiro e do mundo de hoje. O primeiro livro – *O novo rosto do clero – Perfil dos padres novos no Brasil*, apresenta dados e amostras de duas perspectivas socio pastorais, às quais se alinham agentes eclesiais consultados, na perspectiva institucional/carismática e na perspectiva evangelização/libertação. A obra apresenta e analisa dados de cada uma das categorias de agentes eclesiais consultados entre o clero e o laicato – padres, jovens, seminaristas e religiosos/as – por perspectiva sociopastoral em separado, com focos nos dados relativos aos “padres novos”, com o objetivo de caracterizar seu perfil no seio do catolicismo brasileiro. BRIGHENTI, A., (org.). O novo rosto do catolicismo brasileiro.

⁸²¹ O autor apresenta, em nota de rodapé, que esta categoria aparecerá sempre entre aspas: “padres novos” não se restringe necessariamente ao fator cronológico, mas, sobretudo, a uma perspectiva sociopastoral, que toma distância da renovação do Vaticano II e de sua “recepção criativa” na América Latina, em torno das Conferências de Medellín e Puebla – BRIGHENTI, A., O novo rosto do catolicismo brasileiro, p. 10.

⁸²² Para isso montou-se um projeto, levado a cabo pelo Prof. Agenor Brighenti, do Programa de Pós-graduação em Teologia da PCPR, com a colaboração de seus orientandos da graduação e da pós-graduação na coleta de dados. Concretamente, foram consultados agentes eclesiais – presbíteros, leigos, leigas, jovens do sexo masculino e feminino, seminaristas e religiosas, em três dioceses de cada uma das cinco regiões do país, tomando-se como critério a representatividade do contexto sociocultural: uma diocese urbana, uma diocese com realidades urbanas e semiurbanas e uma diocese com maior extensão na zona rural. BRIGHENTI, A., O novo rosto do catolicismo brasileiro, p. 10.

⁸²³ *Intellectus fidei* é uma expressão em latim que pode ser traduzida como “a compreensão da fé” ou “inteligência da fé”. Refere-se ao esforço racional e teológico de compreender os mistérios da fé cristã. Na tradição cristã, especialmente na teologia católica, há distinção entre *fides qua* (o ato de crer) e *fides quae* (o conteúdo da fé). O *intellectus fidei* seria o processo intelectual pelo qual a razão busca compreender melhor as verdades da fé, sem, no entanto, esgotar os mistérios divinos.

⁸²⁴ GONÇALVES, P., Ver o mundo pelos olhos do *Intellectus Fidei*, p. 31.

A compreensão filosófico-teológica da “visão de mundo” de “agentes católicos de pastoral” acerca da realidade atual implica, antes de tudo, delinear teoricamente o que seja propriamente “visão de mundo”. Emerge aqui a pluralidade de significados em que “visão de mundo” pode ser concebida como maneira própria de compreender o mundo como *cosmos* ou natureza, ou como forma de opinar sobre determinada situação ou assunto. Por vezes o mundo é concebido como realidade subjetiva e, por conseguinte, “a visão do mundo” passa a ser o modo como a realidade é compreendida.⁸²⁵

Com as conclusões desta pesquisa, percebemos que a visão de mundo é influenciada por vários fatores, como educação, cultura, religião, experiências pessoais e o ambiente em que vivemos. Todos estes fatores precisam ser articulados com a nossa vida de fé na pessoa de Jesus Cristo. Sua vida, ação e missão concretas devem interpelar cristãos leigos e leigas com novas “lentes”, através das quais se interpretam as realidades atuais e seus desafios. As conclusões das pesquisas apontam para “um novo rosto do catolicismo brasileiro”⁸²⁶. O perfil desse rosto apresenta uma análise dos dados de duas categorias de agentes eclesiais, a perspectiva institucional/carismática e a perspectiva evangelização/libertação⁸²⁷. Certamente esse não é apenas o novo rosto dos ministros ordenados. Há um novo jeito de ser “leigo ou leiga”, que vai se tornando padrão sem muita reflexão, correndo o risco de “ser do mundo, mas não estar no mundo”, e a proposta de Jesus é diametralmente oposta: “estar no mundo, mas não ser do mundo”. Papa Francisco alertou para diversas formas desse “mundanismo”

Como vimos anteriormente, o Concílio Vaticano II trouxe à tona uma eclesiologia de comunhão, em que se concebe a Igreja como mistério sacramental de salvação universal, efetivado como povo de Deus, peregrino na história, com missão evangelizadora e pastoral, marcado por índole escatológica e que está no mundo para promover a unidade de todo o gênero humano.

Esse modelo eclesiológico, que prima pelo espírito dialógico, trouxe à tona a colegialidade episcopal -em que o Papa é o bispo de Roma que preside o colégio na caridade; o sacerdócio comum dos fiéis; a ministerialidade eclesial denotativa da

⁸²⁵ GONÇALVES, P., Ver o mundo pelos olhos do *Intellectus Fidei*, p. 32-33.

⁸²⁶ BRIGHENTI, A., O rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos. p. 22.

⁸²⁷ Ultimamente, com Aparecida, o pontificado de Francisco, o Sínodo da Amazônia, a Primeira Assembleia Eclesial e o Sínodo da Sinodalidade da Igreja, a chama da renovação do Concílio Vaticano II voltou a arder, mas ainda muito tímida, pois são muitas as adversidades. Diante do desafio de avanço, o laicato tem-se mostrado mais aberto e esperançoso.

valorização dos ministros ordenados, dos religiosos e do laicato; a efetividade teológica do princípio de subsidiariedade que fundamenta estruturas eclesiais participativas; a relação da Igreja com o mundo, marcada pela empatia, compaixão, solidariedade, empenho pela justiça e paz, defesa e promoção da dignidade humana, especialmente no âmbito da liberdade religiosa, primado pelo espírito dialógico que propicia a fraternidade entre os seres humano.⁸²⁸

Os leigos devem ser “sal da terra e luz do mundo” (cf. Mt 5,13-16). Mas que mundos são estes? São lugares onde encontramos leigos e leigas vivendo seu cotidiano e testemunhando a fé cristã em todas as esferas da vida.

Dividimos a leitura dos “mundos” em duas abordagens interrogativas: Que mundo é esse? Que desafios emergem desse mundo?

4.1.1

Presença no mundo plural

A sua mãe e seus irmãos chegaram perto dele, mas não podiam abordá-lo por causa da multidão (Lc 8,19).

a) Que mundo é esse?

O primeiro mundo que desafia os leigos e leigas é o mundo plural. São cristãos enraizados no mundo, porém já não é mais aquela pequena aldeia onde todos são católicos apostólicos romanos, onde o prefeito e o padre são os que têm maior autoridade, não é mais assim. Hoje temos diante de nós um mundo fragmentado e plural. Como já nos indica o Concílio Vaticano II, no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, a animação cristã das realidades temporais:

O que Deus quer do mundo é que os seres humanos se organizem em paz e tenham todas condições de progredir. As realidades temporais, vida, família, cultura, economia, arte, trabalho, política, relações internacionais etc., assim como seu progresso e desenvolvimento, além de estarem a serviço das finalidades últimas do ser humano, têm valor em si mesmas, como criaturas de Deus. Constituem, pois, uma ordem específica de coisas, que chamamos de ordem temporal. “Deus viu tudo que havia feito, diz a Escritura, e era tudo muito bom” (Gn 1,31). Esta bondade natural das coisas alcança-lhes ainda uma dignidade maior quando elas são colocadas em relação com a pessoa para cujo serviço foram criadas. Além disso, Deus quis reunir todas as coisas naturais e sobrenaturais em Cristo Jesus, conferindo-lhe “o primado universal” (CI 1,18). Esta disposição, longe de afetar a autonomia da ordem temporal, seus fins, leis e sujeição ao bem humano, a corrobora e aperfeiçoa, tanto em si mesma como no serviço que é chamada a prestar ao ser humano, em vista da consecução de seus objetivos na terra.⁸²⁹

⁸²⁸ GONÇALVES. P., Ver o mundo pelos olhos do *Intellectus Fidei*, p. 41.

⁸²⁹ AA. 7.

Papa Francisco, ao resgatar as orientações do Concílio para a realidade atual diz que é próprio dos leigos estar presentes no mundo, porém não se trata de mundanismo, ou seja, é estar presente sem se confundir, sem se tornar mundano:

O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único? (Jo 5, 44). É uma maneira subtil de procurar “os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo” (Fl 2,21). Reveste-se de muitas formas, de acordo com o tipo de pessoas e situações em que penetra. Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto. Mas, se invadissem a Igreja, seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral.⁸³⁰

Papa Francisco adverte que esse mundanismo pode se alimentar de duas maneiras relacionadas entre si. Uma delas é o gnosticismo⁸³¹, uma fé fechada no subjetivismo, e o interesse maior se resume em uma determinada experiência, ou uma série de modos de pensar, que na maioria das vezes confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na eminência de sua própria verdade ou de seus próprios sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo autorreferencial: a pessoa confia apenas em suas próprias forças e, por isso, sente-se “melhor que os outros”, visto que cumpre todas as ordens da Igreja, que na verdade nada mais é do que uma fuga da realidade em um estilo católico de ser que faz parte do passado.

Segundo o Papa Francisco, esta postura pode abrir espaço para um elitismo narcisista extremamente autoritário; em vez de evangelizar, analisam-se e classificam-se os demais e, em vez de facilitar ao acesso a graça de Deus, desgasta-se nossa energia vital para controlar os outros. “Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente”.⁸³²

b) Que desafios emergem desse mundo?

⁸³⁰ EG 93.

⁸³¹ O gnosticismo tem uma visão dualista do universo, separando a realidade material da realidade espiritual. A matéria é frequentemente vista como má ou corrompida, criada por uma divindade inferior (*o Demiurgo*), e o mundo espiritual é associado ao bem e à verdadeira divindade.

⁸³² EG 94.

O secularismo e a crescente secularização das sociedades ocidentais podem dificultar a prática aberta da fé e a transmissão de valores religiosos. O conceito de secularismo refere-se à separação entre religião e estado, promovendo uma sociedade em que as instituições políticas e públicas operam independentemente da influência religiosa. Com isso, a crescente secularização das sociedades ocidentais pode, de fato, criar desafios para a prática de vivenciar a fé e a transmissão de valores cristãos na sociedade, pois a religião passa a ser vista como uma questão privada, e não mais existencial. Passa a ser vista, também, afastada da esfera pública. Essa tendência tem como resultado menos espaço para expressar a sua fé em ambientes públicos e educacionais, e com isso há diminuição na transmissão e no testemunho dos valores de nossa tradição cristã. Diante deste grande desafio, o Documento de Aparecida afirma como já foi mencionado anteriormente: “o laicato como um todo é um verdadeiro sujeito eclesial”.⁸³³

Queremos recordar e insistir que o primeiro campo e missão do cristão leigo é o mundo. A realidade temporal é o campo próprio da ação evangelizadora e transformadora que compete aos leigos. “O caráter secular caracteriza os leigos e leigas”. Outros documentos do magistério retomam esta determinação conciliar, como a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI: ‘A sua [dos leigos e leigas] primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial [...], mas sim, o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes nas coisas do mundo’. A vocação específica dos leigos e da leiga, impregnados do Evangelho, é estar no meio do mundo à frente de tarefas variadas da ordem temporal.⁸³⁴

Outro desafio muito presente na sociedade de hoje é o relativismo moral, a ideia de que não existem verdades absolutas que possam entrar em conflito com o testemunho cristão sobre moralidade e ética. As pressões culturais também representam um desafio significativo. O Concílio Vaticano II deu passos importantes, e hoje ainda temos a tarefa e missão de avançar, para descobrir novos caminhos e novos olhares que já foram abertos por ele. As Conferências Gerais dos Bispos da América Latina e do Caribe caminharam na mesma esteira do Concílio, cada qual a seu tempo e contexto, mas sempre crescendo no alimentar de uma Igreja que se encontra inserida em uma determinada realidade histórica, e

⁸³³ DAp. 497a.

⁸³⁴ CNBB, Doc. 105, n.63.

deste lugar que lhe é próprio, faz uma leitura atual e profética do Evangelho de Jesus Cristo.

Hoje, há um chamado para novos desafios e novas respostas. Papa Francisco é um fruto do Concílio e do modo de ser Igreja neste continente, confirmado e impulsionado pelas Conferências Gerais e pela teologia que aqui se desenvolveu. Temos um pontificado que avança em vários pontos, que propõe diálogo e que quer fazer valer a Igreja do Concílio, e para isso traz muitos sinais. É onde se faz ressoar a vocação e missão dos leigos, homens e mulheres de fé, de uma hora que parece tardar em chegar.⁸³⁵

Apesar dos grandes avanços na caminhada da Igreja nas últimas décadas, temos ainda, no campo da identidade, da vocação, da espiritualidade e da missão dos leigos e leigas na Igreja e no mundo, um longo caminho a percorrer. Juntos com Papa Francisco, estamos motivados pela sua proposta de uma “Igreja em saída”, uma chave missionária como vive, ensina e propõe.⁸³⁶

O mundo passa por enormes transformações em todos os níveis. Vivemos em uma sociedade marcada pelo pluralismo, que não é apenas religioso. Berger⁸³⁷ destaca, logo no início de sua reflexão, que a teoria da secularização, baseada na ideia de modernidade, acarreta, necessariamente, um declínio na religião, e que durante um tempo serviu de paradigma para o estudo da religião. Atualmente é necessário um novo paradigma que, segundo o autor, deve buscar implicações no fenômeno do pluralismo. Esse novo paradigma deve possibilitar que se lide com dois pluralismos: a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos seculares.⁸³⁸ Com o avanço da modernidade, a religião é deslocada para um lugar periférico, pois o mundo secularizado abre mão da religião. O resgate que o autor propõe poderá ser feito com a religião em dialética com a sociedade. Na sociedade existe a tradição, não apenas na religião, e existe o fundamentalismo. Nesse contexto existe o pluralismo e o relativismo, o que, segundo o autor, não é ruim, pois permite que o todo possa coexistir.⁸³⁹ O autor não é teólogo, porém a sua leitura provoca a teologia a pensar sobre essas questões. Quando não conseguimos viver com esse relativismo apresentado pelo

⁸³⁵ KUZMA, C. O laicato na Igreja e no Mundo segundo as Conferências Gerais, p. 231.

⁸³⁶ CNBB, Doc. 105, n.9.

⁸³⁷ P. L. Berger nasceu em Viena e migrou para os E.U.A. De origem luterana, tornou-se sociólogo da religião. Encerrou sua carreira e morreu em julho de 2017.

⁸³⁸ BERGER. P. L. Os múltiplos altares da modernidade, p. 9.

⁸³⁹ BERGER. P. L. Os múltiplos altares da modernidade, p. 19-46.

autor, tornamo-nos agressivos e fundamentalistas. É o diálogo que permite que o outro se expresse, e a relativização torna-se necessária. O relativismo é que atrapalha o diálogo com o diferente.

Moltmann mostra que a Igreja, para ser sinal de salvação, precisa enfrentar uma crise dupla: de relevância e de identidade. O autor apresenta uma relação entre ambas, afirmando que, quanto mais a teologia e a Igreja tentam ser relevantes com os problemas atuais, mais se aprofundam em uma crise de sua própria identidade⁸⁴⁰. Onde se fundamenta a identidade da fé cristã? Naquilo que é real ao seguimento de Jesus Cristo. A relação da Igreja com o mundo gera um estranhamento, e ela depara um mundo contrário aos valores cristãos. Jesus, como proposta de pessoa e Reino de Deus, envolve as realidades existenciais, apresenta proposta de vida, justiça, dando voz para aquele que não a tem.

Diante disso, Papa Francisco, no Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, propõe uma cultura do encontro: ir ao encontro do outro me ajuda a crescer na fé.⁸⁴¹ O caminho para o diálogo com o outro proposto no Documento é a abertura para valorizar o que temos em comum. O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte do sábio desígnio com que Deus criou os seres humanos.⁸⁴² Dialogar é aproximar-se, expressar-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se para entender-se e buscar o que temos em comum. Para nos encontrarmos e nos ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar.⁸⁴³ Vivemos em uma sociedade pluralista, e o diálogo é o caminho mais adequado para reconhecer o que deve permanecer e ser respeitado e que vai além do consenso ocasional⁸⁴⁴. Assim como Maria e a família de Jesus, precisamos dialogar e discernir como a multidão que envolve Jesus, para, de fato, encontrarmos com ele e segui-lo.

4.1.2

Presença no mundo da cultura

⁸⁴⁰ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 23.

⁸⁴¹ FRANCISCO; AL-TAYYEB. Documento sobre a Fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum.

⁸⁴² FRANCISCO; AL-TAYYEB. Documento sobre a Fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum.

⁸⁴³ FT 105.

⁸⁴⁴ FT 110.

Ora, enquanto lá estavam, chegou o dia em que ela deveria dar à luz; ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria (Lc 2,6-7).

a) *Que mundo é esse?*

No mundo da cultura a diversidade cultural é facilmente perceptível em diferentes perfis de pessoas e grupos. A interculturalidade não é um conceito abstrato, mas a representação da relação e do diálogo entre diferentes culturas.⁸⁴⁵ O mundo da cultura pode ser descrito como o conjunto de criações, expressões e práticas simbólicas que refletem e moldam a vida na sociedade. A cultura incorpora todas as formas pelas quais os homens e mulheres interpretam o que vivem para dar um significado à sua existência, tanto na esfera individual como na coletiva.

Lugar onde a cultura pode ser manifestada é no mundo das artes, como: literatura, música, dança, teatro, cinema, artes visuais, arquitetura, etc. A cultura também se manifesta na educação e no conhecimento, no mundo acadêmico e nas ciências. A transmissão dos saberes é uma parte essencial da cultura, lugar onde as ideias, as teorias e descobertas são pensadas e formuladas, discutidas e difundidas, promovendo o avanço do conhecimento e ampliando a compreensão de visão de mundo. Qualquer universo que constrói valores e crenças é cultural. Todo ser humano é ser de cultura. Seguindo a nossa reflexão sobre a diversidade do mundo da cultura, observamos que Ströher, em seu artigo afirma que o contexto atual está marcado pela pluralidade e pela multiculturalidade:

As culturas representam comunidades e indivíduos, ou seja, ela tem rostos concretos, que trazem as marcas da história, de pertencas e de identidades. São histórias individuais e coletivas muitas vezes invisíveis, de sofrimentos, alegrias, esperanças, desamparos, presenças, encontros, celebrações, crenças, laços afetivos, relacionamentos humanos.⁸⁴⁶

O leigo e a leiga têm papel fundamental na formação cultural e educacional da sociedade, porque promovem os valores cristãos na arte, na mídia, na ciência e nas instituições de ensino. Eles trazem consigo pertencas sociais, econômicas,

⁸⁴⁵ STRÖHER. J. M., Interculturalidade e espiritualidade, p. 111. Marga Janete Ströher é doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Integrou o Comitê Nacional de Defesa da Diversidade religiosa.

⁸⁴⁶ STRÖHER. J. M., Interculturalidade e espiritualidade, p. 111.

políticas, culturais, étnicas, religiosas, convicções, valores, princípios éticos, cosmovisões. Esses múltiplos rostos humanos carregam uma diversidade de vidas e histórias. São essas histórias e pertencas que formam as identidades humanas individuais e coletivas que compõem o mosaico humano na cultura.⁸⁴⁷

De maneira geral, o mundo da cultura que apresentamos brevemente é o espaço onde as identidades, tradições, crenças e valores são transmitidos, transformados e compartilhados. Sendo assim, o mundo da cultura pode ser, tanto um reflexo, quanto um agente de mudanças nas dinâmicas sociais, políticas e espirituais. Com isso, percebemos que é por meio da cultura que a sociedade encontra uma forma de se expressar e lidar com questões fundamentais da existência humana, como o significado da vida que se realiza nas relações interpessoais que geram uma nova visão de futuro. Os leigos e leigas encontram neste lugar grandes desafios, que veremos adiante.

b) Que desafios emergem desse mundo?

Muitos leigos e manifestam-se por meio das artes, como os artistas em seus diversos campos de atuação (pintura, escultura, música, literatura, teatro, cinema). Nesse lugar, como criadores de arte, eles expressam a sua visão de mundo, suas vivências e suas crenças:

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima...⁸⁴⁸

No mundo da cultura, onde “crentes e não crentes” podem dialogar, os leigos e leigas se deparam com o grande desafio de dialogar com o diferente sobre temas fundamentais da ética, da arte da ciência, e sobretudo com a busca da transcendência.

Como crentes, sentimo-nos próximo também de todos aqueles que, não se reconhecendo parte de qualquer tradição religiosa, buscam sinceramente a verdade,

⁸⁴⁷ STRÖHER. J. M., Interculturalidade e espiritualidade, p. 112.

⁸⁴⁸ HOLLANDA, F. B., Compositor e músico, 2024.

a bondade e a beleza, que, para nós, têm a sua máxima expressão e a sua fonte em Deus. Sentimo-los como preciosos aliados no compromisso pela defesa da dignidade humana, na construção duma convivência pacífica entre os povos e na guarda da criação. Um espaço peculiar é o dos chamados novos *Areópagos*, como o Átrio dos Gentios, onde crentes e não-crentes podem dialogar sobre os temas fundamentais da ética, da arte e da ciência, e sobre a busca da transcendência. Também este é um caminho de paz para o nosso mundo ferido.⁸⁴⁹

Diante desse grande desafio, Papa Francisco exorta a “cultura do encontro” numa harmonia pluriforme.⁸⁵⁰ Ele diz que em cada nação os habitantes desenvolvem a dimensão social da vida, configurando-se como cidadãos responsáveis, e não como massa arrastada pelas forças dominantes. Papa Francisco tem uma visão positiva e profundamente comprometida com a interculturalidade. Ele se vê como parte integrante da construção de uma cultura do encontro. Ao longo de seu pontificado, tem enfatizado a importância do diálogo entre as culturas, religiões e povos, em consonância com a sua visão de “uma Igreja em saída”, uma Igreja aberta ao mundo e às suas diversidades. Sobre o conceito de interculturalidade no nosso cotidiano, é importante destacar o grande desafio que é o da convivência em diálogo com o diferente:

Interculturalidade é pensada e construída desde o cotidiano, como lugar vivencial de diálogos, de relacionamentos, dos direitos, da justiça ou da falta desta, das distintas pertenças, diferenças e construções identitárias, enquanto sujeitos que se reconhecem, se respeitam, tornam-se próximos e traçam possibilidades de convivência na diversidade. A vida cotidiana é desafio para a discussão das identidades e da interculturalidade, já que é permeada por relações de poder estruturantes e mediações culturais significativas para a formação das identidades e das interações socioculturais, como processo de territorialização e desterritorialização de saberes e culturas. Na interculturalidade não é possível desconsiderar a questão da alteridade e dos diferentes modos de ser no mundo, dos diferentes sistemas de classificação e valoração hierárquica entre as pessoas.⁸⁵¹

Seguindo com a reflexão sobre o desafio da proposta da interculturalidade, Papa Francisco valoriza a diversidade cultural como uma fonte de riqueza, e não como um problema a ser resolvido. Ele orienta e insiste que as diferentes culturas e tradições, quando colocadas com respeito em diálogo, podem contribuir bastante para um bem comum maior, fortalecendo com essa prática e testemunho a fraternidade entre os povos. “Se for bem entendida, a diversidade cultural não

⁸⁴⁹ EG 257.

⁸⁵⁰ EG 220.

⁸⁵¹ STRÖHER. J. M., Interculturalidade e espiritualidade, p. 114.

ameaça a unidade da Igreja. É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra a sua unidade”.⁸⁵²

A interculturalidade pode ser também um caminho para combater a xenofobia, o racismo e todas as formas de discriminações. Discriminação e pressões culturais podem ter várias formas e afetar diversos aspectos da vida das pessoas. Estas são algumas formas comuns de discriminação e pressões culturais: discriminação racial, preconceitos e estereótipos baseados na raça ou etnia de uma pessoa, levando a desigualdades em oportunidades de emprego, educação e tratamento no sistema de justiça. E também discriminação de gênero, desigualdade de tratamento ou oportunidades baseadas no gênero, incluindo disparidades salariais, exclusão de certas profissões e estereótipos de papéis de gênero, discriminação por orientação sexual, tratamento injusto ou preconceitos contra pessoas com base na sua orientação sexual, incluindo violência, exclusão social e discriminação no local de trabalho. Acrescentem-se as pressões culturais, expectativas impostas pela sociedade sobre como as pessoas devem se comportar, vestir-se, ou viver, com base em normas culturais.

Isso pode incluir pressão para se conformar a tradições familiares, religião, ou expectativas de gênero. Discriminação por idade, preconceitos e desigualdades que as pessoas enfrentam com base na sua idade, tanto jovens quanto idosos, podem afetar suas oportunidades de emprego e tratamento social. Discriminação socioeconômica, preconceitos e desigualdades baseadas na classe social ou condição econômica de uma pessoa afetam seu acesso à educação, saúde e oportunidades de ascensão social.

Essas formas de discriminações e pressões culturais podem e devem ser combatidas por meio do testemunho dos cristãos leigos e leigas, vivendo no seu cotidiano testemunhando o seu jeito de ser cristão no mundo. A interculturalidade, segundo Papa Francisco, não é apenas um conceito teórico,⁸⁵³ mas deve ser, acima de tudo, uma prática cotidiana de respeito, abertura e diálogo. Ela está profundamente enraizada em sua visão de fraternidade universal, lugar onde todas

⁸⁵² EG 117.

⁸⁵³ EG 117.

as pessoas, independentemente de suas diferenças culturais ou religiosas, são diariamente chamadas a conviver em paz, justiça e solidariedade.⁸⁵⁴

Não havia lugar para Jesus nascer na hospedaria, e lá havia pessoas de várias partes que também iam recensear-se, pessoas de várias culturas e religiões. Aqui a presença de várias culturas e pessoas no contexto de nascimento de Jesus, nos auxiliam a refletir que ele veio ao mundo para todos, todas as culturas, independentemente de origem, língua ou tradição. A manjedoura, em Belém, pode simbolizar um convite universal: Deus se faz presente no meio das realidades simples e diversas do cotidiano da vida humana. A hospedaria é para quem está de passagem, e o nascimento de Jesus em um lugar de diversidade pode também ser sinal de disponibilidade e abertura para o diferente.

4.1.3

Presença no mundo da família

No sexto mês, anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma jovem, prometida em casamento a um homem chamado José, da família de Davi, e essa jovem se chama Maria (Lc 1,26-27).

a) Que mundo é esse?

No capítulo anterior vimos que Maria vive aqui na terra uma vida igual à de todos nós, cheia de cuidados familiares e de trabalhos domésticos. É dessa forma que o Concílio Vaticano II fala de Maria de Nazaré, apresentando-a como exemplo de vida para os fiéis leigos e leigas⁸⁵⁵. A família é o mundo mais próximo de um leigo cristão. É onde ele vive sua fé no dia a dia, educa os filhos nos valores cristãos e cultiva uma vida de oração e amor com seus familiares. A família é o primeiro e principal espaço que todos nós encontramos ao chegar a este mundo, um lugar de acolhimento onde encontramos segurança, amor, compreensão, suporte para nascer, crescer e viver. Os laços afetivos que são criados no ambiente familiar são fundamentais para todo o nosso desenvolvimento em todas as esferas de nossa vida. A família também é o primeiro lugar onde recebemos a nossa cultura, os valores cristãos que vão pautar todo o nosso viver e conviver com todos ao nosso redor. É um mundo onde os cristãos leigos e leigas

⁸⁵⁴ FT 271.

⁸⁵⁵ AA 4.

têm como próprio para o seu existir. É a partir da convivência familiar que aprendemos noções de respeito, responsabilidade, ética e fé.

No capítulo primeiro da *Amoris Laetitia*, a Bíblia aparece repleta de famílias, gerações, histórias de amor e também de crises familiares, desde as primeiras páginas, quando entra em cena a primeira família, a de Adão e Eva. Logo início já se revela o peso da violência, e também revela a força da vida que continua (Gn 4), até as últimas páginas, quando encontramos, em analogia, as núpcias da Esposa e do Cordeiro (Ap 21,2.9). Já as duas casas de que Jesus fala, construídas ora sobre rocha, ora sobre areia (Mt 7,24-27), representam muitas situações familiares concretas.⁸⁵⁶

A família é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. Cada nova vida permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de compreender. “É a Beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados mesmo antes de chegar. Isso nos mostra o primado do amor de Deus por cada um de nós”.⁸⁵⁷

Como já vimos no capítulo anterior, o próprio Jesus nasce em uma família modesta. Encontramos na Bíblia várias passagens que nos falam das famílias e da relação de Jesus com elas. Jesus entra na casa de Pedro, onde sua sogra se encontra doente (Mc 1, 29-31), e deixa-se envolver na trama da morte na casa de Jairo ou na casa de Lázaro (Mc 5,22-24.35-43; Jo 11,1-14).⁸⁵⁸

A família deve ser um lugar de esperança em um mundo marcado por divisões e crises, mesmo diante dos desafios e dificuldades que os cristãos leigos e leigas encontram hoje nas realidades familiares.

A família deve ser um espaço de acolhimento. A diversidade deve ser respeitada, em um lugar onde todos os seus membros, independentemente de suas circunstâncias, se sintam amados e valorizados. A oração em família, a participação da vida da Igreja e a vivência dos sacramentos fortalecem os laços familiares dos cristãos leigos e leigas e auxiliam as famílias a enfrentarem todas as suas dificuldades com fé e esperança.

b) Que desafios emergem desse mundo?

⁸⁵⁶ AL 1.

⁸⁵⁷ CNBB, Doc. 105, n.137.

⁸⁵⁸ AL 16.

Aqui é o primeiro mundo, onde os cristãos leigos e leigas estão inseridos e encontram grandes desafios. Ao longo dos tempos, o mundo da família tem-se tornado mais amplo e diversificado, em vários novos formatos. Hoje existem novas configurações de família. Encontramos diferentes tipos de família, como exemplos: as nucleares (compostas por pai, mãe e filhos), as monoparentais (com apenas um dos pais), as famílias ampliadas (envolvendo avós, tios e outros parentes), as famílias reconstruídas (com filhos de casamentos anteriores), e as famílias homoafetivas (casais do mesmo sexo). Todas elas podem e devem oferecer um ambiente saudável e afetivo. Para nós, cristãos leigos e leigas, a família é vivida como uma Igreja doméstica.

Hoje as famílias encontram dificuldades econômicas, fragmentação dos laços familiares e pressão social para se adaptarem a novos modelos que estão aí e que precisam ser acolhidos. Outros desafios são o aumento do custo de vida, o desemprego e a desigualdade econômica, fatores que afetam diariamente a vida dos leigos e suas famílias. Nesse ambiente, muitas famílias lutam para tentar equilibrar suas demandas financeiras, pagar moradia, cuidar da educação e da saúde, o que muitas vezes pode causar estresse e muitas tensões dentro do lar.

Além disso, o emprego precário ou a longa jornada de trabalho, muitas vezes afasta o cristão leigo e leiga da própria família, limitando assim o tempo para uma convivência saudável. Percebemos que o equilíbrio entre trabalho e vida familiar é um grande desafio, que pode conduzir a um outro desafio ainda maior - a fragmentação familiar e o divórcio.

A tecnologia digital é um mundo a que iremos nos dedicar, em um ponto mais à frente. O uso excessivo de dispositivos eletrônicos pode dificultar o diálogo dentro da família, por exemplo, aquele filho adolescente que cria um mundo próprio, dentro do seu quarto, com o seu computador, distanciando-se do convívio com os membros da família. Além disso, a exposição excessiva nas redes sociais pode influenciar negativamente o desenvolvimento das crianças e adolescentes. O pai e a mãe de famílias, cristãos leigos e leigas precisam enfrentar todos esses desafios no mundo da família. No horizonte do amor, essencial na existência cristã do matrimônio e da família, destaca-se uma virtude importante,

um pouco ignorada nos dias de hoje, nestes tempos de relações frenéticas e superficiais: a virtude da ternura.⁸⁵⁹

Como vimos anteriormente, a sociedade contemporânea enfrenta uma pluralidade de visões de moralidade, muitas vezes marcadas por um relativismo que questiona valores absolutos. Isso pode gerar muitos conflitos dentro das famílias, principalmente em relação à educação dos filhos, no que se refere a sua sexualidade. Por exemplo, aquele “menino” que decide transformar em uma “menina”, ou vice-versa. Diante de diversas situações, os pais e toda a família precisam responder com caridade e se esforçar para trazer diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia a dia feito de fadigas e até pesadelos.⁸⁶⁰ Vamos para o desafio seguinte, deixando aqui algumas palavras do Papa Francisco:

Deixo aqui uma palavra àqueles que, no amor, já envelheceram o vinho novo do noivado. Quando o vinho envelhece com esta experiência do caminho, então aparece, floresce em toda a sua plenitude a fidelidade dos momentos insignificantes da vida. É a fidelidade da espera e da paciência. Esta fidelidade, cheia de sacrifícios e alegrias, de certo modo vai florescendo na idade em que tudo fica “sazonado” e os olhos brilham com a contemplação dos filhos de seus filhos. Foi assim desde o início, mas agora tornou-se consciente, assente, amadurecido na surpresa quotidiana da redescoberta dia após dia, ano após ano. Como ensinava São João da Cruz, “os velhos amantes são os já treinados e testados”. Eles “já não têm aqueles fervores sensíveis nem aquelas ebulições e chamas externas de ardor, mas saboreiam a suavidade do vinho de amor bem sedimentado na sua substância [...] assente dentro da alma”. Isto supõe que foram capazes de superar, juntos, as crises e os momentos de angústia, sem fugir aos desafios nem esconder as dificuldades.⁸⁶¹

As famílias enfrentam um cenário desafiador, mas também têm oportunidade de crescimento e fortalecimento, se forem capazes de se adaptar e viver os valores do Evangelho, no amor e no compromisso cristão. A família de Nazaré viveu muitos desafios. O Evangelho de Lucas desafia-nos a valorizar as famílias como o lugar da chegada de Deus entre nós. As dificuldades atuais podem ser enfrentadas com as mesmas virtudes que sustentaram a fé de Maria e José: fé, confiança em Deus, fidelidade e amor.

4.1.4

Presença no mundo do trabalho

⁸⁵⁹ AL 28.

⁸⁶⁰ AL 30.

⁸⁶¹ AL 231.

Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria? (Lc 13,55).

a) Que mundo é esse?

Trabalho e vida profissional. O leigo é chamado a viver os valores cristãos no ambiente de trabalho, sendo justo, honesto e ético. Ele deve ser um exemplo de caridade, respeito e solidariedade, para seus colegas e para a sociedade. A realidade que o cristão encontra no mundo do trabalho é marcada por um cenário em que ele precisa conciliar a sua fé com as demandas profissionais, em um ambiente cada dia mais competitivo, diversificado e totalmente secularizado. Ele encontra também, no mundo do trabalho, pluralidade de crenças. Convive com várias pessoas, muitas delas sem nenhuma religião. Essa realidade, por vezes, pode criar um contexto de diversidade religiosa, e o cristão leigo e leiga precisa saber conviver com respeito e diálogo, sem querer impor aquilo em que crê e vive e sem comprometer a sua identidade cristã.

Todavia, como cristãos, não podemos esconder que, “se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade de reconciliação que encontra a sua fonte no fato de sermos enviados. Se a música do Evangelho deixar de tocar em nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafia a lutar pela dignidade de cada homem e mulher.”⁸⁶²

Neste mundo do trabalho, existem também as pressões por produtividade e sucesso. A ênfase atual no melhor desempenho profissional pode gerar uma competitividade com foco no sucesso financeiro, e isso pode levar o cristão a se sentir pressionado a adotar práticas ou até comportamentos que contradizem os seus princípios, como exemplo, uma busca incessante por status, poder e dinheiro. Vale a pena lembrar que o Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, e que com Ele todo trabalho humano se torna digno de todo respeito:

Ele, que de muito rico que era, Se fez indigente para a salvação dos homens; que, Filho de Deus e Deus Ele mesmo, quis passar aos olhos do mundo por filho dum artesão; que chegou até a consumir uma grande parte da Sua vida em trabalho mercenário: Não é Ele o carpinteiro, o Filho de Maria? Quem tiver na sua frente o modelo divino, compreenderá mais facilmente o que Nós vamos dizer: que a verdadeira dignidade do homem e a sua excelência reside nos seus costumes, isto é, na sua virtude; que a virtude é o patrimônio comum dos mortais, ao alcance de

⁸⁶² FT 277.

todos, dos pequenos e dos grandes, dos pobres e dos ricos; só a virtude e os méritos, seja qual for a pessoa em quem se encontrem, obterão a recompensa da eterna felicidade. Mais ainda: é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais. Jesus Cristo chama aos pobres bem-aventurados: convida com amor a virem a Ele, a fim de consolar a todos os que sofrem e que choram; abraça com caridade mais terna os pequenos e os oprimidos.⁸⁶³

O mundo do trabalho também se apresenta muitas vezes com dilemas éticos que envolvem corrupção. A desonestidade, a exploração de colegas ou clientes, tudo isso, pode gerar falta de integridade. Nesse mundo o cristão precisa manter a coerência com os seus valores, como a honestidade, a justiça, a compaixão, etc. É um desafio constante. Hoje, o mundo do trabalho encontra-se marcado por profundas transformações tecnológicas, culturais, econômicas e de estruturação/desestruturação das leis trabalhistas. Isso molda um cenário dinâmico e, na maioria das vezes, muito desafiador.

A globalização e a conectividade levam as empresas e profissionais a estarem mais conectados do que nunca. É evidente que existe nisso um lado positivo, referente ao aumento de oportunidade de colaboração entre diferentes países; no entanto é possível que surjam pressões que exijam melhores qualificações e adaptações ao mercado internacional. No que se refere à transformação digital, iremos nos debruçar sobre isso mais adiante. Sabemos que a pandemia da COVID-19 acelerou a adoção do trabalho remoto, que continua sendo uma tendência relevante em total expansão. Muitas empresas estão adotando modelos híbridos, o que permite ao trabalhador alternar trabalho fora de casa e trabalho dentro de casa. Essa realidade pode trazer flexibilidade à forma de administrar o tempo de trabalho, mas traz também novos desafios de gestão e busca de equilíbrio entre a vida pessoa e a vida profissional. Encontramos novas formas de liderança, e a liderança tradicional hierárquica está sendo substituída por modelos mais colaborativos e flexíveis. Isso parece ser positivo, visto que os líderes agora precisam ser mais empáticos, adaptáveis e capazes de inspirar e engajar equipes em ambientes complexos e em constante mudança. Com essas mudanças constantes nas demandas de mercado, os profissionais precisam se atualizar continuamente, adquirindo novas habilidades, para se manterem no trabalho.

⁸⁶³ RN 13.

No mundo do trabalho, convém recordar que a pessoa e o trabalho são elementos-chave no ensino social da Igreja. O trabalho é um direito fundamental da pessoa humana. Por meio dele, o cristão serve à sociedade e a organiza segundo os valores do Evangelho.⁸⁶⁴

Finalizando este breve descritivo do mundo do trabalho, observamos que o cenário atual exige que os trabalhadores sejam adaptáveis, inovadores e capazes de aprender continuamente, para se destacarem em um ambiente, que é simultaneamente desafiador e repleto de novas oportunidades. O cotidiano do leigo e leiga é no mundo do trabalho.

b) Que desafios emergem desse mundo?

Desemprego: este é um grande desafio que os cristãos leigos e leigas precisam enfrentar em várias dimensões práticas que acabam por afetar também a sua dimensão espiritual.

No contexto atual, não há maneira mais importante para realizar a justiça nas relações entre trabalhadores e dadores de trabalho, do que exatamente aquela que se concretiza na remuneração do mesmo trabalho. Independentemente do fato de o trabalho ser efetuado no sistema da propriedade privada dos meios de produção ou num sistema em que a propriedade sofreu uma espécie de socialização, a relação entre o dador de trabalho (em primeiro lugar o dador direto) e o trabalhador resolve-se à base do salário, quer dizer, mediante a justa remuneração do trabalho que foi feito.⁸⁶⁵

Diante do desafio do desemprego, especialmente em tempos de crise prolongada, a fé do cristão leigo e leiga pode ficar abalada, assim como sua confiança em Deus, e muitos podem se perguntar por que enfrentam tantas dificuldades mesmo sendo fiéis. Muitas vezes o cristão encontra, no desafio, forças para o aprofundamento espiritual. Ele busca, com sua fé, confiar na providência divina, perseverando na oração e refletindo sobre o seu lugar e sobre sua vocação, na sociedade e no mundo do trabalho. Ele precisa “criar e motivar grupos de partilha e de reflexão para os diferentes profissionais e empresários,

⁸⁶⁴ CNBB, Doc. 105, n. 267.

⁸⁶⁵ LE 19.

estimulando-se a ser discípulo e missionário, em sua atuação profissional”⁸⁶⁶. Não é uma tarefa fácil.

Outro desafio diante do desemprego é o de buscar equilíbrio entre o trabalho e a fé. Os cristãos que estão desempregados podem sentir que estão sendo forçados a fazer concessões na sua busca por trabalho. Isso pode incluir aceitar empregos que não estejam de acordo com os seus valores cristãos, como em indústrias, ou práticas que violam princípios éticos, criando, com isso, um dilema moral. Mais complexo se torna o desafio se ele for prolongado, o que pode tornar esses dilemas ainda mais difíceis de serem evitados. No entanto, é preciso pagar as suas contas e sustentar a família.

Apesar dos desafios, os cristãos leigos e leigas encontram forças para enfrentar o desemprego. Na perspectiva cristã, o valor da pessoa não está apenas no que ela faz, mas em quem ela é aos olhos de Deus. Essa visão pode proporcionar esperança e consolo em tempos difíceis, além de motivar uma busca por formas criativas de contribuir para o bem comum, mesmo fora do emprego formal. É preciso, portanto, “Incentivar os cristãos das diferentes categorias profissionais a participarem dos sindicatos e outras organizações e a se articularem em vista de avanços nas políticas públicas em prol do bem comum”⁸⁶⁷.

O ensinamento social da Igreja, que reforça o compromisso com políticas e práticas que combatam o desemprego, deve promover o bem-estar de todos que estão nessa situação. Enfrentar o desemprego, portanto, não é apenas um desafio econômico; pode ser também um convite ao fortalecimento da fé, à prática da solidariedade e à confiança na providência divina. Jesus trabalhou com mãos humanas e aprendeu o seu ofício de carpinteiro com José. Não é esse o filho do carpinteiro?

4.1.5

Presença na sociedade e na política

Chega uma mulher da Samaria para tirar água da fonte (Jo 4,7).

a) *Que mundo é esse?*

⁸⁶⁶ CNBB, Doc. 105, n. 267.

⁸⁶⁷ CNBB, Doc. 105, n. 267e.

Vimos anteriormente que Maria vive totalmente envolvida com os seus afazeres domésticos. Depois de arrumar a casa, primeira coisa que ela faz assim que se levanta, é chegada a hora de buscar água na fonte, trabalho essencialmente feminino, em sua época (Jo 4,7.15). O que Maria sabe da situação de seu tempo? Qual seria o assunto das mulheres na fonte? Falariam elas também da realidade política? Em sua obra, já citada anteriormente, Clodovis Boff pergunta: O que sabem essas aldeãs, e Maria com elas, do mundo que está além dos horizontes de Nazaré? “Elas sabem certamente que Augusto reina em Roma e faz sentir o seu poder (Mc 10,42) sobre os povos colonizados através de seus legionários e seus publicanos, presentes em toda a Palestina”.⁸⁶⁸

Sociedade e Política. O leigo cristão é chamado a contribuir para a transformação da sociedade, promovendo a justiça, a paz e o bem comum. Pode participar ativamente da política e de movimentos sociais, sempre pautado pelos princípios da fé cristã. O desafio neste contexto da política é quando os leigos e leigas são chamados para o exercício da cidadania de maneira consciente, inspirados pelos valores do Evangelho e pelos ensinamentos da Doutrina Social da Igreja, que propõe a vocação política como serviço ao bem comum.

Todos os compromissos decorrentes da Doutrina Social da Igreja “derivam da caridade que é – como ensinou Jesus – a síntese de toda a Lei (Mt 22, 36-49)” (CV 2). Isso exige reconhecer que “o amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor” (LS 231). Por esse motivo, o amor expressa-se não só nas relações íntimas e próximas, mas também nas “macrorrelações como relacionamento sociais, econômicos e políticos”.⁸⁶⁹

O mundo da política é fundamental para o bom funcionamento da sociedade, pois define as regras e as normas que regulam as relações entre indivíduos e grupos, a locação de recursos e o estabelecimento de direitos e deveres. A política também envolve a disputa e o exercício do poder. Com isso, governos, partidos e líderes políticos buscam conquistar, manter e exercer autoridade sobre as instituições e a sociedade. O poder pode ser exercido de forma democrática, quando a legitimidade vem da vontade popular.

⁸⁶⁸ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 30.

⁸⁶⁹ FT 181.

Na política, há lugar também para amar com ternura “Em que consiste a ternura? No amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos, [...] A ternura é o caminho que percorreram os homens e mulheres mais corajosos e fortes. No meio da atividade política, “os mais pequeninos, frágeis e pobres devem enternecer-nos; eles têm o direito de arrebatara nossa alma, o nosso coração.”⁸⁷⁰

O mundo da política é complexo e dinâmico, visto que influencia todos os aspectos da vida em sociedade. Envolve a disputa por poder, a busca pelo bem comum e a criação de políticas que afetam diretamente a vida das pessoas. Embora enfrente desafios como a corrupção, a polarização e a desconfiança, a política continua sendo o principal mecanismo para a resolução de conflitos e para promoção de justiça social e de desenvolvimento humano. Diante disso, é fundamental a participação ativa de cristãos leigos e leigas conscientes de serem cidadãos atuando como Igreja no mundo. Sua atuação é essencial para a saúde das democracias e também para garantir que o poder seja exercido conforme os valores dos Evangelho, em benefícios de todos.

Deixemo-nos tocar pelo que nos ensina o Papa Francisco sobre os leigos e a política: “Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente a sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum. Temos de nos convencer que a caridade é o princípio não só das microrrelações [...], mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos. Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres.”⁸⁷¹

b) Que desafios emergem desse mundo?

Os cristãos leigos e leigas enfrentam uma série de desafios no mundo da política, principalmente quando se esforçam para conciliar os seus princípios cristãos e valores com um ambiente frequentemente marcado por interesses conflitantes, como corrupção, polarização e pressões externas. Manter a coerência entre a fé e ação política é, com certeza, um dos maiores desafios para os cristãos inseridos no mundo da política. Isso porque a política é frequentemente um ambiente marcado por concessões e negociações que podem ir contra os valores cristãos. Manter a integridade em meio a essas pressões é um desafio constante,

⁸⁷⁰ FT 194.

⁸⁷¹ CNBB, Doc. 105, n. 258.

porque muitas vezes é necessário tomar decisões difíceis que podem gerar críticas ou até um isolamento do político cristão de seus colegas de caminhada.

Os cristãos são chamados a defender a vida desde a concepção até a morte natural, e isso inclui posicionamento contra o aborto, a eutanásia e outras questões que tocam a santidade da vida. No entanto, aqui o desafio consiste em defender e posicionar-se diante desses temas tão controversos que frequentemente recebem resistências, tanto de outras forças políticas quanto da opinião pública. A defesa da vida pode, assim, colocar o político cristão em oposição a legislações ou movimentos populares.

As Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2025-2019, ao insistir na participação social e política dos cristãos leigos e leigas, sugere que “colaborem e ajam em parceria com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e entidades da sociedade civil, em favor da implantação e da execução de políticas públicas voltadas para a defesa e a promoção da vida e do bem comum.”⁸⁷²

A política moderna, cada vez mais polarizada, com divisões acentuadas entre diferentes ideologias, partidos e visão de mundo, é também um grande desafio para os cristãos leigos e leigas. Para o cristão que deve ser promotor da paz, do diálogo e da reconciliação, navegar nesse ambiente polarizado não é nada fácil. Muitas vezes, é esperado que ele tome algum lado ou que adote posturas extremas, o que pode dificultar sua busca por soluções conciliadoras, como a promoção do bem comum.

4.1.6 Presença do mundo digital

Quanto a Maria, ela retinha todos os acontecimentos, procurando sentido (Lc 2,19).

a) Que mundo é esse?

A comunicação primeira de Maria era com Deus. Sempre atenta aos acontecimentos, ela buscava primeiro discernir, diante do que não compreendia, e depois, agir, sempre pronta a considerar novas propostas e acontecimentos. Uma atitude de sabedoria.

⁸⁷² CNBB, Doc. 105, n. 264.

A Conferência Nacional da Igreja do Brasil, no Documento 99,⁸⁷³ na edição atualizada do *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, ajuda-nos a responder aos anseios das transformações que hoje acontecem no campo da comunicação.

O mundo da comunicação é um vasto e dinâmico campo que envolve a troca de informações entre as pessoas, grupos e organizações, em toda a sociedade. Com o grande advento da tecnologia digital, o cenário da comunicação tem-se transformado de forma acelerada, o que causa impacto em diversos aspectos da vida humana. Existe uma diversidade de “mundos” no mundo da Comunicação, desde os recursos tradicionais (rádio, televisão, jornais e revistas), até as inúmeras plataformas digitais (redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, podcasts, etc.). Todos esses meios se completam e oferecem grande variedade de formas de transmitir e receber informações diariamente.

Que mundo é esse, digital? Podemos perceber um mundo que começou como uma nova proposta de comunicação, uma mídia, a internet o computador, depois o celular, e que agora se tornou um ambiente, um mundo, um mundo digital. o que Bento XVI chamou de continente digital

Outro tema abordado por Bento XVI foi o testemunho do Evangelho no mundo digital, que deve conduzir ao encontro. Na mensagem para o Dia das comunicações de 2013, aprofundou o tema das “Redes sociais como portais de verdade e de fé”, como novos espaços de evangelização. Naquela ocasião, ficou muito clara a necessidade do testemunho cristão no ambiente digital. Após reconhecer que “as redes sociais digitais estão contribuindo para o aparecimento de uma nova ágora, uma praça pública e aberta onde as pessoas partilham ideias, informações, opiniões e podem ainda ganhar vida novas relações e formas de comunidade”, Bento XVI afirmou que “a autenticidade dos fiéis, nas redes sociais, é posta em evidência pela partilha da fonte profunda da sua esperança e da sua alegria: a fé em Deus, rico de misericórdia e amor, revelado em Jesus Cristo. Tal partilha consiste não apenas na expressão de fé explícita, mas também no testemunho”.⁸⁷⁴

⁸⁷³ Esta edição atualizada do *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil* responde aos anseios das transformações no campo da comunicação e explicita o que a Igreja compreende como Pastoral da comunicação: um processo dinâmico, dialógico, interativo e multidirecional (Doc. 99, 10). Este *Diretório* é fruto de um processo longo e paciente, no qual muitas pessoas partilharam, de forma generosa, sua vida e seu conhecimento, em diversas etapas do caminho. A tantos e tantos, todos somos profundamente gratos. Coube à Comissão Episcopal para a Comunicação Social coordenar os trabalhos de atualização e, para tal tarefa, durante todo o ano de 2022, os pesquisadores do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da CNBB (Gecom) assumiram esta missão com coragem e disposição. Apresentação do Documento CNBB 99. p. 16-17.

⁸⁷⁴ BENTO XVI e a Comunicação, Papa Bento XVI publica seu primeiro *tweet*, em 12 de dezembro de 2012 (Créditos: Vatican News).

Esse mundo digital pode se transformar em um lugar de grandes oportunidades de desenvolvimento e colaboração. A partilha de conhecimentos e experiências, propiciada pela comunicação digital, pode gerar grandes oportunidades de desenvolvimento e de colaboração entre todos os povos. No entanto, se as mídias digitais podem, por um lado, contribuir para promover valores como a solidariedade, a construção do bem comum e a empatia, e por outro lado, podem se posicionar como recursos para disseminação de discursos de ódio, discriminações e, principalmente, de notícias falsas.⁸⁷⁵

Com muita facilidade em passar informações quase que em tempo real, o mundo da comunicação enfrenta um grande desafio, com a proliferação de notícias falsas que levam a um processo de total desinformação. Diante disso, combater a desinformação torna-se prioridade no campo da comunicação.

A expressão *fake News* diz respeito a conteúdos construídos e distribuídos midiaticamente com o objetivo deliberado de gerar a desinformação, em função de interesses políticos, ideológicos ou econômicos. Falsas, mas verossímeis, tais notícias são capciosas, pois se mostram hábeis a chamar a atenção dos destinatários, baseando-se em estereótipos e preconceitos generalizados, explorando emoções imediatas e fáceis, como a ansiedade, o desprezo, a ira e a frustração.⁸⁷⁶

Outro lugar, no mundo da comunicação digital, que pensamos ser importante destacar é o da comunicação visual (imagens, gráficos, design) e da comunicação audiovisual (vídeos, filmes, animações etc.). Esses lugares têm recebido grande protagonismo, no mundo digital. Podemos observar o aumento da popularidade das plataformas, como, *Youtube*, *TikTok*, *Instagram*, *Facebook* e outras. Essa realidade nos mostra a importância de se transmitir as mensagens de forma visualmente atraente e rápida. Assim, a imagem e o vídeo tornaram-se os meios preferidos de comunicação, especialmente pelas gerações mais jovens. Outro aspecto que se destaca neste mundo é o da procura obsessiva por ouvintes, telespectadores, leitores e seguidores, a partir dos critérios mercantis de índices de audiência. Sobre isso, o Documento da CNBB 99 destaca que “[...] ao lado do

⁸⁷⁵ CNBB, Doc 99, n. 27.

⁸⁷⁶ CNBB, Doc 99, n. 29.

crescimento da potencialidade dos instrumentos mediáticos, deve ser reforçada a capacidade crítica e avaliação a partir dos valores humanos, éticos e cristãos”.⁸⁷⁷

A voz do Evangelho também pode ser ignorada e reduzida ao silêncio. Daí a importância de que todos os batizados e todas as batizadas se comprometam a anunciar a Palavra de Deus em todos os ambientes, dando voz aos que dela são privados e assumindo um protagonismo também no campo da comunicação.

b) Que desafios emergem desse mundo?

Neste mundo digital, os cristãos leigos e leigas enfrentam uma série de desafios diante das novas mediações que acontecem nos meios de comunicação, especialmente com o advento das redes sociais, da comunicação digital e da influência que a mídia exerce na formação de valores. Neste lugar, o protagonismo dos cristãos leigos e leigas precisa ser colocado em destaque. O capítulo quarto do *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, em continuidade com a reflexão do Concílio Vaticano II, que reflete sobre a natureza e a missão do apostolado dos leigos.⁸⁷⁸ Esses desafios estão relacionados, tanto à forma como o Evangelho é comunicado quanto à preservação dos princípios éticos cristãos em um ambiente cada vez mais fragmentado e polarizado.

“Os fiéis cristãos participam da missão sacerdotal de Cristo quando vivem as realidades do cotidiano, como a vida conjugal, o trabalho, o lazer e as ações comunicativas, em espírito de oração e comunhão em Cristo”.⁸⁷⁹ O mundo da comunicação digital é muitas vezes um espaço de polarizações e discursos que geram todo tipo de competições e disputas. Para os cristãos, o desafio é manter o testemunho dos valores do Evangelho, atuando de forma que suas atitudes promovam o respeito, o diálogo e a harmonia em ambiente muitas vezes hostis. Portanto, é importante o esforço constante para evitar cair na armadilha dos confrontos, que muitas vezes são agressivos.

O chamado de Deus continua ecoando, convocando e enviando pessoas de todos os tempos para serem comunicadoras de sua Palavra. Os Evangelhos apresentam Jesus Cristo chamando os Apóstolos para serem continuadores do projeto de Deus no anúncio da boa nova. E o Concílio Ecumênico Vaticano II enfatiza o chamado de Deus a leigos e leigas, no cotidiano de suas vidas, pois é ali onde vivem que

⁸⁷⁷ CNBB, Doc 99, n. 33-34.

⁸⁷⁸ AA 2.

⁸⁷⁹ CNBB, Doc. 99, n. 162.

acontece o convite a manifestar ao mundo, por palavras e obras, a mensagem de Cristo, e a comunicar a sua graça (AA, n.6). Pois, acima de tudo, evangelizar ‘é tornar o Reino de Deus presente no mundo’ (EG 176).⁸⁸⁰

Outro lugar importante neste mundo digital é o esforço para o discernimento sobre a veracidade das informações. Com a grande e rápida proliferação de notícias falsas que geram muita desinformação, os cristãos leigos e leigas precisam se esforçar para exercer o discernimento sobre o que consomem e compartilham nas redes sociais. É um grande desafio resistir à tentação de disseminar informações que podem ser enganosas ou até prejudiciais. Neste lugar desafiador é importante uma boa formação para se comunicar. Leigos e leigas comunicadores, com experiência e perfis profissionais adequados, integram a missão da Igreja, promovendo, com sua experiência, um diálogo permanente nos diversos setores e organismos da sociedade.⁸⁸¹

Para isso, os cristãos leigos e leigas precisam se dedicar a uma boa formação. A Igreja no Brasil acompanha o desenvolvimento do processo de comunicação em sua realidade midiática, a fim de atualizar a sua missão no mundo. Assim, apresenta-se como prioridade o aprimoramento de estratégias de comunicação para que a ação pastoral alcance seus objetivos de forma eficiente. Essa tarefa precisa ser acompanhada por meio de um processo de sensibilização e formação de leigos e leigas, para o exercício pleno de uma comunicação cristã. “Tal processo de formação converte-se em um dos grandes desafios para a Igreja, levando em conta o reconhecimento de que estamos vivendo uma mudança de época”.⁸⁸²

As novas mediações digitais permitem a criação de comunidades virtuais, e aqui também encontramos um desafio para os cristãos leigos e leigas, o de construir e manter essas comunidades de maneira saudável, com base nos valores cristãos. Os cristãos leigos e leigas precisam aprender a usar essas plataformas, para que possam criar, em espírito de comunhão, solidariedade e apoio mútuo, evitando, com isso, o risco de isolamento ou até de superficialidade nas relações. Nesse lugar, os jovens se tornam uma esperança. O Papa João Paulo II apresentou uma mensagem motivadora para os jovens cristãos: “[...] os jovens não devem ser

⁸⁸⁰ CNBB, Doc. 99, n. 163.

⁸⁸¹ CNBB, Doc. 99, n. 167.

⁸⁸² CNBB, Doc. 99, n. 168.

considerados simplesmente como objeto de solicitude pastoral da Igreja: eles devem ser encorajados a serem sujeitos ativos, protagonistas da evangelização, artífices da renovação social”.⁸⁸³ O Papa Francisco também se dirige aos jovens como anunciadores do Evangelho: “A Igreja precisa do ímpeto de vocês, das suas intuições, da sua fé. Nós temos necessidades disso! E, quando chegarem aonde nós ainda não chegamos, tenham a paciência de esperar por nós”.⁸⁸⁴

Se, por um lado, os jovens cristãos leigos e leigas fazem despertar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências para o mundo de hoje, por outro lado, os cristãos leigos e leigos idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência de vida, que convida a não repetir os mesmos erros do passado.⁸⁸⁵ Não se pode deixar de lançar um desafio especial para as mulheres leigas, um olhar especial para o lugar da mulher como protagonista da comunicação:

“Eu vi o Senhor” (Jo 20,18). Com essa frase, Maria Madalena fez o primeiro anúncio desafiador da Ressurreição. Assim começou a comunicação do Evangelho, com uma apóstola que evangelizou os Apóstolos.⁸⁸⁶

Por sua vez, outra mulher, aceitou comunicar o amor de Deus que se fez carne no seu coração e em seu ventre. Ao escutar a saudação e anúncio do anjo, ela corajosamente questiona o mensageiro celeste, para então dar o seu consentimento à Palavra divina, tornando-se mãe de Jesus e, assim dando ao mundo a Vida (LG, n. 53-36). Desde as origens da Igreja, é inquestionável que as mulheres desempenham um papel primordial na comunicação cristã, até hoje.⁸⁸⁷

Com esta breve reflexão, percebemos que, com as novas mediações nos meios de comunicação, os cristãos leigos e leigas se sentem desafiados a manter o seu testemunho dos ensinamentos de Cristo. Fazem isso utilizando as novas ferramentas de forma responsável, ética e criativa. Vimos que o mundo digital oferece muitas oportunidades para a evangelização, mas que, ao mesmo tempo, exige compromisso constante com os valores cristãos. Neste desafio, o discernimento e a sabedoria são essenciais para que seja possível navegar nesse novo ambiente em consonância com os valores fundamentais da fé cristã.

⁸⁸³ Cfl 46.

⁸⁸⁴ ChV 299.

⁸⁸⁵ EG 108.

⁸⁸⁶ FRANCISCO, Discurso aos participantes do Encontro Internacional “A Igreja em saída – Recepção e perspectivas da *Evangelii Gaudium*”, 2029.

⁸⁸⁷ CNBB, Doc. 99, n. 175.

No dia 1º de janeiro de 2024, quando foi celebrado Dia Mundial da Paz, que teve como tema as novas tecnologias, o Papa Francisco transmitiu esta mensagem:

A grande quantidade de dados analisados pelas inteligências artificiais não é, por si só, garantia de imparcialidade. Quando os algoritmos extrapolam informações, correm sempre o risco de as distorcer, replicando as injustiças e os preconceitos dos ambientes onde têm origem. Quanto mais rápidos e complexos eles se tornam, mais difícil é compreender por que produziram um determinado resultado.⁸⁸⁸

A era digital avança e reconfigura os modos de produzir, de viver e de conviver de toda a humanidade nos quatro cantos da terra. Essa profundidade e extensão das transformações que hoje vivenciamos parece atingir o seu ápice com a Inteligência artificial (IA). Recentemente, a evolução rápida do continente digital e das regras práticas desse novo mundo de convivência trouxe um novo desafio para os cristãos leigos e leigas - a inteligência artificial

Este processo de discernimento ético e jurídico pode revelar-se preciosa ocasião para uma reflexão compartilhada sobre o papel que a tecnologia deveria ter na nossa vida individual e comunitária e sobre a forma como a sua utilização possa contribuir para a criação dum mundo mais equitativo e humano. Por este motivo, nos debates sobre a regulamentação da inteligência artificial, dever-se-ia ter em conta as vozes de todas as partes interessadas, incluindo os pobres, os marginalizados e outros que muitas vezes permanecem ignorados nos processos de decisão globais.⁸⁸⁹

Sobre esta temática temos como um indicativo o 36º Congresso Internacional da SOTER, que aconteceu de 9 a 12 de julho de 2024, na PUC Minas, com o tema “Economia e Inteligência Artificial: Desafios à Sociedade e à Religião”. O evento refletiu sobre os impactos da IA nas Ciências da Religião e na Teologia.⁸⁹⁰ O resultado da preparação para o Evento é uma obra com todas as palestras apresentadas. Logo na apresentação, Clelia Peretti destaca que o objetivo foi lançar inspiração para o diálogo, que não apenas desafie as suposições, mas que principalmente nos conduza para um futuro – que já é presente – em que a IA seja utilizada para o bem comum.⁸⁹¹ Diante deste desafio, podemos olhar para Maria, aquela que sabia reter em seu coração o que ainda não compreendia,

⁸⁸⁸ JAGURABA, M., O Papa: que as formas de inteligência artificial sirvam a causa da fraternidade e da paz.

⁸⁸⁹ FRANCISCO, Para a celebração do Dia Mundial da Paz, Inteligência Artificial, 1º de janeiro de 2024.

⁸⁹⁰ GUIMARÃES. E.; ALVES. S.; PERETTI. C., (Org.). Economia e Inteligência Artificial, p. 11.

⁸⁹¹ GUIMARÃES. E.; ALVES. S.; PERETTI. C., Economia e Inteligência Artificial, Desafios à sociedade e religião, p. 13.

procurando um sentido para discernir a vontade de Deus em sua vida. Maria teria, sem dúvida, uma missão desafiadora, mas as dificuldades que ela enfrentaria não constituíam uma razão para ela dizer “não”. Com certeza ela enfrentou muitas dificuldades e complicações. Sobre essa coragem desafiadora de Maria, Papa Francisco vai dizer: Maria jogou-se nas mãos de Deus, e é por isso, que é uma mulher forte, “[... uma *influencer*, é a *influencer* de Deus. O seu *sim* e o desejo de servir foram mais fortes do que as dúvidas e dificuldades que ela enfrentou”⁸⁹²

4.1.7 **Presença na comunidade**

Os seus pais iam cada ano a Jerusalém para a festa da Páscoa (Lc 2,41).

a) Que mundo é esse?

Na comunidade o leigo participa da vida comunitária, tanto na paróquia quanto em grupos sociais, sendo chamado a promover a justiça social, a caridade e o bem comum. Ele pode contribuir com atividades pastorais, obras de caridade e evangelização. Mesmo não sendo clérigo, o leigo tem uma função vital dentro da Igreja, participando das celebrações litúrgicas, dos sacramentos, da catequese e da missão evangelizadora.

A sua presença na vida da comunidade eclesial e pastoral é fundamental para a missão da Igreja, é uma forma concreta de viver a vocação cristã. Os cristãos leigos e leigas, com a sua participação ativa e comprometida, contribuem significativamente, para a evangelização e para a construção da comunhão entre os cristãos e a transformação da sociedade.

Como já vimos, no capítulo anterior desta tese, a Igreja ensina que, hoje, todos os batizados, leigos, religioso e clérigos são chamados a participar da missão evangelizadora de Cristo. Eles desempenham papel fundamental na liturgia, colaborando em diversas funções, como ministros extraordinários da Eucaristia, leitores, salmistas, coroinhas, cantores e outros serviços ligados à celebração litúrgica. A sua participação ativa na liturgia reforça o sentido de comunidade eclesial, lugar de todos os fiéis.

⁸⁹² ChV 43.

Neste mundo de presença na comunidade, os cristãos leigos e leigas são protagonistas engajados em muitas áreas da vida pastoral da Igreja. Eles podem atuar em diversas pastorais, como a Pastoral da criança⁸⁹³, a Pastoral Familiar,⁸⁹⁴ a Pastoral da saúde⁸⁹⁵, a Pastoral carcerária⁸⁹⁶, entre outras. Podem participar também de movimentos eclesiais, como: Renovação carismática católica⁸⁹⁷, Cursilhos⁸⁹⁸, etc. Nesses vários espaços, os cristãos leigos e leigas exercem a sua liderança e seu carisma, colaborando com a sua missão de evangelizar, atendendo às necessidades dos mais vulneráveis e promovendo o crescimento espiritual de toda a comunidade dos batizados em Cristo.

Outro ponto importante, neste mundo da comunidade, é a vida eclesial, na educação da fé e no engajamento pastoral. Aqui os cristãos leigos e leigas podem atuar como catequistas⁸⁹⁹, transmitindo a doutrina e os valores cristãos às crianças, aos jovens e aos adultos. A catequese é um dos principais meios de

⁸⁹³ PASTORAL DA CRIANÇA. Resgate histórico da Pastoral da Criança. A Pastoral da Criança foi fundada em 1983, na cidade de Florestópolis, Paraná, pela Dra. Zilda Arns Neumann e pelo, na época, arcebispo de Londrina, Dom Geraldo Majella Agnelo. Abaixo, vocês poderão ler as Cartas para cada comemoração, bem como o quadro com datas de expansão da Pastoral da Criança no Brasil e em outros países. Nessa compilação encontra-se também a Carta da atual Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, Irmã Vera Lúcia Altoé, para a comemoração dos 30 anos. No final, há também uma entrevista da Dra. Zilda contando um pouco o histórico da Pastoral da Criança ao longo dos anos.

⁸⁹⁴ GOMES, A. R., O que é a Pastoral Familiar. A Pastoral Familiar foi criada com o objetivo de congregar todas as pastorais, movimentos e grupos que trabalham pelas famílias. Ela foi oficialmente instituída na Igreja pelo Papa São João Paulo II, na Exortação Familiaris Consortio (1981).

⁸⁹⁵ PASTORAL DA SAÚDE. CNBB, Comissão Episcopal para Ação Sociotransformadora. Em 9 de Maio de 1986, a Pastoral da Saúde foi instituída oficialmente como uma das Pastorais Sociais da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sendo organismo de ação social e sociedade cívico-religiosa, organizada por tempo indeterminado e com sede itinerante (acompanha o coordenador nacional), sem fins lucrativos, legalmente constituída por Estatuto e Regimento Interno próprios e que desenvolve o seu trabalho em três áreas de atuação: Solidária, Comunitária e Sociotransformadora.

⁸⁹⁶ FRACCALVIÈRE. B., Agentes da Pastoral Carcerária do Brasil recebem a benção do Papa.

⁸⁹⁷ MANSFIELD. G. P. RCC. O Movimento Eclesial Renovação Carismática Católica (RCC) é uma das expressões da Corrente de Graça RCC, surgida na Igreja Católica na década de 1960. Em plena unidade com a Santa Sé e com as igrejas locais (dioceses), o Movimento tem como célula principal os Grupos de Oração, cuja vocação é levar as pessoas a fazerem uma experiência profunda e verdadeira com a pessoa do Espírito.

⁸⁹⁸ CURSILHO DE JOVENS DE ITAGUARA. O Movimento de Cursilhos teve seu início no singular contexto social, econômico, político e religioso da Espanha nas décadas de 1930-1940. Coube a iniciativa à Juventude da Ação Católica Espanhola (JACE) da Diocese de Palma de Maiorca (Ilha de Maiorca, Espanha), encorajada por seus assistentes eclesiais e por seu Bispo, D. Juan Hervás.

⁸⁹⁹ FERREIRA, E. Papa Francisco confere Ministério do Catequista a Erivan Ferreira da Arquidiocese de Fortaleza. O ministério do catequista foi instituído pelo sumo pontífice em 11 de maio de 2021, pela carta apostólica *Antiquum ministerium* (ministério antigo). Esse será o terceiro ano consecutivo que o Papa institui no ministério de leitor e catequistas os cristãos leigos.

evangelização, e os leigos que desempenham essa função são verdadeiros formadores de discípulos, ajudando na preparação para os sacramentos e no crescimento espiritual de todos os fiéis.

Neste mundo, a Igreja reconhece a necessidade de formar cristãos leigos e leigas para que assumam, com caridade e compromisso, posições de liderança nas comunidades pastorais. Porém, essa formação não se restringe ao conhecimento teológico, pois inclui a capacitação para a liderança, o trabalho pastoral e o discernimento espiritual. Essa formação é essencial para que os leigos possam exercer plenamente a sua vocação dentro da Igreja, sendo responsáveis por animar e fortalecer a vida comunitária eclesial.

b) Que desafios emergem desse mundo?

A presença no mundo dos pobres é o principal desafio dos cristãos leigos e leigas no mundo comunitário, não o único, pois os leigos também encontram poucos espaços de decisão nas comunidades. Como os Conselhos de pastorais,⁹⁰⁰ mesmo sendo um grande avanço, ainda encontram suas dificuldades, as quais já apresentamos nesta tese. Os cristãos leigos e leigas encontram diversos desafios para viverem suas vidas na presença de Jesus Cristo entre os crucificados no mundo da pobreza e das exclusões. Eles se esforçam com determinação e caridade para levar o Evangelho aos excluídos pela sociedade, e isso requer sensibilidade e respeito por essa realidade. Esse mundo é muitas vezes marcado pela exclusão, pela violência e pela violação dos direitos humanos. Neste lugar, os cristãos enfrentam o desafio de testemunhar a fé de maneira que possa contribuir para a promoção da justiça social.

Cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta é cuidar de nós mesmos. Mas precisamos nos constituir como um “nós” que habita a Casa Comum. Tal cuidado não interessa aos poderes econômicos que necessitam de um ganho rápido. Frequentemente as vozes que se levantam em defesa do meio ambiente são silenciadas ou ridicularizadas, disfarçando de racionalidade o que não passa de interesses particulares. Nessa cultura que estamos desenvolvendo, vazia, fixada no imediato e sem projeto um comum, ‘é possível que, perante o esgotamento de

⁹⁰⁰ A criação do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), bem como de Conselhos de leigos nos regionais e dioceses do país, marca um grande avanço. Muitas lideranças leigas participam, também, de Conselhos de Pastorais em suas dioceses, paróquias e comunidades – CNBB, Doc. 105, 22.

alguns recursos, se vá criando um cenário favorável para novas guerras disfarçadas sob nobres reivindicações.⁹⁰¹

No mundo da comunidade encontramos o mundo dos pobres. Em sua análise dos dados, que indicamos anteriormente, Gonçalves diz que é um grande esforço e desafio recuperar a reflexão teológica, pois esse lugar corresponde à compreensão cristã de quem é Deus entre nós. Este desafio implica compreender Deus em sua relação com o ser humano e com o mundo, compreender Deus a partir da experiência com o ser humano, em sua história mundana, marcada por tensões que se desdobram em angústia, tristezas e também em esperanças e alegrias.⁹⁰² “As próprias fontes do *auditus fidei* da teologia cristã testemunham que Ele se revelou na história humana, assumindo o *locus* dos pobres, vendo as aflições humanas, ouvindo os seus clamores”,⁹⁰³ tomando a atitude de vir ao encontro dos que sofrem, para libertá-los de suas dores e aflições, para dar-lhes a vida em abundância, trazendo a misericórdia, compaixão e a justiça (Jo 10,10).

Ao assumir o *locus* dos pobres, Deus efetiva a sua universalidade salvífica entrando na história desde a pobreza, compreendida como carência econômica e social, opressão política, marginalização religiosa e cultural, discriminações de gênero e de idade, evidenciando a sua “pobreza espiritual” no próprio evento da revelação realizada em Jesus Cristo, em seu compromisso em anunciar a boa-nova aos pobres e no “ano da graça do Senhor”.⁹⁰⁴

O desafio para os cristãos leigos e leigas é seguir o exemplo de Jesus no nosso cotidiano. Papa Francisco orienta-nos e pede uma Igreja pobre, para os pobres, com os pobres, uma Igreja simples, que esteja sempre presente nas áreas mais afastadas e, principalmente, nas situações difíceis das realidades existenciais mais difíceis. Não os deixemos jamais sozinhos,⁹⁰⁵ “a pior forma de discriminação é a falta de atenção e apoio espiritual.”⁹⁰⁶

O Evangelho de Lucas ajuda-nos a compreender como Maria, José e Jesus viviam em comunidade, especialmente no contexto da tradição judaica. Como vimos no capítulo anterior, a vida nos clãs se dava com a participação ativa de todos nas celebrações comunitárias e religiosas, como todos os desafios e

⁹⁰¹ FT 17.

⁹⁰² GONÇALVES. P., Ver o mundo pelos olhos do *Intellectus Fidei*, p. 48.

⁹⁰³ GONÇALVES. P., Ver o mundo pelos olhos do *Intellectus Fidei*, p. 48.

⁹⁰⁴ GONÇALVES. P., Ver o mundo pelos olhos do *Intellectus Fidei*, p. 48.

⁹⁰⁵ CNBB, Doc. 105, n. 179.

⁹⁰⁶ EG 200.

dificuldades da vida familiar e comunitária exigem. Viver ativamente em comunidade implica participar ativamente das festas, das celebrações, das dores e alegrias que fortalecem a comunidade de fé e a identidade cristã na sua cotidianidade.

4.2

Como Maria “ilumina” a realidade laical

A estas palavras, ela ficou grandemente perturbada, e se perguntava o que podia significar esta saudação (Lc 1,29).

Seguindo os passos do método de Maria, ela não estacionou no *ver*, mas questionou o anjo. Refletia, considerava, “julgava” qual seria o significado de semelhante saudação: *Alegra-te, agraciada*. Ficou inquieta e procurou discernir em seu coração. A mariologia segue esta dinâmica, lançando luzes sobre a identidade cristã do laicato. A realidade é o lugar da encarnação da Palavra de Deus no decorrer da história humana de ontem e de hoje. Por isso, a mariologia ajuda os cristãos leigos e leigas a vivenciarem, assim como Maria, no seu dia a dia, o mistério da encarnação.⁹⁰⁷ A mariologia joga luzes também para o reconhecimento da dignidade da mulher e de sua indispensável contribuição na Igreja, na família e na sociedade,⁹⁰⁸ ampliando as possibilidades de ações femininas, especialmente na formação e nos espaços de decisões. A teologia atual reconhece de Maria como leiga. Antes, quando vista de uma forma unilateral, como uma primeira monja, deixava vários aspectos de sua existência sem a devida valorização. Bruno Forte afirma que a intensidade da relação da Mãe com o Filho nos faz refletir nela, da parte da criatura, a totalidade daquilo que se cumpriu nele, seu Filho Jesus de Nazaré. Por isso, podemos dizer que a história de Maria é a história do mundo em compêndio,⁹⁰⁹ é a sua teologia em uma só palavra; ela é o dogma vivo, a verdade máxima sobre a criatura plenamente realizada.⁹¹⁰ Não há dúvidas de que, por força do Batismo e do Crisma, homens e mulheres tornam-se

⁹⁰⁷ CNBB, Doc. 105, n. 5.3.

⁹⁰⁸ EG 103.

⁹⁰⁹ FORTE, B. Maria. Mulher Ícone do mistério, p. 144.

⁹¹⁰ EVDOKIMOV. P., A mulher e salvação do mundo, p. 249-250.

participantes do tríplice múnus de Jesus Cristo Sacerdote, Profeta e Rei.⁹¹¹ Maria, primeira leiga cristã, viveu isso de modo antecipado e peculiar.

No Terceiro Capítulo aproximamo-nos de Maria como uma leiga cristã, modelo perfeito do laicato discípulo missionário. Buscamos discernir como a pessoa de Maria pode servir de inspiração para o modelo de sermos cristãos leigos e leigos no mundo de hoje, como verdadeiros discípulos missionários. Esta relação de Maria com a realidade laical mostra-nos que a Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga. Essa relação de Maria com a realidade laical é profundamente inspiradora para todos os cristãos, leigos e leigas.

Ao viver uma vida simples, fiel e dedicada a Deus no meio do povo, Maria exemplifica muitas das características que o laicato é chamado a viver em sua realidade de todos os dias. Ela é modelo de santidade no cotidiano, pois viveu a sua santidade no contexto familiar e doméstico, na sua vida ordinária, o que é especialmente relevante para os leigos e leigas, que também são chamados a viver a sua fé em seus ambientes cotidianos. Ela joga luzes em seu caminho de santidade, onde leigos e leigas experimentam os sinais da presença de Deus, que não exige gestos extraordinários, mas uma resposta fiel e constante à vontade de Deus na simplicidade da vida diária. Maria ajuda a discernir os sinais da presença de Deus na história humana, e é com esse olhar afinado com o olhar de Deus que leigos e leigas se abrem ao seu constante chamado. A prontidão de Maria em dizer um “sim” estendido para a vida toda ao plano de Deus (seu *fiat* na Anunciação) é, atualmente, um exemplo poderoso para os leigos e leigas.

A participação de Maria na missão de Jesus em momentos-chave de sua vida, como nos apresentam os Evangelhos, desde o nascimento até a sua morte e ressurreição, é uma grande motivação para a nossa peregrinação de fé. Como Maria, os batizados em Cristo, são convidados a saber discernir e responder ao chamado de Deus em suas vidas, enfrentando com coragem, assim como ela fez, os desafios que apresentamos no início deste capítulo.

Maria não foi uma mulher submissa, pois com coragem ela enfrentou muitos desafios e dores em sua vida. A sua fé inabalável, a sua confiança em Deus, mesmo em meio a tantas provações, é uma fonte de inspiração para todos aqueles, leigos e leigas, que também enfrentam desafios concretos.

⁹¹¹ CfL.51.

Depois de ver os sete desafios que observamos no ponto anterior, é chegado o momento de iluminar a realidade cristã dos leigos e leigas com a luz do rosto mariano da Igreja. Pretendemos fazer isso a partir de dois princípios mariológicos: “Maria é mulher” e “Maria é leiga”.

Como observamos e fundamentamos no capítulo anterior (3.1.5), passagens com forte densidade mariológica como Gálatas 4,4 ou Apocalipse 12 foram lidas ao longo da história da Igreja em perspectiva tipológica. Maria é modelo, ícone da Igreja. Esse caminho reflexivo nos possibilita apontar para dois princípios marianos que iluminam a identidade cristã do laicato.

Primeiro princípio: Maria é mulher. O Papa Francisco afirma analogicamente que “a Igreja é mulher”.⁹¹² Para não imaginar que existe aqui uma afirmação de gênero, que não seria uma afirmação eclesiológica precisa, preferimos afirmar que a Igreja é “comparada à mulher”. O que aponta para a humanidade de Maria e essa dimensão essencialmente humana do ser Igreja. Aos poucos a Igreja vai se autodefinindo como mãe, mestra, esposa e diversas outras características radicadas no seu rosto mariano, como discorreremos no Terceiro Capítulo.

Segundo princípio: Maria é leiga. Mais ainda, é a primeira leiga cristã. Isso significa reconhecê-la como membro do povo de Deus. Se o primeiro princípio utiliza a leitura tipológica, este segundo princípio contempla Maria na sua singularidade histórica. É neste lugar que entra o cotidiano de Maria de Nazaré, mulher encarnada na história humana. Ela é o “aqui e agora” onde o Verbo tocou a Terra para assumir o que seria redimido. Maria de Nazaré é o ponto desse toque redentor.

Assim, no ventre de Maria é gerado “sem separação nem confusão, Jesus, totalmente Deus e totalmente humano”, conforme a clássica afirmação do Concílio de Calcedônia.

⁹¹² Em várias ocasiões o Papa Francisco afirmou que a “Igreja é feminina”, “a Igreja é mulher”, isso porque sua essência é feminina. No Novo Testamento são usadas imagens que nos dão a conhecer a natureza íntima da Igreja. Uma das mais importantes é a Igreja como esposa, que indica algo que é central de seu próprio ser e mistério. No Apocalipse chamam-na “a esposa”, “a noiva”, “a esposa de Cristo”, “uma mulher”. De tal modo, para Francisco é impossível imaginar a Igreja sem a mulher, porque a Igreja é feminina. Para mim, acrescenta, “gosto também de pensar que a Igreja não é o Igreja, é a Igreja. A Igreja é feminino, é mãe” e devemos “aprofundar a nossa compreensão disso” (FRANCISCO, 2018).

[*Definição*] Seguindo pois os santos Padres, com unanimidade ensinamos que se confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem <composto> de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado [Hb 4,15], gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade e, nestes últimos dias, em prol de nós e de nossa salvação, <gerado> de Maria, a virgem, a Deípara, segundo a humanidade.⁹¹³

Esta forma tipológica de refletir mariologicamente sobre a identidade da Igreja se tornou muito comum na patrística, sempre tendo como objetivo definir a natureza de Cristo.

Com efeito, não nasceu antes, da santa Virgem, um homem qualquer, sobre o qual depois desceria o Verbo, mas se diz que <este>, unido desde o útero materno, assumiu o nascimento carnal, apropriando-se o nascimento de sua própria carne... Por isso, [os santos Padres] não duvidaram chamar a santa Virgem de Deípara, não no sentido de que a natureza do Verbo ou sua divindade tenham sido origem da santa Virgem, mas no sentido de que, por ter recebido dela o santo corpo dotado de alma racional ao qual também estava unido segundo a hipóstase, o Verbo se diz nascido segundo a carne.⁹¹⁴

Maria é membro do povo de Deus, é nossa irmã, é leiga cristã, é a primeira discípula missionária. Portanto, esses dois princípios – Maria mulher e leiga – iluminam todos os desafios que foram apresentados aqui anteriormente. Os cristãos leigos e leigas, podem olhar para Maria e, com ela, viver a sua fé, na esperança e caridade, como cristãos e cristãs, enfrentando com coragem os desafios inerentes à sua realidade laical.

4.2.1

A Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga

A minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (Lc 8,21).

Chegamos a um novo momento da interpretação, ao focalizar Maria como pessoa concreta, autêntica, dotada de toda a graça de Deus, na companhia de todos os amigos de Deus e profetas. Podemos, assim, elaborar uma Teologia Mariana enraizada nas Escrituras e procurar um vislumbre da realidade histórica, na maior parte desconhecida, da judia Miriâm de Nazaré, uma mulher que, como foi visto,

⁹¹³ Símbolo da fé em Calcedônia. DH 301.

⁹¹⁴ Segunda carta de Cirilo de Alexandria a Nestório, escrita entre 26 de janeiro e 24 de fevereiro de 430, lida e aprovada no Concílio. DH 251.

viveu em uma sociedade rústica do século I, relativamente pobre e politicamente oprimida. Uma mulher que tenta entender a presença, o chamado, o desafio e a criatividade do Espírito de Deus em sua vida e na vida de todos os que creem e amam a Deus em todos os séculos. Uma mulher que sabe ligar a sua vocação singular, que incluía, mas não limitava, ser mãe do Messias, às narrativas das discípulas e discípulos de Jesus naquele tempo e hoje. Uma nova proposta hermenêutica convida Maria a descer do pedestal, onde tem sido homenageada durante séculos, e a se reunir a nós na comunidade de graça e luta na história humana. Longe de desmerecê-la, essa abordagem a respeita e a toda a comunhão dos santos de uma forma libertadora, apropriada ao nosso tempo e ao nosso lugar.⁹¹⁵ Neste tópico, iremos destacar o silêncio, a sabedoria e a liberdade de Maria, suas qualidades internas.

Maria é uma “mulher leiga do povo de Israel e uma mulher leiga do povo-Igreja de Jesus Cristo”.⁹¹⁶ Por isso, é importante e pertinente refletir sobre a condição de Povo de Deus. Ela partilha o que o Papa Francisco chama “o prazer espiritual de ser povo”.⁹¹⁷

O processo sinodal fez-nos experimentar o “prazer espiritual” (EG 268) de ser Povo de Deus, reunido de todas as tribos, línguas, povos e nações, vivendo em contextos e culturas diversas. Nunca é a simples soma dos Batizados, mas o sujeito comunitário e histórico da sinodalidade e da missão, ainda peregrino no tempo e já em comunhão com a Igreja do céu. Nos diversos contextos em que se enraízam as Igrejas particulares, o Povo de Deus anuncia e testemunha a Boa Nova da salvação; vivendo no mundo e para o mundo, caminha juntamente com todos os povos da terra, dialoga com as suas religiões e as suas culturas, reconhecendo nelas as sementes do Verbo, e avança em direção ao Reino. Incorporados neste Povo pela fé e o Batismo, somos apoiados e acompanhados pela Virgem Maria, “sinal de esperança segura e de consolação” (LG 68), pelos Apóstolos, por aqueles que testemunharam a sua fé até dar a vida, pelos santos de todos os tempos e lugares.⁹¹⁸

Maria, membro do povo de Deus, é parte integrante da comunidade dos fiéis. Essa expressão destaca a humanidade de Maria e reforça que, embora tenha um papel único como mãe de Cristo, ela também é vista como a serva de Deus, uma mulher concreta que fez parte do povo escolhido, vivendo plenamente a sua fé em obediência à vontade de Deus.

⁹¹⁵ JOHNSON, E. A. Nossa verdadeira irmã, p. 16-17.

⁹¹⁶ AWI., A., M., Uma leiga chamada Maria, p. 15.

⁹¹⁷ EG 268-274.

⁹¹⁸ XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, Documento Final, 26 de outubro de 2024, n.17.

Como nossa verdadeira irmã, como observou Elizabeth Johnson, Maria apresenta-nos que a teologia hoje não dirá nada, senão em uma linguagem multicultural e pluralista⁹¹⁹. Ela ressalta, logo no início de sua reflexão, que apresentar Maria como nossa verdadeira irmã é apenas um dos enfoques fecundos na atual teologia mariana. Chegamos a um novo momento da interpretação, ao focalizar Maria como pessoa concreta, autêntica, dotada de toda a graça de Deus, na companhia de todos os amigos de Deus e profetas.

Podemos, assim, elaborar uma Teologia Mariana enraizada nas Escrituras e procurar um vislumbre da realidade histórica, na maior parte desconhecida, da judia Miriâm de Nazaré. Olhar para Maria de Nazaré como nossa irmã na caminhada de fé significa reconhecer que apesar de seu papel singular como Mãe de Jesus, ela também compartilhou das mesmas lutas e desafios que hoje enfrentamos em nossa caminhada de fé. Vimos, no capítulo anterior, que Maria foi uma mulher que viveu profundamente a sua confiança em Deus, mesmo diante de situações difíceis e incompreensíveis. Ela se torna exemplo de discipulado e fé diante das dificuldades. Assim como nós, Maria precisou avançar na fé e confiar nos planos de Deus. Sem conhecer todos os detalhes, teve que se arriscar, com uma fé que a desafiava a ir além, a viver na obediência e a enfrentar as provações com coragem. Nessas perspectivas, os cristãos leigos e leigas, podem enxergar Maria como uma pessoa concreta que trilhou a jornada da fé com humildade e entrega, uma humildade desafiadora, que nos inspira a seguir em frente.

Lina Boff apresenta Maria como lugar da revelação do plano salvífico do Pai. Tem o seu início aqui na Terra, com a encarnação. Junto com o seu povo, Maria vive intensamente a espera vigilante do Libertador que realizará as expectativas anunciados pelos profetas.⁹²⁰ Ela acreditava na vinda do Messias; só não sabia que seria a mãe de nosso Salvador. Sua fé inabalável inspira-nos a seguir superando todos os desafios que atualmente nos são apresentados. Maria é exemplo vivo da mulher que acreditou e viveu os desafios com fé e resiliência; por sua fidelidade e obediência a vontade de Deus ela nos ilumina a seguir em frente. Deste lugar, o laicato, os fiéis cristãos, assumem todas as exigências de sua realidade de membros da Igreja, povo de Deus e Corpo de Cristo, e isso lhes

⁹¹⁹ JOHNSON, E. A. Nossa verdadeira irmã, p. 16.

⁹²⁰ BOFF, Lina, Maria na vida do povo, p. 15,

permite realizar, na santidade, o chamado que sentem para plenamente, viver como cristãos. Têm a consciência renovada de serem chamados à santidade nos seus afazeres diários, uma santidade não menor que as dos padres e dos religiosos e religiosas, mas, sem dúvida, um pouco diferente.⁹²¹

Maria, mulher inteligente e forte, foi escolhida por Deus e continua sendo um exemplo de mulher para todos os cristãos leigos e leigas. Com sua resposta, conclui a revelação já começada no Antigo Testamento, concentrada, agora, em Cristo. Mediante a sua maternidade divina, Maria abre para toda a humanidade a revelação no seu sentido pleno, a revelação inteiramente divina e inteiramente humana.⁹²² Permanecendo sempre como um membro do povo de Deus, identifica-se com os que buscam viver em conformidade com a vontade de Deus. Os leigos e leigas tornam-se homens e mulheres engajados no mundo, que comporta todo o seu cotidiano, sua vida profissional, e até conjugal, familiar etc.

Outra característica importante é o silêncio de Maria. Com ela podemos aprender o silêncio de Deus em nossas vidas, em nossas angústias, dúvidas e inquietações – um silêncio nos leva a uma contemplação silenciosa dos mistérios de Deus.

O otimismo das provas da existência de Deus mostra uma preocupação substancial e ignora que Deus não é evidente, e que o silêncio é uma qualidade de Deus, pois toda prova obrigatória violenta a consciência humana. É por isso que Deus limita sua onipotência, renuncia a sua onisciência, retira todo sinal e se encerra no silêncio de seu amor sofrido. Ele falou pelos profetas, ele falou durante a sua vida terrestre; contudo depois de Pentecostes ele fala apenas por meio dos sopros do Espírito Santo. É esse silêncio, diz Nicolau Cabasilas, que Deus declara seu amor ao homem, *manikos eros*, “louco amor” de Deus pelo homem e seu incompreensível respeito em relação à liberdade humana⁹²³.

No Evangelho de Lucas encontramos a passagem em que Maria “guardava todas as coisas meditando-as no coração” (Lc 2,19). O silêncio de Maria pode ser um exemplo, para o laicato, de reverência e aceitação do mistério de Deus em nossas vidas. Silêncio e ao mesmo tempo respeito. Pedir silêncio pode aqui significar a necessidade de atenção e veneração ao refletir sobre nossa vida e o nosso papel e responsabilidade com a história de salvação.

⁹²¹ CONGAR, Y., Os leigos na Igreja, p. 162

⁹²² BOFF, Lina, Maria na vida do povo, p. 18.

⁹²³ EVDOKIMOV, P., O silêncio amoroso de Deus, p. 29.

Outra interpretação pode estar ligada à maternidade de Maria. Em meio a tudo que viveu, manteve a serenidade e confiança no plano divino em sua vida, mesmo diante de grandes desafios e dores, como no momento da crucificação de seu filho Jesus de Nazaré.

Maria de Nazaré é colocada no horizonte das alusões feitas aos eventos do AT, as quais preparam a vinda do Messias e no horizonte das passagens proféticas densas de sentido que anunciam o tempo da espera vigilante do libertador do povo de Israel do cativeiro da Babilônia. No Novo Testamento Maria passa a ter relação direta com o mistério da encarnação da qual constitui “exegese” viva. Significa dizer que Maria não é simplesmente mulher que tem uma função, mas é pessoa livre, e é como tal que coopera no mistério de toda a comunidade divina. Ela testemunha o cumprimento da promessa feita no Antigo Testamento e anuncia com sua maternidade a realização da plenitude dos tempos, revelada na pessoa de Jesus que inaugura o Novo Testamento.⁹²⁴

Sobre a questão da liberdade, é preciso observar que os leigos e leigas, inseridos no mundo com uma diversidade de escolhas, vivenciam possibilidades e podem se espelhar em Maria e, com coragem, saber discernir o seu lugar como cristãos engajados nas realidades temporais. Aqui a liberdade de Maria, que Lina Boff nos apresenta, pode ser compreendida como liberdade espiritual e interior de Maria, a mãe de Jesus, que aceitou plenamente o plano de Deus para a sua vida. Esse conceito está ligado à sua entrega total e à sua resposta ao chamado divino. Podemos ver isso plenamente no seu *fiat*: *Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1,38). Maria exerceu uma liberdade profunda ao dizer “sim” a Deus, escolhendo voluntariamente cooperar com a missão divina.

É na revelação profética do Deus da vida que Maria de Nazaré recebe a missão de dar um *rosto humano* à vida de Deus comunidade divina e relacionada entre si e para fora. Essa relação ‘ad extra’ é feita com os povos de todas as culturas, religiões e crenças.⁹²⁵

Essa liberdade não era apenas externa, mas uma liberdade interior, baseada em sua fé e confiança em Deus. Mesmo diante das dificuldades, e foram muitas, incertezas e sofrimentos (como a fuga para o Egito, a perda temporária do menino Jesus, ou a dor da crucificação), Maria permaneceu livre para amar e obedecer à vontade do Senhor. Liberdade da vontade. Ela não foi forçada a aceitar o lugar de Mãe de Jesus; sua resposta foi um ato de livre vontade e, ao mesmo tempo, um ato

⁹²⁴ BOFF, Lina, Maria na vida do povo, p. 19.

⁹²⁵ BOFF, Lina, Maria na vida do povo, p. 104.

de fé. Sua liberdade em meio ao sofrimento, mesmo nas situações dolorosas e incertas, com a paixão e morte de seu filho Jesus, viveu sua fé de maneira livre, sem se rebelar contra a vontade de Deus, aceitando com serenidade o caminho que lhe fora proposto.

O *fiat* da Virgem não provém exclusivamente da submissão de sua vontade, mas esta vontade exprime a suprema liberdade de seu espírito [...]. O anjo que anuncia e a Virgem que ouve formam um todo de igual totalidade sinfônica. É a história do mundo em resumo, sua teologia numa só palavra; o destino do mundo e do próprio Deus permanecia suspenso a seu livre expressar. Desde sempre a Virgem deseja e carrega como conteúdo da sua liberdade o que vai ser desencadeado pelo seu *Fiat*: a concepção de Deus. Nem mesmo Deus inventa a verdade, mas a pensa, *a diz e isso acontece* (Sl 148,5). A liberdade do homem à imagem de Deus consiste em reproduzir o próprio jorrar da verdade.⁹²⁶

Liberdade com solidariedade. Sua liberdade também se manifesta em solidariedade com os mais necessitados e humildes, como vemos na visitação a sua prima Isabel e no Magnificat, quando ela exalta o poder de Deus de elevar os humildes. A liberdade de Maria de Nazaré é, portanto, um importante exemplo, para os cristãos leigos e leigas, de como a verdadeira liberdade está em seguir a vontade de Deus com confiança e amor, mesmo em meio às grandes adversidades que vivemos atualmente.

4.2.2

Maria modelo do laicato discípulo missionário

Proclamar um “Ano do Laicato” (2017-218)⁹²⁷ foi uma iniciativa pioneira e audaz da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB). A perspectiva do documento é reforçar a situação do leigo e da leiga como sujeitos na Igreja e no mundo, e não como parte passiva da Igreja. O objetivo foi refletir e motivar os cristãos leigos e leigas a assumirem, cada vez mais, o seu protagonismo na Igreja e na sociedade, uma tarefa urgente e necessária para a Igreja nestes tempos de reforma promovida pelo Papa Francisco, com seu empenho pela sinodalidade. Para os estudiosos de Mariologia não podia passar despercebida sua identidade como primeira leiga cristã,⁹²⁸ e uma reflexão aprofundada sobre esse rosto

⁹²⁶ EVDOKIMOV. P., O silêncio amoroso de Deus, p. 58.

⁹²⁷ A CNBB abriu o Ano do Laicato no dia 26 de novembro de 2017, Solenidade de Cristo Rei e encerrou na mesma solenidade em 25 de novembro de 2018.

⁹²⁸ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 13.

mariano foi tema do 12º Congresso Mariológico que aconteceu em Aparecida, em 2018.⁹²⁹

Diante disso, refletir sobre Maria como a “primeira leiga cristã” significa conscientizar-se e, ao mesmo tempo, motivar os cristãos leigos e leigas a viverem a sua fé, no cotidiano, nos trabalhos de cada dia, nas tarefas mais complexas e mais simples. Sua vida está escondida em Deus, como perfume de Cristo que santifica o mundo hodierno. Vivem as suas vidas em Cristo, santificando, nos altares de seus trabalhos: “a vassoura, o volante, o bisturi, a enxada, o fogão, o computador, o trator, construindo oficinas de trabalho e oficinas de oração”.⁹³⁰ Segundo o Papa Francisco, Maria é leiga, e o mundo é o primeiro lugar da presença, atuação e missão dos cristãos leigos e leigas. Apesar da insistência dos documentos eclesiais,⁹³¹ percebe-se a tendência de se valorizar, exclusivamente, ou quase, o serviço no interior da Igreja, o que dificulta a tomada de consciência da importância da atuação dos cristãos leigos e leigos nas realidades do mundo.⁹³² Francisco, em seguida, convida-nos a tomar essa leiga como modelo de como enfrentar a vida laical cotidiana, concreta, cheia de dificuldades e conflitos, no confronto com as realidades do mundo.⁹³³ Como aconteceu no episódio tão familiar e laical das bodas de Caná:

Um belo exercício que podemos fazer, eu os desafio a fazê-lo, é pegar [no Evangelho] os episódios da vida de Jesus mais conflituosos e ver – como em Caná, por exemplo – como Maria reage. Maria toma a palavra e intervém. Imagina que a Mãe estava ali, que viu isso. Como teria reagido Maria a isso? Esta é a verdadeira escola para ir em frente. Porque ela é a mulher da fidelidade, a mulher da criatividade, a mulher da coragem, da *parresia*, a mulher da paciência, a mulher do suportar as coisas. Olhem sempre para essa *leiga*, primeira discípula de Jesus, como reagiu a todos os episódios conflituosos da vida do seu filho. Isso nos ajudará muito.⁹³⁴

⁹²⁹ Antes de serem escritos para este livro, os saborosos saberes destes textos foram compartilhados durante o 12º Congresso Mariológico, que aconteceu entre os dias 16 e 19 de maio de 2018, na cidade de Aparecida do Norte/SP, com o tema tem central: “O Rosto Mariano da Igreja”. Era o coração do Ano do Laicato, promovido pela CNBB. O Congresso foi promovido pela Academia Marial de Aparecida, com a colaboração da Faculdade Dehoniana, de Taubaté. ALMEIDA, J. C., Uma Leiga chamada Maria, p. 12.

⁹³⁰ CNBB, Doc. 105, n. 35.

⁹³¹ LG 31; EN 70; DAp 210, CNBB, Doc. 62, 61, 62, 99.

⁹³² CNBB, Doc. 105, n. 38-40.

⁹³³ MELLO, A. A, Uma leiga chamada Maria, p. 13-14.

⁹³⁴ FRANCISCO, Discurso no Encontro com a Comunidade do Movimento dos Focolares (grifo do autor). *Apud* MELLO, A. A, Uma leiga chamada Maria, p. 13-14.

Maria é, portanto, uma mulher leiga do Povo de Israel e uma mulher leiga do Povo-Igreja de Jesus Cristo.⁹³⁵ Precisamos entender como é importante refletir sobre sua condição de povo. Ela, aqui, partilha do que o Papa Francisco chama de “prazer espiritual de ser povo”.⁹³⁶ Alexandre Awi avança na reflexão, apontando que o Papa Francisco afirmou várias vezes que Maria é mais importante que os apóstolos, ou seja, é mais importante que a hierarquia da Igreja, embora não tenha funções sacerdotais.⁹³⁷ Francisco explica isso na exortação *Evangelii gaudium*:

O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Batismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, como fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que a coloque por cima dos demais. Na Igreja, as funções, *não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros*” (CfL 51). Com efeito, uma mulher, Maria, é mais importante do que os Bispos.⁹³⁸

O sacerdócio de Maria, na verdade, é o sacerdócio comum dos fiéis,⁹³⁹ e sua grandeza está no fato de ser parte de um povo sacerdotal (Pd 2,4-10), de um “povo (*laos*) escolhido e consagrado por Deus”.⁹⁴⁰ Portanto, a leitura teológica do texto de Lucas permite-nos entender Maria como a “nova Filha de Sião, a nova destinatária desta alegria messiânica, que revela uma presença nova do Senhor.”⁹⁴¹ O Concílio Vaticano II diz que Maria é excelsa Filha de Sião.⁹⁴² Encontramos aqui um caminho fecundo, não só para a mariologia bíblica, mas também para a reflexão sobre Maria como mulher do seu povo.

Com Maria, amadurece todo Israel: se cumpre a espera e se dá o tempo da presença. Maria é, portanto, sinagoga e presença. Ela explicita o que é Sião. Aberta à maturidade messiânica, dá o seu *sim* em nome de Israel e, mesmo que ainda não compreenda tudo, recebe e acolhe a promessa de vida.⁹⁴³

Por tudo isso, podemos dirigir o nosso olhar para Maria, para compreender, em toda a sua grandeza e dignidade, a missão dos leigos e leigas na Igreja, no mundo e na sociedade. Como mulher livre, forte e discípula de Jesus, Maria foi

⁹³⁵ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 15.

⁹³⁶ EG 268-274.

⁹³⁷ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 15.

⁹³⁸ EG 104.

⁹³⁹ LG 10-12.

⁹⁴⁰ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 16.

⁹⁴¹ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 19.

⁹⁴² LG 55.

⁹⁴³ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 20.

verdadeiro sujeito na comunidade cristã.⁹⁴⁴ Como Maria, o leigo e a leiga são cristãos e cristãs maduros na fé, que se dispõem a caminhar e seguir Jesus, assumindo todas as consequências que essa escolha implica. Vivem o seguimento a Jesus no seu dia a dia e, como Maria, vivem a alegria desse chamado, pela vocação assumida como sujeitos ativos na Igreja e no mundo.⁹⁴⁵

Aqui vamos refletir a partir da explanação de Cesar Kuzma no Congresso Mariológico, no Ano do Laicato, em Aparecida.⁹⁴⁶ A iniciativa de realizar o Congresso na cidade de Aparecida, no ambiente do Santuário de Aparecida, buscou discernir na pessoa de Maria uma inspiração para o modelo de ser cristãos leigos e leigas no mundo de hoje como verdadeiros discípulos missionários.⁹⁴⁷ Nossa cultura e o nosso ambiente religioso às vezes favorece uma visão afetuosa, singela e até doce, da pessoa de Maria. O oposto também pode acontecer: Maria pode ser vista muitas vezes como aquela que está acima, em um lugar inatingível, toda santa, quase uma primeira monja, visão que acaba deixando de lado vários aspectos de sua existência sem a devida valorização.

Isso acontece, quando ela é desvinculada dos Evangelhos. Sobre isso, Lúcia Pedrosa, ao refletir sobre a mariologia do Papa Francisco, no mesmo Congresso lança um forte questionamento do Papa Francisco: Qual Maria?⁹⁴⁸

Essa pergunta é, na verdade endereçada a todo o povo de Deus. O grande problema apontado, como veremos, é a desvinculação da figura de Maria daquela Maria dos Evangelhos. As imagens de Maria podem ser bem diferentes. O Papa pergunta: Maria é a Mestra de Vida espiritual, a primeira que seguiu Cristo pelo caminho estreito da cruz, dando-nos exemplo, ou seria uma Senhora inatingível e, consequentemente inimitável? Observemos a intencionalidade de relacionar Maria com os Evangelhos, não apenas com a senhora do Céu, para que, de fato ela seja modelo inspirador a ser imitado.⁹⁴⁹

Esse questionamento ainda é muito forte e voltaremos a ele mais adiante. Percebemos aqui a importância da tomada de decisão do Concílio Vaticano II de incluir Maria no Documento sobre a Igreja *Lumen Gentium*, no capítulo VIII,

⁹⁴⁴ CNBB, Doc. 105, n.113.

⁹⁴⁵ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 23.

⁹⁴⁶ Cesar Kuzma, teólogo leigo, apresentou, no 12º Congresso Mariológico, em Aparecida, no ano de 2018, o tema: “Maria: Modelo do leigo Discípulo Missionário, leitura teológica do Documento 105 da CNBB.

⁹⁴⁷ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 73-74.

⁹⁴⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana no Magistério de Papa Francisco, p. 150.

⁹⁴⁹ PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja Mariana no Magistério de Papa Francisco, p. 151.

anunciando uma significativa mudança na Teologia Mariana. Uma abordagem devocional, mesmo às vésperas do Concílio, chegava quase a divinizar Maria, mas hoje ela não deve mais ser considerada em isolamento, pois deve ser vista em seu papel eclesiológico, inserida na comunidade dos fiéis. E um membro preeminente da Igreja, assim como modelo para a vida peregrina de fé da Igreja.⁹⁵⁰

Olhar para Maria significa fazer junto com ela a opção pelos pobres e ter nela a companheira da libertação. São exigências pontuais, que hoje reclamam uma presença mais atuante dos leigos e leigas. Trata-se de um trabalho que está na pauta do Documento 105 e na vida de todos nós. Para isso, é necessário, com Maria, “sair às pressas”, pois existem hoje causas que não podem esperar.⁹⁵¹ Como Mãe do Cristo divino e humano, é importante entendê-la na presença da graça derramada sobre toda a criação. Ela aponta para a presença do divino entre nós de maneira excepcional.⁹⁵² Portanto, é a graça que nos permite caminhar como homens e mulheres, sem interrupções, pelo efeito de uma dádiva essencial “da condição humana natural à liberdade criadora de Deus” (Rm 8,21).⁹⁵³

Então, podemos nos perguntar: qual a dignidade e a natureza e a missão dos cristãos leigos e leigas? Poderia ser Maria uma resposta? Um modelo? Se olharmos para Maria o que é que nós vemos? Diretamente falando, vemos uma *mulher-leiga*, queremos dizer, uma mulher que era sujeito em seu tempo, em sua história, que vivia situações e realidades concretas e que no interior da sua vida e de sua casa fez a experiência de Deus. É importante dizer que ela não faz a experiência no Templo ou em algum espaço religioso e sagrado, e também não faz a experiência pela mediação de um sacerdote ou por outro [homem], ela faz a experiência em sua casa, na sua intimidade, na sua vida, na sua feminilidade, no seu ser menina e mulher, na sua pessoa.⁹⁵⁴

Maria é aquela que não busca respostas prontas; é uma mulher que questiona a partir de sua própria experiência de vida, em suas próprias circunstâncias. É uma mulher que interpela e se deixa interpelar, uma mulher que se abre à graça de Deus e faz ecoar o seu “sim” numa atitude *kenótica* de total serviço, ao abrir um espaço em si para que Deus possa atuar na sua vida.⁹⁵⁵ Aqui a vocação de Maria insere-se profundamente na nova aliança que Deus quer

⁹⁵⁰ COYLE, K., Maria tão humana e tão nossa, p. 64.

⁹⁵¹ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 80.

⁹⁵² COYLE, K., Maria tão Humana e tão Nossa, p. 66.

⁹⁵³ SEGUNDO, R. L., Teologia aberta para o leigo adulto, p. 77.

⁹⁵⁴ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 80.

⁹⁵⁵ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 81.

estabelecer com o seu povo; ela é a mulher chamada para servir a esse plano: com o seu sim, tornar-se Mãe do Filho de Deus. Com a Encarnação Deus não só está conosco, mas se faz um de nós (Fl 2,6-8).⁹⁵⁶ Aqui podemos olhar para aspectos da teologia mariana que colocam os mistérios da vida de Maria como expressão da lógica encarnatória da graça de Cristo. Aqui entendemos, por lógicas encarnatórias, a lógica *kenótica* de Deus (Fl 2,6-11).

Por este movimento, em Jesus Cristo, Deus se esvazia e humaniza, desce, abaixa-se, entra, submerge em nossa humanidade histórica e culturalmente enraizada. Em Jesus Cristo, Deus faz-se escravo, assume a fragilidade humana e a humanidade humilhada para, a partir deste lugar, instaurar dinâmicas de uma vida nova, no Espírito. Na vida de Maria ecoa esta lógica da Encarnação, em dois movimentos: sua resposta a Deus é um serviço à Encarnação e, ao mesmo tempo, sua própria vida é expressão da vida nova que Deus oferece ao mundo.⁹⁵⁷

Com isso posto por Lúcia Pedrosa, podemos entender que Maria é o “sim” encarnado em um corpo que pulsa e alimenta aquele que por amor se encarnou e que por seu sangue nos libertou.⁹⁵⁸ Tudo isso confirma o que diz o Documento 105: que ela é a máxima realização da experiência cristã.⁹⁵⁹

Diante disso, Maria torna-se modelo para nós, na medida em que se realiza a sua união com Cristo. É para ele que ela olha primeiro, pois esse é o chamado de todo ser humano, é a vocação primeira de nossa existência. Seu olhar materno para nós é como o de alguém que nos abraça e nos conduz aos braços do seu Filho, pois Ele é o sentido de tudo.⁹⁶⁰ Seguindo a reflexão, a Tradição da Igreja nos diz, no Evangelho de Lucas, que Deus olhou para a humilhação de Maria (Lc 1,48), olhou para o seu sofrimento e viu nela a causa de um povo sofrido e humilhado.

Celebrar o Ano do Laicato em Aparecida, no 12^a Congresso Mariológico, levou-nos a refletir que os leigos e leigas devem assumir o seu tempo na Igreja, seu espaço e sua missão no mundo, com liberdade e coragem, assim como Maria fez.⁹⁶¹ É tempo dos leigos e leigas; é a hora do laicato. O Papa Francisco nos

⁹⁵⁶ SERRA, A., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 919.

⁹⁵⁷ PEDROSA-PÁDUA, L., Teologia Mariana, p. 478.

⁹⁵⁸ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 81.

⁹⁵⁹ CNBB, Doc. 105, n.113.

⁹⁶⁰ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário p. 83.

⁹⁶¹ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário p. 74-75.

chama a sermos uma Igreja em saída,⁹⁶² e insiste para isso, em uma Igreja em reforma, em constante transformação. No entanto, a reforma eclesial só irá adiante com a participação dos leigos e leigas, que estão e sempre vão estar em maior número no corpo eclesial.⁹⁶³ Após o Concílio Vaticano II, muito se falou sobre a “hora dos leigos e leigas”. O Documento de Aparecida chamou a atenção para este lugar, compreendendo que o futuro da Igreja passa obrigatoriamente pela vocação e missão dos leigos e leigas, homens e mulheres do nosso tempo.⁹⁶⁴ Na carta, Papa Francisco queixa-se de que, diante da expressão “é chegada a hora dos leigos”, parece que o relógio parou.⁹⁶⁵ Na ocasião ele dizia que de modo profético que “o que esperamos é que o Ano do Laicato, celebrado com tanto entusiasmo e consciência da identidade e missão dos leigos e leigas na Igreja e no mundo, coloque novamente o relógio para funcionar”.⁹⁶⁶

Na *Evangelii Gaudium*,⁹⁶⁷ o Papa chama a atenção para a passividade de muitos leigos e leigas. Ele diz que isso tem várias causas: a falta de comprometimento de muitos leigos e leigas, as estruturas eclesiais e, com muita força, o clericalismo, que ele acusa como algo grave, uma doença.⁹⁶⁸ Ao nos aproximarmos dos pronunciamentos e documentos do pontificado do Papa Francisco, no que se refere ao laicato, podemos perceber que ele insiste na autonomia que cabe aos leigos e leigas, no exercício da consciência, com responsabilidade em busca de maturidade na comunhão sempre tão desejada, que é frutífera para toda a Igreja. Aqui também podemos nos inspirar em Maria, pois ela rompe com as estruturas, saindo apressadamente para servir a sua prima Isabel (Lc 1,39), livre de todas as amarras.⁹⁶⁹

Maria não foi uma mulher passiva. Lucas retrata Maria como uma mulher de ação, que vai “apressadamente” para uma região montanhosa, em uma viagem profética, visitar sua prima Isabel. Aqui encontramos novamente a visita a um lar doméstico. Com um pouco de imaginação é possível preencher os detalhes deste relato resumido que Lucas faz da visitação. É a única passagem, em todo o

⁹⁶² EG 24

⁹⁶³ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário p. 74-75.

⁹⁶⁴ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário p. 75.

⁹⁶⁵ FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão da América Latina.

⁹⁶⁶ MELLO, A. A., Uma leiga chamada Maria, p. 34.

⁹⁶⁷ EG 102.

⁹⁶⁸ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 75.

⁹⁶⁹ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 75.

Evangelho, em que duas mulheres se encontram e ocupam o ponto central da cena.⁹⁷⁰ Logo depois do encontro com o anjo, Maria partiu às pressas, rumo a região montanhosa, para visitar sua prima, grávida na velhice. Repletas do Espírito, as duas mulheres irrompem em fala grandiosa. Isabel saúda Maria, que por sua vez entoa um cântico profético de louvor a Deus.⁹⁷¹ Ela entrou na casa de Zacarias e saudou sua prima Isabel”.⁹⁷²

Aqui não precisamos imaginar Maria rompendo em louvor profético, quando chegou, depois de uma longa e dura viagem, sem folego e exausta, à porta de Isabel. Provavelmente, depois de animadas boas-vindas, Isabel tivesse oferecido uma boa refeição e uma aconchegante cama à sua prima grávida e cansada da viagem.⁹⁷³ Notemos aqui que a casa é de Zacarias, mas ele está mudo, também, não há a presença de outros homens por perto.

Elizabeth Johnson diz que essa voz masculina calada é altamente incomum nas Escrituras. Nesse vasto silêncio vão eclodir as vozes destas duas mulheres, uma louvando a outra e ambas louvando a Deus. É exatamente no espaço doméstico feminino que acontece o derramamento do Espírito sobre Isabel e Maria.⁹⁷⁴ O silêncio de Zacarias contrasta com o discurso glorioso destas duas mulheres, inspirado pelo Espírito.⁹⁷⁵ Quando pensamos em profetas, não é a imagem de uma mulher grávida que nos vem à mente, contudo aqui encontramos duas dessas profetas grávidas em um ambiente doméstico, tão repletas do Espírito que bradam com alegria, conselhos e esperança para o futuro.⁹⁷⁶

Podemos imaginar que essas duas mulheres, nas semanas seguintes, teriam compartilhado suas experiências de gravidez, pois carregavam em seus corpos a compaixão de Deus que elas profeticamente proclamaram. Fazendo isso, também realçam a capacidade feminina de interpretar para os leigos e leigas a Palavra viva de Deus.⁹⁷⁷ Como a primeira leiga cristã:

⁹⁷⁰ COYLE, K., Maria, tão plena de Deus e tão humana, p. 89.

⁹⁷¹ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 314.

⁹⁷² Na realidade, o encontro das duas mães é o encontro dos dois filhos, a cuja missão elas servem. João Batista recebe o Espírito anunciado em Lc 1, 15, ele inaugura sua missão profética, estremecendo diante do Messias secretamente presente em Maria. Sua mãe Isabel lhe serve como que de intérprete (v. 43). BÍBLIA TEB, Notas Integrais, Tradução Ecumênica, p. 1930.

⁹⁷³ COYLE, K., Maria, tão plena de Deus e tão humana, p. 89.

⁹⁷⁴ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 316.

⁹⁷⁵ COYLE, K., Maria, tão plena de Deus e tão humana, p. 89.

⁹⁷⁶ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 317.

⁹⁷⁷ COYLE, K., Maria, tão plena de Deus e tão humana, p. 90.

Maria é modelo de discipulado e missionariedade porque ela é testemunha da ressurreição e vive a esperança do anúncio. Ela crê, ela espera. É tomada pelo Espírito Santo e vive a relação de fé no mundo, com o mundo e para o mundo; em Deus, com Deus e para Deus. Que ela possa nos fazer fortes na fé e que nos adote em Cristo. Ela que fez o Cristo, falar, ela que ensinou a Jesus caminhar, ela que só viveu para o seu Deus, Maria do povo meu, leve-nos a seu Filho e nos faça discípulos e missionários seus.⁹⁷⁸

4.2.3

Jesus um leigo *laikós* filho de uma leiga

Vamos, aqui, recapitular dados muito antigos da tradição, inscritos no próprio termo “leigo”, que conservam na memória dois traços dessa definição. O “leigo” é o membro do *laós*, isto é, Povo de Deus. O *laikós* é um membro do *laós*, que é todo o povo cristão. Trata-se, aqui, de um conceito positivo, comentado de maneira explícita no Novo Testamento, sobre o sacerdócio real deste povo consagrado a Deus.⁹⁷⁹ “Vós sois a raça eleita, a comunidade sacerdotal do rei, a nação santa, o povo que Deus adquiriu para si” (1Pd 2,9). O que notamos ao refletir com Bruno Forte é que o termo *laikós* não aparece, no Novo Testamento, pois aqueles que se integram nas primeiras comunidades cristãs são chamados de “santos” e “eleitos” e, acima de tudo, de “irmãos”.⁹⁸⁰

Como dissemos anteriormente, talvez Jesus e sua família se dedicassem, em tempo parcial, ao cultivo da terra.⁹⁸¹ Paredes aprofunda o estudo sobre a origem de Jesus ao realizar uma pesquisa a partir de alguns historiadores.⁹⁸² O que sabemos é que Jesus nasceu, cresceu e foi educado na sociedade israelita do século I. Isso quer dizer que Jesus nasceu e viveu em uma sociedade profundamente marcada e configurada pela religião. Sabemos que Jesus era

⁹⁷⁸ KUZMA, C., Maria: modelo do leigo discípulo e missionário, p. 95.

⁹⁷⁹ SESBOÜÉ, B., Não tenham medo, p. 116.

⁹⁸⁰ FORTE, B., Missão dos Leigos, p. 21.

⁹⁸¹ Através de Eusébio, Hegesipo (século II) conta o seguinte: O Imperador Domiciano, suspeitando que alguns netos de Judas, um dos irmãos de Jesus, pudessem alegar que era descendente do rei Davi, fez-lhes um interrogatório. Eles lhe responderam que tudo o que tinham se reduzia a uma pequena extensão de terra, que lavraram com suas próprias mãos. Talvez isso nos transmita alguma memória autêntica da condição camponesa da família de Jesus. PAREDES, J. C. R. G., Mariologia, p. 33.

⁹⁸² Existe um texto na *História Eclesiástica* de Eusébio no qual Hegesipo relata o martírio de Tiago, o justo, a quem ele chamava irmão do Senhor. Devido a ambiguidade e ao estado fragmentário dessa passagem de Hegesipo, assim como o amplo emprego do nome Simão/Simeão entre os judeus nos séculos I a.C. e d.C., não podemos ter certeza se Hegesipo se referia a Simão identificado como irmão de Jesus em Marcos e em Mateus ou se Hegesipo se manteve sempre coerente com as suas afirmações anteriores. PAREDES, J. C. R. G., Mariologia, p. 37.

Galileu.⁹⁸³ Por isso, diziam: “Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia (Mt 21,11).⁹⁸⁴ Diante disso, o que o Novo Testamento afirma, é que o maior e mais desconcertante acontecimento da história, que é a Encarnação do Filho de Deus, ocorreu no contexto e na vida cotidiana de uma família. E não apenas isso; o Deus que se fez homem vive a maior parte de sua vida terrena junto com seus pais e familiares e lhes é submisso (Lc 2,51), no anonimato de uma pequena aldeia como Nazaré, que era praticamente desconhecida.⁹⁸⁵

O fato de Jesus ser qualificado como “Galileu”, antes de tudo, tem a sua importância, porque os habitantes da Galileia nunca tiveram grande influência religiosa como os da Judeia e, mais ainda, como os de Jerusalém.⁹⁸⁶ Na cultura judaica, o que marca a vida da pessoa é a sua forte pertença familiar. Por isso, Jesus sabe e sente sobre si mesmo a pressão da família que tenta controlar o que ele faz e diz.⁹⁸⁷ Além disso, os evangelhos destacam que Jesus quis conviver com os últimos dos últimos. Neste sentido, o que os evangelhos querem deixar claro é que as pessoas que seguiam e acompanhavam Jesus, que se abriam a escutá-lo e caminhavam sempre com Ele, até o final de sua vida, foram justamente as que eram vistas como “[...] a massa carente de orientação e de defesa, a plebe carente de significado político e intelectual”.⁹⁸⁸ O evangelho de João expressa isso muito bem quando qualifica a multidão que segue Jesus como a “plebe que ignora a Lei e é amaldiçoada” (Jo 7,48-49).⁹⁸⁹

Diante disso, Castillo diz que um observador teria que ser cego, para não perceber que de Jerusalém se via a importância da religião e suas observâncias de uma maneira bem diferente da percepção dos que viviam na Galileia.⁹⁹⁰ Pela mesma razão, no grande banquete do Reino não podem entrar os convidados

⁹⁸³ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 135.

⁹⁸⁴ Somente Mateus refere o que as multidões dizem de Jesus (Mt 9,3 e 12,33). Jesus é reconhecido como um profeta (Mt 16,14; Mc 6,15; Lc 7,16.39; 24,19), sem que se objete isso a sua origem da Galileia, como em (Jo7, 52); (Mt 13,57). BÍBLIA TEB, Notas Integrais, Tradução Ecumênica, p. 1866.

⁹⁸⁵ VIVALDELLI, G., Família, p. 576.

⁹⁸⁶ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 135.

⁹⁸⁷ BOFF, Lina., Como Tudo começou com Maria de Nazaré, p. 32.

⁹⁸⁸ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 138.

⁹⁸⁹ “Entre os chefes e os fariseus haverá um só que tenha crido nele? Apenas há essa massa que não conhece a lei, essa gente maldita” (Jo 7, 48-49). Entre o povo simples, depreciativamente chamado pelos mestres *o povo da terra*, que forma a multidão, é que se acham os que creem, ao passo que se acentua a incredulidade das elites exigentes. BÍBLIA TEB, Notas Integrais, Tradução Ecumênica, p. 2012.

⁹⁹⁰ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 140.

oficiais, os eleitos, os prediletos e importantes, mas sim os mais desgraçados e abandonados pela sociedade.⁹⁹¹ Então, quem são os que de verdade conhecem o significado do projeto de Jesus? O “povo simples”.⁹⁹² É um projeto que tem no seu centro a dignidade e a felicidade das pessoas, na alegria de viver, no gozo de viver com alegria tudo de bom e belo que Deus criou e pôs a serviço de todos, até a realidade definitiva.⁹⁹³

No cotidiano, a estrutura da vida na aldeia incluía uma rede de inter-relações. Não só a aldeia toda era compartilhada, mas também todos os equipamentos comuns para processar a colheita. As casas compartilhavam a cozinha comum para cozinhar, partilhavam tudo em comum, ajudavam nos campos uns aos outros, consertavam as casas, as mulheres se ajudavam no momento do parto, cuidavam de seus doentes e de outras necessidades comuns. Se alguém precisava de alguma coisa, os chefes de família faziam trocas entre si. Trocavam mercadorias, sem usar moedas, por exemplo, “três pães por uma cesta de figos”.⁹⁹⁴

Com seu projeto, Jesus deslocou “o lugar do sagrado”: retirou do Templo seus sacerdotes, e da religião suas normas ou ameaças, e colocou o ser humano e as suas relações como lugar do “sagrado”. Aqui está para Jesus de Nazaré o verdadeiro lugar do “sagrado”; neste sentido, o projeto de Jesus foi e será, em sentido verdadeiro, “um projeto ‘laico’, um projeto ‘secular’”.⁹⁹⁵

Neste projeto não existe oposição entre o sagrado e o profano. Isso só existe quando opomos, de um lado, objetos, pessoas, situações, tempos e lugares sagrados, e de outro lado, objetos, pessoas, situações, tempos e lugares que vemos como profanos, isto é, separados de Deus. Isso não é nada evangélico, pois Jesus nos fala que tudo, menos o pecado, pode ser mediação do amor de Deus por nós. É no mundo da vida quotidiana que o amor de Deus se manifesta. Por isso, Jesus não frequentava apenas as sinagogas, mas também, atuava nas barcas, nas margens do lago, nas casas, nas mesas, nas cidades, nos caminhos.⁹⁹⁶

⁹⁹¹ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 141.

⁹⁹² CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 144.

⁹⁹³ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 152.

⁹⁹⁴ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 189.

⁹⁹⁵ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 152.

⁹⁹⁶ CNBB, Doc 105, n. 133b.

Com essa maneira nova de viver, Jesus não se importou com: as rigorosas e complicadas normas sobre a “pureza ritual” (Mc 7,1-7); as proibições sobre os “alimentos” (Mc 7,18-23); as obrigações a respeito do “jejum” (Mc 2,18-22); a desaprovação que recaía, não apenas sobre os “publicanos e pecadores”, mas sobre todos os seus amigos de Jesus, todos os que com ele conviviam, todos que com ele compartilhavam a comida e dividiam a mesa (Mc 2.15-17); os “gentios e infiéis” (Mt 18,17) e também “as prostitutas” (Mt 21,31).⁹⁹⁷ Jesus também rompeu com as normas que limitavam o relacionamento e a convivência com as “mulheres”. Quando ia de povoado em povoado, estava sempre acompanhado de seus discípulos, e entre eles havia um grupo de mulheres (Lc 1,3). Ele não tinha nenhuma dificuldade para se dirigir e falar diretamente com elas, algumas das quais pouco recomendáveis (Lc 8,2).⁹⁹⁸

O projeto de Jesus tem o seu centro e a sua razão de ser no “sagrado” como pessoa (o ser humano, seja quem for e como for), sem diferenças nem desigualdades. Trata-se do “sagrado” como presente no “laico”, o que é comum a todo o *laos*, o povo de Deus, a comunidade cidadã, com a sua pluralidade de pessoas crentes e não crentes, e também com o seu pluralismo de crenças, convicções e práticas diversas.⁹⁹⁹

Por fim, o projeto de Jesus é muito mais exigente de que qualquer projeto religioso, no sentido tradicional ou convencional. Isso porque, qualquer projeto religioso implica um componente necessário, a “distinção”, ao passo que o projeto de Jesus se fundamenta necessariamente na “comunhão”. O Evangelho de Jesus une, supera as distâncias de diferenças, apara as arestas e é sempre compreensivo e tolerante.¹⁰⁰⁰

Como esposa de um *tekton*, palavra grega usada nos evangelhos para caracterizar os carpinteiros, pedreiros, carroceiros e marceneiros que trabalhavam na aldeia, Miriam de Nazaré também trabalhava e fazia parte desse mundo camponês. Além dos trabalhos domésticos, a família provavelmente cultivava também um pedaço de terra para obter os alimentos básicos para o sustento de

⁹⁹⁷ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 164.

⁹⁹⁸ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 164.

⁹⁹⁹ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 166.

¹⁰⁰⁰ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 167.

todos.¹⁰⁰¹ Maria ou Mirian, como ela era conhecida na Galileia, fazia parte desse povo, que era colonizado pelo Império Romano. Como mulher judia, não tinha uma posição social, devido a sua juventude, sua origem familiar pobre e sua condição feminina. A Galileia fazia parte do vasto Império Romano, que cresceu por meio de conquista.¹⁰⁰² Nazaré, uma pequena aldeia agrícola na fértil parte baixa da Palestina, ficava cinco ou seis quilômetros da cidade de Séforis, situada fora da estrada principal. Estudiosos calculam uma população de 300 a 500 habitantes.¹⁰⁰³ Foi exatamente neste lugar que Maria foi envolvida na santidade de Deus. Não se pode estar próximo do mistério de Deus sem assombro, sem estremecimento, sem emoção e sem uma mudança interior. Maria foi a primeira que teve, em atividades cotidianas, preocupações em sua relação ao mistério de Deus. Deus quis assim, não podia ter sido de outra maneira, todas as suas atenções e obrigações de mãe de Jesus a situavam nesta tremenda missão: atender às necessidades do Filho de Deus, pensar nele, cuidar dele, educá-lo, crescer com ele.¹⁰⁰⁴

No movimento que teve origem em Jesus estavam pessoas simples, que sonhavam com uma grande festa familiar:

Muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão com Abraão, Isaac, Jacó no banquete do Reino dos Céus (Lc 6,20; Mc 14,25). A esse banquete festivo se admitem pessoas com deficiências: os dispersos procedentes de lugares distantes, os aleijados, da diáspora, os estrangeiros, que são convidados; os marginais são trazidos para dentro, recolhidos nos caminhos das veredas (Lc 14,23). Não há nenhum problema que venham os coxos, inválidos e cegos.¹⁰⁰⁵

Colocar a fé-confiança no Deus vivo faz parte do processo de conversão diário, que deve ser acompanhado pelo seguimento a Jesus. Jesus faz-se presente na comunidade humana em um gesto central dos seres humanos, a comensalidade. Por isso, a comensalidade humana não é possível onde há exclusões, desqualificações, ameaças, reprovações e outros comportamentos negativos. Com a sua vida ele transformou os comportamentos mais fortes de desumanizações, como a solidão, o abandono e até a traição daqueles que lhe eram mais próximos e

¹⁰⁰¹ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 189.

¹⁰⁰² COYLE, K., Maria, tão plena de Deus e tão humana, p. 74.

¹⁰⁰³ JOHNSON, E., Nossa verdadeira irmã, p. 182.

¹⁰⁰⁴ PAREDES, J. C. R. G., Mariologia, p. 342.

¹⁰⁰⁵ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 328.

mais íntimos, na presença da amizade fiel que jamais falta e nem falha.¹⁰⁰⁶ É dessa maneira que a graça de Deus eleva a história humana. “O Filho de Deus com a sua Encarnação uniu-se, de certa forma, com todo o gênero humano. Trabalhou com mãos de homem, pensou com a inteligência de um homem”.¹⁰⁰⁷

A mesa familiar! Não tenho que ir muito longe para que ela evoque em mim minhas mais belas recordações. Essa mesa das refeições em comum, encontro-a sempre de novo a cada dia que passa. Ela pode fazer-me saborear antecipadamente a alegria dos paraísos eternos. Não te sentaras sobre um trono distante. Que sentido teriam essas magnificências solitárias entre os grupos dos que tu mesmo escolheste? Acaso na ceia eucarística não estás ao alcance de todos e quase à nossa mercê? E, não é ela, como tu mesmo disseste, o prelúdio da festa do céu? Pois essa é a forma que eu desejo ver-te então. Estamos inteiramente de acordo. Teu céu não é uma grande sala de espetáculos: é uma sala de jantar. Numa sala de espetáculos, os vizinhos não contam para nada, e os assentos vazios não incomodam ninguém. Ali não se está em sociedade, e a conversa não é bem-vista. Na mesa, ao contrário, os olhares se cruzam, as perguntas e chistes se entrecrocaram, a alegria de cada um é para todos os demais, e a alegria de todos é para cada um. Teu céu é uma hospitalidade, uma festa.¹⁰⁰⁸

Diante disso, Clodovis Boff diz que Maria é a mulher que encarna a Palavra de Deus, modelo para todos os cristãos e cristãs que vivem hoje a sua história no mundo concreto. Em Maria, a Palavra de Deus se fez carne; ela foi por excelência aquela que acreditou, “nela se cumpriu o que foi dito da Parte do Senhor (Lc 1,45). Isso quer dizer que a fé de Maria foi operante, a fé que opera pela caridade (Gl 5,6). Ela praticou a Palavra ouvida (Lc 11,28), e transformou a Palavra em ação, vida na história.¹⁰⁰⁹ É o que enfatizou o Documento de Puebla, no número 301, “Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se em ideologia e em nacionalismo espiritualista”.¹⁰¹⁰

Hoje, tendo como base o Documento 105 da CNBB e tudo aquilo que se projetou para que leigos e leigas assumam as condições de sujeitos na fé, tendo na figura de Maria um modelo concreto de discipulado e missionariedade, podemos destacar, com alegria, a terceira parte do número 133:

Oposição entre Igreja e mundo. Para muitos a Igreja é vista como um refúgio, arca de salvação, lugar para o encontro com Deus, enquanto o mundo é lugar do pecado, da perdição, da maldade. Por isso, é preciso fugir do mundo e refugiar-se nas

¹⁰⁰⁶ CASTILLO, M. J., Jesus a humanização de Deus, p. 344-345.

¹⁰⁰⁷ GS 22.

¹⁰⁰⁸ SEGUNDO, R. L., Teologia aberta para o Leigo Adulto, p. 80.

¹⁰⁰⁹ BOFF, C., Mariologia Social, p. 469.

¹⁰¹⁰ BOFF, C., Mariologia Social, p. 469.

sacristias, nos conventos, mosteiros, igrejas, templos. Também isso não é evangélico. A novidade maravilhosa da Encarnação nos leva a valorizar este único mundo e esta única história onde vivemos e que nos compete transformar, em unidade com todo o gênero humano. A Igreja está comprometida com este mundo, como sacramento e sinal da salvação misericordiosa de Deus, e, nesta missão, peregrina até que o Reino de Deus se manifeste plenamente em novo céu e nova terra. Não se nega que o mundo é uma realidade ambígua. O Evangelho de João em especial, destaca o mal que, presente nos seres humanos e nas estruturas do mundo, volta-se contra Cristo (Jo 15, 18-19). Em parte, também a Igreja, é condicionada por essa situação, “embora esmagada nem tão pouco vencida”. Mas isso não justifica uma fuga do mundo. Ao contrário, desafia-nos a entender que é a missão da Igreja abrir caminhos de vida em meio aos avanços e conquistas, mesmo ao interior das situações de violência, perseguição e morte no mundo. O mistério da Encarnação nos ajuda a entender, ainda, que a espiritualidade cristã é encarnada, martirial e pascal.¹⁰¹¹

Isso significa, também, que devemos, assim como Maria fez, conjugar na nossa vida duas coisas indivisíveis: a nossa responsabilidade concreta na construção da história humana e a aceitação existencial de sua gratuidade. “Trabalho humano e a Gratuidade de Deus sempre presentes na nossa vida cotidiana”.¹⁰¹²

4.2.4

Como o rosto mariano da Igreja responde aos desafios atuais?

Ora quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou em seu seio e Izabel ficou repleta do Espírito Santo (Lc 1, 39-41).

O rosto mariano da Igreja pode trazer luzes para a identidade cristã do laicato na Igreja e no mundo. A mariologia atual, contextualizada e crítica, contribui para o aprofundamento sobre o cristão e a cristã, leigo e leiga na Igreja. O laicato se fortalece e cresce em autocompreensão e protagonismo a partir de uma abordagem mariológica adequada, que se apresenta na força, ternura e na profecia (qualidades sociais).

Ao considerar os desafios contemporâneos, sejam eles, sociais, morais, espirituais, ecológicos, etc., o rosto mariano da Igreja nos oferece respostas profundas e transformadoras. Vamos nos aproximar de alguns lugares aos quais o rosto mariano da Igreja trazer respostas à vida de fé das leigas e leigos. O primeiro lugar é para o acolhimento e empatia em tempos de polarização. Em um mundo

¹⁰¹¹ CNBB, Doc. 105, n. 133c.

¹⁰¹² SEGUNDO, R. L., Teologia aberta para o leigo adulto, p. 82.

cada vez dividido e polarizado, Maria nos ensina a importância de acolher o próximo com compaixão e empatia. Sua atitude de disponibilidade diante do sofrimento, como vimos anteriormente, inspira os cristãos leigos e leigas a viver na sua cotidianidade o acolhimento ao diferente, aos marginalizados, aos refugiados e a todos aqueles que sofrem. O exemplo de Maria ajuda-nos a ser uma Igreja mais aberta e solidária, especialmente em tempos de crise humanitária. Outro lugar é a humildade e serviço frente ao individualismo. O exemplo de Maria contrasta com as tendências de individualismos e autopromoção. Ela viveu uma vida de humildade e serviço, sempre disposta a servir os outros, como em sua visita a sua prima Isabel. Sua humildade oferece uma resposta ao egoísmo crescente em nossa sociedade, mostrando que a verdadeira grandeza está no serviço ao próximo e na entrega diária à vontade de Deus.

Somos esquecidos. Coisa que já ouvimos demais desvanecem em nossa memória. A memória de Maria permanece tão fresca, ao longo dos séculos, quanto no primeiro dia. Deixemos que ela apareça diariamente diante de nossos olhos, do mesmo modo que ela fica visível diante de algumas crianças escolhidas. Não há abismo algum entre ela e nós; na verdade é como João Evangelista afirma: para o cristão que vive, de fato, a fé e o conhecimento são a mesma coisa. “Nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,69). “Agora vemos que sabe tudo [...] Por isso cremos que saístes de Deus” (Jo 16, 30). A fé é a entrega da pessoa por inteiro; uma vez que Maria, desde sempre, entregou tudo, sua memória foi a tábua perfeita sobre a qual o Pai, através do Espírito, pôde escrever sua Palavra por inteiro.¹⁰¹³

O canto Magnificat é mais um lugar de resposta para o cuidado de nosso planeta. O canto de Maria fala da justiça divina, que exalta os humildes e derruba os poderosos. Em tempos de crise ecológica e desigualdade social, esse aspecto profético do rosto mariano da Igreja nos lembra do compromisso com os pobres e a criação. A postura de Maria pode nos inspirar a dar uma resposta ética e responsável ao cuidado com o nosso planeta, em linha com a encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco:

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que tem a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta.¹⁰¹⁴

¹⁰¹³ BALTHASAR. U. V., Maria para hoje, p. 43.

¹⁰¹⁴ LS 48.

O rosto mariano da Igreja responde com a obediência de Maria à vontade de Deus e com a busca de sentido. Vivemos em uma era marcada pela perda de sentido e pela busca desenfreada por autonomia. O “sim” de Maria à vontade de Deus serve como um convite à confiança em algo maior que o eu. Sua obediência livre e amorosa à missão que lhe foi confiada desafia a mentalidade moderna de autossuficiência, propondo uma liberdade que vem de entregar-se a um propósito divino.

A “humildade da serva”, para qual Deus se digna a olhar, é o local escolhido para todas as mudanças e conversões do mundo, o coração da revolução divina do amor e de sua obra diária de libertação. Maria é a verdadeira teologia da libertação em pessoa, ao realizar, de modo efusivo, a profunda intuição da Antiga, que, com efeito, nela ganha uma profundidade ainda maior.¹⁰¹⁵

O rosto mariano da Igreja responde para a feminilidade e para o papel das mulheres na sociedade. O rosto mariano da Igreja também reflete uma visão elevada da dignidade e do papel da mulher, tanto na Igreja quando no mundo. O exemplo de Maria, que combina força, ternura, profecia e liderança espiritual, pode ajudar a responder à crescente demanda por uma maior valorização e inclusão das mulheres em diversas esferas da vida eclesial e social. Continuando com lugares de respostas que encontramos no rosto mariano da Igreja, não podemos esquecer a fé e a esperança em tempos de crise. Maria é também um símbolo para o laicato em tempos de provação. Ela permaneceu firme na fé, mesmo quando não entendeu completamente os planos de Deus em sua vida. A Igreja, ao assumir o rosto mariano, pode oferecer ao mundo essa mesma esperança e fé em tempos de incertezas e sofrimentos, ajudando as pessoas a encontrarem sentido em meio às crises atuais.

Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. Como uma verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus.¹⁰¹⁶

¹⁰¹⁵ BALTHASAR. U. V., Maria para hoje, p. 60.

¹⁰¹⁶ EG 286.

Com o Papa Francisco encerramos este ponto; portanto, o rosto mariano da Igreja não é apenas uma imagem de devoção, mas uma resposta viva e ativa aos desafios contemporâneos, conduzindo a comunidade de fé a viver no seu cotidiano de maneira mais compassiva, humilde e solidária, um laicato Mariano em ação, que veremos na sequência deste texto.

4.3

Laicato Mariano em “ação”

Maria disse, então: Eu sou a serva do Senhor. Aconteça-me segundo a sua palavra! (Lc 1,38).

Aqui, sempre utilizando o método de Maria, chegamos ao passo do “agir”: é a teologia do laicato mariano em ação. “Eis-me aqui” é o agir... e a hora é agora. É preciso apresentar uma Teologia Mariana do Laicato, fundamentada na mariologia bíblica, na Tradição que nos apresenta Maria como ícone do Povo de Deus, e no Magistério que nos apresenta Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Como primeira leiga cristã, Maria ilumina a identidade do laicato: povo dentro do povo, sacerdócio comum dos fiéis, laicato ministerial com seu carisma, sua vocação e consagração, ministério e missão.

Um laicato mariano forte se dedica a viver o seu testemunho cristão na Igreja e na sociedade, com uma espiritualidade mariana enraizada nos valores do Evangelho. Essa atuação dos leigos e leigas marianos vai além de uma devoção meramente pessoal. É uma fé que se realiza encarnada na história humana e em seus desafios e conflitos atuais. Isso envolve o compromisso ativo na missão evangelizadora da Igreja, com inspiração no exemplo concreto de Maria como primeira discípula e missionária.

Um lugar concreto para o fortalecimento dessa fé encarnada tem sido os Congressos Mariológicos oferecidos pela Academia Marial de Aparecida,¹⁰¹⁷ nos

¹⁰¹⁷ A12, Academia Marial de Aparecida. A Academia Marial de Aparecida, sediada no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (SP), tem por objetivo o cultivo e o desenvolvimento teórico e prático da devoção à Padroeira do Brasil, por meio do conhecimento teológico, evangelizador e pastoral, auxiliado por outros instrumentos de pesquisa e de desenvolvimento sobre Nossa Senhora. Fundada em 16 de julho de 1985, a Academia Marial faz crescer, entre seus associados, uma espiritualidade mariana que dinamiza a vida cristã, fazendo de sua atividade uma contemplação profunda do mistério de Deus, realizado por meio de Maria, e distribuindo, entre os irmãos e irmãs de fé e de esperança, os frutos de seu trabalho. Atualmente, o arcebispo de Aparecida, Dom Orlando Brandes, é chanceler da Academia Marial, a presidência é

últimos anos com apoio da Faculdade Dehoniana¹⁰¹⁸. O 14º Congresso Mariológico foi realizado em Aparecida, em 2024, com o tema central: “A Mariologia do Papa Francisco”. O Congresso trouxe uma reflexão consistente sobre a espiritualidade mariana do nosso Pontífice, que tem sido um grande profeta para as novas gerações. Contempla Maria sempre no meio do povo, como uma Mãe que gera e cuida de seus filhos e filhas com ternura e compaixão, como companheira que impulsiona para a ação. É a partir da piedade popular, vista como uma autêntica espiritualidade, que o Papa partilha conosco uma mariologia cristocêntrica e eclesial.¹⁰¹⁹

No Congresso, Lúcia Pedrosa apresentou uma reflexão sobre “A dimensão social de uma mariologia atual”. Com contribuições de Papa Francisco¹⁰²⁰, sua reflexão aborda a relação entre a devoção mariana e a vida concreta dos cristãos e cristãs na sociedade. Entre várias observações importantes apresentadas em seu artigo, destacamos um ponto que pensamos ser relevante para a nossa reflexão: a crítica do Papa Francisco a uma imagem não cristã de Maria¹⁰²¹. Neste ponto ela destaca que Papa Francisco percebe que não é mais possível continuar com uma imagem idolátrica de Maria¹⁰²².

Como já observamos anteriormente, podemos afirmar que a piedade popular mariana, cultivada predominantemente por leigos e leigas, reforça o protagonismo laical e nos leva a descobrir e valorizar as dimensões seculares de Maria, discípula missionária de Jesus na quotidianidade da vida do Povo de Deus, que caminha entre os povos da terra.¹⁰²³ Os leigos e leigas marianos, com a Maria dos

do reitor do Santuário Nacional, padre Eduardo Catalfo, e a direção executiva, do padre Rosivaldo Motta, CSsR.

¹⁰¹⁸ FACULDADE DEHONIANA. Taubaté, São Paulo. “Por uma fé inteligente, unimos razão e coração”. Credenciada pelo MEC, a Dehoniana possui cursos de Graduação em Teologia e Filosofia. Tem cem anos de tradição na cidade de Taubaté e é bem-conceituada (nota 4) pelo Ministério da Educação.

¹⁰¹⁹ SILVA, U., A Mariologia do Papa Francisco, p. 1.

¹⁰²⁰ PEDROSA-PÁDUA, A Dimensão Social de uma Mariologia atual, p. 107.

¹⁰²¹ PEDROSA-PÁDUA, A Dimensão Social de uma Mariologia atual, p. 121.

¹⁰²² O pior na devoção mariana é desvinculá-la dos Evangelhos! Desencarnar e manipular Maria. Este tipo de devoção não é verdadeiro. Não pode ser fonte de verdadeira mariologia. Esta desencarnação é bem trabalhada na Conferência de Puebla, como já foi mencionado: sem Maria, o Evangelho se desencarna. Qual é então o caminho mariológico de Francisco? Podemos resumir que o Papa articula muito bem a Maria do andor, glorificada, com aquela que é modelo e exemplo para o caminho concreto dos cristãos e cristãs, presente nos Evangelhos. O ponto de partida são os Evangelhos, pois a mãe do Senhor é glorificada precisamente porque viveu como viveu. PEDROSA-PÁDUA, Dimensão Social de uma Mariologia atual, p. 123.

¹⁰²³ MELLO, A., A., Uma leiga chamada Maria, p. 34.

Evangelhos podem se tornar força vital, como “sal na terra e luz no mundo”, movidos por uma devoção mariana enraizada nos Evangelhos. Com a Mãe da Igreja e companheira de caminho, é chegada a hora do laicato mariano.

4.3.1

Urgências: a hora do laicato

Naquele tempo, Maria partiu às pressas, rumo a região montanhosa, para uma cidade de Judá (Lc 1,39).

Na carta, Papa Francisco queixa-se de que, diante da expressão ‘é hora dos leigos’, parece que o relógio parou.¹⁰²⁴

Maria, a primeira leiga cristã, mãe e intercessora e representante fiel do povo de Deus da antiga e da nova Aliança, modelo de tantas virtudes, em especial daquela autêntica secularidade que todos os leigos e leigas estão chamados a viver, intercede certamente nessa intenção. Com ela podemos finalmente exclamar: “Chegou a hora dos leigos marianos!”¹⁰²⁵

“Contudo, pastoralmente falando, podemos esperar que o Ano do Laicato, celebrado com tanto entusiasmo e consciência da identidade e missão, pelos leigos e leigas na Igreja e no mundo, unido ao impulso da piedade popular mariana, em tempo do Papa latino-americano, ponha o relógio novamente para funcionar”.¹⁰²⁶ Esta tese deseja colaborar com este novo impulso.

No contexto atual, essas urgências estão relacionadas a uma série de desafios sociais, culturais e espirituais, que apresentamos na primeira parte deste capítulo, a Igreja vê no laicato uma força vital para responder a esses desafios. Com sua presença nos diversos campos da vida cotidiana, as leigas e leigos têm a capacidade e o compromisso de levar os valores do Evangelho para lugares em que só eles podem estar. O testemunho cristão torna-se fundamental em uma sociedade cada vez mais secularizada e marcada pelo relativismo moral. Assim, leigas e leigos são chamados a testemunhar a fé cristã no seu cotidiano, no trabalho, nas escolas, na política, na cultura ou na família, como vimos nos desafios apresentados.

¹⁰²⁴ FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão da América Latina .

¹⁰²⁵ MELLO, A., A. Uma leiga chamada Maria, p. 34.

¹⁰²⁶ MELLO, A., A. Uma leiga chamada Maria, p. 34.

Essa urgência envolve viver e testemunhar os valores cristãos em meio a um ambiente muitas vezes hostil e indiferente à experiência de fé. Como ser presença cristã em espaços laicos e seculares sem ser marginalizado ou diluir os valores do Evangelho? A ação das leigas e leigos podem testemunhar, por meio da coerência de vida, sendo eles exemplos vivos de caridade, justiça e solidariedade.

Olhemos mais de perto a parábola do joio, pois ela contém, de maneira explícita, uma importantíssima mensagem. Na ambiguidade da história, a semente boa coexiste com o joio. A separação só será realizada no final, no tempo da colheita. Não nos parece forçado pois, aplicar essa parábola à realidade vivida hoje por nós. É necessário, antes de tudo, saber assumir a verdade de nossa ambiguidade radical: boa semente e joio, luz e sombras, o “velho” e o “novo coexistem hoje, no tempo atual. Isso também se pode afirmar a respeito das comunidades eclesiais, da Igreja como um todo e da história humana em geral. Não existe comunidade perfeita e nem pessoas perfeitas. E não se pode dizer que os santos vivenciaram com perfeição o amor a Deus e ao próximo. Precisamente eles, mais do que ninguém, tinham consciência de sua imperfeição, da presença do “velho” em sua própria vida.¹⁰²⁷

As urgências da hora do laicato são um chamado para que as leigas e os leigos, sigam com humildade e atenção o seu chamado, conscientes da presença do joio em si mesmos, assumam com coragem e criatividade o seu papel na Igreja e no mundo. Isso envolve, não apenas viver a sua fé no cotidiano, mas também transformar a sociedade em bases dos valores do Evangelho. Papa Francisco, no sínodo sobre os leigos, destacou que é preciso uma “Igreja em saída”, e os leigos são fundamentais para levar essa missão adiante.

O sínodo sobre os leigos¹⁰²⁸, embora não tenha ocorrido como um sínodo específico, remete às discussões e orientações da Igreja sobre o papel fundamental do laicato, especialmente após o Concílio Vaticano II. Como vimos no Primeiro Capítulo desta tese, trouxe uma renovada compreensão da missão dos leigos e leigas na Igreja e no mundo, destacando que todos os batizados são chamados a ser protagonistas na vida e missão da Igreja, e não apenas os clérigos ou religiosos.

No Segundo Capítulo sinalizamos a importância do Sínodo da sinodalidade de Papa Francisco. Retomaremos aqui as reflexões com o olhar voltado para as

¹⁰²⁷ RUBIO. A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 51.

¹⁰²⁸ O Sínodo dos Bispos sobre os leigos, mais diretamente relacionado à sua missão na Igreja foi o Sínodo de 1987, convocado pelo Papa João Paulo II e teve como tema: “A vocação e a missão dos Leigos na Igreja e no Mundo, vinte anos após o Concílio Vaticano II, refletindo a crescente importância dos leigos na vida e missão da Igreja desde o Concílio”.

urgências atuais e para a hora do laicato.¹⁰²⁹ A proposta central deste Sínodo, convocado por Papa Francisco é promover uma Igreja mais participativa, inclusiva e guiada pelo discernimento comunitário.

O Documento final expressa a consciência de que o chamamento à missão é, ao mesmo tempo, chamamento à conversão de cada Igreja local e de toda a Igreja, na perspectiva indicada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (n. 30). O texto é composto por cinco partes. A primeira, intitulada O coração da sinodalidade, delinea os fundamentos teológicos e espirituais que iluminam e alimentam o que se segue. Reafirma a compreensão partilhada da sinodalidade que emergiu na Primeira Sessão e desenvolve as suas perspectivas espirituais e proféticas. A conversão dos sentimentos, imagens e pensamentos que habitam os nossos corações prossegue juntamente com a conversão da ação pastoral e missionária. A segunda parte, intitulada Na barca, juntos, é dedicada à conversão das relações que constroem a comunidade cristã e configuram a missão no entrelaçamento de vocações, carismas e ministérios. A terceira, “Lançai a rede”, identifica três práticas que estão intimamente ligadas: discernimento eclesial, processos de decisão e cultura da transparência, da prestação de contas e da avaliação. Também em relação a estas, somos convidados a iniciar caminhos de “transformação missionária”, para os quais é urgente uma renovação dos organismos de participação. A quarta parte, sob o título ‘Uma pesca abundante’, descreve como é possível cultivar em novas formas o intercâmbio de dons e o entrelaçamento dos laços que nos unem na Igreja, num tempo em que a experiência de estar enraizado num lugar está a mudar profundamente. Segue-se uma quinta parte, “Também eu vos envio”, que nos permite olhar para um passo indispensável: cuidar da formação de todos no Povo de Deus em sinodalidade missionária¹⁰³⁰.

¹⁰²⁹ FRANCISCO, Lettera del Santo Padre all’Em.mo Cardinale Mario Grech, 14.03.2024, In: Bollettino, Sala Stampa Della Santa Sede. Francisco escreve uma carta ao Cardeal Mario Grech Secretário-geral da Secretaria Geral do Sínodo, para apresentar um Relatório sobre as etapas desse Sínodo. Ainda que longa a citação esclarece de maneira clara e sintética as etapas do processo sinodal. “O Relatório de Síntese da Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, aprovado em 28 de outubro de 2023, enumera múltiplas e importantes questões teológicas, todas em vários graus ligadas à renovação sinodal da Igreja, e não sem repercussões. Estas questões, pela sua natureza, devem ser abordadas com um estudo aprofundado. Não sendo possível realizar este estudo durante a Segunda Sessão (2 a 27 de outubro de 2024), determino que sejam atribuídas a Grupos de Estudo específicos, para que possam ser examinadas adequadamente. Este será um dos frutos do processo sinodal iniciado em 9 de outubro de 2021. No espírito do Quirógrafo por mim assinado no dia 16 de fevereiro, cabe à Secretaria Geral do Sínodo, de comum acordo com os Dicastérios competentes da Cúria Romana, constituir estes Grupos, convocando Pastores e Especialistas de todos os continentes a fazer parte deles, tendo em consideração, não só os estudos já existentes, mas também as experiências mais relevantes em curso entre o Povo de Deus reunido nas Igrejas locais. É importante que os referidos Grupos de Estudo funcionem segundo um método autenticamente sinodal, do que peço que sejas garante. O que foi assim determinado permitirá à Assembleia, na sua Segunda Sessão, centrar mais facilmente a sua atenção no tema geral que na altura lhe atribuí, e que agora pode ser resumido na pergunta: “Como ser uma Igreja sinodal em missão?”. Os Grupos de Estudo apresentarão um primeiro relatório da sua atividade durante a Segunda Sessão e, possivelmente, concluirão o seu mandato até o mês de junho de 2025.

¹⁰³⁰ XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, Documento Final, 26 de outubro de 2024, n. 11.

A sinodalidade proposta por Papa Francisco é a realização de uma dinâmica no movimento do Espírito Santo, “uma Igreja em saída”, processo dinâmico do Espírito que nos conduz a “caminhar juntos” e, com isso, promover uma Igreja mais participativa, inclusiva e guiada pelo discernimento comunitário.

A missão envolve todos os Batizados. A primeira tarefa dos Leigos e Leigas é permear e transformar as realidades temporais com o espírito do Evangelho (cf. LG 31.33; AA 5-7). O processo sinodal, apoiado por um estímulo do Papa Francisco (cf. Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio Spiritus Domini*, 10 de janeiro de 2021), exortou as Igrejas locais a responderem com criatividade e coragem às necessidades da missão, discernindo entre os carismas alguns em que é oportuno que tomem uma forma ministerial, dotando-se de critérios, instrumentos e procedimentos adequados. Nem todos os carismas devem ser configurados como ministérios, nem todos os Batizados devem ser ministros, nem todos os ministérios devem ser instituídos. Para que um carisma seja configurado como ministério, é necessário que a comunidade identifique uma verdadeira necessidade pastoral, acompanhada de um discernimento feito pelo Pastor, juntamente com a comunidade, sobre a oportunidade de criar um novo ministério. Como fruto de tal processo, a autoridade competente assume a decisão. Numa Igreja sinodal missionária, é necessária a promoção de formas mais numerosas de ministérios laicais, isto é, que não requerem o sacramento da Ordem, não só no âmbito litúrgico. Podem ser instituídos ou não instituídos. É preciso também uma reflexão sobre o modo de confiar os ministérios laicais numa época em que as pessoas se deslocam cada vez mais facilmente de um lugar para outro, especificando tempos e âmbitos para o seu exercício.¹⁰³¹

A “sinodalidade”, refere-se ao caminho conjunto que a Igreja deve trilhar, com todos os seus membros, todo o “Povo de Deus”, leigos e leigas, religiosos, padres e bispos, participando ativamente do processo de tomada de decisão e discernindo a vontade de Deus em comunidade.

Aos fiéis leigos, homens e mulheres, devem ser oferecidas mais oportunidades de participação, explorando também outras formas de serviço e ministério em resposta às exigências pastorais do nosso tempo, num espírito de colaboração e corresponsabilidade diferenciada. Do processo sinodal emergem, em particular, algumas exigências concretas às quais é preciso dar resposta de modo adequado aos diversos contextos: a) uma participação mais ampla dos Leigos e Leigas nos processos de discernimento eclesial e em todas as fases dos processos de decisão (elaboração e tomada de decisões); b) um acesso mais alargado dos Leigos e Leigas a cargos de responsabilidade nas dioceses e nas instituições eclesiais, incluindo seminários, institutos e faculdades de teologia, em conformidade com as disposições já existentes; c) um maior reconhecimento e apoio decidido à vida e aos carismas dos consagrados e consagradas e ao seu empenhamento em cargos de responsabilidade eclesial; d) o aumento do número de leigos e leigas qualificados que possuem a função de juizes nos processos canônicos; e) um reconhecimento

¹⁰³¹ XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, Documento Final, 26 de outubro de 2024, n. 66.

efetivo da dignidade e o respeito dos direitos daqueles que trabalham como funcionários da Igreja e das suas instituições.¹⁰³²

Nessa dinâmica, a Igreja torna-se um espaço de escuta mútua, onde as vozes de diferentes grupos, incluindo mulheres, jovens, minorias e pessoas que se sentem à margem da Igreja, todos, todos sejam ouvidos. Nesse processo dinâmico, a Igreja esforça-se e busca para refletir sobre como essas “práticas da escuta” e corresponsabilidade podem ser integradas em sua própria estrutura própria da Igreja, promovendo maior unidade e, principalmente, respeitando a diversidade.

No que se refere especificamente às urgências do laicato, durante o discernimento sinodal, Cesar Kuzma organizou uma obra intitulada “O laicato em uma Igreja sinodal”,¹⁰³³ com o intuito de, juntamente com outros teólogos e teólogas,¹⁰³⁴ contribuir com esse itinerário sinodal, oferecendo ideias e reflexões sobre como os homens leigos e as mulheres leigas podem assumir a sua função na Igreja e no mundo para construir uma Igreja sinodal. Logo no prólogo, Nathalie Becquart explica que a Igreja se encontra em um momento crucial de sua história, ao aceitar uma visão renovada de sua identidade e de sua missão por meio do conceito de sinodalidade.¹⁰³⁵

Lembramos que, em outubro de 2021, o Papa Francisco inaugurou um processo sinodal sem precedentes: “Por uma Igreja sinodal: comunhão participação e missão”. Foi um itinerário de diferentes fases, finalizado em outubro de 2024, a primeira vez em toda a sua história que a Igreja em sínodo quis a participação de todo o Povo de Deus. Essa proposta inclusiva destacou o papel fundamental que o laicato desempenhou em todas as etapas do processo.¹⁰³⁶

¹⁰³² XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, Documento Final, 26 de outubro de 2024, n. 77.

¹⁰³³ Kuzma, que atua como editor e autor do 1º capítulo e da Introdução, comenta a estrutura do livro em duas partes, com oito capítulos cada uma, com um breve resumo e apresentação do autor e autora. O primeiro acerto do livro é que ele se ajusta bem à temática: é sinodal. O primeiro capítulo mostra a sinodalidade como uma perspectiva inclusiva, a partir de uma realidade plural. A participação e a representatividade são palavras-chave. Sujeito eclesial e não destinatário. LLOBERA. A. T. El laicat en una Església sinodal.

¹⁰³⁴ A obra foi escrita por dois sacerdotes, seis homens e oito mulheres de todos os continentes. Prefácio por Nathalie Becquart, secretária do sínodo. KUZMA, C. (editor) El Laicado en una Iglesia sinodal.

¹⁰³⁵ A “sinodalidade”, termo que deriva do grego *syn* (juntos) e *hodos* (caminho), exprime o conceito de caminhar juntos. Representa uma visão dinâmica da identidade da Igreja como “Povo de Deus” que avança em sua história guiados pelo Espírito Santo. NATHALIE. B., El laicado en una Iglesia sinodal, Prologo, p. 8.

¹⁰³⁶ NATHALIE. B., El laicado en una Iglesia sinodal, Prologo, p. 8.

Os desafios para compreender uma Igreja sinodal em saída são grandes. Se Igreja sinodal é uma Igreja onde todos e todas caminham juntos, pergunta-se: nada pode ser excluído desse processo? Esse questionamento faz com que os leigos e leigas se comprometam e tenham voz. É importante observar os aspectos que garantem a participação efetiva de todos e todas em relação à fé batismal e à valorização de cada cristão leigo e leiga e sua ação e participação efetiva na Igreja e na sociedade. É importante também fortalecer o sentimento de pertença de todo o Povo de Deus, os vínculos na comunidade.

Vamos nos aproximar da obra citada acima, para trazer alguns apontamentos que fortalecem a nossa proposta de lançar um olhar para as urgências da hora do laicato. No primeiro capítulo, o autor mostra a sinodalidade como perspectiva inclusiva, a partir de uma realidade diversificada e plural. Destaca também que, desde o início de seu Pontificado, Francisco chama atenção sobre uma Igreja em saída e sinodal. Uma Igreja missionária em sua totalidade que caminha em missão.¹⁰³⁷ Com esse espírito sinodal, somos motivados a refletir sobre a Igreja, suas estruturas, seus processos e sobre o papel que desempenha cada batizado em Cristo e sua atuação. Este é um ponto importante para compreender a proposta eclesiológica do Papa Francisco, o caminho da sinodalidade e o papel que corresponde especificamente ao laicato, nesse processo. Nessa perspectiva eclesial, todos e todas somos parte da Igreja, e todos e todas somos sujeitos eclesiais ativos, todos e todas estamos chamados a assumir o nosso papel batismal e a participar da missão da Igreja. Este é um ponto importante para compreender a proposta eclesiológica do Papa, o caminho da sinodalidade e o papel que corresponde especificamente ao laicato, nesse processo.

Aqui, participação e representatividade são palavras-chave. O laicato atua como sujeito eclesial e não apenas como destinatário¹⁰³⁸. Somente uma Igreja que se entende como Povo de Deus pode ser uma Igreja sinodal, pois esta expressão ilumina a compreensão da totalidade de todos os cristãos em suas diferentes formas de atuação, vocação e ministérios.¹⁰³⁹ Neste ponto, os horizontes abertos

¹⁰³⁷ KUZMA, C. (ed.) *El Laicado en una Iglesia sinodal*, p. 30.

¹⁰³⁸ LLOBERA, A. T. *El laicat en una Església sinodal* (sic! artigo escrito em catalão).

¹⁰³⁹ KUZMA, C. (ed.) *El Laicado en una Iglesia sinodal*, p. 30.

pelo Concílio Vaticano II renovam dois pontos fundamentais: a Igreja em sua totalidade e o *sensus fidei* dos fiéis.

Neste sentido, o Concílio sustenta que os cristãos leigos e leigas são aqueles e aquelas que, mediante o seu Batismo, são incorporados a Cristo e passam a formar parte de todo o povo de Deus. Participam ativamente, à sua maneira, do sacerdócio comum de todos os fiéis, de sua dimensão profética, na construção do Reino de Deus na missão da Igreja¹⁰⁴⁰. Realizam isso no mundo em sua realidade existencial, espaço próprio da sua vocação e missão. Estão presentes no mundo, como homens e mulheres, velhos e jovens, em diferentes espaços de atuação: médicos, advogados, padeiros, domésticas, pais e mães de família e outros. Estão ali como *laikós* (condição que é de todos e todas), membros que pertencem ao Povo de Deus, atuando e transformando as realidades no mundo, impulsionados por uma esperança que é a participação e a construção do Reino de Deus na história humana.¹⁰⁴¹

O laicato, homens e mulheres de fé, não são destinatários e nem objeto da ação da Igreja. Eles são sujeitos eclesiais, autônomos pela liberdade que lhes corresponde, e dela são responsáveis. Assumem, pelo Batismo, o seu compromisso cristão na Igreja e no mundo. Os leigos e leigas, homens e mulheres de fé, são Igreja onde quer que estejam, vivem autenticamente a vocação que receberam no batismo, especialmente nas realidades urgentes, que hoje se revelam no mundo secular, e seus desafios, lugar que atuam como sal na terra e luz no mundo.

Deste modo, levando a sério a definição eclesial da *Lumen Gentium*, especialmente no número 12, afirmamos que não existe subordinação entre leigos e clero, mas sim uma relação de *communio*, com responsabilidade com a missão, inclusive no discernimento e na tomada de decisões da Igreja, que afetarão o seu governo e a sua prática missionária. A Igreja, comunidade de fé, se nutre e cresce através da diversidade de seus ministérios, que atuam livremente desde a perspectiva do Reino de Deus.¹⁰⁴²

Observamos também o que nos pede o Documento *Gaudium et Spes*. A ação missionária do povo de Deus e as especificidades vividas pelos cristãos leigos e leigas apontam muito para essa dinâmica de ação, e é isso que a torna viva e

¹⁰⁴⁰ LG 31.

¹⁰⁴¹ KUZMA, C. (ed.) El Laicado en una Iglesia sinodal, p. 33.

¹⁰⁴² KUZMA, C. (ed.) El Laicado en una Iglesia sinodal, p. 33.

atuante ao longo do tempo – sacramento de salvação na história.¹⁰⁴³ Reforçando esta interpretação, Kuzma aponta para o Documento sobre o *sensus fidei*, de 2014, da Comissão Teológica Internacional, no número 66¹⁰⁴⁴:

Uma vez que a fé de cada fiel participa na fé da Igreja como sujeito que crê, o *sensus fidei (fidelis)* do fiel não pode estar separado do *sensus fidei (fidelium)* ou *sensus Ecclesiae* [da própria Igreja, que recebeu como dom o Espírito Santo e a sua assistência, o *consensus fidelium* constitui um critério seguro para reconhecer se um ensinamento determinado ou uma prática determinada está de acordo com a Tradição apostólica. Portanto, o presente capítulo aborda vários aspectos da *sensus fidei fidelium*. Primeiro, ele considera o papel deste último no desenvolvimento da doutrina e da prática cristãs; depois, duas relações de grande importância para a vida e para a saúde da Igreja, ou seja, entre o *sensus fidei* e o Magistério, e entre o *sensus fidei* e a teologia; finalmente, alguns aspectos ecumênicos do *sensus fidei*.¹⁰⁴⁵

Essa reflexão favorece a ação e a compreensão de uma Igreja Sinodal proposta por Francisco, com participação ativa dos cristãos leigos e leigas, assim como de todas as vocações. Para isso, é fundamental ampliar e melhorar os processos de escuta, participação e representatividade dos fiéis. Isso implica, obviamente, assumir nossa responsabilidade, discernir e cooperar nas decisões da própria Igreja¹⁰⁴⁶. Implica também ser um sujeito ativo no corpo eclesial. Este Povo que, *in credendo*, destaca Papa Francisco,¹⁰⁴⁷ torna-se infalível, porque é guiado pelo mesmo Espírito que guiou Jesus Cristo e que hoje conduz a Igreja,¹⁰⁴⁸, ou seja, esse povo é um sinal, uma realidade visível e presente na história, que oferece o seu testemunho, sua palavra e ação. Portanto, podemos dizer que somos realmente Igreja, uma Igreja peregrina, um povo de Deus a caminho. Mas, com uma característica: um povo que quer sair” às pressas”, como Maria, devido às urgências da missão. É o que veremos a seguir.

4.3.2

Como Maria inspira o laicato na peregrinação da fé?

No capítulo anterior desta tese fizemos uma reflexão sobre a necessidade de resgatar a humanidade de Maria e de assumir junto com ela as exigências pontuais

¹⁰⁴³ GS 12-13.

¹⁰⁴⁴ KUZMA, C. (ed.) El Laicado en una Iglesia sinodal, p. 38.

¹⁰⁴⁵ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *O sensus fidei* na vida da Igreja, 2024, n. 66.

¹⁰⁴⁶ KUZMA, C. (ed.) El Laicado en una Iglesia sinodal, p. 34.

¹⁰⁴⁷ EG 119.

¹⁰⁴⁸ LG 4.

que hoje reclamam presença mais atuante dos leigos e leigas. Diante dos desafios que apresentamos, percebemos ser importante retomar a passagem do Evangelho de Lucas (1,39), quando Maria “sai às pressas” para visitar sua prima Isabel. Isso porque hoje existem causas que não podem esperar. Sair apressadamente tem um significado profundo, especialmente quando refletimos sobre sua aplicação nas realidades que os cristãos e cristãs enfrentam no seu cotidiano. Vamos ao texto: “Naqueles dias, Maria se levantou e foi apressadamente às montanhas, a uma cidade de Judá” (Lc 1,39).

Pretendemos trazer aqui algumas reflexões como uma proposta de ação para os desafios que apresentamos anteriormente. A primeira reflexão é sobre a prontidão de Maria para servir. Ao saber que Isabel está grávida em idade avançada, não hesitou em ir ao encontro dela. Isso nos inspira a agir prontamente para ajudar os outros, especialmente quando percebemos suas necessidades, sem pensar em nós mesmos. Diante do imediatismo que se apresenta, essa atitude de Maria pode iluminar uma disponibilidade para servir e acolher com amor.

Outra reflexão que o texto nos apresenta é sobre como Maria responde à missão que recebeu, ela havia acabado de receber o anúncio do anjo Gabriel, de que seria a mãe do Salvador. Mesmo diante da missão grandiosa que acabara de receber, não permaneceu centrada em si mesma; foi ao encontro de Isabel. Para nós, que vivemos em uma época em que todos “olham para o próprio umbigo”, Maria nos ensina que, ao receber o chamado de Deus, devemos atuar com disposição e prontidão, reconhecendo que nossa missão também envolve o nosso irmão. Afinal, ninguém se salva sozinho.

Seguindo a nossa reflexão, podemos nos unir ao Papa Francisco, que nos convida a viver como uma “Igreja em saída” e, como Maria, apressarmo-nos para o encontro. Aqui a pressa de Maria não é uma ansiedade desordenada, mas uma pressa movida pelo amor e pelo Espírito Santo. Essa atitude de Maria nos ensina a estar sempre prontos para ir ao encontro de Deus e dos outros, com alegria no coração e sem demora, viver uma fé dinâmica, que se move para acolher, escutar e ouvir. Finalizamos nossa reflexão com a comunhão e partilha. O encontro entre Maria e Isabel sinaliza a importância da comunhão entre aqueles que compartilham a mesma fé. Maria e Isabel alegram-se e compartilham suas experiências com Deus. Hoje, para nós, leigas e leigos batizados em Cristo, este é

o caminho a seguir para viver em comunidade, apoiando-nos uns aos outros na caminhada da fé.

“Maria é a mulher orante, trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa senhora da prontidão, a que sai ‘às pressas’ (Lc 1,39) da sua povoação, para ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a Evangelização”.¹⁰⁴⁹ “De Maria aprendemos a paciência de esperar e aguentar apostolicamente em meio a obscuridades e dificuldades da vida de discípulo; com ela experimentamos essa ‘peculiar fadiga do coração’, que leva a ler os sinais dos tempos à luz da fé”.¹⁰⁵⁰ Para o Papa Francisco, Maria é exemplo desse tipo de mãe que é capaz de se cansar ao extremo e enfrentar as situações mais difíceis, chegando à fadiga total, por amor a seu filho. É muito mais que um ‘aperto no coração’. Essa atitude mariana também é fundamental no trabalho missionário.¹⁰⁵¹

Nesta peregrinação evangelização não faltam as fases de aridez, de ocultação e até de um certo cansaço (fadiga), como as que viveu Maria nos anos de Nazaré enquanto Jesus crescia: Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova, da jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber um particular aperto (fadiga) do coração, unido a uma espécie de “noite da fé” – para usar as palavras de São João da Cruz – como que um “véu” através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério.’ ‘Foi desse modo efetivamente que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério de seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé’.¹⁰⁵²

Padre Alexandre Awi, em sua obra, apresenta um exemplo de contribuição e dedicação do Cardeal Bergoglio na busca de aprimorar as reflexões mariológicas no Documento de Aparecida.¹⁰⁵³ Durante a entrevista que generosamente lhe concedeu¹⁰⁵⁴, Papa Francisco pede: “Busca, por favor, a citação exata de Isaac de

¹⁰⁴⁹ EG 288.

¹⁰⁵⁰ RM 17.

¹⁰⁵¹ MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 157

¹⁰⁵² RM 17; EG 287

¹⁰⁵³ MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 158.

¹⁰⁵⁴ Em entrevista concedida ao autor, que foi seu secretário durante a Jornada mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, Papa Francisco descreve seus encontros com Nossa Senhora, desde sua infância até a sua missão atual como Bispo de Roma. Fala de suas orações e devoções marianas preferidas e destaca a importância de Maria na vida da Igreja e dos cristãos, o valor dos santuários marianos e da piedade popular, o lugar da mulher na Igreja e muitos outros temas da atualidade. Indo além da entrevista, o autor consegue desbravar os caminhos que conduzem à mente e ao coração mariano do Papa Francisco e convida o leitor a fazer o mesmo percurso, recorrendo sempre ao cuidado maternal de Maria.

Stella, aquela que fala da relação entre Maria, a Igreja e a alma humana”.¹⁰⁵⁵

Durante a entrevista, na Casa Santa Marta, ele disse:

Não quero me esquecer de mencionar o texto de Isaac de Stella. Aquele que coloquei na exortação (*Evangelli Gaudium*). Na verdade, eu já tinha feito que o colocassem no sínodo, pois eu estava na comissão pós-sinodal do sínodo da Eucaristia e disse: “isso tem que ser colocado aqui” e pronto! Trata-se daquele paralelismo analógico entre o que diz Maria, que se pode dizer da Igreja e da alma. Você se lembra?¹⁰⁵⁶

Padre Alexandre Awi, durante a conversa pessoal com o papa, responde que é claro que se lembra, visto que Bergoglio já havia sugerido que o texto fosse colocado no Documento final da Conferência de Aparecida.¹⁰⁵⁷ O que não aconteceu. Por ser a citação preferida de Bergoglio, é importante, aqui, uma aproximação do texto. Afinal, o que diz o texto? Eis o texto de Isaac de Stella¹⁰⁵⁸:

Recebendo a Boa-Nova, Maria revela-se o tipo ideal da obediência da fé: torna-se ícone vivente da Igreja no serviço da Palavra. Diz Isaac de Stella: “Nas Escrituras, divinamente inspiradas, o que se diz em geral da virgem mãe da Igreja se entende singularmente da Virgem Mãe Maria [...]. A herança do Senhor em modo universal é a Igreja, em modo especial é Maria e em modo particular é a alma do fiel. No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou nove meses; no tabernáculo da fé da Igreja, até ao fim do mundo; no conhecimento e amor da alma fiel, habitará pelos séculos dos séculos (Isaac de Stella, *Sermão* 51: PL 194. 1862-1863.1865).¹⁰⁵⁹

Avançamos nossa reflexão com a obra do Padre Alexandre Awi, aprofundando no pensamento de Isaac de Stella, tão importante e especial para Bergoglio. Ainda segundo Isaac de Stella¹⁰⁶⁰, ambas, Maria e Igreja, são Mãe e virgem, concebem do mesmo Espírito e dão à luz o mesmo Filho. Maria dá à luz a cabeça, e a Igreja dá à luz os membros; Maria dá à luz sem pecado e a Igreja na

¹⁰⁵⁵ MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 158.

¹⁰⁵⁶ MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 160.

¹⁰⁵⁷ Importante registrar que Isaac de Stella aparece na nora nº 64 da Lumen Gentium, referente a LG 64: Isaac de Stella, *Serm.* 31: PL 194, 1863 A.

¹⁰⁵⁸ O pensamento do abade cisterciense ajuda a perceber como se pode unir – como de fato a Igreja em sua reflexão tem unido – *Maria, a Igreja e a alma de cada fiel*. O teólogo medieval, acostumado ao pensar analógico e simbólico, vê as três realidades – Maria, a Igreja e a alma humana profundamente unidas. Em sua teologia, ele parte da ideia de que “Cristo é o único filho de seu Pai” e “n’Ele Deus é nosso Pai”. Somos “filhos no Filho”; há um único Filho por natureza e muitos filhos (nós) por adoção. Da mesma maneira se pode dizer que “Cristo é o único Filho da sua Mãe”; portanto, “por meio de Cristo, Maria é também nossa Mãe. Isaac não falava ainda da maternidade espiritual de Maria, mas seus pensamentos, ainda em pleno século XVII, iam nessa linha. O que Cristo é por natureza, em plenitude e por geração (Filho do Pai e Filho de Maria), nós os somos por associação, por participação, por adoção. MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 164.

¹⁰⁵⁹ MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 163.

¹⁰⁶⁰ *Sermão* 42, *apud* MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 164.

remissão dos pecados; Maria concebe do Espírito Santo para o nascimento do Cristo, e a Igreja para o renascimento dos cristãos, na fonte batismal.¹⁰⁶¹

Seguindo na mesma linha de raciocínio do abade cisterciense, padre Alexandre avança conosco para a compreensão da mariologia de Bergoglio, que tem como raiz o pensamento de Isaac de Stella:

Em outras palavras, em sua teologia mariana, Isaac de Stella faz um paralelo tripartido entre a *Igreja, Maria e a alma fiel*, e trabalha com a distinção entre o *universal*, o *especial* e o *particular*. Dessa forma, o que vale *universalmente* para a Igreja pode ser aplicado de modo *especial* a Maria e um forma *particular* a cada alma fiel. Assim por exemplo, Isaac diz que Cristo quer repousar e encontrar seu tabernáculo em nós em um sentido *particular* (em cada alma fiel), em Maria em um sentido *especial* (veio sobre ela e habitou nela) e na Igreja em um sentido *universal* (habitação de Deus na Igreja). Nesse contexto, Isaac de Stella (*Sermão* 42), fala ainda de “três nascimentos” de Cristo: o nascimento a partir do Pai, o nascimento a partir de Maria e o nascimento a partir da Igreja por meio do batismo. Assim, Cristo quer nascer do Pai para nós (para o nosso bem), a partir de nós (por meio de Maria) e em nós (no coração de cada um de nós, de cada alma fiel, pelo batismo). Dessa forma, há uma perpetuação do mistério de Cristo, que nasce por obra do Espírito Santo e da Virgem Maria, da Virgem Igreja e das nossas almas virginais. A vida e o Mistério de Cristo são perpetuados no tempo através de Maria, da Igreja e de cada um de nós.¹⁰⁶²

Fizemos uma longa caminhada até aqui, com a obra do padre Alexandre Awi, e nosso intento foi debruçar com ele no pensamento de Isaac de Stella, para conhecer a profundidade da mariologia de Papa Francisco. Finalmente, como Papa, ele nos presenteia com suas profundas reflexões mariológicas. Fomos generosamente conduzidos até aqui pelo autor, que se preparou, aprofundou e pesquisou sobre a teologia de Isaac de Stella, para entender conosco a sua profundidade, que é também o pensamento do Papa Francisco finalmente apresentado na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Agora preparados, vamos nos aproximar do texto:

Esta última ligação entre Maria, a Igreja e cada fiel, enquanto de maneira diversa geram o Cristo, foi maravilhosamente expressa pelo Beato Isaac da Estrela: “Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria [...]. Além disso, cada alma fiel é igualmente, a seu modo, esposa do Verbo de Deus, mãe de Cristo, filha e irmã, virgem e mãe fecunda. [...] No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou durante nove meses; no tabernáculo da fé da Igreja, permanecerá até o fim do

¹⁰⁶¹ MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 164.

¹⁰⁶² MELLO, A. A., Ela é minha mãe! p. 168.

mundo; no conhecimento e amor da alma fiel habitará pelos “séculos dos séculos”.¹⁰⁶³

Esta reflexão nos conduz ao cerne da questão de que nos aproximamos, para uma breve análise: “Como Maria pode inspirar o laicato forte na peregrinação da fé? Ela é aquela que, com sua vida de fé, nos ensina a caminhar com esperança e ternura, exultando de alegria no Senhor, Deus nosso Salvador. No nosso batismo somos configurados em Cristo e, com Maria, somos a Igreja de Jesus Cristo, e na ação do Espírito Santo geramos Cristo em nós.

A voz do Senhor ressoa sem dúvida no íntimo do próprio ser de cada cristão, que, graças à fé e aos sacramentos da iniciação cristã, torna-se imagem de Jesus Cristo, insere-se na Igreja como seu membro vivo e é sujeito ativo da sua missão de salvação. A voz do Senhor, porém, também se faz sentir através dos acontecimentos históricos da Igreja e da humanidade, como nos lembra o Concílio: O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, que compartilha juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença e do desígnio de Deus. Pois a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas. Temos, pois, de encarar de frente este nosso mundo, com os seus valores e problemas, as suas ânsias e esperanças, as suas conquistas e fracassos: um mundo, cujas situações económicas, sociais, políticas e culturais, apresentam problemas e dificuldades mais graves do que o que foi descrito pelo Concílio na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. é esta, todavia, a vinha, é este o campo no qual os fiéis leigos são chamados a viver a sua missão. Jesus quer que eles, como todos os Seus discípulos, sejam sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-14). Mas qual é o rosto atual da “terra” e do “mundo”, de que os cristãos devem ser “sal” e “luz”?¹⁰⁶⁴

Na tentativa de responder ao questionamento que o documento nos apresenta, vamos olhar para as duas principais funções do sal na época de Jesus: preservar os alimentos e dar sabor. Sendo assim, viver como cristãos no mundo implica preservar os valores do Evangelho, pois, batizados em Cristo, somos chamados a viver de acordo com os ensinamentos d’Ele e para preservar esses valores em meio a uma sociedade que muitas vezes se afasta dos princípios de amor, justiça e verdade. Isso inclui, principalmente, defender a dignidade humana, promover a paz, a honestidade e a integridade de todos nós. Dar sabor ao mundo: assim como o sal dá o sabor aos alimentos, a vida e a prática cristã devem trazer esse sabor diferente ao mundo: alegria, compaixão, generosidade e esperança. É

¹⁰⁶³ EG 285.

¹⁰⁶⁴ CfL 03.

preciso ser sal na terra e ser um exemplo de integridade, ser uma força que impede a deterioração moral e espiritual ao seu redor, viver de forma íntegra, ajudando a manter os valores éticos em suas comunidades e profissões.

Como ser luz, diante das trevas em que atualmente vivemos? Viver é dar testemunho daquilo em que se crê. Inspirados por Maria, os leigos e leigas seguem fortes na sua peregrinação de fé no mundo, dando testemunho de sua fé em suas ações, vivendo de maneira transparente, sem máscaras e hipocrisias. Levar a esperança para onde há escuridão, viver com humildade e amor, reconhecendo os próprios limites, fazer a diferença, mesmo em silêncio, como Maria fez, ser como ela um reflexo de Cristo vivo e atuando em nós: “Já não sou eu quem vivo, é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20).

4.3.3

Chegou a hora do laicato mariano

Ela entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel (Lc 1,40).

Pe. Alexandre Awi, após refletir sobre o apelo já citado do papa Francisco, que “é chegada a hora dos leigos”, completa de maneira emblemática:

Maria, a primeira leiga cristã, mãe intercessora e representante fiel do povo da antiga e da nova Aliança, modelo de tantas virtudes, em especial daquela autêntica secularidade que todos os leigos e leigas estão chamados a viver, intercede certamente nessa intenção. Com ela podemos finalmente exclamar: *Chegou a hora dos leigos marianos!*¹⁰⁶⁵

Maria recebe a saudação do anjo, sai às pressas para saudar sua prima Isabel e para servir. Papa Francisco avança, e considera “chave” que a fé do nosso povo, suas orientações, buscas, desejos, anseios, quando consegue ser escutado e orientado, terminam por nos manifestar uma genuína presença do Espírito.¹⁰⁶⁶ Por isso, convida os Bispos a confiar no povo, composto de leigos e leigas, em comunhão com os pastores, confiar na sua memória e no seu olfato, confiar “[...] que em e com eles, e que este Espírito não é só propriedade da hierarquia eclesial”.¹⁰⁶⁷ O Papa Francisco, usa assim a pastoral ou piedade popular como

¹⁰⁶⁵ MELLO, A., A. Uma leiga chamada Maria, p. 34. Grifo nosso.

¹⁰⁶⁶ FRANCISCO, Carta Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina .

¹⁰⁶⁷ FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão da América Latina.

“chave hermenêutica” para compreender melhor a ação que se gera quando o santo povo fiel de Deus reza e atua.¹⁰⁶⁸

“Pode-se afirmar que a piedade popular mariana, cultivada predominantemente por leigos e leigas, reforça o protagonismo laical e nos leva a descobrir e valorizar as dimensões seculares de Maria, discípula missionária de Jesus na quotidianidade da vida do Povo de Deus, que caminha entre os povos da terra”.¹⁰⁶⁹

O Papa Francisco tem enfatizado, ao longo de seu pontificado, a importância e o papel central dos leigos na vida e na missão da Igreja. Quando aponta que é chegada a hora do leigo mariano, ele está ressaltando o chamado específico dos leigos a viverem a sua fé à Imagem de Maria, a Mãe de Jesus, que é para nós um exemplo vivo de humildade, serviço e compromisso com a vontade de Deus. Essa ideia reflete vários aspectos da espiritualidade mariana e o lugar dos leigos na Igreja e no mundo.

Maria é exemplo perfeito de humildade e serviço total a Deus. O laicato mariano, inspirado por essa virtude, é motivado a viver de maneira simples, mas com total compromisso com a vontade de Deus, servindo ao próximo. Francisco insiste na importância de uma Igreja que seja próxima das pessoas, uma “Igreja em saída”. O laicato mariano também é chamado a ser um agente ativo na evangelização e na sua atuação no mundo, visto que ele pode chegar a lugares que muitas vezes o clero não tem acesso.

Para dar continuidade a nossa reflexão e, conseqüentemente, na tentativa de fazer uma leitura da realidade atual dos leigos e leigas, vamos nos aproximar de um problema importante que é o clericalismo. Outro ponto importante é o problema atual da santidade leiga no mundo atual. Em suas declarações, Papa Francisco criticou o clericalismo e defendeu a corresponsabilidade de todos os batizados. Sobre isso, ele insiste que os leigos e leigas não devem ser apenas assistentes do clero, mas também protagonistas na evangelização, no serviço aos mais necessitados, em suas famílias, seus trabalhos, na comunidade, e também nas suas realidades temporais.¹⁰⁷⁰

Na encíclica *Evangelii Gaudium*. Ele enfatiza essa realidade, ao chamar os leigos a serem discípulos missionários. Ele alerta que não vivam apenas de uma

¹⁰⁶⁸ FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão da América Latina .

¹⁰⁶⁹ MELLO, A., A. Uma leiga chamada Maria, p. 34.

¹⁰⁷⁰ EG

forma privada, mas que a compartilhem ativamente na sociedade e no seu cotidiano. Além disso, tem incentivado maior presença dos leigos nas estruturas de liderança da Igreja, reconhecendo sua capacidade e carisma para colaborar na tomada de decisão. Podemos perceber que, para Francisco, a ação dos leigos e leigas é vital para que a Igreja cumpra sua missão de ser uma Igreja em saída, próxima das pessoas e principalmente comprometida com os atuais desafios, sociais, culturais e espirituais.

Como vimos anteriormente, precisamos com urgência ampliar os espaços de participação e representatividade dos cristãos leigos e leigas. Quem são os leigos e leigas marianos? Onde estão? Que fazem? Como estão nos lugares onde estão? São perguntas simples, mas fundamentais, que nos ajudam a dar rosto e voz a pessoas concretas, reais, que, assim como Maria, constituem o povo de Deus. Devemos olhar para nossa situação concreta.

Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, apresenta o clericalismo como um dos maiores obstáculos para o dinamismo missionário da Igreja. Ele critica fortemente a tendência clericalista, que reduz o papel de cristãos leigos e leigas a meros auxiliares, em vez de considerá-los protagonistas na missão evangelizadora da Igreja.

A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; nalguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral.¹⁰⁷¹

¹⁰⁷¹ EG 102.

No documento, Francisco diz que o clericalismo enfraquece a participação de leigos e leigas e que dificulta a renovação de seu protagonismo na Igreja e no mundo. Mais uma vez, ele observa que todos os batizados são chamados a ser discípulos missionários, não apenas os clérigos. Ele vê como uma forma de abuso de poder, quando os clérigos assumem uma postura de superioridade em relação aos leigos e leigas. Por outro lado, ressalta que essa postura afeta, tanto os clérigos como os leigos e leigas. Os clérigos podem assumir uma postura autoritária, e os leigos e leigas, por sua vez, podem aceitar passivamente essa situação, descuidando do seu papel ativo na comunidade eclesial. E, teologicamente, ainda pior: desprezando a dignidade concedida no Batismo. Estamos aqui diante de um grande desafio cultural, uma cultura enraizada, que muitas vezes separa os padres dos fiéis e transforma o serviço pastoral em uma forma de domínio e controle que precisa ser superada por todos os cristãos e cristãs, batizados em Cristo.

João Décio Passos fala sobre isso e aponta para uma Igreja de iguais e diferentes.¹⁰⁷² “Para a consciência eclesial pós-conciliar o clericalismo é uma expressão caricatural do clero que tanto clérigos e leigos podem adotar”.¹⁰⁷³ Essa percepção de uma Igreja definida pela diferença e não pela igualdade, em que os padres atuam como detentores de um poder sagrado e os leigos e leigas como destinatários passivos desse poder, configura a base estrutural do clericalismo.

Essa tendência clericalista cresce numericamente especialmente entre a geração do clero mais jovem. Um perfil do clero centrado no poder religioso, na identidade oposta ao laicato, na centralidade da gestão pastoral, no ritualismo litúrgico, no distanciamento dos problemas sociais, na adoção de determinados modelos de vestimentas, na execução moralista das normas, na afirmação da literalidade da doutrina, na reprodução das práticas devocionais do passado e na afinidade com as classes dominantes, torna-se cada vez mais comum nas comunidades eclesiais.¹⁰⁷⁴

Estes dados, que estão visíveis na realidade atual, foram confirmados por Décio Passos, em uma pesquisa já citadas nesta tese, realizada por Brighenti.¹⁰⁷⁵ Diante disso, o desafio apresentado por Francisco como cura para o clericalismo passa por um compromisso renovado com a sinodalidade, com a valorização dos leigos e leigas como sujeitos eclesiais, na promoção de uma Igreja que escuta e

¹⁰⁷² PASSOS. J. D., *La Iglesia de iguales y diferentes*, p. 217.

¹⁰⁷³ PASSOS. J. D., *La Iglesia de iguales y diferentes*, p. 217.

¹⁰⁷⁴ PASSOS. J. D., *La Iglesia de iguales y diferentes*, p. 219

¹⁰⁷⁵ Dados levantados entre o clero e o laicato por uma pesquisa de campo. BRIGHENTI, *O novo rosto do clero*.

aprende com o povo de Deus a caminho, recuperando o verdadeiro sentido do ministério como serviço, e não como privilégio.

Na hora do laicato mariano, com o crescimento das reflexões sobre a atuação dos leigos e leigas, especialmente após o Concílio Vaticano II, a devoção mariana retoma a força da mulher Maria dos Evangelhos, não mais apenas um ato de piedade pessoal, mas como força motriz para a espiritualidade encarnada, nas realidades existenciais e temporais. Uma espiritualidade ativa e comprometida com a prática dos valores do Evangelho no cotidiano de todo o Povo de Deus. É neste sentido, que o laicato mariano pode ser entendido como um chamado para os cristãos leigos e leigas, inspirados pela vida e virtudes de Maria, para que assumam uma postura de liderança, compromisso e participação ativa nos processos de decisão e ação pastoral e comunitária.

Assim como Maria, que foi leiga, discípula e missionária, os cristãos leigos e leigas sentem-se chamados a seguir o seu exemplo, vivendo a sua fé no cotidiano e, com isso, a contribuir para a transformação da sociedade e para o fortalecimento da Igreja, tanto em suas comunidades quanto no mundo.

4.4

“Celebrar” a identidade ministerial do laicato cristão

O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome (Lc 1,49).

Neste ponto vamos procurar reconhecer em Maria a identidade cristã do laicato como presença na Igreja e no mundo. Para desenvolver isso, aprofundaremos sobre o rosto mariano da Igreja com o intuito de compreender que a Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga. O Documento Preparatório para o Sínodo da Amazônia destaca com clareza a necessidade de uma nova ministerialidade na Igreja, adaptada às realidades locais, sobretudo indígenas e ribeirinhas. Essa nova configuração ministerial propõe superar modelos clericalizados e centralizadores, abrindo espaço para ministérios confiados a leigos e leigas, com especial atenção ao protagonismo das mulheres. Reconhece-se que são elas que, em muitos lugares, sustentam a fé das comunidades, atuando como lideranças, catequistas e animadoras da vida eclesial.

O documento aponta que a Igreja precisa valorizar e institucionalizar esses serviços como verdadeiros ministérios, superando resistências históricas¹⁰⁷⁶.

Além disso, o texto insiste na dimensão ecológica da missão da Igreja, afirmando que o cuidado com a Casa Comum é um imperativo teológico, pastoral e espiritual. A ecologia integral, inspirada na *Laudato Si'*¹⁰⁷⁷, exige uma conversão que una justiça social e cuidado ambiental, escutando o grito da terra e dos pobres.

Embora o documento não desenvolva diretamente uma mariologia, nem mencione Maria como modelo explícito dessa nova ministerialidade, é possível entrever em sua lógica pastoral e missionária um espírito mariano: o serviço silencioso, a escuta atenta, a presença firme junto aos pobres, como a de Maria nas bodas de Caná e aos pés da cruz. Assim, Maria pode sim ser compreendida como inspiração para a nova ministerialidade, sobretudo feminina e samaritana, que a Igreja quer promover na Amazônia. O poder na Igreja que é o serviço, emana do sacramento do Batismo, é a índole laical na Igreja dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo. Mostraremos a seguir a importância de resgatar uma cultura eclesial marcadamente laical¹⁰⁷⁸, a identidade cristã de um laicato ministerial.

4.4.1

Maria e o carisma do laicato

Todo cristão é carismático, ele se reconhece e acolhe o dom de Deus. Nenhum batizado tem o direito ao descompromisso, porque cada um é dotado do carisma de viver em serviço a comunhão. Ninguém tem o direito à paralização ou ao saudosismo, porque o Espírito é sempre vivo e atuante, é a novidade de Deus presente no mundo e o Senhor do tempo futuro¹⁰⁷⁹. Não obstante, nas provações e contradições do presente, o povo de Deus já exulta na esperança que a promessa divina nele plantou. Contempla na Virgem Maria as virtudes da fé, esperança e caridade, a sua prefiguração e o triunfo final da Graça de Deus. Maria, membro supereminente da Igreja e de todo singular, é o tipo da comunidade eclesial,

¹⁰⁷⁶ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA, Documento Preparatório do Sínodo da Amazônia: “Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e a Ecologia Integral”, 6-27 de outubro de 2017. III parte n. 12.

¹⁰⁷⁷ LS n. 16, 91, 117, 138, 240.

¹⁰⁷⁸ QAm 94.

¹⁰⁷⁹ FORTE, B., A Igreja Ícone da Trindade, p. 51.

virgem e mãe¹⁰⁸⁰. Como ela, crendo e obedecendo, gerou na terra o próprio Filho do Pai, sem conhecer varão, coberta pela sombra do Espírito Santo¹⁰⁸¹; assim, a Igreja, mediante a Palavra de Deus recebida na fé, torna-se também ela mãe. Pois é pela pregação e pelo batismo que ela gera para a vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus.

Ela é também a virgem que, íntegra e puramente, guarda a palavra dada ao Esposo¹⁰⁸². Como Maria, que avançou em peregrinação de fé e manteve fielmente a sua união com o Filho de Deus até a cruz¹⁰⁸³, a Igreja peregrina na fé e na esperança eleva o seu cântico de louvor ao Senhor pelas maravilhas que Ele já está operando nela (Lc 1, 46). Na comunhão dos santos em Cristo, Maria cuida dos irmãos do seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à pátria feliz¹⁰⁸⁴. Somos cristãos, mulheres e homens que assumem serviços e ministérios e transformam, na ação do Espírito Santo, as realidades do mundo no Reino da verdade e da graça, do amor e da paz. Com Maria, tornam a Igreja consoladora, samaritana, serviçal e maternal.¹⁰⁸⁵

Olhando para ela, os cristãos e cristãs conscientes de viver a sua vida na força do Espírito Santo, percebem que aqueles que Nele creem, são regenerados pela Palavra, pela água e pelo Espírito, são transformados em cristãos, vivem em Cristo no mundo. É graças ao Espírito, que eles pertencem a Cristo, Aquele que é Ungido por excelência, Nele se tornam filhos de Deus e irmãos entre si, no mundo eles são a Igreja de Cristo, presentes no mundo. Portanto, diz o Documento 62 da CNBB, que os cristãos são, antes de tudo, *homo christianus*: “Reconhece, ó cristão, a tua dignidade! Esta é a condição comum de todos os batizados e batizadas em Cristo”.¹⁰⁸⁶

Essa verdade confirma o que falamos anteriormente, todo cristão é carismático. Logo, nos primeiros capítulos, da *Lumen Gentium* encontramos uma proposta de mudanças, dentro em um contexto de igual dignidade de todos os cristãos, e a participação também dos leigos, no tríplice *munus* de Cristo. O cristão

¹⁰⁸⁰ FORTE, B., A Igreja Ícone da Trindade, p. 68.

¹⁰⁸¹ LG 63.

¹⁰⁸² LG 64.

¹⁰⁸³ LG 58.

¹⁰⁸⁴ LG 62.

¹⁰⁸⁵ CNBB, Doc. 62, n.13.

¹⁰⁸⁶ CNBB, Doc. 62, n. 96.

é, agora, apresentado, antes de tudo, como fiel e membro do Povo de Deus, incorporado, pelo batismo, em Cristo e na Igreja, e a partir desses pressupostos fundamentais, realça-se a visão de sua real especificidade: “Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus”.¹⁰⁸⁷

É em Cristo que aos cristãos leigos e leigas têm a graça da palavra, sempre com o fim de torná-los participantes mais aptos de seu múnus profético¹⁰⁸⁸. Nesse contexto, o documento conciliar não explica o que se deve entender por “graça da palavra”, mas por estar imediatamente ligado ao senso de fé, remete-nos ao número doze do capítulo II que, logo após falar do senso de fé, expõe a doutrina do Concílio, no que diz respeito aos carismas do Espírito Santo ao Povo cristão. O texto é bastante claro quando explicita que:

Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus e o orna de virtudes, mas repartindo seus dons “a cada um com lhe apraz (cf. 1 Cor 12,11)”, distribui também entre os fiéis de qualquer ordem graças especiais. Por elas os tornam aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios que contribuem para a renovação e o maior incremento da Igreja, segundo estas palavras: “A cada um é dada a manifestação do Espírito para a utilidade comum (cf. 1Cor 12,7)”.¹⁰⁸⁹

Podemos compreender que a “graça da palavra”, com que Cristo munuiu os cristãos leigos leigas é para que possam participar de sua missão profética, e também para que a força do Evangelho brilhe e se manifeste na vida cotidiana, familiar e social. É, pois, um dom especial do Espírito Santo, que nunca faltará a quem de coração sincero se dedicar ao apostolado do testemunho, “o que a alma é no corpo, isto sejam no mundo os cristãos”.¹⁰⁹⁰

Como já observamos anteriormente, ao dizer que Maria recebe o carisma do laicato, queremos apresentar que ela deve ser vista, como exemplo que nos ensina viver a nossa fé de forma ativa, fiel e corajosa. No mundo de hoje, servindo a Deus, e aos outros, discernindo no seu interior a vontade de Deus em sua vida. Maria ao viver plenamente a sua vocação na realidade secular, encarando todos os desafios de sua época, ensina-nos a viver como servidores de Deus e geradores de

¹⁰⁸⁷ LG 31.

¹⁰⁸⁸ LG 35

¹⁰⁸⁹ LG 12.

¹⁰⁹⁰ KLOPPENBURG, A *Eclesiologia do Vaticano II*, p. 249.

Cristo no meio de nós. Isso nos chama a refletir sobre a santidade universal que se aplica a todos os fiéis.

O que distingue os cristãos leigos e leigas dos demais fiéis? O Documento 62 da CNBB, ajuda-nos a encontrar um caminho para responder essa pergunta. Em primeiro lugar, o Concílio pretende superar a chamada negativa, pela qual o termo leigo, pelo menos desde Tertuliano, adquiriu um sentido técnico de cristão que não pertence ao clero. Para superar esta separação, o Concílio Vaticano II, após estabelecer a identidade cristã (todos os batizados), acrescenta: “exceto os membros da ordem sacra e do estado religioso aprovado na Igreja”.¹⁰⁹¹

Em segundo lugar, o Concílio está interessado em descrever positivamente os cristãos leigos e leigas. Para isso, partindo da ênfase do batismo, vai afirmar a sua incorporação a Cristo, a sua constituição como Povo de Deus, a sua participação na tríplice função de Cristo, consequentemente a sua participação na missão comum de todo o povo cristão, tanto na Igreja como no mundo.

Estes elementos, porém, são comuns a todos os membros da Igreja; por isso, ao afirmá-los, o Concílio acrescenta – sem ainda explicitá-los – dois elementos de caráter distintivo: “a seu modo”, quanto à participação na tríplice função, e “pela sua parte”, quanto ao exercício da missão comum. Não deve passar despercebida a afirmação de que o leigo exerce, pela sua parte, a missão de povo cristão “na Igreja e no mundo”. O concílio supera dessa maneira, a repartição “a Igreja aos clérigos” e o “mundo aos leigos”.¹⁰⁹²

Ainda sobre a índole secular, mesmo deixando claro que os leigos e leigas são cristãos vivendo no mundo, e que por isso, participam a pleno título da missão da Igreja de Cristo, ainda se faz necessário esclarecer qual é a característica própria deles. O capítulo II da *Lumen Gentium* procura descrever essa peculiaridade laical, usando o termo índole secular, embora ainda sujeito a alguns equívocos. Os cristãos leigos e leigas são chamados a evidenciar a missão da Igreja no mundo. Porém, aqui o Concílio faz algumas precisões:

Faz a partir das ‘relações’ dos leigos com os clérigos e religiosos, de um lado, e com a própria realidade do mundo de outro. A primeira: convém que os clérigos se dediquem com maior evidência ao “ministério”. A segunda: os religiosos, por vocação e opção, acentuam a “transfiguração-oblação” do mundo pelo espírito das bem-aventuranças. A terceira: os leigos e leigas tem a “vocação” de procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo a vontade de

¹⁰⁹¹ CNBB, Doc. 62, n. 97.

¹⁰⁹² CNBB, Doc. 62, n. 100.

Deus e, assim possam “contribuir, a modo de fermento, por dentro, para a santificação do mundo”.¹⁰⁹³

O mundo é a vocação primeira do cristão leigos e leigas. Na precisão deste texto conciliar, em relação aos clérigos e aos religiosos, o leigo é o cristão que vive no mundo. Aqui é importante destacar, que também o ministro ordenado e o religioso vivem no mundo. O que aqui se torna diferente é o modo como os cristãos leigos estão presentes no mundo. Eles são chamados por Deus exatamente onde estão, para que, exercendo a sua própria vocação, guiados pelo Espírito do Evangelho, a modo de fermento, possam contribuir para a santificação do mundo. É assim que manifestam Cristo aos outros. Especialmente pelo seu testemunho com a sua vida resplandecente em fé, esperança e caridade, cabe a eles de maneira própria ordenar com a sua vida de fé, as coisas temporais, às quais estão intimamente unidos.¹⁰⁹⁴

Por isso, não se separa a fé que professamos da fé que vivemos. Esse divórcio entre fé professada e a vida cotidiana é um dos maiores equívocos que um cristão pode cometer. Nesta mesma linha, *Gaudium et Spes* confirma: “As profissões e atividades seculares competem propriamente aos leigos e leigas, ainda que não de modo exclusivo”.¹⁰⁹⁵ Superado todo separatismo, o Concílio afirma que toda a Igreja, e não somente os leigos e leigas, está presente no mundo e participa de suas atividades em todos os campos. É neste sentido, que com muito realismo, o Concílio Vaticano II liga a vocação dos cristãos especialmente com o mundo. A exortação *Evangelii Nuntiandi* aprofunda esta questão ao apresentar a missão dos cristãos leigos e leigas no mundo:

O campo próprio de sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e, ainda outras realidades abertas para a evangelização, com sejam, o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento humano e de todo o planeta.¹⁰⁹⁶

Por isso, desenvolvendo as perspectivas já presentes no Concílio, muitos teólogos e teólogas, (alguns deles já citamos alguns nesta tese) tem-se dedicado a

¹⁰⁹³ CNBB, Doc. 62, n. 82.

¹⁰⁹⁴ CNBB, Doc. 105, 100.

¹⁰⁹⁵ GS 43b.

¹⁰⁹⁶ EN 70.

refletir sobre a estrutura social da Igreja em termos de comunidade, carismas e ministérios. O primeiro termo, comunidade inclui tudo o que há de comum a todos os membros da Igreja; e a dupla carismas e ministérios, inclui tudo o que de maneira positiva os distingue. Aprofundado sobre estes termos, o Documento 62 da CNBB, no número 105 apresenta:

É esta, aliás, a perspectiva do Novo Testamento, onde nunca aparece o termo leigo ou leiga, mas sublinham-se os elementos comuns a todos os cristãos e, ao mesmo tempo, valorizam as diferenças carismáticas, ministeriais e de serviço. Neste sentido, os termos que designam os membros do Povo de Deus acentuam a condição comum a todos os renascidos pela água e pelo Espírito: “santos”, “eleitos”, “discípulos”, “irmãos”.¹⁰⁹⁷

Esse texto, amplia a compreensão da ação do Espírito Santo através dos sacramentos e ministérios e a ação do Espírito Santo por meio dos carismas. O que podemos perceber, a partir da reflexão deste texto, é que pode haver também ação divina fora dos sacramentos e dos ministérios. O Espírito Santo não está ligado somente a um determinado grupo de pessoas.¹⁰⁹⁸ O ministério, então, é confiado à responsabilidade de todos que o recebem e acolhem. Os homens e mulheres agora são capazes de viver solidariamente uns com os outros, de acordo com a graça recebida. Quando falamos de Igreja, “sacramento universal de salvação”, dizemos, ao mesmo tempo, “ministério da Igreja”. Portanto, a expressão “ministério da Igreja” coloca num mesmo lugar, em um único dinamismo, a vida interna da Igreja e sua missão no mundo.

Agora é possível aprofundar a reflexão de Kloppenburg, que já observamos no primeiro capítulo desta tese. Imbuídos dessa concepção cristã, no mundo, os cristãos leigos e leigas vivem o seu apostolado mais específico, que é o da animação (a partir da *anima* - Espírito). “Essa ação se manifesta, no interior do ser e do existir, de dentro para fora, no esforço de iluminar com o Espírito cristão a mente e os costumes, as leis e as instituições sociais ou comunitárias, isto é, viver o seu apostolado na restauração das coisas temporais”.¹⁰⁹⁹

Papa Francisco, reforça que Maria é exemplo de discípula e missionária, membro do Povo de Deus. Ela viveu a sua fé de maneira plena e ativa, sempre discernindo, no seu coração, a vontade de Deus na sua vida. A devoção mariana,

¹⁰⁹⁷ CNBB Doc. 62, nº 105.

¹⁰⁹⁸ KLOPPENBURG, A eclesiologia do Vaticano II, p. 249.

¹⁰⁹⁹ KLOPPENBURG, A eclesiologia do Vaticano II, p. 249.

neste contexto, deixa de ser apenas uma prática de veneração, e Maria torna-se um modelo que motiva os cristãos leigos e leigas ao compromisso de viver os valores do Evangelho nas realidades existências de nosso tempo.

Podemos afirmar que a piedade popular mariana, cultivada predominantemente por leigos e leigas, “reforça o protagonismo laical e nos leva a descobrir e valorizar as dimensões seculares de Maria, discípula missionária de Jesus na quotidianidade da vida do Povo de Deus, que caminha entre os povos da terra”¹¹⁰⁰. Como já observamos no capítulo anterior, o sacerdócio de Maria, na verdade, é o sacerdócio comum dos fiéis¹¹⁰¹. Isso não significa que aqueles que têm o sacerdócio ministerial são mais importantes do que ela, pois no Reino de Deus é maior quem serve mais (Mc 10, 42-44). Sua grandeza está relacionada ao fato de ser parte de um povo sacerdotal (1Pd 2,4-10), de um povo *laos*, escolhido e consagrado por Deus, diferentemente das outras nações *éthen*. Além de ser parte, Maria é especialmente a personificação desse povo¹¹⁰². Maria, mulher leiga do povo de Deus. Celebrar o carisma mariano na vida concreta significa viver a sua fé de maneira concreta, que nos leva a vivenciar de forma prática, as virtudes da fé, da esperança e da caridade.

4.4.2

Laicato cristão, um ministério “reconhecido”?

Então Maria disse: Minha alma exalta o Senhor e meu Espírito se encheu de júbilo por causa de Deus, meu Salvador, porque Ele pois os olhos sobre a sua humilde serva (Lc 1,46-48a).

E então Maria cantou. Celebrar com Maria é procurar reconhecer com ela a identidade do laicato como presença na Igreja e no mundo. Aprofundar o rosto mariano da Igreja, para compreender que ela tem uma dimensão fundamentalmente leiga. O sacerdócio de Maria, na verdade, é o sacerdócio comum dos fiéis.¹¹⁰³

Nossa pesquisa procurou aprofundar a dimensão de uma Igreja toda ministerial, buscando olhar para a proposta do Concílio Vaticano II, que se

¹¹⁰⁰ MELLO, A., A. Uma leiga chamada Maria, p. 34.

¹¹⁰¹ LG 10-12.

¹¹⁰² MELLO, A., A. Uma leiga chamada Maria, p. 16.

¹¹⁰³ LG 10-12.

debruçou sobre essa temática, que também foi foco no Documento da CNBB 62. Podemos observar que, quando se falou em ministério, no Documento 62, ainda havia um conceito muito forte de uma *Ecclesia ad intra*.

No entanto, houve um grande esforço para avançar na compreensão do conceito *Ecclesia ad extra*, quando se falou em ministério. Sobre essa dimensão Agenor Brighenti, vai destacar que os cristãos leigos e leigas estão inseridos no mundo porque a Igreja existe no mundo. “Como a missão da Igreja é no mundo, a sinodalidade tem uma dimensão *ad extra*, situando todos os batizados no coração do mundo¹¹⁰⁴.

A projeção da ação *ad intra* diz respeito à pastoral nos diferentes âmbitos da Igreja. A partir da referencialidade da Igreja local estão as ações a serem projetadas na comunidade eclesial e na paróquia, assim como aquelas a serem assumidas pela proposição de iniciativas entre dioceses, em âmbito regional, nacional, continental e universal. Está aqui implicado o povo de Deus nas Igrejas locais e suas organizações e movimentos laicais, demais obras ou instituições da Igreja, assim como o serviço a ser prestado juntamente com outras denominações cristãs.¹¹⁰⁵

Podemos observar, no ministério da eucaristia, que o ministério da música, o ministério da Palavra e até o ministério do catequista ainda são vistos sempre como serviços *ad intra*. Em 2021, Papa Francisco reforçou a importância desse ministério, estabelecendo oficialmente o “Ministério do Catequista”, com a Carta Apostólica *Antiquum Ministerium*. Nela, reconhece a vocação e a missão dos catequistas leigos e leigas, oficializando esse serviço como ministério reconhecido e importante para a Igreja. Para avançar, lançaremos um olhar para o ministério do catequista, reconhecido pelo Papa Francisco na Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio, Antiquum Ministerium*, pela qual o instituiu.

Ministério antigo é o de Catequista na Igreja. Os teólogos pensam, comumente, que se encontram os primeiros exemplos já nos escritos do Novo Testamento. A primeira forma, germinal, deste serviço do ensinamento achar-se-ia nos “mestres” mencionados pelo apóstolo Paulo ao escrever à comunidade de Corinto: “E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, mestres; em seguida, há o dom dos milagres, depois o das curas, o das obras de assistência, o de governo e o das diversas línguas. Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Fazem todos os milagres? Possuem todos o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam? Aspirai, porém, aos melhores dons. Aliás vou mostrar-vos um caminho que ultrapassa todos os outros” (1Cor 12, 28-31). O próprio Lucas afirma, na abertura do seu Evangelho: “Resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expô-los [os factos que entre nós se consumaram]

¹¹⁰⁴ BRIGENTHI, A., Sinodalidade, o jeito de ser Igreja comunhão e participação, p. 121.

¹¹⁰⁵ BRIGENTHI, A., Sinodalidade, o jeito de ser Igreja comunhão e participação, p. 217-218.

a ti por escrito e pela sua ordem, caríssimo Teófilo, a fim de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído” (Lc 1, 3-4). O evangelista parece bem ciente de estar a fornecer, com os seus escritos, uma forma específica de ensinamento que permite dar solidez e vigor a quantos já receberam o Batismo. E voltando ao mesmo tema, o apóstolo Paulo recomenda aos Gálatas: “Mas quem está a ser instruído na Palavra esteja em comunhão com aquele que o instrui, em todos os bens” (Gal 6, 6). Como se vê, o texto acrescenta uma peculiaridade fundamental: a comunhão de vida como característica da fecundidade da verdadeira catequese recebida.¹¹⁰⁶

O ministério do catequista tem raízes antigas e profundas na história da Igreja. Porém, já desde o início podemos observar que a comunidade cristã conheceu uma forma abundante de ministerialidade, concretizada no serviço de homens e mulheres que, obedientes à ação do Espírito Santo, dedicam toda a sua vida à edificação da Igreja.¹¹⁰⁷ Podemos observar que o ministério está presente logo no início da Igreja Primitiva, quando os catequistas, geralmente membros da comunidade cristã, ensinavam a fé aos novos convertidos e preparavam os catecúmenos para o batismo. Isso não diminui em nada a missão própria do Bispo, de ser o primeiro catequista da sua diocese, juntamente com os presbíteros que partilham com ele a mesma solicitude pastoral. É necessário reconhecer a presença dos cristãos leigos e leigas que, em virtude do seu batismo, sentem-se chamados a colaborar com suas vidas, dons, carismas e ministérios, vocações, e com sua presença cristã em mundo contemporâneo desafiador.¹¹⁰⁸

Já a projeção *ad extra* diz respeito ao *caminhar* juntos dos cristãos com toda a humanidade. É a esfera *extra-ecclesia* da atuação dos cristãos, seja como Igreja, seja como cidadãos, na sociedade organizada: no mundo da política, da cultura, da economia, das finanças, do trabalho, dos sindicatos e associações empresariais, das organizações não governamentais e da sociedade civil, dos movimentos populares, das minorias de vários tipos, dos pobres e excluídos etc. A comunhão entre os cristãos quer ser a vivência e o testemunho da realização do plano de Deus que é a comunhão de toda a humanidade, uma fraternidade universal, todos irmãos¹¹⁰⁹.

Papa Francisco reforça a importância de despertar o entusiasmo pessoal de cada batizado e reavivar sua consciência de ser chamado a viver a sua missão na comunidade e no mundo. Isso requer um esforço para escutar voz do Espírito que nunca deixa faltar a sua presença fecunda. O Espírito chama também homens e mulheres para saírem ao encontro de tantas pessoas que esperam conhecer e viver

¹¹⁰⁶ AMi 1.

¹¹⁰⁷ AMi 2.

¹¹⁰⁸ AMi 5.

¹¹⁰⁹ BRIGENTHI, A., Sinodalidade, o jeito de ser Igreja comunhão e participação, p. 218.

a beleza, a bondade e a verdade do testemunho cristão na comunidade e no mundo. É tarefa dos Pastores sustentar esse percurso e enriquecer a vida na comunidade cristã, com o reconhecimento dos ministérios laicais, que contribuem para a transformação da sociedade por meio da “penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico”.¹¹¹⁰

O apostolado laical possui, indiscutivelmente, uma valência secular. Esta exige “procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus” (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 31). A sua vida diária é tecida de encontros e relações familiares e sociais, o que permite verificar como “são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que, só por meio deles, ela pode ser o sal da terra” (*Lumen Gentium*, 33). Entretanto é bom recordar que, além deste apostolado, “os leigos podem ainda ser chamados, por diversos modos, a uma colaboração mais imediata no apostolado da Hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo no Evangelho, trabalhando muito no Senhor” (*Lumen Gentium*, 33).¹¹¹¹

Reconhecido o ministério laical do catequista, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos providenciou a publicação do Rito de reconhecimento do ministério laical de Catequistas. O rito pode ter lugar durante uma Missa ou uma celebração da Palavra, e segue um esquema bem preciso: exortação, convite à oração, texto de bênção e entrega do crucifixo

Papa Francisco com o Sínodo da Sinodalidade, avançou com o reconhecimento do ministério do Catequista, e o que pretendemos em nossa pesquisa é projetar o reconhecimento deste antigo ministério por outros ministérios e serviços antigos e tão importantes na vida cristã no mundo atual, sobre isso, o Documento CNBB 105, destaca que é missão de todo o povo de Deus assumir o compromisso sociopolítico transformador, que nasce do amor apaixonado por Cristo¹¹¹². Avançando sobre o ministério como um serviço cristão no mundo, o Documento vai dar um passo ao dizer, que a atuação dos cristãos leigos e leigas no social e no político deve ser visto também como um “serviço cristão ao mundo, na perspectiva do Reino”¹¹¹³.

Ser cristão, sujeito eclesial, e ser cidadão não podem ser vistos de maneira separada. O Documento de Aparecida, rejeitando este dualismo, ainda presente na mentalidade de muitos, afirma que ‘a construção da cidadania, no sentido mais

¹¹¹⁰ EG 102.

¹¹¹¹ AMi 6.

¹¹¹² CNBB Doc. 105, 161.

¹¹¹³ CNBB Doc. 105, 162.

amplo, e a construção de eclesialidade nos leigos, é um só e único movimento' e levam os cristãos leigos à comunhão e participação na Igreja e à presença ativa no mundo¹¹¹⁴.

Como exemplo, o ministério do advogado e advogada cristãos, o ministério do teólogo e da teóloga cristãos, o ministério do médico e da médica cristãos, o ministério do pai e mãe de famílias cristãs, o ministério dos empresários e empresárias cristãos, e tantos outros que podem também receber, como o ministério dos catequistas, seu reconhecimento e sua celebração. O rito que aqui estamos propondo é uma proposta de celebração de carismas *ad extra*, que segue a mesma dinâmica do rito dos catequistas. Pode ser celebrado durante uma missa ou uma celebração da Palavra, e segue um esquema bem preciso: exortação, convite à oração, texto de bênção e entrega do crucifixo¹¹¹⁵. Finalizando com o método mariano que aqui apresentamos, ver-julgar-agir-celebrar, o celebrar de Maria está no *Magnificat*, uma Igreja sinodal toda ministerial *ad intra* e *ad extra*.

Sim, doravante todas as gerações me proclamarão bem-aventurada, porque o Soberano fez por mim grandes coisas: santo é o seu Nome (Lc 1,48b-49).

Conclusão

Neste último capítulo buscamos fazer uma síntese da questão transversal que nos acompanhou no decorrer de toda a nossa tese: como o rosto mariano da Igreja pode ajudar a compreender a identidade cristã do laicato? Utilizando o método indutivo, como um método próprio de Maria (Ver, Julgar, Agir, Celebrar), foi possível fazer a articulação entre a Teologia do Laicato e o rosto mariano da Igreja. Destes dois afluentes fomos observando o “encontro das águas” em que foi surgindo, aos poucos, a Teologia Mariana do Laicato, que procuraremos retomar de maneira sintética e programática na “Conclusão Geral”.

Maria, com o seu exemplo de fé e de escuta atenta, no discernimento da vontade de Deus na sua vida, orienta-nos a discernir sobre o que consiste em ser discípulos e discípulas de Jesus, diante dos desafios de que aqui nos aproximamos. A mariologia, desta maneira, joga luzes para a valorização da identidade cristã do laicato, iluminando o caminho de toda a humanidade.

¹¹¹⁴ CNBB Doc. 105, 164.

¹¹¹⁵ VALADÃO, D., Conheça o Rito de Instituição dos Catequistas.

5

Conclusão Geral

Chegamos ao final desta pesquisa que teve como objetivo responder à pergunta geradora: “como o rosto mariano da Igreja pode ajudar a compreender a identidade cristã do laicato?”. Na busca por uma resposta fundamentada e consistente encontramos vários elementos para refletir sobre a identidade cristã do laicato à luz do rosto mariano da Igreja. Ao final desse percurso acreditamos ter chegado ao esboço inicial de uma “Teologia Mariana do Laicato”. Com um Primeiro Capítulo, introdutório, e este Quinto Capítulo, conclusivo, discorreremos sobre o tema em três capítulos nucleares.

Teologia do Laicato

No Segundo Capítulo apresentamos as linhas gerais da “Teologia do Laicato”. Recolhemos a contribuição do Concílio Ecumênico Vaticano II, das Conferências do CELAM e dos documentos da CNBB, no que diz respeito à identidade e à missão dos leigos e leigas cristãos, chegando às novas perspectivas abertas pelo Magistério do Papa Francisco.

Vimos como o Concílio Vaticano II promoveu uma abordagem pastoral que reformulou a compreensão da Igreja, enfatizando a dignidade de todos os batizados em Cristo. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é central nesse processo, pois propõe uma visão de Igreja que transcende a hierarquia e destaca o caráter de Povo de Deus, no qual todos têm a mesma vocação cristã. A perspectiva de igualdade, especialmente no que se refere aos leigos, que se apresenta na *Lumen Gentium*, coloca os cristãos leigos e leigas como testemunhas de Cristo, chamados a viver sua vocação no mundo secular, na vida familiar e nas

realidades temporais. A centralidade da vocação à santidade e a participação no tríplice múnus de Cristo (profético, sacerdotal e real) é destacada como uma responsabilidade compartilhada, de todo o Povo de Deus. Em relação ao papel dos cristãos leigos e leigas, o Concílio também introduz uma nova compreensão da ação do Espírito Santo na Igreja, reconhecendo os carismas e ministérios como dons distribuídos entre todos os membros da Igreja, não apenas os ordenados. Isso amplia a visão da Igreja como Corpo Místico de Cristo, onde cada membro, desempenha um papel essencial na missão da Igreja. A reflexão teológica sobre a Igreja como mistério e sacramento, em relação ao mundo, também é um ponto importante. O Concílio propõe que a Igreja não seja vista apenas em termos de suas funções internas, mas como uma presença transformadora no mundo, superando a separação entre o sagrado e o secular, entre o *ad intra* e o *ad extra*. A renovação proposta pelo Vaticano II, portanto, não apenas redefiniu a relação da Igreja com seus membros, mas também sua missão no mundo, com especial ênfase na participação dos leigos como protagonistas dessa missão. A reflexão sobre o Batismo nos conduz a uma compreensão da identidade cristã dos leigos e leigas e do seu compromisso com a missão de Cristo. O Batismo é, portanto, o ponto de partida para uma vida em Cristo, que é o “homem novo”, o modelo perfeito de humanidade. Em Cristo, experimentamos a reconciliação com Deus, a salvação e a vocação à santidade, em um processo dinâmico de transformação que deve ser renovado a cada dia. Ao sermos incorporados ao Corpo de Cristo, somos chamados a viver nossa fé em comunidade, reconhecendo a diversidade dos dons e ministérios, mas sempre na unidade que a graça batismal proporciona. Todos os batizados, sejam leigos ou consagrados, são sacerdotes, pois exercem o sacerdócio comum ao viverem sua vocação de fé, oração e testemunho, consagrando o mundo e suas atividades cotidianas a Deus. O múnus profético se refere à função de dar testemunho da presença de Deus no mundo, sendo todos os batizados chamados a evangelizar com palavras e atitudes. A vocação profética dos cristãos é refletida na vida de Jesus, que foi um porta-voz da Palavra de Deus, e isso se estende aos batizados, que são chamados a ser testemunhas da Boa Nova, comprometendo-se com a evangelização não apenas com palavras, mas principalmente com a vida. O múnus régio destaca que todos os batizados compartilham a realeza de Cristo, mas de uma maneira diferente daquela entendida pelo mundo: a realeza de Cristo é expressa no serviço aos outros,

especialmente aos mais pobres e sofredores. Assim, os cristãos são chamados a reinar e servir, como Cristo fez, vivendo em conformidade com sua vocação de servir com humildade, amor e sacrifício. O batizado participa dessa missão de servir, evangelizar e transformar o mundo à luz do Reino de Deus. Em resumo, a pesquisa realizada, enfatiza a importância do Batismo como o início da vocação cristã, em que os batizados são consagrados para participar ativamente na missão de Cristo como profetas, sacerdotes e reis.

Ainda no Segundo Capítulo apresentamos uma reflexão sobre o laicato nas Conferências Episcopais Latino-americanas, onde encontramos em destaque a importância do papel dos leigos leigas na missão da Igreja, como desdobramentos das conclusões do Concílio Vaticano II. A recepção do Concílio, especialmente na América Latina, foi um processo de renovação e conscientização, com forte contribuição do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM). Este órgão desempenhou um papel crucial na formação pastoral, litúrgica e catequética, promovendo cursos e atividades que ajudaram na transformação da Igreja no continente.

A primeira Conferência Geral, realizada no Rio de Janeiro, em 1955, foi decisiva para o fortalecimento do CELAM e, embora o laicato tenha sido apenas brevemente mencionado, ficou claro que a missão dos leigos deveria ir além da colaboração limitada com os sacerdotes em atos de piedade. O apostolado dos leigos foi destacado como sendo um apostolado missionário, cujo objetivo era expandir o Reino de Cristo em todos os ambientes e setores da sociedade, especialmente nas áreas onde a ação direta dos sacerdotes não alcançava.

Na Conferência de Medellín (1968), o papel do laicato foi mais aprofundado, destacando a urgência de sua atuação como agentes ativos de evangelização e transformação social. Esta conferência representou um momento crucial para a Igreja na América Latina, não apenas por sua análise do contexto socioeconômico do continente, mas pelo esboço inicial do que viria a ser enunciado como “opção preferencial pelos pobres” e pela renovação das estruturas eclesiais. Medellín, situada em um período de grandes transformações sociais, políticas e culturais, abordou a necessidade de a Igreja adaptar-se a essas mudanças, tornando-se uma força não apenas religiosa e moral, mas também política, voltada para a transformação da sociedade. O apostolado dos leigos foi reconhecido como fundamental para essa transformação, com ênfase no papel dos

cristãos leigos e leigas como agentes ativos na evangelização e na construção de um mundo mais justo e solidário. O Documento 10 de Medellín, dedicado ao laicato, apontou a necessidade de uma maior integração dos leigos na Igreja e no apostolado, incentivando o desenvolvimento de pequenas comunidades de base, onde os cristãos leigos e leigas poderiam exercer seus dons e responsabilidades de maneira mais plena. Essas comunidades foram vistas como células iniciais da estrutura eclesial, focadas na evangelização, no testemunho de fé e no desenvolvimento humano. Além disso, Medellín assumiu a eclesiologia conciliar, onde a Igreja foi compreendida como o sacramento universal de salvação, com uma missão de estar a serviço dos pobres, destacando a necessidade de transformação das estruturas eclesiais para melhor atender à realidade do continente. A Pastoral de Conjunto e a promoção das Comunidades Eclesiais de Base foram algumas das grandes inovações dessa Conferência, com a Igreja sendo chamada a agir de forma orgânica e articulada, fortalecendo o papel dos leigos e criando uma “Igreja dos pobres”.

Em dez anos esse novo modo de ser Igreja amadureceu e recebeu enunciados mais explícitos no Documento conclusivo da Conferência de Puebla (1979). Podemos concluir que a Igreja na América Latina vivencia um momento de profunda transformação e conscientização, no qual o papel do laicato se torna cada vez mais central. Puebla, seguindo a linha de Medellín, ressalta a necessidade de uma maior participação dos cristãos leigos e leigas na missão evangelizadora da Igreja, reconhecendo a importância de sua presença tanto na vida interna da comunidade eclesial quanto em sua atuação no mundo. O Documento colocou o laicato como protagonista na evangelização, com ênfase na construção de uma Igreja comprometida com a justiça social e os direitos humanos, especialmente frente aos desafios impostos pela secularização, pelo indiferentismo religioso e pelas profundas desigualdades sociais. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) se destacam como um espaço fecundo para a vivência da fé e a formação de novos ministérios leigos, demonstrando que a Igreja latino-americana está se reconfigurando, com os leigos e leigas tomando para si a responsabilidade de construir, junto com os pastores, uma Igreja mais presente e atuante na realidade social e política. Além disso, a reflexão sobre o laicato em Puebla nos desafia a considerar a formação e o compromisso dos cristãos leigos e leigas como elementos fundamentais para o fortalecimento da missão da Igreja. A

busca por uma formação sólida, que capacite os cristãos leigos e leigas a atuarem de maneira eficaz em sua vocação de transformação social, é um aspecto essencial para garantir um laicato amadurecido e verdadeiramente evangelizador. Puebla reafirma a importância do laicato na Igreja, sublinhando que sua ação é fundamental para que a missão da Igreja seja cumprida de forma plena e eficaz. O Documento aponta para um futuro esperançoso, no qual os cristãos leigos e leigas, em comunhão com os pastores, continuem a ser agentes de transformação no mundo, fazendo da Igreja um espaço cada vez mais inclusivo, solidário e comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, o Documento de Santo Domingo (1992), ao refletir sobre a realidade do laicato, aponta a importância crucial de uma Igreja que reconheça e valorize a missão dos leigos e leigas, tanto na esfera espiritual quanto nas ações sociais e culturais. Ele destaca a necessidade de superar a mentalidade clerical, que ainda prevalece em muitas partes da Igreja, e de promover uma verdadeira conversão pastoral que permita aos cristãos leigos e leigas serem protagonista na nova evangelização. O Documento de Santo Domingo propõe que a Igreja na América Latina seja um espaço onde os cristãos leigos e leigas, com uma formação sólida e um compromisso maduro, desempenhem um papel ativo na evangelização, na promoção humana e na transformação das realidades sociais e culturais. O desafio lançado pelo Documento é, portanto, uma convocação para a superação das mentalidades ultrapassadas e para a vivência de uma fé que se traduz em ação transformadora no mundo.

A 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Aparecida (2007), representou um marco importante para a Igreja na América Latina, especialmente no que diz respeito à valorização do papel dos leigos e leigas na vida eclesial e na evangelização. O discurso inaugural de Bento XVI, ao reconhecer a centralidade da atuação laical no mundo secular, abriu caminho para uma reflexão mais profunda sobre a identidade, vocação e missão do laicato, destacando sua importância não apenas dentro da Igreja, mas também na transformação da sociedade. A participação ativa dos cristãos leigos e leigas, tanto no interior da Igreja quanto na esfera pública, é vista como essencial para a construção de uma sociedade mais justa e para a continuidade da missão evangelizadora. Ao valorizar a formação teológica dos cristãos leigos e leigas e

sua inserção nos diversos setores da sociedade, Aparecida trouxe à tona a urgência de uma Igreja que se renova de dentro para fora, com uma compreensão mais profunda da sua missão no mundo contemporâneo. Esse contexto oferece uma rica base para a reflexão sobre o papel da mariologia na construção de uma identidade do laicato, como apresentamos nesta pesquisa. Maria, como modelo de discípula missionária e protagonista da história da salvação, surge como um ícone fundamental para inspirar o engajamento do laicato na evangelização e no protagonismo social, em consonância com os desafios apontados pela Conferência de Aparecida, alguns deles trabalhado no último capítulo da tese.

Finalizamos o Segundo Capítulo, destacando a Igreja Povo de Deus, que se percebe convocada em Sínodo pelo Papa Francisco a caminho para uma Igreja Sinodal. Com essa convocação, o Papa Francisco convidou toda a Igreja a interrogar-se sobre um tema decisivo para a vida e para a missão da Igreja: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio”. Afirma que há uma nova mística no ar, uma “Fraternidade mística”. Uma mística do andar juntos, olhar nos olhos uns dos outros, ouvir, dialogar e avançar na caminhada. Para isso, precisamos nos encontrar com Jesus Cristo vivo, que nos leva a uma nova qualidade de vida, a vida nova em Cristo. Devemos nos conscientizar do protagonismo dos batizados, dos cristãos, do protagonismo dos seguidores de Cristo. Os cristãos leigos e leigas, homens e mulheres, são chamados, antes de tudo, à santidade. São interpelados a viver, a seu modo, sua santidade no mundo. Diante disso, são interpelados pelo Espírito Santo a cultivar com solicitude a vida interior, a sua relação pessoal com Jesus Cristo vivo, de modo que, iluminados pelo Espírito Santo, em todas as circunstâncias de sua vida, tudo façam para a glória de Deus, para a salvação do mundo e para o bem de todos. A santificação, no seu cotidiano de vida, torna a Igreja “mais”. A reflexão sobre o laicato como sujeito na Igreja e na sociedade evidencia um chamado urgente e profundo à valorização do papel dos cristãos leigos e leigas na missão e na vida da Igreja. A vocação dos cristãos leigos e leigas não é apenas para a santidade pessoal, mas também para a transformação do mundo, atuando nas realidades temporais em busca do Reino de Deus. A Igreja reconhece que o laicato é um sujeito eclesial essencial, com a responsabilidade de levar o Evangelho para além dos muros da Igreja, na vida cotidiana, nas profissões, nas famílias e nas esferas sociais e políticas.

O rosto mariano da Igreja

No Terceiro Capítulo, buscamos aprofundar o significado do “rosto mariano da Igreja”. Iniciamos com uma abordagem do contexto histórico de Maria de Nazaré, destacando a reflexão de autores e autoras que trabalham em suas pesquisas essa dimensão de Maria mulher humana, criatura de Deus, filha de Adão e Eva. Vimos que o Concílio Vaticano II é um grande e decisivo momento de revisão e mudança na vida da Igreja. Com a sua “volta às fontes”, inicia-se uma renovação dogmática, com a releitura dos Dogmas marianos a partir da Bíblia e, com todo esse movimento do Espírito, vai se desmontando uma mariologia com devoções exageradas. Ao inserir Maria no capítulo VIII do Documento da *Lumen Gentium*, ela foi situada no mistério de Cristo e da Igreja, resgatando com isso, a contribuição da teologia bíblica, que havia sido dissociada do discurso sobre Maria, nos últimos séculos.

Visitamos Maria de Nazaré na Bíblia, no seu contexto histórico e situações vitais, como criatura de Deus e representante do Povo Deus. Descrevemos os fundamentos histórico-bíblicos de uma mulher singular, contextualizada na Palestina do século I, engajada em seus afazeres domésticos; aquela que se abre à proposta de Deus em sua vida, com o seu *Fiat*, antropologicamente enraizado, uma mulher do Povo de Deus.

Neste itinerário que escolhemos fazer, foi possível perceber que, na verdade, a vida dessa jovem de Nazaré não foi unicamente marcada por acontecimentos extraordinários; foi exatamente no ordinário da sua vida cotidiana, com os seus afazeres domésticos, que o extraordinário se manifesta. Vimos que Maria e José não eram ricos. Levavam uma vida simples e dura, com todas as tarefas e rotinas do cotidiano. Maria partilhou a situação social humilde da maioria das mães daquele povo, situação que o texto bíblico chama de *tapeinôsis* (Lc 1,48). Não conhecemos qual era o rosto de Maria. Toda a curiosidade sobre seu aspecto físico está intimamente ligada ao fato de que essa mulher concreta havia se tornado a Mãe de Deus. Ela é uma mulher histórica e não uma personagem de um mito, ou de uma lenda, não é fruto de uma fantasia. Portanto, compreender Maria como mulher histórica implica reconhecer a sua humanidade plena, íntegra e integrada, a sua fé inabalável e a sua colaboração ativa no projeto de Deus, sem ignorar o seu contexto.

A afirmação clara da singularidade histórica de Maria não parte de um interesse meramente biográfico. Ela é o ponto do toque do Verbo na Carne. A fé encarnada é fundante para o Cristianismo. Em Maria encontramos o tempo e o lugar da Encarnação. Retomamos essa conclusão no Capítulo Quarto da pesquisa.

Ainda no primeiro momento do Terceiro Capítulo, nos aproximamos de Maria criatura de Deus. Podemos perceber que embora seja filha de Adão e Eva, ela representa a nova humanidade redimida, sendo chamada de a “nova Eva” pelos padres da Igreja. Maria é aquela que cooperou na redenção ao dizer “sim” ao plano divino durante a anunciação, como vimos em Lucas 1,38. Ela é representante de um povo: Filha de Sião. Este olhar “tipológico” foi amadurecido ao longo da Tradição, especialmente na Patrística. Nossa pesquisa fez o exercício de utilizar as duas lentes desses “óculos mariológico”: a *singularidade* e a *tipicidade* de Maria. Sem uma dessas lentes sempre correremos o risco de fazer “mariologia míope”. Para contemplar Maria inteira é preciso considerar sua “pessoa singular” e sua “figura tipológica”.

O Concílio Vaticano II, ao resgatar o título “Filha de Sião”, no seu contexto de um discurso sobre a Virgem Maria, revela a importância de aprofundar os fundamentos bíblicos dessa expressão, como também as suas implicações nos planos teológico, antropológico, ecumênico e pastoral. O título “Filha de Sião”, aplicado a Maria está profundamente enraizado na tradição bíblica e teológica. Este título também, destaca o vínculo de Maria com o povo de Israel. A expressão “Filha de Sião”, como observamos neste capítulo, aparece várias vezes no Antigo Testamento, referindo-se a todo o povo de Israel, em especial no contexto da Aliança, como elemento de esperança e sinal de restauração. Encontramos referências a dois termos significativos para a nossa reflexão sobre Maria, que são: “Humildes e pobres” *anawin* e “Filha de Sião”, figura do povo eleito, que leva consigo a promessa que se cumprirá na plenitude dos tempos (Gl 4,4). A expressão “Filha de Sião” passa a designar inteiro, todo o povo de Israel. Vimos que com essa personificação feminina, de caráter figurativo se quer indicar, ora a região, ora a cidade, ora os habitantes.

Vimos como Deus vai revelando constantemente no Antigo Testamento o seu aspecto maternal com o seu povo. Encontramos ainda, no Antigo Testamento, as grandes figuras das mães de Israel: Sara, Rebeca, Raquel, Tamar, Judite, Mirian, irmã de Moisés, a filha de Sião. São as mulheres que deram à luz um novo

povo de Deus. Com a reflexão de vários historiadores e exegetas, observamos que nos relatos do Antigo Testamento, no que se refere à Promessa, os pais aparecem, com efeito, em primeiro plano, como protagonistas da história, mas as mães também desempenham o seu papel específico. Sara-Agar, Raquel-Lia, Ana-Penina, que são aquelas duplas de mulheres onde se desenha o elemento específico do caminho da promessa.

Avançamos para o Novo Testamento e encontramos Maria como a personificação da Filha de Sião pois: Ela é a primeira a acolher o Messias, Jesus Cristo, cumprindo as promessas feitas ao povo de Israel. No Novo Testamento, Lucas (1,35) e João (1,14) apresentam Maria como a Arca da Aliança, o lugar da perfeita morada do Deus Salvador, mediante a Encarnação do Verbo de Deus no seio virginal de Maria de Nazaré. No episódio da Anunciação narrado em Lucas (1,26-38), o anjo Gabriel a saúda com as palavras que ecoam as profecias: “Alegra-te, cheia de graça”. Lucas (1,28), traz a memória do convite à alegria dirigido à Filha de Sião nos textos proféticos que aqui apresentamos.

Maria como “Filha de Sião”, aparece como a figura representativa de Israel. Ela sintetiza em si a história de fé e espera de todo o Povo de Deus. Portadora das promessas messiânicas, por meio do seu *Fiat*, Maria acolhe e dá ao mundo o Salvador. Um “sim” antropologicamente enraizado. Com o seu *Fiat*, Maria dá início à plenitude do Mistério da Encarnação que se faz presente nela e em toda espécie humana, por adoção. Maria dialoga com o enviado de Deus para conseguir discernir o que iria acontecer. Toda a estrutura da Anunciação é dialogal. Maria aparece como autêntica colaboradora de Deus. Ela reflete em silêncio, pergunta e, finalmente, com o seu consentimento inicia uma longa peregrinação na fé. Ao responder ao apelo de Deus, aceita a Sua proposta com o coração aberto; ela realiza um grande gesto de generosidade e adesão de fé. Totalmente disponível para Deus, Maria une a liberdade da vontade humana com a iniciativa da Graça de Deus, como bem expressa a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB): “Eu sou a serva do Senhor. Aconteça-me segundo a tua palavra” (Lc 1,37).

Maria é símbolo da Igreja de Jesus Cristo plenamente realizada. Também é vista como ícone da Igreja nascente, que acolhe Cristo e o dá ao mundo. No *Magnificat*, a jovem Filha de Sião proclama a misericórdia de Deus (Lc 1,50) e se faz porta-voz do pequeno resto de Israel que aguarda a chegada do Consolador

(Lc 2,25). No canto do *Magnificat*, Maria celebra a fidelidade de Deus ao estabelecer uma nova Aliança, que se concretiza em seu filho Jesus Cristo, esperado desde todo o sempre.

Ainda neste Terceiro Capítulo buscamos compreender “como Maria pode iluminar a identidade da Igreja?”. Vimos que, no Concílio Vaticano II, a teologia concentrou-se em Maria de Nazaré, para despojá-la das confusões e dos exageros que levaram a venerá-la quase como um ser divino, para voltar a vê-la como um ser humano, criatura de Deus. Aqui unimos nosso esforço ao de outros teólogos e teólogas para compreender que a “Maria Mãe de Jesus”, a aldeã de Nazaré, é a mesma “Maria da Glória”. São verdades que se complementam. Com isso, percebemos que uma reflexão antropológica da mulher humana que viveu repleta da presença de Deus, pode auxiliar para a compreensão de que os dons sobrenaturais presentes em Maria de Nazaré não a afastaram de sua condição humana de criatura histórica. Uma reflexão teológica enraizada na história humana, pode contribuir muito para a superação equivocada de glorificar demais Maria. Este equívoco pode levar a pensar que os privilégios especiais que ela recebeu de Deus lhe permitiram viver as tribulações cotidianas da vida sem nenhum esforço. Muito pelo contrário, ela precisou viver e aprender a discernir a vontade de Deus em sua vida. O seu “sim” foi um sim de uma vida inteira de fé. Por isso, acreditamos ser fundamental recuperar estes traços de Maria humana, uma mulher forte e habilidosa, nossa irmã na fé, que não hesitou em profetizar a preocupação de Deus para com os oprimidos. Consequentemente, percebemos, que a vida de Maria foi uma verdadeira jornada humana. Ela buscava compreender os sinais da presença de Deus na vida concreta, sentia ansiedade, tinha que buscar um caminho em cada etapa da sua passagem pela vida.

Ainda neste capítulo visitamos a Patrística para compreender como Maria, com sua fé, se abre à “humanação” de Deus em seu ventre materno. Nossa pesquisa avançou, com a contribuição de teólogos e teólogas, abordando Maria, mulher humana e fiel à vontade de Deus em sua vida. Ela, se abre inteiramente à vontade de Deus, a partir de um deslocamento fundamental em sua vida, contextualizada em seu tempo. Ela supera o lugar de mãe biológica de seu Filho Jesus e passa a ser sua seguidora e primeira discípula missionária. Com isso, ela se torna “modelo” para os cristãos leigos e leigas; Maria perto de nós: o rosto mariano da Igreja. Passamos a compreender Jesus como um leigo filho de uma

leiga chamada Maria, tão perto de Deus e tão perto de nós. Aos poucos fomos identificando com mais clareza as feições do rosto mariano da Igreja de seu Filho Jesus Cristo.

Aos poucos foi ficando mais clara a hermenêutica mariológica que ilumina a identidade da Igreja, e, nela, dos cristãos leigos e leigas. Indicamos alguns autores e autoras que escolheram seguir esta trilha iluminadora, ao abordar a temática do “rosto mariano da Igreja”, como, por exemplo, “uma Igreja com rosto mariano” de Emili Turú, as características primordiais dos cristãos e cristãs de hoje: “ouvir, meditar e praticar a Palavra de Deus”, de Afonso Murad, e, especialmente, “o estilo mariano de evangelizar”, indicado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Com isso, buscamos desvelar importantes componentes do vínculo de Maria com a comunidade eclesial.

Teologia Mariana do Laicato

No Quarto Capítulo, chegamos à síntese de toda a tese: “Teologia Mariana do Laicato”. Buscamos fazer a articulação entre a Teologia do Laicato, apresentada no Segundo Capítulo, e a Teologia Mariana, aprofundada no Terceiro Capítulo, chegando a uma “Teologia Mariana do Laicato”. Buscamos realizar uma pesquisa consistente que possa situar a identidade cristã do laicato no lugar teológico e mariológico que lhe corresponde. Buscamos também ampliar a compreensão de Maria como primeira leiga cristã e nossa irmã no seguimento de seu Filho Jesus Cristo. Uma tradição viva suscita novas e corajosas interpretações, em harmonia com os contextos históricos sempre em constante transformação.

O método que utilizamos na síntese do Quarto Capítulo foi o clássico “ver, julgar, agir, celebrar”. Nesta conclusão poderíamos acrescentar ainda o “rever”. Reconhecemos neste método teológico-pastoral, um método próprio de Maria, insinuado no Evangelho de Lucas 1, na Anunciação do Anjo, visita a Isabel e *Magnificat*. Utilizamos este itinerário metodológico para apresentar uma resposta à pergunta que guiou toda esta tese.

Ver

Inicialmente “olhamos” (*ver*) para alguns desafios que os leigos e leigas cristãos enfrentam no mundo contemporâneo. Para isso, escolhemos alguns “mundos” que desafiam o laicato. Esta escolha não teve a pretensão de dar conta de todas as realidades. É apenas um olhar indicativo para entender o *locus* do laicato com sua identidade cristã de ser “sal na terra e luz no mundo”: mundo plural, mundo das referências da cultura, mundo da família, mundo trabalho, mundo da política, mundo digital e o mundo da comunidade. Estes são apenas alguns mundos com os seus respectivos desafios que exigem do laicato uma fé fundamentada, um compromisso com a prática religiosa e, acima de tudo, uma grande habilidade para conseguir discernir e aprender a responder às complexidades da realidade. Maria viu o anjo Gabriel, mais que isso, ouviu o que ele tinha a propor para a sua vida que teria forte incidência no seu cotidiano. Assim como Maria olhamos para sete lugares onde o cristão leigo está presente. Percebemos em nossa pesquisa, que apesar da insistência dos documentos da Igreja de que o campo de maior atuação dos leigos e leigas é o mundo, na prática, existe uma forte tendência a valorizar, exclusivamente, ou quase, a sua atuação no interior da Igreja. Isso pode prejudicar a tomada de consciência da importância de sua presença como cristão e cristãs nas realidades do mundo. Os leigos e leigas cristãos estão inseridos em diversos “mundos”, onde enfrentam os mais diversos desafios. Escolhemos apresentar apenas alguns destes “arcópagos” que mais se destacam na sociedade atual.

Dividimos a leitura dos “mundos” em duas abordagens interrogativas: Que mundo é esse? Que desafios emergem desse mundo? O primeiro mundo que desafia os leigos e leigas é o mundo plural. São cristãos enraizados no mundo, porém já não é mais aquela pequena aldeia onde todos são católicos apostólicos romanos, onde o prefeito e o padre são os que têm maior autoridade; não é mais assim, Hoje temos diante de nós um mundo fragmentado e plural. Que desafios emergem desse mundo? O Secularismo e a crescente secularização das sociedades ocidentais podem dificultar a prática aberta da fé e a transmissão de valores religiosos. O conceito de secularismo refere-se à separação entre religião e estado, promovendo uma sociedade em que as instituições políticas e públicas operam independentemente da influência religiosa. Com isso, vimos que a crescente secularização das sociedades ocidentais pode, de fato, criar desafios para a prática

de vivenciar a fé e a transmissão de valores cristãos na sociedade, pois a religião passa a ser vista como questão privada e não existencial.

Outro desafio muito presente na sociedade de hoje é o relativismo moral, a ideia de que não existem verdades absolutas que podem entrar em conflito com o testemunho cristão sobre moralidade e ética. As pressões culturais também representam um desafio significativo. O Concílio Vaticano II deu passos importantes, e hoje ainda temos a tarefa e missão de avançar, para descobrir novos caminhos e novos olhares que já foram abertos por ele. Apesar dos grandes avanços na caminhada da Igreja nas últimas décadas, temos ainda, no campo da identidade, da vocação, da espiritualidade e da missão dos leigos e leigas na Igreja e no mundo, um longo caminho a percorrer. Juntos com o Papa Francisco, estamos motivados pela sua proposta de uma “Igreja em saída”, uma chave missionária como vive, ensina e propõe.

O segundo desafio que apresentamos, é a presença no mundo da cultura. Que mundo é esse? No mundo da cultura a diversidade cultural é facilmente perceptível em diferentes perfis de pessoas e grupos. O mundo da cultura pode ser descrito como um conjunto de criações, expressões e práticas simbólicas que refletem e moldam a vida na sociedade. A cultura incorpora todas as formas pelas quais os homens e mulheres interpretam o que vivem para dar um significado à sua existência, tanto na esfera individual como na coletiva.

O leigo e a leiga têm papel fundamental na formação cultural e educacional da sociedade, porque promovem os valores cristãos na arte, na mídia, na ciência e nas instituições de ensino. Eles trazem consigo pertencças sociais, econômicas, políticas, culturais, étnicas, religiosas, convicções, valores, princípios éticos, cosmovisões. Esses múltiplos rostos humanos carregam uma diversidade de vidas e histórias. Sendo assim, o mundo da cultura pode ser, tanto um reflexo, quanto um agente de mudanças nas dinâmicas sociais, políticas e espirituais.

Com isso percebemos que é por meio da cultura que a sociedade encontra uma forma de se expressar e lidar com questões fundamentais da existência humana, como o significado da vida que se realiza nas relações interpessoais que geram uma nova visão de futuro, os leigos e leigas encontram neste lugar grandes desafios. Que desafios emergem desse mundo? No mundo da cultura, onde “crentes e não crentes” podem dialogar. Os leigos e leigas se deparam com o grande desafio de dialogar com o diferente sobre temas fundamentais da ética, da

arte, da ciência e sobretudo com a busca da transcendência. Vimos que diante desse desafio o Papa Francisco exorta à “cultura do encontro”, numa harmonia pluriforme.

Outro desafio que apresentamos é a presença no mundo da família. Que mundo é esse? A família deve ser um espaço de acolhimento. A diversidade deve ser respeitada, em um lugar onde todos os seus membros, independentemente de suas circunstâncias, se sintam amados e valorizados. A oração em família, a participação da vida da Igreja e a vivência dos sacramentos fortalecem os laços familiares dos cristãos leigos e leigas e auxiliam as famílias a enfrentarem todas as suas dificuldades com fé e esperança. Que desafios emergem desse mundo? Hoje as famílias encontram dificuldades econômicas, fragmentação dos laços familiares e pressão social para se adaptarem a novos modelos que estão aí e que precisam ser acolhidos. Outros desafios são o aumento do custo de vida, o desemprego e a desigualdade econômica, fatores que afetam diariamente a vida dos leigos e suas famílias. Nesse ambiente, muitas famílias lutam para tentar equilibrar suas demandas financeiras, pagar moradia, cuidar da educação e da saúde, o que muitas vezes pode causar estresse e muitas tensões dentro do lar.

As famílias enfrentam um cenário desafiador, mas também têm oportunidade de crescimento e fortalecimento, se forem capazes de se adaptar e viver os valores do Evangelho, no amor e no compromisso cristão. A família de Nazaré viveu muitos desafios. O Evangelho de Lucas desafia-nos a valorizar as famílias como o lugar da chegada de Deus entre nós. As dificuldades atuais podem ser enfrentadas com as mesmas virtudes que sustentaram a fé de Maria e José: fé, confiança em Deus, fidelidade e amor.

A presença no mundo do trabalho é outro desafio. Que mundo é esse? O leigo é chamado a viver os valores cristãos no ambiente de trabalho, na sua vida profissional, sendo justo, honesto e ético. Deve ser um exemplo de caridade, respeito e solidariedade para seus colegas e para a sociedade. A realidade que o cristão encontra no mundo do trabalho é marcada por um cenário em que ele precisa conciliar a sua fé com as demandas profissionais, em um ambiente cada dia mais competitivo, diversificado e totalmente secularizado. Ele encontra também, no mundo do trabalho, pluralidade de crenças. Convive com várias pessoas, muitas delas sem nenhuma religião. Essa realidade, por vezes, pode criar um contexto de diversidade religiosa, e o cristão leigo e leiga precisa saber

conviver com respeito e diálogo, sem querer impor aquilo em que crê e vive e sem comprometer a sua identidade cristã. Que desafios emergem desse mundo? Desemprego: este é um grande desafio que os cristãos leigos e leigas enfrentam em várias dimensões práticas, que acabam por afetar também a sua dimensão espiritual. Apesar dos desafios, os cristãos leigos e leigas encontram forças para enfrentar o desemprego. Na perspectiva cristã, o valor da pessoa não está apenas no que ela faz, mas em quem ela é aos olhos de Deus. Essa visão pode proporcionar esperança e consolo em tempos difíceis, além de motivar uma busca por formas criativas de contribuir para o bem comum, mesmo fora do emprego formal.

O ensinamento social da Igreja, que reforça o compromisso com políticas e práticas que combatam o desemprego, deve promover o bem-estar de todos que estão nessa situação. Enfrentar o desemprego, portanto, não é apenas um desafio econômico; pode ser também um convite ao fortalecimento da fé, à prática da solidariedade e à confiança na providência divina. Jesus trabalhou com mãos humanas e aprendeu o seu ofício de carpinteiro com José. “Não é esse o filho do carpinteiro?”

Outro desafio que apresentamos é a presença na sociedade e na política. Que mundo é esse? Sociedade e Política. O leigo cristão é chamado a contribuir para a transformação da sociedade, promovendo a justiça, a paz e o bem comum. Pode participar ativamente da política e de movimentos sociais, sempre pautado pelos princípios da fé cristã. O desafio neste contexto da política é quando os leigos e leigas são chamados para o exercício da cidadania de maneira consciente, inspirados pelos valores do Evangelho e pelos ensinamentos da Doutrina Social da Igreja, que propõe a vocação política como serviço ao bem comum.

O mundo da política é complexo e dinâmico, visto que influencia todos os aspectos da vida em sociedade. Envolve a disputa por poder, a busca pelo bem comum e a criação de políticas que afetam diretamente a vida das pessoas. Embora enfrente desafios como a corrupção, a polarização e a desconfiança, a política continua sendo o principal mecanismo para a resolução de conflitos e para promoção de justiça social e de desenvolvimento humano. Diante disso, é fundamental a participação ativa de cristãos leigos e leigas conscientes de serem cidadãos atuando como Igreja no mundo. Sua atuação é essencial para a saúde das democracias e também para garantir que o poder seja exercido conforme os

valores dos Evangelho, em benefícios de todos. Que desafios emergem desse mundo? Manter a coerência entre a fé e ação política é, com certeza, um dos maiores desafios para os cristãos inseridos no mundo da política. Isso porque a política é frequentemente um ambiente marcado por concessões e negociações que podem ir contra os valores cristãos. Manter a integridade em meio a essas pressões é um desafio constante, porque muitas vezes é necessário tomar decisões difíceis que podem gerar críticas ou até um isolamento do político cristão de seus colegas de caminhada.

A presença no mundo digital não poderia ficar de fora dos desafios que aqui apresentamos. Que mundo é esse? Podemos perceber um mundo que começou como uma nova proposta de comunicação, uma mídia, a internet o computador, depois o celular, e que agora se tornou um ambiente, um mundo, um mundo digital povoado de algoritmos nas fronteiras da inteligência artificial. Que desafios emergem desse mundo? Neste mundo digital, os cristãos leigos e leigas enfrentam uma série de desafios diante das novas mediações que acontecem nos meios de comunicação, especialmente com o advento das redes sociais, da comunicação digital e da influência que a mídia exerce na formação de valores. Neste lugar, o protagonismo dos cristãos leigos e leigas precisa ser colocado em destaque.

Um último desafio que apresentamos foi a presença na comunidade. Que mundo é esse? Na comunidade o leigo participa da vida comunitária, tanto na paróquia quanto em grupos sociais, sendo chamado a promover a justiça social, a caridade e o bem comum. Ele pode contribuir com atividades pastorais, obras de caridade e evangelização. Mesmo não sendo clérigo, o leigo tem uma função vital também dentro da Igreja, participando das celebrações litúrgicas, dos sacramentos, da catequese e da missão evangelizadora. Que desafios emergem desse mundo? Os cristãos leigos e leigas encontram diversos desafios para viverem suas vidas na presença de Jesus Cristo entre os crucificados no mundo da pobreza e das exclusões. Eles se esforçam com determinação e caridade para levar o Evangelho aos excluídos pela sociedade, e isso requer sensibilidade e respeito por essa realidade. Esse mundo é muitas vezes marcado pela exclusão, pela violência e pela violação dos direitos humanos. Neste lugar, os cristãos enfrentam o desafio de testemunhar a fé de maneira que possa contribuir para a promoção da justiça social.

O Evangelho de Lucas ajuda-nos a compreender como Maria, José e Jesus viviam em comunidade, especialmente no contexto da tradição judaica. Como vimos no capítulo anterior, a vida nos clãs se dava com a participação ativa de todos nas celebrações comunitárias e religiosas, como todos os desafios e dificuldades da vida familiar e comunitária exigem.

Julgar

Após descrever todos estes desafios nos perguntamos: “Como Maria ilumina a realidade laical” (*judgar*)? Como o rosto mariano da Igreja responde aos desafios apresentados? Maria é mulher humana, fiel à vontade Deus, com o seu discernimento e suas virtudes ela nos revela um laicato mariano forte, em ação, e as urgências da hora do laicato mariano, fortes na peregrinação de fé. Foi o momento de resgatar alguns princípios mariológicos aprofundados já no Terceiro Capítulo. Aproximamo-nos de Maria como uma leiga cristã, modelo perfeito do laicato discípulo missionário. Buscamos discernir como a pessoa de Maria pode servir de inspiração para o modelo de sermos cristãos leigos e leigas no mundo de hoje, como verdadeiros discípulos missionários. Esta relação de Maria com a realidade laical mostra-nos que a Igreja tem uma dimensão fundamentalmente leiga. Essa relação de Maria com a realidade laical é profundamente inspiradora para todos os cristãos leigos e leigas.

Ao viver uma vida simples, fiel e dedicada a Deus no meio do povo, Maria encarna muitas características que os leigos e leigas são chamados a viver em sua própria realidade. Ela é modelo de santidade no cotidiano, pois a viveu no contexto familiar e doméstico, na sua vida ordinária, o que é especialmente relevante para os leigos e leigas, que também são chamados a viver a sua fé em seus ambientes cotidianos. Ela joga luzes no caminho de santidade o que ajuda leigos e leigas a perceberem que o seu existir na presença de Deus não exige gestos extraordinários, mas uma resposta fiel e constante à vontade de Deus na simplicidade da vida diária. Maria ajuda a discernir os sinais da presença de Deus na história humana com esse olhar afinado com o olhar de Deus. A prontidão de Maria em dizer “sim”, estendida para a vida toda de fidelidade ao plano de Deus é um exemplo poderoso para os leigos e leigas.

Como Maria inspira o laicato na peregrinação de fé? Trouxemos aqui algumas reflexões como uma proposta de ação para os desafios que apresentamos

anteriormente. A primeira reflexão é sobre a prontidão de Maria para servir (mariologia do avental de Emilli Turú). Ao saber que Isabel está grávida em idade avançada, não hesitou em sair ao encontro dela. Isso nos inspira a agir prontamente para ajudar o próximo, especialmente quando percebemos suas necessidades, sem pensar em nós mesmos. Diante do imediatismo que se apresenta hoje, essa atitude de Maria pode iluminar uma disponibilidade para servir e acolher com amor.

Outra reflexão que o texto apresenta é sobre como Maria responde à missão que recebeu, ela havia acabado de receber o anúncio do anjo Gabriel, de que seria a mãe do Salvador. Mesmo diante da missão grandiosa que acabara de receber, não permaneceu centrada em si mesma; foi ao encontro de Isabel. Para nós, que hoje vivemos em uma época em que todos olham para o próprio umbigo, Maria nos ensina que, ao receber o chamado de Deus, devemos atuar com disposição e prontidão, reconhecendo que nossa missão também envolve o nosso irmão. Afinal ninguém se salva sozinho.

Agir

É chegada a hora do laicato mariano em ação (*agir*). É preciso transformar essa perspectiva em identidade ministerial do laicato. Leigos e leigas, a exemplo de Maria, recebem por vocação cristã o “carisma” do laicato mariano cristão, que incide em uma realidade ministerial a serviço da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se realiza aqui e agora. No contexto atual, as urgências da hora do laicato estão relacionadas a uma série de desafios sociais, culturais e espirituais, que apresentamos na primeira parte deste capítulo. A Igreja vê no laicato uma força vital para responder a esses desafios. Com a sua presença nos diversos campos da vida cotidiana, os leigos e leigas têm a capacidade e o compromisso de levar os valores do Evangelho para lugares em que só eles podem estar. Como vimos, o testemunho cristão torna-se fundamental em uma sociedade mais secularizada e marcada por relativismo moral.

Essas urgências implicam em viver e testemunhar os valores cristãos em meio a um ambiente muitas vezes hostil e indiferente à experiência de fé. Como ser presença cristã em espaços laicos e seculares sem ser marginalizado ou diluir

os valores do Evangelho? A ação dos leigos e leigas podem testemunhar, por meio da coerência de vida, sendo eles exemplos vivos de caridade, justiça e solidariedade.

As urgências da hora do laicato são um chamado para que leigos e leigas, sigam com humildade e atenção o seu chamado, conscientes da presença de joio em si mesmos, assumam com coragem a criatividade do seu papel na Igreja e no mundo. Isso envolve não apenas viver a fé no cotidiano, mas também transformar a sociedade em base aos valores do Evangelho. Papa Francisco no sínodo sobre os leigos, destacou que é preciso uma “Igreja em saída”, e os leigos são fundamentais para levar essa missão adiante.

A sinodalidade proposta por Papa Francisco é a realização de uma dinâmica no movimento do Espírito Santo, “uma Igreja em saída”, é um processo dinâmico do Espírito que conduz a “caminhar juntos” e, com isso, promover uma Igreja mais participativa, inclusiva e guiada pelo discernimento comunitário. A sinodalidade, refere-se ao caminho conjunto que a Igreja deve trilhar, com todos os seus membros, todo o “Povo de Deus”, leigos e leigas, religiosos, padres e bispos, participando ativamente do processo de tomada de decisão e discernindo a vontade de Deus em comunidade.

Nessa dinâmica, a Igreja torna-se espaço de escuta mútua, onde as vozes de diferentes grupos, incluindo mulheres, jovens, minorias e pessoas que se sentem à margem da Igreja, todos, todos sejam ouvidos. Nesse processo dinâmico, a Igreja esforça-se e busca refletir sobre como essas “práticas da escuta” e corresponsabilidade podem ser integradas em sua própria estrutura, promovendo com isso, maior unidade e, principalmente, respeitando a diversidade. Os desafios para compreender uma Igreja sinodal em saída são grandes. Se Igreja sinodal é uma Igreja onde todos e todas caminham juntos, pergunta-se: nada pode ser excluído de processo? Esse questionamento faz com que os leigos e leigas se comprometam e tenham voz. Aqui aprofundamos um aspecto importante que garante a participação efetiva de todos e todas em relação a fé batismal e a valorização de cada cristão leigo e leiga e sua ação e participação efetiva na Igreja e na sociedade.

Com esse espírito sinodal, somos motivados a refletir sobre a Igreja, suas estruturas, seus processos e sobre o papel que desempenha cada batizado em Cristo e sua atuação. Este é um ponto importante para compreender a proposta

eclesiológica do Papa Francisco, o caminho da sinodalidade e o papel que corresponde especificamente o laicato, nesse processo. Nessa perspectiva eclesial, todos e todas somos parte da Igreja, e todos e todas somos sujeitos eclesiais ativos, todos e todas estamos chamados a assumir o nosso papel batismal e a participar da missão da Igreja. Este é um ponto importante que apresentamos na nossa pesquisa, para compreender a proposta eclesiológica do Papa, o caminho da sinodalidade e o papel do laicato, nesse processo. O laicato atua como sujeito eclesial e não apenas como destinatário. Somente uma Igreja que se entende Povo de Deus pode ser uma Igreja sinodal, pois essa expressão ilumina a compreensão da totalidade de todos os cristãos em suas diferentes formas de atuação, vocação e ministérios.

Como vimos, neste ponto, os horizontes abertos pelo Concílio Vaticano II renovam dois pontos importantes: a Igreja como totalidade e o *sensus fidei* dos fiéis. Neste sentido, o Concílio sustenta que os cristãos leigos e leigas são aqueles e aquelas que, mediante o Batismo, são incorporados a Cristo e passam a formar parte de todo o Povo de Deus. Participam ativamente, à sua maneira, do sacerdócio comum de todos os fiéis, de sua dimensão profética, na construção do Reino de Deus na missão da Igreja. Realizam isso no mundo em sua realidade existencial, espaço própria da sua vocação e missão. Estão presentes no mundo, como homens e mulheres, velhos e jovens, em diferentes espaços de atuação: médicos (as), advogados (as), padeiros (as), domésticas (os), pais e mães de famílias e outros.

O laicato, homens e mulheres de fé, não são destinatários e nem objeto da ação da Igreja. Eles são sujeitos eclesiais, autônomos pela liberdade que lhes corresponde, e dela são responsáveis. Assumem, pelo Batismo, o seu compromisso cristão na Igreja e no mundo. Os leigos e leigas, homens e mulheres de fé, são Igreja onde quer que estejam, vivem autenticamente a vocação que recebem no Batismo, especialmente nas realidades urgentes, que hoje se revelam no mundo secular, e seus desafios, lugar que atuam como sal na terra e luz no mundo.

Seguimos nossa reflexão, nos unindo ao Papa Francisco, que nos convida a viver como uma “Igreja em saída” e, como Maria, apressarmo-nos para o “encontro”. Aqui a pressa de Maria não é uma ansiedade desordenada, mas uma pressa movida pelo amor e pelo Espírito Santo. Essa atitude de Maria nos ensina a

estar sempre prontos para ir ao encontro de Deus e dos outros, com alegria no coração e sem demora, viver uma fé dinâmica, que se move para acolher, escutar e ouvir. Finalizamos nossa reflexão com a comunhão e partilha. O encontro entre Maria e Isabel sinaliza a importância da comunhão entre aqueles e aquelas que compartilham a mesma fé em Cristo. Maria e Isabel alegram-se e compartilham suas experiências com Deus. Hoje, para nós, leigos e leigas batizados em Cristo, este é o caminho a seguir para viver em comunidade, apoiando-se uns aos outros na caminhada de fé.

Celebrar

Para compreender toda a grandeza e dignidade da natureza e missão dos cristãos leigos e leigas precisamos dirigir o nosso olhar para Maria. Olhando para ela encontramos a realização da existência cristã. É assim que a mariologia joga luzes para a valorização da identidade cristã dos cristãos leigos e leigas, iluminando o caminho de toda a humanidade. Na Teologia Mariana do Laicato, a realidade é o lugar da Encarnação do Verbo de Deus no seio de Maria. Por isso, auxiliados pela mariologia, os cristãos, leigos e leigas, são chamados a vivenciar, assim como ela, no seu dia a dia, o mistério da Encarnação. Quem sabe essa vocação tipicamente laical não poderia ser também “reconhecida” pela Igreja? É uma simples proposta celebrativa que lançamos ao final do Quarto Capítulo.

Rever

O percurso aqui descrito, de maneira bastante sintética, indica alguns elementos iniciais para uma Teologia Mariana do Laicato que seja capaz de fundamentar a identidade de leigos e leigas para além de um cristianismo genérico, sem ministerialidade, onde se busca o reconhecimento por atividades de suplência intra eclesiais. Ser leigo e leiga cristão, afinal, é um “pouco mais”.

A pergunta: “como o rosto mariano da Igreja ajuda a compreender a identidade cristã do laicato?”

A resposta: agora podemos concluir com a resposta sintética e sistemática à pergunta que nos impulsionou ao longo de todas estas páginas. Olhando para os desafios da presença dos cristãos leigos e leigas no mundo, iluminando com o jeito mariano de refletir sobre a realidade, agindo com a solicitude de palavras e

gestos solidários e até com uma santa pressa, celebrando cada conquista com prece pessoal e comunitária.

Os leigos e leigas marianos, com a Maria dos Evangelhos podem se tornar força vital, como “sal na terra e luz no mundo”, movidos por uma devoção enraizada nos Evangelhos. Com a Mãe da Igreja. Sua presença no mundo é mais que paterna, materna ou profissional, é presença cristã! Os leigos e leigas marianos são piedosos e dedicados devotos, mas também comprometidos cristãos discípulos missionários. Não precisam de uma “deusa-mãe”, mas reconhecem o significado teológico e tipológico da Mãe de Deus. Maria é uma gramática que os ajuda a reconhecer o significado de Jesus em suas vidas. Ela sempre aponta para seu Filho. Leigos e leigas marianos são gente que vive a dinâmica da “encarnação” em seu compromisso histórico para que o Reino se realize. São singulares, simples e amigos dos pobres.

Os leigos e leigas marianos são gente inculturada, mas que também olham para Maria como a “primeira leiga cristã” e exemplo que os inspira e anima. Pode parecer poético, mas é profundamente real. Maria é mãe, irmã, leiga e primeira cristã. Do lar de Nazaré, junto com seu amado José, até a casa de cada família, ela continua a inspirar e interceder. Estas verdades consagradas na Mariologia e evidenciadas, principalmente a partir do Concílio Vaticano II, recolocam Maria no seu devido lugar: no mistério de Cristo e da Igreja. É Maria, tão perto de seu Filho, na Glória, e tão atuando conosco, leigos e leigas cristãos, na História! É chegada a hora do laicato mariano!

Uma Teologia Mariana do Laicato deverá considerar Maria em sua “singularidade histórica”. Ela é o ponto da “humanização” do Verbo. Veremos em seu cotidiano uma leiga que ilumina com sua vida a identidade, a vocação e missão de leigos e leigas, discípulos missionários.

Simultaneamente uma Teologia Mariana do Laicato estará atenta à “leitura tipológica” da figura de Maria, amadurecida pela Igreja ao longo dos séculos, da “Mulher” de Gálatas, passando pela *Theotokos*, do Concílio de Éfeso, à Mãe da Igreja, do Concílio Vaticano II. Novamente aqui aparece a figura tipológica da Filha de Sião, como membro supereminente do povo de Deus: a primeira leiga cristã.

Estes dois olhares articulados – singular e tipológico – permitem encontrar a luz do sorriso mariano para compreender a identidade cristã do laicato. Esta é a

resposta sintética à pergunta que nos trouxe até aqui. Este é o nosso olhar para a identidade cristã do laicato à luz do rosto mariano da Igreja.

Uma Teologia Mariana do Laicato poderia ter ainda outros desdobramentos cristológicos, eclesiológicos ou antropológicos. Na verdade, como vimos, uma geração de mariólogos tem se dedicado a essa elaboração. Com nossa sistematização buscamos o princípio e fundamento mariano da identidade dos cristãos leigos e leigas. Certamente ficam janelas abertas para que outros possam descrever, em posteriores aproximações, mais “canteiros e flores deste mesmo jardim”.

Nosso propósito desde o início foi “olhar para a luz que nos vem do rosto mariano da Igreja”. Ao final de tudo o que resta é uma fecunda “troca de olhares entre filhos e filhas e sua Mãe”. Podemos não ter encontrado ainda todas as respostas, mas, como os romeiros diante da Mãe Aparecida, ecoa neste momento de gratidão o verso do cancionero popular:

“[...] só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar!”

*Nem tudo cabe na reflexão. Por isso queremos
terminar este caminho reflexivo com uma oração...*

Magnificat dos Leigos e Leigas Cristãos

Autora: Márcia Terezinha Miné Geraldo (Prece inspirada em Lc 1,46-55)

Senhor Deus,
nós, leigos e leigas cristãos,
aqui viemos para elevar a Vós este louvor;
nosso espírito se alegra em Deus, o Salvador.
Reconhecemos que tudo o que somos e temos
vem de Vossa infinita bondade,
presente e solidário conosco na aventura humana.
Vós sois o Deus que olha para os pequenos
e enche de graça e paz os corações que confiam em Vós.

Deus, todo-poderoso,
contemplando as vossas maravilhas,
confiamos que vossa mão poderosa age na história,
transformando as realidades desafiadoras
e transfigurando os corações endurecidos.

Sustenta-nos na fé, na esperança e na caridade
especialmente nos desafios que nos cercam
e brilhe em nós o reflexo do vosso amor
que derruba os soberbos e exalta os humildes.

Pai amoroso,
Que a nossa vida seja um cântico de gratidão,
como foi a de Maria, primeira leiga cristã,
discípula missionária de vosso Filho Jesus.
Ensinaí-nos a acolher vossa vontade com coragem,
mesmo diante das incertezas e desafios que hoje enfrentamos,
como cristãos leigos e leigas na comunidade eclesial
e nos desafios que o mundo nos oferece.
Que possamos, como ela,
ser instrumentos de vossa misericórdia,
levando a vossa presença
a todos os que encontrarmos pelo caminho
em nossa peregrinação de fé.

Maria, Mãe do Salvador,
Intercedei por nós,
para que possamos viver, com humildade e solicitude
a missão que Deus nos confia,
de pronunciar diariamente o nosso “eis-me aqui”!
Leigos e leigas, permanecemos sempre unidos
no Coração do vosso Filho, abertos à ação do Espírito Santo,
na certeza de que o Senhor há de cumprir sua promessa.

E agora, Mãe da Igreja, nos unimos a todas as gerações
que vos proclamam “bendita entre as mulheres”
e proclamamos que bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus!
Amém.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, José A. **Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina**. São Paulo: Paulus, 1989.

ALMEIDA, João C. (org.). **Uma leiga chamada Maria**. Aparecida: Santuário, 2019.

ANTONINI, Bernardo M. Família. In: MEO, Salvatore; FIORES, Stefano. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 513-533.

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. **Documento Preparatório do Sínodo para a Amazônia: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para a ecologia integral”, Sessão 6-27 de out, 2017.** Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-preparatorio.html>. Acesso em: abril de 2025.

BADRACCHI, Laura. **As mulheres buscam novas narrações na Igreja**. Instituto Humanitas Unisinos, 24 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/537717-as-mulheres-que-buscam-novas-narracoes-na-igreja#>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BECKHAUSER, Alberto. **Símbolos Litúrgicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BELCHIOR, Luísa. **Voto histórico de mulheres e rebelião de conservadores**: as polêmicas do Sínodo dos Bispos, que define o futuro da Igreja Católica. G, Mundo, 04 de out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/04/voto-historico-de-mulheres-e-rebeliao-de-ultraconservadores-as-polemicas-do-sinodo-que-define-o-futuro-da-igreja-catolica.ghtml>>. Acesso em: 30 out. 2023.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BÍBLIA. Notas integrais. Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 2020.

BIGUZZI, Giancarlo. Apocalipse. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 116-121.

BINGEMER, Maria Clara L. Eclesialidade e cidadania. O lugar do laicato no Documento de Aparecida. **REB**, v. 268, n. 67, p. 977-1000, out./2007.

BINGEMER, Maria Clara L. Referências atuais para uma teologia do laicato. In: PASSOS, João D. (org.). **Sujeitos no mundo e na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 285-307.

BLANK, Renold. **Ovelha ou protagonista?** A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. São Paulo: Paulus, 2007.

BOFF, Clodovis. **Mariologia Social**. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Clodovis. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. São Paulo: Salesiana, 2009.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Ética do Humano: compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Lina. **A figura da Virgem Maria**: nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe. Aparecida: Santuário, 2022.

BOFF, Lina. Cinquentenário do Vaticano II. **REB**, v. 72, n. 287, p. 557-580, jul. 2012.

BOFF, Lina. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

BOFF, Lina. **Maria na vida do povo**: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Lina. Maria no contexto da Evangelização da Igreja à Luz do Vaticano II. In: GUIMARÃES, Valdivino (org.). **Maria: na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 15-30.

BOGAZ, Antônio S.; HANSEN, H. J. Patrística. In: SANCHEZ, L. W.; PASSOS, João D. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015, p. 724-729.

BORÓBIO, Dionísio (org.). **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1993. Volume I.

BRIGENTHI, Agenor. **O novo rosto do catolicismo brasileiro**: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos. Petrópolis: Vozes, 2023.

BRIGHENTI, Agenor. Crônica do desenrolar de Aparecida. In: AMERÍNDIA. (Org.). **V Conferência de Aparecida**: Renascer de uma esperança. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 5-15.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja**: perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. **Para compreender o Documento de Aparecida**: o pré-texto, con-texto e o texto. São Paulo: Paulus, 2008.

BRITES, Aidil. Sínodo: expectativa e preparação de participantes brasileiros. **Vatican News**, Vaticano, out. 2023. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-10/sinodo-sinodalidade-expectativa-preparacao-brasileiros.html>>. Acesso em: 13 de jun. 2024.

BRUSTOLIN, Antônio L. **Eis tua mãe**. Síntese de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2017.

BUCKER, Bárbara.; BOFF, Lina; AVELAR, Maria C. **Maria e a Trindade**. São Paulo: Paulus, 2008.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria: um espelho para a Igreja**. Aparecida: Santuário, 1992.

CARO, Vélez C. O. Ministérios, leigos, vida consagrada e ministério teológico. In: AMERÍNDIA (org.). **V Conferência de Aparecida**: Renascer da Esperança. São Paulo: Paulinas/Uruguay: Ameríndia, 2008, p. 194-201.

CASTILLO, Maria J. **Jesus a humanização de Deus**. Petrópolis: Vozes 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Aparecida, 2007. São Paulo: Paulus, 2008.

CELAM. **Medellín**: texto oficial e conclusões da Conferência de Medellín, 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 1998.

CELAM. **Puebla**: texto oficial e conclusões da Conferência de Puebla. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2009.

CELAM. **Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo**: Conferências Generales del Episcopado Latino-americano. Santa Fé de Bogotá: CELAM, 1994.

CELAM. **Santo Domingo**: texto oficial e conclusões da IV Conferência de Santo Domingo. Nova evangelização promoção humana cultura cristã. São Paulo: Paulinas, 1992.

CNBB. **Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade**: Sal da terra e luz do mundo. São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc. 105).

CNBB. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2023. Versão atualizada.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019**. São Paulo: Paulinas, 2019. (Doc. 102).

CNBB. **Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas**. São Paulo: Paulinas, 1999. (Doc. 62).

CNBB. **Texto Base Vocacional**. Batismo fonte de todas as vocações: texto-base do ano vocacional 2003. Brasília: Edições CNBB, 2002.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. **Sacramentos de iniciação**: água e espírito de liberdade. Petrópolis: Vozes, 1988.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, **O Sensus Fidei na vida da Igreja**. n.66. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html>. Acesso em: 14 de out. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: **CONCÍLIO VATICANO II**: Compêndio Vaticano II, constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 37-116.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **CONCÍLIO VATICANO II**. Documentos do Concílio Vaticano II, constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 140-256.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: **CONCÍLIO VATICANO II**: Compêndio do Vaticano II, constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 351-362.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o Apostolado dos Leigos. In: **CONCÍLIO VATICANO II**. Compêndio Vaticano II, constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 529-566.

CONGAR, Yvez-M. J. **Os Leigos na Igreja**: Escalões para uma Teologia do Laicato. São Paulo: Editora Herder, 1966.

COYLE, Kathleen. **Maria plena de Deus e tão nossa**. São Paulo: Paulus, 2012.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DIANICH, Severino; NOCETI, Serena. **Tratado sobre a Igreja**. Aparecida: Santuário, 2007.

DICIONÁRIO CONCÍLIO VATICANO II. PASSOS, João D.; LOPES SANCHEZ, Wagner (coords.). São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007**. 2ª edição, CNBB, São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

DOCUMENTO PREPARATÓRIO. **Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e serviço**, novembro de 2021. Disponível em <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/preparatorydocument/word_pdf/pt_prepa_sp.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

DOMEZI, Maria Cecília. As Mulheres nas Conferências Gerais: sujeitos eclesiais? In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João D. (Orgs.). **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018, p. 413-426.

EVDOKIMOV, Paul. **A mulher e a salvação do mundo**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FACULDADE DEHONIANA “**Por uma fé inteligente, unimos razão e coração**”. Aprovada pelo MEC, a Dehoniana possui cursos de Graduação em Teologia e Filosofia. Tem quase 100 anos de tradição na cidade de Taubaté e é muito bem-conceituada (nota 4) pelo Ministério da Educação. Taubaté/São Paulo. Disponível em: <<https://dehoniana.edu.br/sobre-nos/>> Acesso em: out. de 2024.

FERREIRA, Erivan. Papa Francisco confere Ministério do Catequista a Erivan Ferreira da Arquidiocese de Fortaleza. Vatican News, 10 jan. de 2024. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-01/papa-francisco-ministerio-catequista-erivan-ferreira.html>> Acesso em: 27 de dezembro. de 2024

FITZGERALD, J. Graça. In: GIACOMO, Perego; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 643.

FORTE, Bruno. **A Igreja, ícone da Trindade**. São Paulo: Loyola, 2005.

FORTE, Bruno. **Maria, mulher ícone do mistério**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FORTE, Bruno. **Missão dos Leigos**. São Paulo: Paulinas, 1987.

FRACCALVIÈRE, Bianca. Agentes da Pastoral Carcerária do Brasil recebem a benção do Papa. **Vatican News**. Vaticano, 10 de fev. 2023. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/bencao-papa-francisco-pastoral-carceraria-brasil-50-anos.html>>. Acesso em: 05 de dez. de 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina**. 19 mar. 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html>. Acesso em 10 abril 2025.

FRANCISCO, PP. Carta Apostólica **Antiquum Ministerium**. Maio de 2021. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/Papa-francesco-motproprio-20210510_antiquum-ministerium.html> Acesso em 31 de outubro de 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si'**; sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***; sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos em 17 de outubro de 2015**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/Papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a santidade no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2018.

FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica pós-sinodal, ***Querida Amazônia***, São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. Lettera del Santo Padre all'Em.mo Cardinale Mario Grech, 14.03.2024, In: **Bollettino**, Sala Stampa Della Santa Sede, 22 de fev. 2024. Disponível em: BOLETIMHO, Lettera del Santo Padre all'Em.mo Cardinale Mario Grech, 14.03.2024. Sala Stampa Della Santa Sede. Do Vaticano, 22 de fev. 2024. Disponível em: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2024/03/14/0213/00455.html#po>>. Acesso em: 16 de out. de 2024.

FRANCISCO, PP. **Para a celebração do Dia Mundial da Paz, Inteligência Artificial**. 1º de janeiro de 2024. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>>. Acesso em ou de 2024.

FRANCISCO, PP. **Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude**. Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso, 28 julho de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/Papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FRANCISCO; AL-TAYYB. **Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos**, 3-5 de fev. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html>. Acesso em: 06 de dez. 2024.

GALINDO, Félix. M. **Sacramentos da iniciação cristã**. São Paulo: Paulus, 1999.

GALLARDO, Bravo. C. Um povo de Deus adulto, Santo Domingo. In: **Ensaio teológico-pastorais**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 264-279.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. **Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres**. Coleção “Teologia e Libertação”. Tomo XIII. Série IV: A Igreja, Sacramento de Libertação. Petrópolis: Vozes, 1987.

GERALDO, Márcia. T. C. M. **O resgate histórico de Maria de Nazaré**. Coleção Escola de Maria n. 4. Aparecida: Santuário, 2020.

GIRLANDA, Antônio. Carta aos Filipenses. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel;

OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 603-611.

GODOY, Manuel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. In: PASSOS, João D.; SANCHEZ, Wagner L. (Org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus. p. 209-217.

GOMES, Antônio R. **O que é a Pastoral Familiar?** Arquidiocese de Goiânia, 17 de nov. 2020. Disponível em: <[https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/comunicacao/vida-crista/155-o-que-e-a-pastoral-familiar#:~:text=A%20Pastoral%20Familiar%20foi%20criada,Exorta%C3%A7%C3%A3o%20Familiaris%20Consortio%20\(1981\)>](https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/comunicacao/vida-crista/155-o-que-e-a-pastoral-familiar#:~:text=A%20Pastoral%20Familiar%20foi%20criada,Exorta%C3%A7%C3%A3o%20Familiaris%20Consortio%20(1981)>). Acesso em 7 de outubro de 2024.

GONCALVES, Lopes S. P. Ver o mundo pelos olhos do intellectus fidei – Análise filosófico-teológica da visão de mundo de agentes católicos de pastoral. In: BRIGENTHI, Agenor. (Org). **O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos**. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 31-56.

GRUPO DE DOMBES. **Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos**. São Paulo: Santuário, 2014.

GUIMARÃES, Edward; ALVES, Maria Jeane S.; PERETTI, Clélia, (Org.). **Economia e Inteligência Artificial**; Desafios à sociedade e à religião. São Paulo: Paulinas, 2024.

HOLLANDA, Francisco B. Compositor e músico. Disponível em: <<https://www.chicobuarque.com.br/> > Acesso em out. de 2024.

IHU, Portal Kairós, Fraternidade e Políticas Públicas. Igreja e música Católica, 21 nov. 2018. Disponível em < <https://portalkairos.org/tag/origem-do-metodo-ver-julgar-e-agir/> >. Acesso em 12 out. 2024.

INSTRUMENTUM LABORIS. Para a primeira Sessão (outubro de 2023). Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/PAGINATED_POR_INSTRUMENTUM-LABORIS-A4.pdf>. Acesso em dez. 2024.

JAGURABA, Mariangela. O Papa: que as formas de inteligência artificial sirvam a causa da fraternidade e da paz, **Vatican News**, em 14 de dez de 2023. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-12/papa-francisco-mensagem-dia-mundial-paz-inteligencia-artificial.html#:~:text=Francisco%20conclui%20a%20mensagem%2C%20desejando,%C3%A1%20demasiadas%20desigualdades%20e%20injusti%C3%A7as>> Acesso em set. de 2024.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem***; sobre a dignidade da mulher e a vocação da mulher. Por ocasião do ano mariano. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Christifideles Laici***; sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOHNSON, Elizabeth. **Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos**. São Paulo: Loyola, 2006.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Eclesiologia do Vaticano II**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

KUZMA, Cesar (editor). **El Laicado en una Iglesia sinodal**; corresponsabilidad, participación y misión. San Pablo: Madrid. 2024.

KUZMA, Cesar. El Laicado en una Iglesia sinodal; corresponsabilidad, participación y misión. In: KUZMA, Cesar (editor). **El Laicado en una Iglesia sinodal**; corresponsabilidad, participación y misión. San Pablo: Madrid. 2024, p. 23-39.

KUZMA, Cesar. Maria: modelo do leigo discípulo e missionário. Uma leitura teológica do documento 105 da CNBB. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). **Uma Leiga chamada Maria**. Aparecida: Santuário, 2019, p. 73-98.

KUZMA, Cesar. O laicato na Igreja e no mundo segundo as Conferências Gerais. In: BRIGENTHI, Agenor; PASSOS, João. D. (org.). **Compêndio das Conferências dos Bispos na América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas: Vozes, 2018, p. 231-239.

LLOBERA, Andreu T. El laicat en una Església sinodal: reptes i oportunitats. **FocNou**. 17 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://www.focnou.cat/el-laicat-en-una-esglesia-sinodal-reptes-i-oportunitats/>> Acesso em 08 de dez. 2024.

MAGGIONI, Bruno. Amizade. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 77-80.

MANSFIELD, Patti G. **RCC: Sobre o fim de semana em Duquesne**. Disponível em: <https://novoportal.rccbrasil.org.br/a-rcc/>. Acesso em: 07 de out. 2024.

MAQUEO, Socorro Martinez. A mulher na sociedade e na Igreja. In: AMERÍNDIA. (Org.). **V Conferência de Aparecida: Renascer de uma esperança**. São Paulo: Paulinas, 2008, p.157-166.

MARGUERAT, Daniel. Lucas-Atos dos Apóstolos. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 879-888.

MASSAUD, Moisés. **A Língua Portuguesa através dos textos**. São Paulo. Cultrix, 1969.

MEIER, John. P. **Um judeu marginal**. Repensando o Jesus Histórico. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 207-208.

MELLO, Alexandre. A. **“Ela é minha mãe!”**. Aparecida: Editora Santuário/São Paulo: Loyola, 2017. 5ª edição.

MELLO, Alexandre. A. **Maria-Iglesia: Madre del Pueblo Misionero: El Papa Francisco y la piedad popular del contexto teológico-pastoral latino-americano**. Argentina: Agape Livros, 2019.

MELLO, Alexandre. A. Uma leiga chamada Maria. In: ALMEIDA, João. C. (org.). **Uma Leiga chamada Maria**. Aparecida: Santuário, 2019, p. 13-40.

MEO, Salvatore. Mediadora. In: MEO, Salvatore.; FIORES, Stefano. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 865-875.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MORI, Elios Giuseppe. Filha de Sião. In: MEO, Salvatore; FIORES, Stefano. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 542-549.

MORI, Elios Giuseppe. Sobre a mariologia, o ecumenismo e a pastoral. In: MEO, Salvatore; FIORES, Stefano. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 547.

MULLER, Alois.; SATTLER, Dorothea. Mariologia. In: SCHNEIDER, Theodor, (org.). **Manual de Dogmática**. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 143-170.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. Aparecida: Santuário/São Paulo: Paulinas, 2012.

MURAD, Afonso. **O rosto mariano da Igreja fundamentos teológicos**. Slideshare, 21 de fevereiro 2019. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/AfonsoMurad/o-rosto-mariano-da-igreja-fundamentos-teologicos>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

MURAD, Afonso. O rosto mariano da Igreja. Considerações teológicas e pastorais. In: ALMEIDA, João C. (org.). **Uma Leiga chamada Maria**. Aparecida: Santuário, 2019, p. 99-134.

MURAD, Afonso. Perfil de Maria numa sociedade plural. In: UNIÃO MARISTA DO BRASIL (Org.). **Maria no coração da Igreja**. Múltiplos olhares sobre a Mariologia, 2011, p. 15-38.

NATHALIE. Becquart. Prólogo. El laicato em uma Iglesia sinodal. In: KUZMA, Cesar (editor). **El Laicado en una Iglesia sinodal**; corresponsabilidad, participación y misión. San Pablo: Madrid, 2024, p. 218-236.

OLIVEROS, Roberto M. Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida. In: AMERÍNDIA. (Org.). **V Conferência de Aparecida**: Renascer de uma esperança. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 183-193.

ONDARZA, Paolo. Sínodo. As mulheres não são figurantes, mas um elemento dinâmico da missão. **Vatican News**, Vaticano, 13 de outubro 2023. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/sinodo-sinodalidade-mulheres-elemento-dinamico-madre-angelini.html>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

PALERMO, Antonella. **Divulgada a lista de participantes do Sínodo. Sala de Imprensa Vatican News, Vaticano, 17 de julho de 2023**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-07/assembleia-sinodo-lista-participantes-sala-imprensa-santa-se.html>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

PAREDES José C. R. G. **Mariologia**: síntese bíblica, histórica e sistemática. São Paulo: Ave Maria, 2011.

PASCOM. Bento XVI e a comunicação. Papa Bento XVI publica seu primeiro tweet, em 12 de dezembro de 2012. Créditos: **Vatican News**, Vaticano, 31 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://pascombrasil.org.br/bento-xvi-e-a-comunicacao/>> Acesso em 9 de outubro de 2024.

PASSOS, João D., **Sujeitos na Igreja e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2014.

PASSOS, João D., La Iglesia de iguales y diferentes. In: KUZMA, Cesar (editor). **El Laicado en una Iglesia sinodal**; corresponsabilidad, participación y misión. San Pablo: Madrid. 2024, p. 218-236.

PASTORAL DA CRIANÇA. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/resgate-historico-da-pastoral-da-crianca>>. Acesso em: 07 out. 2024.

PASTORAL DA SAÚDE. CNBB, Comissão Episcopal para Ação Sociotransformadora. Disponível em: <[https://pastoraldasaudecnbb.com.br/quem-somos/#:~:text=Em%2009%20de%20Maio%20de,o%20coordenador%20nacional\)%2C%20sem%20fins](https://pastoraldasaudecnbb.com.br/quem-somos/#:~:text=Em%2009%20de%20Maio%20de,o%20coordenador%20nacional)%2C%20sem%20fins)>. Acesso em 7 de out. de 2024.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica Marialis Cultus para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventura Virgem Maria**. São Paulo: Loyola, 1987.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Uma Igreja Mariana no Magistério de Papa Francisco. In: SILVA, Ulysses J. **A Mariologia de Papa Francisco**. Aparecida: Editora Santuário, 2024, p. 107-134.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Antropologia teológica integrada e sua dimensão cósmica. Diálogo entre A. Garcia e A. Gesché. In: GONZAGA, Waldecir.; PEDROSA-PÁDUA, Lúcia (orgs.). **Caminhos da Antropologia Teológica Integrada**: homenagem a Alfonso Garcia Rubio em seus 90 anos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024, p. 114-136.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Teologia Mariana: Contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus. **Atualidade Teológica**. v. 21, n. 57, p. 476-494, set./dez. 2017.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Uma Igreja Mariana no Magistério de Papa Francisco: Chaves de renovação para uma Igreja “em saída”. In: ALMEIDA, João C. (org.). **Uma leiga chamada Maria**. Aparecida: Santuário, 2019, p. 139-171.

PEERBOLTE, Jean. B. Missão. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 982- 990.

PERRONI, Marinella. Batismo. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Paulinas/Paulus/Loyola, 2022, p. 154-159.

PHILIPS, Gerard. **L’Eglise et son myistère au deuxième Concile du Vatican**. Historie, texte et commentaire de la Constitution “Lumen Gentium”. Desclée: Paris, 1968, t. II, 231.

PIKAZA, Xabier. **La madre de Jesús. Introducción à la mariologia**. Salamanca: Sígueme, 1990.

PIKAZA. Xabier. **Amiga de Dios**: Mensaje mariano del Nuevo Testamento. San Pablo: Madrid, 1996.

PINHEIRO, Ernanne. J. Tentativa de uma visão da IV Conferência Episcopal Latino-Americana. In: PINHEIRO, Ernane (coord.). **Santo Domingo: Uma leitura pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 13-22.

PUERTO, Mercedes Navarro. **Los rostros bíblicos de María: exégesis y hermenêutica bíblica feminista**. España: Verbo Divino, 2020.

RATZINGER, Joseph. **A Filha de Sião: a devoção mariana na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2013.

RAVASI, Gianfranco. **Os rostos de Maria na Bíblia Trinta e um <<ícones>> bíblicos**. São Paulo: Paulus, 2008.

RICHARD, Pablo. Terminou a V Conferência em Aparecida. Será possível, agora, construir um novo modelo de Igreja? In: AMERÍNDIA (org.). **V Conferência de Aparecida: Renascer de uma esperança**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 90-95.

RODRIGUES, Raimundo. E. R. **Ministérios Leigos na igreja à luz do Novo Testamento**. Aparecida: Santuário, 2000.

RUBIO, Alfonso G. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. São Paulo: Paulinas, 2001.

RUBIO, Alfonso G. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulinas, 1989.

SANTA TERESA d'ÁVILA. **Obras Completas**. Tradução feita a partir da 16ª edição do Editorial Monte Carmelo, preparada por Tomás Álvarez. Coleção Biblioteca Paulinas: Espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2018.

SCHWITZER, Nicolás. **Espiritualidad laical**. Retiros y homilías del Padre Nicolás Schwitzer. Catholic.net, jul. 2024. Disponível em: <<http://es.catholic.net/op/articulos/41897/espiritualidad-laical.html>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SEGUNDO, Juan L. **Teologia aberta para o Leigo Adulto**. Em colaboração com o Centro Pedro Fabro de Montevideo, Graça e Condição Humana. Volume 2. São Paulo: Loyola, 1977.

SESBOÜÉ, Bernard. **Não tenham medo: os ministérios na Igreja hoje**. São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Ulysses, J. (org.). **A Mariologia do Papa Francisco**. Aparecida: Santuário, 2024.

SILVA, Ulysses, J. (org.). **Maria, nossa irmã: no caminho sinodal da Igreja**. São Paulo: Santuário, 2023.

STRÖHER, Janete Marga. Interculturalidade e Espiritualidade. In: RIBEIRO, Cláudio; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (org.). **Dicionário do Pluralismo Religioso**. São Paulo: Recriar, 2020, p. 111-118.

TABORDA, Francisco. Nova Evangelização: promoção humana, cultura cristã. Leitura crítica dos três conceitos e sua articulação no Documento de Santo Domingo. In: PINHEIRO, José Ernane (org.). **Santo Domingo: uma leitura pastoral**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 103-125.

TEIXEIRA, Faustino L. C. **A gênese das CEBs no Brasil**: elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.

TEIXEIRA, Faustino L. C. **Teologia dos Ministérios não-ordenados na América Latina**. São Paulo: Paulus, 1989.

TEPEDINO, Ana Maria. Das Trevas da Angústia à Consolação do Amor. Experiência de Fé da Comunidade Joanina inspirada pelo Espírito. In: TEPEDINO, Ana Maria (org.). **Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas**. Coleção Ecclesia 21, São Paulo: Paulinas, 2007, p. 53-69.

TEMPORELLI, Clara. **Maria**: mulher de Deus e dos pobres. Releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2009.

TEODORO, Gregório. A Virgem Maria na Tradição Ortodoxa. In: ALMEIDA, João C. (org.). **Uma Leiga chamada Maria**. Aparecida: Santuário, 2019, p. 142.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: sobre a electio como ato próprio do livre-arbítrio I seção da III parte, q. 83, a. 3 e III, q. a. 4: sobre Cristo como possuidor do livre-arbítrio. São Paulo: Loyola, 2004.

TONIOLO, E. Padres da Igreja. In: MEO, Salvatore; FIORES, Stefano de. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1003-1031.

TURÚ, Emilli. (Superior Geral Marista). **Deu-nos o nome de Maria**, Circulares dos Superiores, Volume XXXII, n. 1, Circular 412. Roma/Itália: Gráfica CSC, 2012. Disponível em: < <https://champagnat.org/pt/circulares/deu-nos-o-nome-de-maria/> > Acesso em 08 dez. 2024.

TURÚ, Emilli. (Superior Geral Marista). **Instituto Maristas de Champagnat**. Notícias, Superior Geral 2009-2027. Disponível em: <<https://champagnat.org/pt/ir-emili-turu/>>. Acesso em 14 jun. 2024.

VALADÃO, Daniella. **Conheça o Rito da Instituição dos Catequistas**. Site Católico. Abril de 2024. Disponível em: < <https://sitecatolico.com.br/conheca-o-rito-de-instituicao-dos-catequistas/> >. Acesso em: 31 de out. de 2024.

VIVALDELLI, Gregório. Família. In: GIACOMO, Perego.; RAVASI, Gianfranco; ROMANO, Penna. Tradução: SILVA, Cássio M.; FRADE, Gabriel; OLIVEIRA, Ajluni; BERNADI, Antônio O. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola/Paulus/Paulinas, 2022, p. 571-576.

WEIZENMANN, Mariano. **Vocação e missão do leigo na Igreja e no mundo**. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universitas Gregoriana. Roma, 1990.

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. **Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão**. Documento Final, 26 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/test-for-pdf/Traducao-em-portugues-do-documento-do-Sinodo.pdf> > Acesso em: nov. de 2024.

XVI Assembleia Geraldo Sínodo Dos Bispos. **Instrumentum Laboris, Sessão, out. 2023**. <Disponível em<https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/paginated_por_instrumentum-laboris-a4.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.